UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CANDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGH

MARCOS ADRIANI FERRARI DE CAMPOS

RESISTÊNCIA E REPRESSÃO NO OESTE PARANAENSE: O CASO DA VAR-PALMARES EM NOVA AURORA EM 1970

Marechal Cândido Rondon
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CANDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGH

MARCOS ADRIANI FERRARI DE CAMPOS

RESISTÊNCIA E REPRESSÃO NO OESTE PARANAENSE: O CASO DA VAR-PALMARES EM NOVA AURORA EM 1970

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em História na linha de pesquisa Estado e Poder, do curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon. Sob a orientação da Prof. Dra. Carla Luciana Silva.

Marechal Cândido Rondon
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

C198r

Campos, Marcos Adriani Ferrari de
Resistência e repressão no oeste paranaense: o caso da Var-Palmares em Nova Aurora em 1970 / Marcos Adriani Ferrari de Campos. - Marechal Cândido Rondon, 2014.
171 p.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Luciana Silva

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares. 2. Perseguição política - Paraná - História. 3. Guerrilhas. I. Silva, Carla Luciana. II. Título.

CDD 22.ed. 322.42
981.62
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado
Reconhecido pela Portaria Ministerial – MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos quatro dias do mês de setembro de 2014, às 8h30min, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Drª Carla Luciana Souza da Silva (Orientadora) (UNIOESTE), Dr. Enrique Serra Padrós (UFRGS) e Dr. Gilberto Grassi Calil (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho *"Resistência e Repressão no Oeste Paranaense: o caso da Var-Palmares em Nova Aurora em 1970"*, apresentado pelo pós-graduando Marcos Adriani Ferrari de Campos para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Carla Luciana Souza da Silva, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinado por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 04 de setembro de 2014.

Carla Luciana Souza da Silva
Orientadora

Enrique Serra Padrós
Membro

Gilberto Grassi Calil
Membro

Marcos Adriani Ferrari de Campos
pós-graduando

Dedico este trabalho a todos os que acreditaram que conseguiria, mas também aos que nunca esperaram nada deste que voz escreve. Aos meus queridos pais, Adriano Soares de Campos e Dorli Ferrari de Campos, que sempre trabalharam duro para os filhos poderem estudar. A todos os que resistiram à ditadura brasileira.

AGRADECIMENTOS

A princípio parecia muito distante, a ideia de confeccionar uma dissertação de Mestrado e, algumas pessoas não acreditaram, seja por questões preconceituosas ou condições de classe. Seja como for, o trabalho está feito e feito a custo de madrugadas, finais de semanas, feriados e também em meio ao trabalho na Educação Básica enquanto professor de História, Artes, Filosofia e Ensino religioso. Durante o percurso, um grande amor se perdeu e se encontrou tantas vezes que nem sei dizer, novas amizades foram feitas, muitas aventuras foram vividas, várias portas se abriram e no final dessa fase, o que não falta são histórias pra contar. Agradeço imensamente a todos que de uma forma ou outra ajudaram na conclusão deste trabalho e mesmo que não possa lembrar de todos aqui, nomearei alguns que não poderia deixar de citar.

Agradeço primeiramente a minha orientadora, a Professora Dra. Carla Luciana Silva, pelas orientações, sugestões de livros, todo o convívio nas buscas pelas fontes e memórias, o que gerou uma experiência riquíssima no processo de escrita da dissertação, mas principalmente pela paciência, contribuição imensurável e o esforço empreendido para ajudar na finalização deste trabalho.

Aos professores, Dr. Gilberto Grassi Calil e Dr. Enrique Serra Padrós por aceitarem o convite para participarem da banca de qualificação e defesa. Depois da qualificação o trabalho foi reestruturado graças as indicações propostas, fazendo com que surgisse estímulo, confiança e dedicação para a defesa.

Agradeço também a Izabel Favero pela sua história de luta ao lado de seu esposo Luis Andrea Favero, pela contribuição não somente para este trabalho, mas pelo exemplo de vida que deram para as gerações futuras. A Alberto Favero pelas inúmeras horas de entrevistas, conversas e o esforço para encontrar novas fontes, bem como a disponibilidade de viagens para Audiências, seminários e congressos, sendo que a sua história de vida também foi extraordinária.

Ao meu grande amigo Luiz Alberto Favero que por tantas vezes me ajudou nessa vida, em todos os aspectos possíveis, contribuindo muito para o meu crescimento humano e profissional. Também não poderia esquecer aqui dos meus amigos Alexandre Arienti Ramos e Ederson Santos, companheiros do mestrado e de conversas intermináveis sobre as mais

variadas coisas. A todos os colegas do mestrado que muito contribuíram com suas histórias e discussões, em especial ao camarada Fagner Guglielmi Pereira.

Aos professores do Mestrado em História, Dr. Marcio Antônio Both da Silva, Dr. Paulo José Koling, Dr. Rinaldo José Varussa, Dr. Vagner José Moreira. Um agradecimento especial a Iraci Urnal, que faz tudo fluir da melhor maneira.

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo estabelecer algumas reflexões sobre a resistência à ditadura e a repressão no Oeste Paranaense, no município de Nova Aurora a partir de um estudo sobre a Var-Palmares, mais particularmente aqui, um "comando territorial" formado em 1969, por pessoas ligadas ao grupo revolucionário regional do Rio Grande do Sul e camponeses locais. Desenvolveram suas atividades na região onde foi feito um trabalho de arregimentação para o treinamento de guerrilha, visando o fortalecimento dos grupos de esquerda contra a ditadura. Os líderes deste comando também eram professores, associando a resistência com o trabalho de conscientização social e política através do magistério em pleno regime. Todos daquele grupo foram presos e torturados em maio de 1970, acusados de terroristas, realizarem expropriações bancárias e participação em sequestros.

Palavras-chave: Repressão, resistência, guerrilha e memórias.

Abstract

This research aims to establish some reflections on the resistance to dictatorship and repression in western Paraná, in Nova Aurora from a study on the Var Palmares, more particularly herein, a "territorial command" formed in 1969, by people linked to the regional revolutionary group of Rio Grande do Sul and local peasants. Developed its activities in the area where work was done for the regimentation of guerrilla training, aiming at the strengthening of leftist groups against dictatorship. This command leaders were also teachers, associating strength with work and social policy through the magisterium at full awareness. All of this group were arrested and tortured in May 1970 on charges of terrorist execute banking expropriations and participation in kidnappings.

Keywords: Repression, Resistance, Guerrilla and memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO----------12
CAPITULO 1 - AS VISÕES DO GOLPE, DITADURA DE CLASSE, RESISTÊNCIA E PLANEJAMENTO DE GUERRILHAS NO BRASIL PÓS-1964----------21
1.1 - As visões sobre o golpe de 1964 e o período ditatorial----------21
1.2 - Ditadura de classe----------29
1.3 - A luta armada----------32
1.4 - A Var - Palmares----------42
1.5 - Var - Palmares no Rio Grande do Sul e o Movimento Estudantil----------45
CAPÍTULO 2 - A GUERRILHA QUE NÃO COMEÇOU----------53
2.1 - A Var - Palmares no Oeste Paranaense ----------53
2.2 - O treinamento de guerrilhas no Oeste ----------57
2.3 - A prisão ----------58
2.4 - As visões da prisão----------67
2.5 - As consequências do terrorismo de Estado----------69
2.6 - Análise dos documentos produzidos pela repressão sobre o caso de Nova Aurora------72
CAPÍTULO 3 - A REPRESSÃO EM NOVA AURORA - PARANÁ: HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS DOCUMENTOS DA REPRESSÃO----------98
3.1 - Como a ditadura é vista hoje----------98
3.2 - Memória e reparação----------103
3.3 - História e memória: ligações e divergências----------109
3.4 - Lembranças dos moradores de Nova Aurora----------113
CONCLUSÃO----------121
ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS----------125
BIBLIOGRAFIA----------126
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS----------129
ANEXOS----------131
Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade, em 27 de junho de 2013, em Foz do Iguaçu----------131
Entrevista com Alberto Favero, cedida a Marcos Adriani Ferrari de Campos na cidade de Nova Aurora em 17 de julho de 2013----------140

Entrevista com Airton Frigeri cedida por email à Marcos Adriani Ferrari de Campos em 05 de junho de 2014----------147
Entrevista com Suzana Lisboa, cedida à Carla Luciana Silva, em Porto Alegre em 03 de dezembro de 2013----------152
Entrevista com Calino Pacheco Filho, cedida à Carla Luciana Silva em 02 de dezembro de 2013, na biblioteca de economia da UFRGS, em Porto Alegre----------156
Entrevistas com pessoas de Nova Aurora que viveram o período----------167
Entrevista com Josefa Constantino, cedida a Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro 2013----------167
Entrevista com Guilherme Constantino, morador do município desde 1962, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro de 2013----------167
Entrevista com Mariana Maria Constantino, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro de 2013----------168
Entrevista com Orestes Brustolin, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013----------169
Entrevista com Carmen Trevisolli, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013----------169
Entrevista com Maria Lucia dos Santos Brandão, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013, na cidade de Boa Vista da Aparecida - PR----------170
Entrevista com Maria de Fátima dos Santos, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013, na cidade de Boa Vista da Aparecida - PR----------171
Entrevista com Raul Pezenti, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em dezembro de 2012----------172

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa a resistência contra a ditadura civil-militar brasileira, no Oeste do Paraná, mais especificamente na cidade de Nova Aurora, quando a repressão de Estado, em maio de 1970, prendeu oito pessoas as quais, Izabel Favero, Luiz Andreaa Favero, Alberto João Favero, Gilberto Hélio da Silveira, José Deodato Motta, Adão Pereira Rosa, José Aparecido Germano e Benedito Osório Bueno, naquele município, por meio de um grande contingente de soldados, PMS e outros, por pertencerem à organização de esquerda armada denominada VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares). As páginas que seguem vão estudar como esse movimento chegou ao Paraná, quais eram os seus ideais, como foi essa resistência e como se deu a repressão, através do estudo das relações entre as memórias produzidas por aqueles que participaram dos fatos, os que assistiram os fatos, o que se disseminou após o ocorrido e a escrita da história enquanto forma de organização científica de tal. Foi analisado questões como: – Sob que circunstâncias foram presos? – Como começaram a militância? – Quais eram as ideias para melhorar a sociedade? Como a sociedade reagiu a isto? Qual a visão da sociedade sobre aqueles fatos no tempo presente?

No quebra-cabeça da junção das peças para se escrever história, o historiador acaba se tornando uma espécie de detetive que viaja no tempo por entre relatos, documentos, imprensa (da época e atual), telefonemas, emails e fotos, numa tarefa nada fácil, mas fascinante, não pelo fato de reconstruir o passado, mas sim pela responsabilidade de irradiar à sociedade reflexões e tomadas de consciência de um passado que até então, era visto de maneira diferente, harmonioso, sem problemas e quase intocável, até mesmo porque os falsos heróis já haviam sido impostos através dos nomes de ruas, escolas e monumentos para que se pensasse exatamente na sacralidade daqueles que, mesmo cruéis, se tornavam através da violência, propaganda e terrorismo de Estado em nome da dominação de classe, bons.

Esta memória oficial foi sendo veiculada durante o regime e posteriormente já que a imprensa fortalecida no pós-ditadura, havia sido criada por ela. Neste sentido, Josep Fontana no livro *"A história dos homens"*, aponta uma direção esclarecendo um pouco esse processo,

> (...) a história em más mãos - e temos visto repetidamente - pode tornar-se uma temível arma destrutíva (...) "Neste século em especial - escreveu Linda Colley - milhões de homens e mulheres morreram em virtude de que eles, e outros, acreditaram em construções sobre o passado com as quais foram alimentados por políticos, jornalistas, fanáticos - e também por maus historiadores." Infelizmente não se pode dizer que isso seja coisa do passado. A história está presente

> hoje, em regra geral, na base dos preconceitos utilizados para justificar as mais diversas formas de opressão e de extermínio, com o pretexto de superioridades raciais ou de civilizações, laicas ou religiosas[1].

Os aspectos estudados aqui expressam um pouco das palavras de Fontana, já que as pessoas que estavam dispostas a resistir à ditadura brasileira, foram presas e logo em seguida seguiu-se uma exaltação do regime naquela pequena cidade e o casal de professores e demais companheiros do grupo sendo taxados de "terroristas perigosos" pela imprensa da época, deixando a pequena população sem entender os motivos de tamanha operação e crueldade. No entanto, como houve apoio do prefeito local, juntamente com o padre da cidade e o deputado chamado Fuad Nacli, para a prisão daquelas pessoas, os fatos foram se perdendo de maneira que até mesmo na Escola onde Izabel lecionava, chamada Jorge Nacli em referência ao pai do deputado na época, já citado acima, não se fazia até bem pouco tempo atrás nenhuma menção, discussão ou questionamento sobre os fatos ocorridos no município em 1969 e 1970.

Mesmo se tratando de um trabalho científico, crê-se fazer necessário uma breve caracterização subjetiva sobre o caminho percorrido até a produção de uma dissertação sobre tal objeto, até porque as relações entre o passado e presente, permeiam todos os anos até o momento em que começam a ser estudados, envolvendo pelo menos três gerações numa trajetória emocionante e repleta de questionamentos sobre qual a importância de se escrever história, para a sociedade e como é esse processo historiográfico.

Primeiramente falando sobre as pessoas, os personagens principais deste recorte historiográfico são "Os Favero", Luiz, Izabel e Alberto que é irmão de Luiz e cunhado de Izabel. Mas antes de chegarmos a eles e os companheiros do grupo, cita-se aqui Luiz Alberto Favero, morador de Nova Aurora, filho de Alberto e sobrinho de Luiz e Izabel. Eis que, nas entrelinhas do acaso, ou nos mapas do destino, Luiz Alberto se encontrava no ano de 2006, na mesma sala de um curso de Graduação em História que o historiador que organiza e vos escreve sobre este fragmento da luta contra a ditadura civil-militar brasileira. Numa conversa de amigos, surgem os aspectos do que viria se tornar um objeto de pesquisa original, que renderia muito trabalho, aprendizagem, conscientização, reconhecimento e também muitas aventuras, estas que tornam a tarefa do historiador mais concreta e prazerosa.

Naquele último ano da graduação devido às precárias condições financeiras, foram enviadas algumas perguntas escritas a mão, que Luiz levara até seu pai no município em

---

[1] FONTANA, Josep. **A história dos homens.** São Paulo, EDUSC, 2004. p. 488-489.

questão, as quais seu Alberto Favero respondeu, também à mão, servindo de base para o trabalho monográfico de fim do curso de história. Só foi feita oportunidade de conhecê-lo ao final daquele ano de 2006, por conta da formatura de seu filho Luiz Alberto Favero em que esteve presente. Naquele breve encontro, em decorrência da ebriedade característica do evento, só é lembrado da menção à coragem por parte de seu Alberto de resistir à ditadura violenta e que precisaríamos conversar mais profundamente sobre o assunto. A partir de então, firmou-se uma espécie de parceria investigativa que vai desde a busca de pessoas que relatem alguma informação sobre o grupo de Nova Aurora, até às participações em audiências públicas, simpósios e conferências, tentando demonstrar as características antidemocráticas, repressivas e cruéis da ditadura brasileira.

Entre todas essas experiências, não poderia deixar de mencionar a Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade em Foz do Iguaçu, no dia 27 de junho de 2013, que sem dúvida, mexeu com as visões dos historiadores e outros pesquisadores presentes. No entanto, além dos depoimentos, os bastidores acabaram por se tornar também muito importante nesta pesquisa, sendo que a viagem de Nova Aurora a Foz do Iguaçu, leva em média três horas e a missão muito honrada, era a de levar Alberto para dar seu depoimento, mas o que realmente estava aflorado naquela pessoa por inteiro, era o reencontro com Izabel Favero, sua querida companheira de luta e esposa do seu irmão, Luiz Andre Favero, falecido em 2011, que decidira no último instante vir do estado de Pernambuco para dar luz aos fatos ocorridos na pequena cidade já mencionada.

Para um esclarecimento inicial, convém explicar que o pai de Luiz e Alberto, o seu Liberato Favero era proprietário de uma pequena fazenda no município de Nova Aurora, mas residia no Rio Grande do Sul, sendo que, envia seu filho Alberto para trabalhar naquela propriedade no ano de 1961, quando este tinha então 17 anos de idade. Por volta de 1965 é que os progenitores dos Faveros se mudam para o município paranaense e somente em julho de 1969 é que Luiz Andrea Favero e Izabel Favero efetuam a mudança do Sul para o Paraná.

Naquele momento do presente, as feridas do passado pareciam se encontrar num processo anterior ao de cicatrização, já que haveríamos de reviver ali todas as emoções de um passado não tão distante, que mexeria com os sentimentos de todos os presentes. A princípio Izabel não viria, mas nos "finalmente" decidira vir de Pernambuco onde fixou residência após o exílio, o que aumentou ainda mais a ansiedade. O local da Audiência era a Câmara de Vereadores de Foz e os relógios marcavam 13:30 horas, mas quase ninguém arredava o pé do auditório para o almoço. Alberto e Izabel estavam no auditório, mas não haviam se

encontrado e somente na folga para a refeição é que puderam conversar sobre o que iriam falar em seus depoimentos na parte da tarde e também relembrar um pouco das aventuras do passado.

Izabel era professora de uma escola pública e também de uma escola rural em Nova Aurora quando foi presa em maio de 1970. Ao saber que os alunos dela daquela época se lembravam de suas aulas e que tinham muita admiração por ela e seu falecido marido, ficou realmente nostálgica e feliz, mesmo diante de toda a tensão do depoimento frente a um ambiente lotado, para contar o que evitou o máximo possível de contar, ou seja, a sua história de luta ao lado de seu grande amor, Luiz e também todas as peripécias que passou por acreditar e lutar por um mundo melhor. Seu companheiro Luiz Andrea Favero foi presidente da União Gaúcha de Estudantes Secundários (UGES) até 1968, onde tentavam de várias maneiras atacar a ditadura, mas não se reelege e como havia se tornado um líder estudantil a nível estadual muito visado pela repressão, partiu para a clandestinidade com sua esposa a qual havia conhecido no Movimento Estudantil, entrando para a Var Palmares em 1969, mesmo ano em que passam a residir a princípio clandestinamente no Oeste do Paraná.

Várias pessoas foram entrevistadas sobre os acontecimentos de Nova Aurora em maio de 1970, entre elas, alguns alunos da professora Izabel no período, que manifestaram um imenso carinho e apreço pelo casal de professores. Quando se trata de um trabalho de campo, avista-se logo um caminho laborioso, cercado por lacunas, ora constrangimentos, ora "buracos n'água." E não se trata das dificuldades com os depoimentos orais, pois esta se resolve com as técnicas disponíveis e a análise crítica. No entanto, um certo convívio com as pessoas entrevistadas e suas particularidades, trazem para a história, aquilo que ela realmente é, a história de seres humanos dentro da questão da universalidade e particularidade. Todos que decidiram lutar contra a ditadura e sobreviveram a tal, carregam consigo as marcas do passado e como a luta é um fragmento do todo, aqueles seres humanos não estavam envolvidos somente com os treinamentos, com as guerrilhas e a clandestinidade, pois também lhes envolvia amores, saudades daqueles que partiram e o medo da repressão.

Acredita-se que o historiador deve manter a objetividade, mas ser flexível quando se emociona diante de alguns fatos da natureza estudada aqui, contados por aqueles que realmente sentiram o que falam, por causa de toda a intensidade do que dizem. Estas pessoas que formam o povo naquilo que Edmundo Fernandes Dias à luz de Antônio Gramsci descreve como,

> conjunto das classes subalternas, não como uma entidade romântica pairando sobre a sociedade. Estamos falando de mulheres e homens de carne e osso,

> como ele sempre amou dizer, tem uma experiência que é pelas contradições da totalidade do social e, mais do que isso, pelo fato de não terem a iniciativa da luta social, contradições que se espelham e se expressam em todas as formas da sociedade, da estrutura familiar à forma do exercício do poder[2].

O povo, por causa das contradições de uma sociedade complexa, as vezes tem dificuldades em entender por exemplo o que vem a ser democracia num sentido real. No entanto, todos tem ideias e sonhos dentro de seus cotidianos que parecem não se encaixar na realidade de suas vidas. As mudanças escondem sempre o contato com o novo, que naquele momento das vidas de Luiz Andre e sua jovem esposa Izabel Favero, representava a luta por uma sociedade melhor. Se conheceram no Ensino Médio, antigo Segundo Grau que embalava os sonhos de uma juventude, reunidas em torno do Movimento estudantil, que proporcionava a possibilidade de luta por um mundo melhor. A vida dos Faveros e outros companheiros nunca mais seriam as mesmas no que se refere à emoção dos sonhos que compartilhavam com a sociedade em que se encontravam.

Necessitou-se através da pesquisa se aprofundar também no estudo dos documentos produzidos pela repressão no Estado do Paraná, disponíveis para pesquisa no site do DEAP(www.arquivopublico.pr.gov.br). Segundo Andreia Zaparte, o acervo da Delegacia de Organização Política e Social *"é composto por noventa e dois metros lineares de documentos, mais de 47 mil fichas individuais e 3,7 mil pastas temáticas, sendo o primeiro do Brasil a ser aberto para pesquisa em 1991[3]."*

Dentre esta vasta documentação encontram-se aqueles que tratam dos episódios da luta armada envolvendo os cenários do Oeste Paranaense e que a partir de então, surge a conexão com as pessoas do Rio Grande do Sul, como Airton Joel Frigeri, amigo de Luiz Andrea, que foi preso aos 16 anos de idade na cidade de Caxias do Sul quase um mês antes da prisão do grupo de Nova Aurora, mas que apesar de ser um adolescente ainda, já lutava ferozmente contra as injustiças sociais, lições que aprendera com seu pai no Movimento Sindical da Cidade.

A grande dificuldade no estudo destas fontes é justamente o fato delas estarem espalhadas pelos mais variados lugares, no entanto, um contato mais próximo das pessoas no

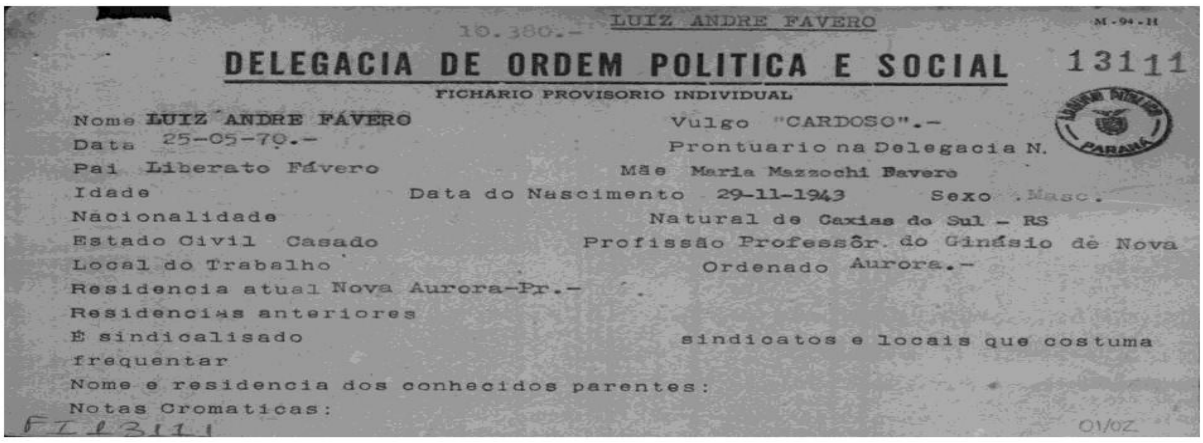
---

[2] DIAS, Edmundo Fernandes. Intelectuais para que e para quem? In: **Gramsci no limiar do século XXI.** José Claudinei Lombardi, Livia Diana Rocha Magalhães, Wilson da Silva Santos, (org.), Demerval Saviani...[et al.]. - Campinas , SP: Librum Editora, 2013. p. 119.

[3] ZAPARTE, Andreia. **A DOPS e o movimento de repressão ao Movimento Estudantil em Curitiba - Paraná (1964-1969).** Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: História, poder e Práticas Sociais, 2011, p. 13.

momento de explicar para elas quais os objetivos da pesquisa, resultam em maiores satisfações na produção da escrita sobre tal. Em relação aos documentos do Arquivo Público do Paraná, no período em que foram feitas cópias em dezembro de 2012, não estavam organizados por nomes e sim por códigos como por exemplo "BR PRAPPR.PB004.PT3.1", sendo necessário abrir cada arquivo em "PDF" e renomear conforme conteúdo, sendo organizado em pastas temáticas recentemente. Mas o que parece um trabalho vilipendioso, torna-se um mar de fontes que transforma a tarefa do historiador em sinônimo de busca e investigação histórica.

Nessa análise das experiências das pessoas que lutaram contra a ditadura, avalia-se que a produção historiográfica se mantém em permanente transformação, mas deve ter relações com a totalidade, onde mesmo num processo construtivo e fracionado, existe um método constituído para que aquelas pessoas que lutaram possam ser consideradas personagens da vida real. Os documentos produzidos pela repressão expressam a racionalidade do sistema ditatorial em relação à "caça" violenta daqueles considerados inimigos da pátria, a manutenção da ordem burguesa e disseminação do terror de Estado para tal. No caso de Nova Aurora temos desde fotos aéreas da propriedade dos Favero, passando por fotos do grupo até chegarmos às fichas individuais de Luiz Andrea Favero, Izabel Favero e Alberto Favero, utilizada aqui somente como exemplo introdutório dos documentos da repressão.



10.380.- LUIZ ANDRE FAVERO M-94-H

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL 13111

FICHARIO PROVISORIO INDIVIDUAL

Nome LUIZ ANDRE FAVERO Vulgo "CARDOSO".-
Data 25-05-70.- Prontuario na Delegacia N.
Pai Liberato Favero Mãe Maria Mazzochi Favero
Idade Data do Nascimento 29-11-1943 Sexo Masc.
Nacionalidade Natural de Caxias do Sul - RS
Estado Civil Casado Profissão Professôr do Ginásio de Nova
Local do Trabalho Ordenado Aurora.-
Residencia atual Nova Aurora-Pr.-
Residencias anteriores
É sindicalisado sindicatos e locais que costuma
frequentar
Nome e residencia dos conhecidos parentes:
Notas Cromaticas:

FZL3111 01/02

Figura 1 - Ficha individual de Luiz Andre Favero. **Fonte:** Disponível no Arquivo Público do Paraná.

Para organizar cientificamente essas fontes, ou seja, historicizar os fatos ocorridos no Oeste Paranaense, tentando se aproximar ao máximo da reconstrução dos episódios de resistência à ditadura, torna-se quase evidente que a história tem que partir de uma realidade concreta onde vivem seres humanos e que estes seres humanos se relacionam entre si em

meios às contradições sociais. Discussões desse estilo nos fazem pensar, principalmente a partir de um maior contato com as fontes, sobre qual a melhor maneira de apreensão da realidade, deste modo, como entender a relação entre ontologia e epistemologia? No texto de Karl Marx, *O método da economia política*[4], é possível entender melhor essa relação mostrando que as aparências enganam, ou seja, a face em que a realidade se mostra num primeiro momento, ou seja, o que a fonte te diz num primeiro momento, deve ser objeto de desconfiança, não que seja falso, mas terá que ser problematizado, situado e refletido.

No Brasil a lei de anistia de 1979, tenta "colocar uma pedra", sobre os crimes cometidos durante o regime militar e a partir disso zerar as contas, esquecer o passado, não se importando com as lutas e o esforço daqueles que lutaram contra o regime. Quais são os custos sociais da implantação de uma ditadura civil-militar que duraria 21 anos no Brasil? A partir disso, as visões que a elite envolvida, os militares e a imprensa tentam demonstrar, é que o passado já foi superado e o que importa a partir de então é a volta a democracia, que seria como se fosse "uma bondade do Estado", não permitindo a revaloração e a resignificação das memórias, considerando-a assim um dever moral,

> e o mais preocupante deste sistema enganoso, derivado das consequências práticas de proclamar a memória como um dever, é que reduz toda a questão a uma decisão estritamente individual e em consequência, exime a administração de qualquer responsabilidade, porque a decisão de esquecer ou recordar que seja, é reduzida à mais estrita intimidade, ao âmbito privado; a sociedade não tem nenhuma implicação, só o indivíduo e portanto não pode haver atuação pública, só a inibição da administração.[5]

Ao longo do tempo vai ocorrendo a construção da memória coletiva através de filmes, novelas, teatro, literatura, desvalorizando a luta das pessoas contra a ditadura no decorrer deste processo. Perde-se a noção de que a "democracia" de 1985 é o resultado de lutas, inclusive daquelas pessoas que agora são transformadas em vítimas, dissolvendo o processo histórico, tornando-o como algo natural ou mecanizado e principalmente esquecendo o sistema de violência, torturas, dominação de classe e toda a exploração dos trabalhadores. Deste modo, *"o cânone crítico segundo o qual todo o desenvolvimento histórico é documento*

---

[4] MARX, Karl. **O método da economia política.** In MARX/ENGELS: História. São Paulo: Ática, 1984. p. 409-417.

[5] VINYES, Ricard. **El Estado y la memoria: gobiernos y ciudadanos frente a los traumas de la historia.** Barcelona, RBA, 2009**.** p.57. Tradução livre.

de si mesmo, o presente ilumina e justifica o passado, é mecanizado e exteriorizado e reduzido a uma lei determinista de caráter retilíneo e unilinear.[6]"

O problema no debate sobre memória, é que algumas vezes ela é confundida com a própria história, em outras, é encontrada totalmente oposta à história. Se olharmos para o século XX, encontraremos guerras mundiais, genocídios, sistemas totalitários e,

> no centro desse sistema de representação, instala-se uma figura nova, a testemunha, o sobrevivente dos campos nazis. A recordação de que é portador e a atenção que lhe é reservada (após décadas de indiferença) abalaram o historiador, ao criarem desordem na sua oficina e ao perturbarem seu modo de trabalho.[7]

A testemunha pode ajudar o historiador a entender fatos que tradicionalmente poderiam ser explicados e reconstruídos de outra maneira, mas a experiência vivida pode trazer conhecimentos indisponíveis em outras fontes. Assim a memória passa a fazer parte do trabalho do historiador, portanto, não se deve desvincular história e memória. No entanto, memória não se reduz aos relatos de testemunhos, mas tudo aquilo que estiver ligado aos acontecimentos em que determinadas pessoas viveram. Por exemplo, fotografias, monumentos, nomes de ruas sendo que, quase tudo serve para a construção da memória, *"o passado se transforma em memória coletiva depois de ter sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente.*[8]*"* Aí se torna problemática a questão das construções de memórias, como a do esquecimento, da reconciliação e do enaltecimento.

O primeiro capítulo apresenta uma caracterização geral sobre o golpe de 1964 e as visões que foram sendo construídas sobre este ao longo de suas "descomemorações," bem como, introduz brevemente sobre o processo de dominação de classe pela burguesia através do terrorismo de Estado, onde se aproveitou do poder das forças armadas para frear os movimentos sociais. Com o recrudescimento do aparato repressivo, uma das alternativas de resistência contra a ditadura era a luta armada, com grupos se formando clandestinamente nas convergências e divergências da velha esquerda brasileira. Uma dessas organizações era a VAR Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares), a qual é apresentada em âmbito nacional de forma muito rapidamente devido às dificuldades encontradas para tal. As

---

[6] GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução de Luiz Sérgio Henriques; co-edição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira – Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002. p.34.
[7] TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar.** Lisboa, Unipop. 2012, p. 16.
[8] Idem, p. 10 .

fontes foram mais propicias para se investigar sobre a Var no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Caxias do Sul, de onde surgem do movimento estudantil várias lideranças que partiram para a luta armada contra a ditadura, inclusive é do Sul que parte a decisão de montar uma base de apoio e treinamento de guerrilha em Nova Aurora.

O segundo capítulo trata dos acontecimentos da resistência e a repressão no Oeste do Paraná. Quais foram as ações desenvolvidas por pessoas que estavam descontentes e indignadas com a situação política e social em que se encontrava o Brasil? Relaciona a influência gaúcha no processo de resistência e o porquê decidiram lutar. Houve em Nova Aurora todo um trabalho de conscientização sobre os problemas enfrentados pelos camponeses e pelos trabalhadores em geral, bem como atividades sociais de alfabetização das pessoas próximas e pais de alunos. Versa também sobre os treinamentos de guerrilha, os levantamentos e contatos feitos pelo grupo na região, trazendo os detalhes da prisão, torturas e o exílio. O capítulo também apresenta e analisa os documentos produzidos pela repressão e pelas organizações de esquerda armada, contidos no Arquivo Público do Paraná, assim como as notícias veiculadas pela mídia sobre os fatos de Nova Aurora.

O terceiro capítulo analisa as críticas em relação às construções de memórias sobre o regime ditatorial brasileiro, em um contexto onde muitas vezes pessoas são expostas pessoas de dois lados, mas que estavam ali naquele momento sem nenhuma conexão com o passado ou noção de processo histórico. As memórias as vezes tendem a modificar o sentido do passado de acordo com as relações do passado de quem o quer mudar, sendo necessário um certo cuidado nesse estudo. Um dos pontos importantes é avaliar qual era a relação das pessoas com as ideias daqueles que decidiram resistir à ditadura e o exemplo dos Favero, nos mostra um certo compartilhamento pedagógico em relação ao trabalho que estavam iniciando no que tangiam às necessidades educacionais da cidade. Alguns alunos, pais, amigos e parentes que foram entrevistados, trazem na lembrança um apreço muito especial em relação aos professores, sendo que estes depoimentos também serão analisadas nesse capítulo. A memória está sempre em disputa, se tornando importante a análise de como a ditadura é vista na atualidade e quais são as continuidades apresentadas por determinados grupos.

CAPITULO 1 - AS VISÕES DO GOLPE, DITADURA DE CLASSE, RESISTÊNCIA E PLANEJAMENTO DE GUERRILHAS NO BRASIL PÓS-1964

> "A passagem subiu, o leite acabou, a criança morreu, a carne sumiu, o IPM prendeu, o DOPS torturou, o deputado cedeu, a linha dura vetou, a censura proibiu, o governo entregou, o desemprego cresceu, a carestia aumentou, o Nordeste encolheu, o país resvalou."
>
> Carlos Marighella

Este capítulo tenta discutir alguns aspectos importantes da ditadura brasileira, demonstrando como ocorreu o processo de dominação pela burguesia, se utilizando do poderio das forças armadas como terrorismo de Estado para conter o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora.

No Brasil, com o golpe civil-militar em março de 1964, se instaura uma ditadura, que foi muito combatida em várias partes do país. O capítulo segue com a apresentação da Var-Palmares que era uma organização de luta contra a ditadura no âmbito nacional, bem como sua atuação no Rio Grande do Sul e principalmente no Paraná.

1.1 - As visões sobre o golpe de 1964 e o período ditatorial

De acordo com Virginia Fontes, todo o século XX foi marcado por intensas lutas sociais, dividido pela autora em *"três períodos cruciais para a historia do Brasil"*[9], sendo o primeiro período, as lutas operárias e camponesas da década de 1920, que foram silenciadas pela ditadura do Estado novo. O segundo, de 1955-1964, onde as classes populares lutavam pela reforma agrária e contra a exploração dos trabalhadores, também silenciados pelo golpe ditatorial de 1964. E o terceiro, de 1975-1989, proporcionado pelo desenvolvimento industrial brasileiro, o que gerou organização de grande massa de trabalhadores e diversos movimentos sociais. O que está sendo discutido neste capítulo envolve o segundo período, no que diz respeito ao caráter do golpe de 1964 e as possíveis organizações de classe, tanto a favor da ditadura e sua manutenção, quanto contrárias. O ano golpista representou um momento de frenagem das agitações populares, pelo *"capital imperialismo.*[10]*"*

---

[9] FONTES, Virginia. *O Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e historia. Rio de Janeiro*. FIOCRUZ e UFRJ, 2010. (Capitulo lll – A espiral-imperialista, p. 145-214 e capitulo VI – O Brasil capital-imperialista, p. 303-350). p. 315.

[10] Idem, p. 164, 165.

Aparentemente, em uma análise pré-1964, ocorreu um *"acirramento da luta ideológica de classes"*[11], promovendo ameaças à estrutura social brasileira burguesa, intensificando assim, o movimento da burguesia em prol da manutenção da ordem. O mundo na década de 1960 tinha como pano de fundo a Guerra Fria, um jogo ideológico onde inúmeras revoluções de libertação nacional estavam em curso ou já haviam sido vitoriosas, algumas marcadas pelo ideário socialista e pelo papel destacado dos trabalhadores do campo, como a Revolução Cubana em 1959, a Independência da Argélia em 1962 e a guerra anti-imperialista em curso no Vietnã. Nessa chamada guerra ideológica, convencionou-se para o mundo ocidental, a necessidade de riscar do mapa o perigo do comunismo, que no Brasil acabou sendo superdimensionado.

Para um breve entendimento, há necessidade de algumas explicações sobre o capitalismo em si, tendo em vista que o processo de luta de classes ocorre em situações determinadas. Com o advento do sistema capitalista, há uma separação dos trabalhadores com os meios de produção, se no feudalismo os trabalhadores estão ligados ao meio de produção que é a terra, no capitalismo não há relação nenhuma, pois o trabalhador só tem a sua existência e mais especificamente a sua força de trabalho pra vender. No momento que isso acontece significa que pelo menos nas oito horas que o trabalhador estabeleceu com o empregador, pertence a este, e é ele quem vai decidir o que fazer com esta força de trabalho.

O trabalhador não sabe dizer nessa relação quanto do seu trabalho foi suficiente para produzir seu salário e quanto foi o lucro produzido para o capitalista. O salário é um valor mínimo necessário para que o trabalhador sobreviva e reproduza minimamente a continuidade da condição operária à qual ele pertence. O salário permite que o trabalhador não morra de fome e que tenha filhos para que se tornem trabalhadores no futuro e isto gera a base que faz o capitalismo funcionar. Uma outra parte da luta de classes é a definição do montante do salário, sendo que o Estado entra nessa disputa de forma bastante clara, se posicionando em favor dos capitalistas regulando esse salário.

O acirramento da luta de classes não se dá diante do quanto mais miseravelmente vivem as pessoas, sendo necessário analisar as formas de protesto, pois o fato de viverem em condições precárias na atualidade não as potencializa como revolucionárias, isso não passa pelas cabeças delas, pois estão preocupados com sua sobrevivência, diferentemente do contexto vivido pelos integrantes de grupos que tiveram coragem de pegar em armas para

---

[11] TOLEDO, Caio Navarro de (org). *1964: visões criticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 31.

resistir à ditadura. Nos anos de 1960 e 1970 haviam possibilidades em que sujeitos apostavam em derrubar o governo ou desestabiliza-lo, por conta daquela realidade de estado ditatorial, onde a luta armada seria um processo, mas não só isso, existia outras formas como as expropriações bancárias, os panfletos e outras formas de tentativa de desestabilização do governo ditatorial.

O aumento da intensidade da luta de classes no Brasil no início da década de 1960 se deve principalmente à insatisfação popular com a exploração proporcionada pela *"fusão pornográfica do capital*[12]*"*, onde todos os espaços de existência foram transformados em áreas de exploração/extração de mais valor do capital. Vários aspectos nos fazem refletir sobre a implantação do regime ditatorial e consequentemente a resistência, pois os governos militares aliados à burguesia nacional e ambos voltados aos interesses imperialistas norte-americanos, promulgaram a repressão aos que supostamente eram a favor das reformas necessárias para o desenvolvimento social brasileiro.

Neste ano de 2014, completaram-se 50 anos do golpe, o que agitou os discursos nas Universidades, imprensa e nas redes sociais, mas a questão importante é que as memórias sobre o golpe foram sendo construídas e manipuladas nesse tempo pela mídia, que é claro defendem tanto o golpe, quanto a ditadura que se instalou a partir de tal. Podemos citar o jornal Folha de São Paulo, 17 de fevereiro de 2009, o qual discriminava o período ditatorial brasileiro, como brando, quase que defendendo a ditadura, como quem diz, "era necessário para se evitar um mal maior."

A rede Globo de televisão, fundada em 1965, pelo jornalista Roberto Marinho, participou intensamente da manutenção imediata da ditadura, pois de acordo com um telegrama enviado pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, em 14 de agosto de 1965, houve um encontro do jornalista com o presidente, numa espécie de tentativa de convencer o então presidente General Castelo Branco a prorrogar o seu mandato, pois "*Roberto Marinho explica que, se Castelo Branco restaurasse eleições diretas para sua sucessão, os políticos com mais chances seriam os da oposição. E age para persuadir o general-presidente a prorrogar seu mandato ou reeleger-se sem o risco do voto direto.*[13]*"* A visão sobre o golpe propagada pelas Organizações Globo, o justifica pautada na questão do

---

[12] FONTES, Op. Cit. p. 359.

[13] Telegrama disponível em: http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/135796/Memo-secreto-p%C3%B5e-Globo-no-epicentro-da-ditadura.htm. Acesso em 05 julho de 2014.

risco do Brasil se tornar um país comunista, o que é uma visão totalmente equivocada da conjuntura dos fatos daquele período, no entanto, dominante.

O golpe representou uma ação violenta da burguesia brasileira contra a crescente movimentação da classe trabalhadora em prol das reformas de base propostas pelo presidente da República da época, João Goulart. O golpe já vinha sendo articulado por entidades civis-militares como o complexo IPES/IBAD, juntamente com o apoio dos Estados Unidos da América. De acordo com René Dreifuss, *"os ativistas do complexo IPES/IBAD estavam liderando e organizando um movimento civil-militar próprio, baseado numa infraestrutura de oficiais da ESG, que se colocava no centro da campanha político-militar contra João Goulart.*[14] Tudo já vinha sendo preparado organicamente pela classe dominante, de modo a esmagar os anseios pelas reformas.

A revista Veja, criada em 1968, constitui um importante papel na desconstrução da história, interferindo com longo alcance sobre como se olha para o golpe de 1964 e o regime ditatorial, projetando a vida em sociedade de forma harmônica, atribuindo a violência e o terror de Estado, necessários para a contenção de grupos de esquerda radical, considerados pela revista como terroristas. Faz parte também do papel da revista a negação da luta de classes, como explica o artigo de Carla Luciana Silva, intitulado "Veja e ditadura: a memória dos militares refaz a história," parecendo que "*a esquerda aparecesse sempre como impostora na história, que existindo e tendo ideias forçaria a repressão, o endurecimento e os regimes de exceção.*[15]*"* O discurso da revista sobre a ditadura gira em torno da explicação simplória e falaciosa de que aquela aconteceu para se combater pequenos grupos de pessoas comunistas que desejavam ilusoriamente transformar o país na ditadura do proletariado, instaurando um regime totalitário e excludente no Brasil.

Apesar dos 50 anos do golpe, as memórias sobre os anos de chumbo continuam em disputa, mas cabe ressaltar o importante trabalho historiográfico realizado principalmente nos últimos 10 anos, dos quais poderemos citar o trabalho monográfico de Demian Bezerra de Melo, que se intitula; *"A miséria da historiografia o revisionismo historiográfico 40 anos depois do golpe de 1964"*, traz à análise de como foi construído o revisionismo sobre o período a partir dos aniversários de 30 e 40 anos do golpe, sendo consecutivamente os anos de 1994 e 2004. Segundo este historiador, na última data citada, ocorreu na cidade do Rio de

---

[14] DREIFUSS, René A. ***1964*: a conquista do Estado. Ação, poder e golpe de classe.** Petrópolis: Vozes, 1981. p. 361.

[15] SILVA, Carla Luciana. Veja e ditadura: a memória dos militares refaz a história. História Actual Online, Núm. 31 (Primavera, 2013), 95-107.

Janeiro um seminário promovido pela Universidade Federal Fluminense em parceria com o Arquivo Público do Rio de Janeiro (APERJ), o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV), e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O tom do evento foi predominantemente revisionista, onde até mesmo um dos pesquisadores mais esclarecido em relação ao golpe, René Armand Dreifuss, "*que faleceu em 2003, foi homenageado no primeiro dia, logo no início do seminário – uma curiosa homenagem, já que a sua obra clássica 1964: a conquista do Estado é alvo privilegiado do ataque revisionista.*[16]" Parece que o ocorrido se destina como um ataque à teoria marxista, logicamente por que parte das pesquisas e literaturas sobre período ditatorial até aquele momento teriam sido feitas por essa lente. Cabe aqui uma breve análise, um retrospecto da construção das memórias produzidas, tentando demonstrar a evolução da pesquisa científica no decorrer dos 50 anos do golpe.

No ano de 1994, o aniversário de 30 anos do golpe é bem menos exponencial contando no entanto, com uma produção importante na construção das visões científicas sobre o golpe. Demian Melo chama a atenção para o lançamento do livro intitulado, "*Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964",* de Angelina Cheibub Figueiredo, publicado em 1993, em que a autora analisa a obra de René Dreifuss como conspiracionista, não entendendo ou não querendo entender a crise do populismo naquele contexto pré-golpe, onde os movimentos sociais questionavam a estrutura social do país exigindo as reformas necessárias e a ruptura com "paternalidade" do regime populista que já havia se tornado inútil naquele momento, pondo em xeque a hegemonia burguesa entre finais dos ano 1950 e início dos anos 1960.

O golpe de 64 fez-se necessário à burguesia como forma de conter os movimentos sociais principalmente da classe trabalhadora, que evoluía para transformações nas estruturas socioeconômicas contrárias aos anseios da burguesia. No entanto, esse processo está localizado no furor da luta de classes e não pode ser analisado de maneira simplista, pois houve toda uma organização direitista desde muito antes do golpe, não se tratando de ações conspiradoras, mas sim, a mobilização racional de empresários, militares de alta patente, políticos influentes de direita e dirigentes da imprensa nacional, contando intimamente com o apoio dos Estados Unidos da América. Neste aspecto, essas ações racionalizadas levaram à

---

[16] MELO, Demian B. **A miséria da historiografia: o revisionismo historiográfico 40 anos depois do golpe de 1964.** TCC em História, Rio de Janeiro, UFF, 2005. p. 03.

concretização de um golpe de Estado, mas não de forma casual, como se de repente surgissem atores de lados contrários, ideias contrárias e para a manutenção da ordem naquele momento as Forças Armadas tomam o poder e declaram encerrada a democracia por tempo indeterminado. No aniversário de 30 anos do golpe, como a obra de Dreifuss estava sendo muito criticada, os historiadores e os livros de história ainda traziam consigo a insígnia denominação do período repressivo de "Ditadura militar", como se ela tivesse ocorrido e se mantido por 21 anos somente pelas Forças Armadas.

As descomemorações dos 50 anos do golpe neste ano de 2014, se fizeram de maneira muito diferente das de 1994 e 2004 anos, tendo em vista o aumento significativo das produções historiográficas nos últimos anos. A instauração da Comissão Nacional da Verdade em 2012, fomentou a reconstrução de memórias que vieram à tona em decorrência da abertura parcial dos arquivos da repressão trazendo também a oportunidade das pessoas que foram atingidas diretamente ou indiretamente pelo período ditatorial de se expressarem a público, incorporando uma infinidade de novas fontes que possibilitaram e continuarão possibilitando um melhor entendimento daquele período violento da história brasileira.

Em relação ao cinquentenário do início da ditadura, não se pode dizer que o revisionismo historiográfico diminuiu, mas sim que a criticidade com que o período da ditadura brasileira vem sendo estudado nos últimos 10 anos evoluiu de forma significativa, pondo em "xeque" vários discursos falaciosos de justificativa para o regime pós-64. No ano de 2004, a teoria de *René Armand Dreifuss* foi extremamente criticada pelos revisionistas, mas ela é fundamental para explicar por exemplo a incorporação do termo *civil,* tornando a ditadura civil-militar, explicando questões como a tentativa de apagar da história o contexto da luta de classes no período anterior ao golpe, justificando a violência de Estado e o falacioso discurso da Doutrina de Segurança Nacional de que era necessário expurgar o comunismo no Brasil. No entanto, é preciso deixar claro que o termo "*civil",* não diz respeito ao apoio da população, mas sim que grandes empresários brasileiros, setores religiosos, a mídia, junto com o capital estrangeiro se utilizaram das Forças Armadas para a manutenção da ordem burguesa nas estruturas sociais brasileiras. Também não se pode tirar a responsabilidade dos militares pelo terrorismo de Estado, a violência e mortes provocadas pelo regime.

O Oeste Paranaense segue nessa trajetória de estudos sobre a ditadura, principalmente através do jornalista Aluizio Palmar que no ano de 2005 publicou o livro *"Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?"*, que narra a jornada de busca pelos corpos dos ex- integrantes da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), Onofre Pinto, Joel José de Carvalho, Daniel de

Carvalho, José Lavéchia, Vítor Ramos e Enrique Ruggia, que estariam enterrados em algum lugar da região Oeste do Paraná. Este livro inaugura a pesquisa sobre os impactos da ditadura no interior paranaense, promovendo questões importantes para o estudo de como se deu a resistência e a repressão. Além disso, o jornalista mantém o site "*Documentos Revelados*[17]", com grande acervo de documentos sobre o período, que tem estimulado várias pesquisas científicas nesses últimos 10 anos.

No dia 27 de junho de 2013 ocorreu na cidade de Foz do Iguaçu, na Câmera de Vereadores local, uma Audiência da Comissão Nacional da Verdade, onde várias pessoas fizeram seus relatos, resultando na acusação de torturas cometidas por pessoas ligadas à repressão na década de 1970, como é o caso do Coronel Emídio Paula que era Coronel do Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu; Capitão José Vasconcelos Krueger que era do Batalhão da Polícia Militar de Curitiba, Capitão Julio Roberto Cerdá Mendes e o Tenente Mario Expedito Stroswisk. Nos dias 20 e 21 de março de 2014, às vésperas do aniversário do golpe, aconteceu na cidade de Cascavel, no Campus da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), a Audiência Pública da Comissão Estadual da Verdade. Nesse evento, expandiu-se a problemática das consequências da ditadura para além das questões de resistência, repressão e memórias, como as violações cometidas contra os indígenas principalmente no que diz respeito à construção da Hidrelétrica de Itaipu.

Após 50 anos do início da implantação e concretização da ditadura civil-militar brasileira, nota-se avanços na conscientização da sociedade em relação às lacunas do período como o apoio dos Estados Unidos, a plena participação de entidades civis no golpe e principalmente a abertura parcial dos arquivos para a investigação, que ainda resultará em pesquisas sobre os mais variados aspectos da ditadura brasileira. A Comissão Nacional da Verdade não tem caráter punitivo, no entanto, abre caminho para a construção ou reconstrução de histórias terríveis, mas que precisam ser esclarecidas para que a sociedade tenha consciência e a reflexão do seu passado, de maneira que o presente e o futuro, não virem uma mera continuação causal, onde se ocultam os mecanismos de dominação de classe e os aspectos dos movimentos sociais, que foram duramente reprimidos ao longo da história do século XX.

A reconstrução da memória coletiva vem quebrando os aspectos daquilo que foi impregnado à sociedade em relação às homenagens a ditadores e apoiadores da ditadura através da nomenclatura de ruas, escolas e monumentos espalhados por todo o país. Entre os

[17] http://www.documentosrevelados.com.br/

mais lembrados, Castelo Branco, Costa e Silva e Médici, impuseram junto com importantes setores do empresariado, um sistema econômico onde os trabalhadores estavam proibidos de se organizar, obrigados a receber baixos salários em péssimas condições de trabalho, aniquilado em todas as suas alternativas de luta, pelo menos no auge da repressão. Entretanto, percebe-se mudanças neste quadro com fatos como o do dia 11 de abril deste ano de 2014, na Bahia onde aconteceu a mudança do nome do Colégio Emílio Garrastazu Médici, no bairro do Stiep, em Salvador, para Colégio Carlos Marighella[18], constituindo um exemplo de resgate à luta pela democracia no Brasil, homenageando os verdadeiros heróis que ousaram lutar contra a ditadura brasileira e todo o seu espectro.

Outro evento importante consolidado no ano de 2013 foi a cerimônia de recebimento dos restos mortais do ex-presidente João Goulart em Brasília com honras de Chefe de Estado e, "*durante a cerimônia, foi executado o hino nacional e houve uma salva de 21 tiros, em cumprimento a honras militares.*[19]*"* Jango morreu em 1976 em seu exílio na Argentina, depois de ter sido deposto em abril de 1964. Toda essa evolução dos fatos demonstra os esforços que vem sendo feitos para romper o silêncio, o esquecimento, a ocultação e a manipulação dos aspectos da ditadura brasileira. No entanto, em relação a países como a Argentina por exemplo, que logo após o período ditatorial já começa o processo de luta para punir os responsáveis pelos crimes ditatoriais, diferindo muito das práticas brasileiras. Segundo Carolina Bauer,

> a culpabilidade criminal foi estabelecida na Argentina com a realização do Juicio a las Juntas, processo penal que determinou o julgamento e a posterior condenação dos membros das juntas militares que governaram o país durante a última ditadura civil-militar. No Brasil, todas as iniciativas para determinar essa responsabilidade barraram na interpretação hegemônica - porém ilegítima - de que a lei de anistia beneficia os agentes civis e militares dos órgãos de informação e repressão[20].

No dia 27 de junho de 2013, na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, em virtude da Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade, com várias acusações dos depoentes naquela ocasião, ocorreu um "escracho" na frente do prédio onde trabalha o advogado Mario Espedito Ostrovski, que foi acusado veementemente de violações dos direitos humanos no

---

[18] Matéria do Portal Vermelho, disponível em: http://www.vermelho.org.br/ba/noticia/240177-58

[19] Reportagem disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,em-cerimonia-oficial-restos-mortais-de-jango-sao-recebidos-em-brasilia,1096685,0.htm. Acesso em 07 de julho.

[20] BAUER, Carolina. Tese: **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memórias em ambos os países.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2011. p.196.

período ditatorial. As palavras de ordem eram *"oh Espedito, torturador, nós não vamos esquecer a nossa dor*[21]*"*, em sua maioria, jovens estudantes que por meio de uma manifestação, expuseram de maneira explícita um passado absurdo, mas que permeia a sociedade como normal, tendo em vista as visões que foram construídas exatamente para lhe atribuir ares de normalidade. Tal fato serve de exemplo para a reflexão de dois pontos relativos à CNV e aos 50 anos do golpe de 1964.

O primeiro ponto consiste na importância da abertura, ainda que restrita e parcial dos mais variados arquivos do período para a pesquisa, principalmente no que tange à revelação dos nomes das pessoas acusadas de torturas, assassinatos e o envolvimento de entidades civis na instauração e manutenção da ditadura brasileira. No entanto, essa abertura restrita e fragmentada, propiciou que alguns torturadores do passado tivessem vidas normais, empregos normais e convivessem na sociedade como se nada tivesse ocorrido e eles estão espalhados por ai, sendo que essa demora da dita abertura política atrelada aos entraves da lei de anistia de 1979, que instituía o "perdão" a torturados e torturadores, também permitiu por muitos anos a ausência de culpa por parte do Estado. A Audiência Pública de Foz do Iguaçu, trouxe à sociedade um pouco de consciência através do conhecimento do passado, desconstruindo o que lhe havia sido incutido ao longo dos anos, como os aspectos falaciosos de "necessidade" do golpe, da violência e do terrorismo de Estado para o desenvolvimento do país.

O segundo ponto é que apesar da abertura parcial dos arquivos ditatoriais, a segurança da impunibilidade segue tranquilamente no oceano da disputa das memórias, tendo em vista que o discurso e os documentos dos militares continuam sendo os mesmos. Houve avanço nas questões de entendimento em relação à ditadura, como o pleno envolvimento dos Estados Unidos e de grandes empresários, mas a questão da justiça ainda está pautada no dualismo direita/esquerda, ou seja, os mitos propagados pela história oficial de que era necessário intervir violentamente na esfera política para evitar a violência da *"ditadura do proletariado."*

1.2 - Ditadura de classe

O período ditatorial brasileiro mostrou desde o seu início, características repressivas contra pessoas consideradas pelo regime como subversivas, impondo a Lei de Segurança Nacional que instituía prisões indiscriminadas, torturas, mortes e ocultação de cadáveres. Tudo em nome da manutenção de uma ordem política baseada nos moldes de uma estrutura

[21] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=50Y8UBKI09k. Acesso em 23 de fevereiro de 2014.

social burguesa nacional alienada e em sintonia com os interesses do imperialismo estadunidense, sobre os princípios da Guerra Fria. A resistência dos grupos revolucionários de esquerda, atingiu seu ápice no Brasil entre os anos de 1968 a 1974.

Dentre os aspectos que levaram à implantação da ditadura no Brasil, devemos levar em conta os anseios da burguesia nacional e internacional, que com certeza não viam com bons olhos a evolução dos movimentos sociais reivindicando reformas e mudanças sociais. Para barrar o movimento da classe trabalhadora, a burguesia organizou-se aumentando *"suas forças sociais, graças a uma bem trabalhada 'psicose de guerra civil', a um esforço de propaganda contínuo e maciço, do qual participaram todos os órgãos da grande imprensa, todas as grandes revistas, todos os canais de televisão*[22]*"*.

Havia no Brasil um pouco antes do golpe e durante o regime ditatorial uma pressão articulada pela burguesia que, devido ao medo de uma possível participação popular significativa, nas esferas políticas e econômicas, instala uma "*contrarrevolução preventiva"*[23]. É irônico se analisarmos o discurso atual de um Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro, feito no parlamento e transmitido pela TV Câmara, no dia 09 de julho de 2009 dizendo que o golpe de 1964 ocorreu porque *"havia uma pressão de toda a mídia, quem tem dúvida é só ir na biblioteca, toda a imprensa, pedindo que os militares assumissem[...]Havia pressão da Igreja Católica[...]*[24]*."* É muito lógico, mas esqueceu-se de falar que tudo isso foi imposto de maneira violenta, sendo que essa pressão da qual fala, se pretendia de maneira racional e organizada pela burguesia, de maneira que disseminasse uma "necessidade" de intervenção no Estado, não para proteger o país do perigo vermelho comunista, mas sim para a manutenção dos seus interesses.

Com o golpe de 1964, é imposta a dominação de classe através da violência, do terrorismo de Estado, mantendo-a, pela força das armas a serviço da burguesia. Houve pressão das elites internas e externas com objetivos de implementar novas formas de acumulação. O que havia no Brasil pré-64 era uma ebulição social, podendo aprofundar a crise da hegemonia burguesa e já que a década de 60 foi marcada mundialmente por intensa agitação social e política em consequência da insustentabilidade do modelo populista e a

---

[22] FERNANDES, Florestan. **A ditadura em questão.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1982. p. 96.
[23]LEMOS, Renato. **Ditadura militar, violência política e anistia.** Texto disponível no site: http://ufrj.academia.edu/RenatoLemos. Acesso em 20/12/2012.
[24] Jair Bolsonaro. Discurso parlamentar, 09 de julho de 2009, transmitido pela TV câmara, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=G1zOLnTwCgI. Acesso em 21/01/2013.

evolução da consciência da classe trabalhadora, o período era propício para as mudanças. De acordo com Enrique Serra Padrós,

> diversos projetos de mudança foram colocados como alternativa à crise de hegemonia. Variando desde um populismo com matizes autoritárias ou progressistas, passando por um nacionalismo antiimperialista, articulando a formação de alianças políticas de frente popular, e chegando a propostas de nítidos contornos socialistas, todos esses projetos foram alimentados pelos acontecimentos paradigmáticos da Revolução Cubana, da guerra de libertação do Vietnã, assim como a emblemática trajetória de Che Guevara.[25]

Entre outros exemplos de resistências mundiais podemos citar a Revolução Chinesa, a Independência da Argélia, Moçambique e Angola dentro do processo de descolonização pós Segunda Guerra Mundial que sem dúvida também influenciaram a resistência às ditaduras latino-americanas e consequentemente o Brasil. Mediante ao cenário de transformações a vista, instalou-se no Brasil, uma ditadura de classe, sanguinária e perversa que executou todo um projeto de dominação burguesa, desconsiderando todas as consequências desde a ruptura total com a democracia, as prisões indiscriminadas, as torturas e mortes, sem contar a deficiência de desenvolvimento no que tange ao sistema educacional, cultural e social de gerações inteiras. Houve toda uma organização civil-militar, que beira a uma conspiração cinematográfica, onde todos os setores destinados ao lazer, à cultura, à informação e à educação formal e informal, bem como a violência estatal, estavam a serviço de uma dominação de classe, que veio desembocar no golpe de 1964 e *"desatou a contrarrevolução como processo prolongado*[26]*"*.

De acordo com Renato Lemos, o golpe representou a "*implantação de um novo regime político e um formato de Estado ainda inédito na América Latina: uma ditadura burguesa capitaneada pelas Forças Armadas*[27]*".* O golpe e a violência serviram para a dominação de classe por algum tempo, esboçando até ares de desenvolvimento com o "milagre econômico", no entanto, este se desmanchava assim como o sonho burguês, que era a ilusão de se obter quase uma "*escravidão civilizada e oficial,"* sobre a classe trabalhadora. O povo brasileiro estava sem liberdade de expressão, sem liberdade de escolher os dirigentes, sem poder de

---

[25] PADRÓS, Enrique Serra. Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e segurança nacional. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2005. p.131.

[26] FERNANDES, Op. Cit. 96.

[27]LEMOS, op. cit**.** Texto disponível em: http://ufrj.academia.edu/RenatoLemos Acesso em 31/01/2013.

pensamento político, sendo mergulhado na ditadura e qualquer contestação era exposta ao “chicote institucional”, o qual levava à prisão, às torturas, ao exílio e até mesmo à morte.

1.3 - A luta armada

As pesquisas sobre as esquerdas armadas brasileiras contra a ditadura refletem de maneira generalizada com tendência à homogeneização das organizações que combateram o regime pós-64. Dos mais variados grupos daquele período, poucos foram estudados de maneira aprofundada, já que a rotulação ou taxação de mesmos princípios e valores políticos, resulta de um erro historiográfico, seja pela banalização do processo de luta contra o regime já que este fracassou do ponto de vista bélico, ou a pela construção da memória coletiva dentro do senso comum baseado na ideia de luta armada enquanto último recurso desesperado, de uma esquerda radical que nem sabia o que estavam fazendo.

Uma obra clássica sobre a luta armada é "Combate nas trevas" de Jacob Gorender (1986), que foi uma das primeiras a tratar das memórias da luta armada, num momento em que aqueles grupos que haviam lutado, estavam esquecidos ou envolvidos pelas contradições da lei de anistia de 1979. Gorender era militante do "Partidão" e depois do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, sendo que, tenta fugir um pouco das rotulações e taxações, mas as várias organizações citadas nesse livro, não tem um aprofundamento necessário para o entendimento de cada grupo.

Os grupos armados que enfrentaram a ditadura são taxados, de forma a se tornarem preconizadores do golpe e posteriormente culpados pelo "endurecimento" do regime em 1968, num processo onde o golpe se faria "necessário" para o bem da sociedade brasileira, se tornando este o típico discurso da direita até a atualidade. No senso comum, todas as organizações armadas de esquerda são caracterizadas de forma igual , como se tivessem as mesmas ideias, como se fossem homogêneas, tivessem o mesmo discurso, elaborassem os mesmos planos políticos, planejassem as mesmas coisas e utilizassem das mesmas metodologias para tentarem chegar ao mesmo ponto. Todas essas visões reducionistas resultam em problemas ideológicos, políticos e teóricos, os quais visamos superar.

Uma questão muito discutida é se teriam razão aqueles que partiram para a luta armada? No entanto, o grande problema se encontra no fato de não podermos enquanto historiadores, propor esta questão no tempo presente, pois o significado da luta armada naquele contexto era bem diferente do que se encontra na atualidade e, ao levantarmos tal

questão, deve se levar em conta que aquelas pessoas que resolveram lutar contra o regime não tinham toda a estrutura tecnológica de hoje para avaliar se era possível ou não alcançar o sucesso com a guerrilha rural, urbana e outras formas de ataque à ditadura.

Enquanto historiadores, podemos até fazer questionamentos como este, mas deve se respeitar o significado dado à luta armada por aqueles que decidiram lutar naquele contexto específico. É prudente que haja equilíbrio entre o que a pesquisa encontra hoje sobre aquelas experiências e o lugar histórico em que aquelas pessoas lutaram. É preciso analisar também as alternativas que estavam sendo apresentadas no momento em que suas experiências se lançavam para a luta, enquanto chance de alcançar a vitória. A luta armada foi debatida pelas esquerdas e depois do golpe é que as estratégias e planos se desenvolveram mais, até porque antes do golpe já existiam organizações que pregavam a luta armada, mas estas, no entanto, não tinham emergência de acontecer como no pós 64. A urgência e a escolha pela luta armada foi uma espécie de norte para as organizações daquele período.

A esquerda brasileira na década de 1960 e 1970, foi considerada por Marcelo Ridenti, como "*a constelação da esquerda*[28]*"*, mas no início o "Partidão" como era chamado, predominava no pensamento político daquele período. A direção do PCB acreditava que o Brasil era um país "*semi-feudal"* e partindo de um sistema etapista, previa que para a emancipação da classe trabalhadora, seria necessário uma revolução burguesa. Jacob Gorender chega a dizer que a direção do PCB, *"recomendava aos trabalhadores o entendimento com os patrões em benefício do desenvolvimento da economia brasileira*[29]."

Antes do golpe de 1964, o pensamento do Partido Comunista, que com João Goulart na presidência, acreditavam no potencial do *chamado populismo de esquerda*[30], já que aparentemente compartilhavam de ideias para a transformação da sociedade brasileira. Havia também a questão das ligas camponesas, dirigidas por Francisco Julião, que a partir das características da Revolução Cubana, planejava guerrilhas rurais na luta pela reforma agrária. Cita-se aqui também a nível de compreensão, o PC do B, que é considerado como uma dissidência do Partidão em 1962 e com ideias de revolução radical. Com a evolução da figura revolucionária de Ernesto Guevara consolida-se a formação de grupos dissidentes do "Partidão" como a ALN (Aliança Libertadora Nacional), a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e a VAR-Palmares, que tinham o exemplo cubano como forma de

---

[28]RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 1993. p.25.
[29] GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas. a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 23.
[30] RIDENTI, op. cit. p. 26.

implementar no Brasil uma revolução socialista, mas divergentes em pontos como a relação com a sociedade por exemplo.

O projeto nacionalista do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), fundado em 1966 e liderado pelo gaúcho Leonel Brizola, seguia uma linha nacionalista e anti-imperialista apostando na guerrilha como uma forma para se tomar o poder. Os aspectos da revolução de 1959, inspiravam os adeptos desse grupo para a derrubada da ditadura e não uma revolução socialista propriamente dita como era o discurso dos militares na época e na atualidade, tendo Cuba como uma instrumentalização, um aprendizado e até mesmo escola de treinamentos de guerrilhas. Para se ter uma ideia do sincretismo da esquerda brasileira, podemos citar a Ação Popular (AP), que iria buscar soluções de resistência na China com os modelos de revolução no campo, sendo uma outra linha de discussão, sobre os aspectos de mudanças políticas, mas que se aproximava muito da formação de uma terceira via para a sociedade.

De acordo com Jean Rodrigues Sales, a estada de Carlos Marighella em Cuba no ano de 1967, no OLAS (Organização Latino Americana de Solidariedade), propicia mudanças nas formas de luta contra a ditadura, sendo que a "*primeira e principal mudança ocorrida nas elaborações, é que a guerrilha passa a ser vista como única forma de luta contra a ditadura e como desencadeadora da consciência revolucionária no país*"[31]. Dessa maneira a Revolução Cubana surge como aspecto novo no século XX, na luta contra o imperialismo, pois um pequeno grupo de guerrilheiros associados ao descontentamento do povo, derrubam o poder estabelecido e estabelecem um novo regime político. Com o golpe de 1964, o Estado brasileiro tenta impor à sociedade uma única forma de percepção de mundo, ou seja, conservadora, cristã e ocidental, sendo que o que fosse diferente disso, era transformado em ameaça e excluído através da violência.

Entre as maneiras de sintetizar o *"foquismo"*, Gorender é quem apresenta de maneira mais simples, se baseando no livro "*A Guerra de Guerrilhas"* de Ernesto Guevara e "*Revolução na revolução? de Régis Debray*, pois,

> o foco se inicia com um punhado de homens e se puna a atuar entre os camponeses de uma região cuja as condições naturais favorecessem a defesa contra ataques do exército. Numa segunda etapa, colunas guerrilheiras se deslocavam da região inicial, levavam a luta armada a outras regiões e

[31] SALES, Jean Rodrigues. **A luta armada contra a ditadura militar: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana.** São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 62.

> confluíam afinal para o exército rebelde capaz de infligir ao inimigo a derrota definitiva[32].

Existiam muitos problemas para a implantação do modelo cubano no Brasil, seja pelas condições políticas ou a questão da grandeza geográfica, mas mesmo depois da morte do "Che" na Bolívia em 1967, o foquismo continuou sendo a grande opção para a luta contra a ditadura brasileira, bem como na América Latina. No período do auge da Guerra Fria nos anos 60 e 70 o Brasil, assim como outros países latino-americanos foram considerados como parte dos planos da evolução do Comunismo, suposição que valeu para o aprimoramento dos objetivos de dominação de classe. Todas aquelas que fossem ideias contrárias ou questionamentos sociais eram transformados em sinônimos de subversão, associando sempre com o comunismo que além de ser mal analisado, era confundido com a barbárie, a bagunça e a ausência de democracia.

Escrever sobre a ditadura civil militar brasileira na atualidade consiste em remexer nos aspectos criminosos de um período onde a luta de classes se acirrou de tal maneira, que não se pôde conter o conflito armado. Muitas foram as pessoas que pegaram em armas para lutar por aquilo que acreditavam e resistir contra uma ditadura de classe, que não poupou esforços, nem crimes para atingir seus objetivos, que era superar a crise da hegemonia burguesa. Milhares de páginas já foram escritas sobre os mais variados aspectos da ditadura brasileira como a luta armada, as memórias e a violência de Estado, sendo que a história vai sendo construída e reconstruída de acordo com os interesses de certos grupos. No entanto, nesse início do século XXI, com um certo distanciamento do período e a evolução da própria historiografia, é que muitas questões da época vem sendo respondidas.

Um dos grandes mitos sobre a ditadura brasileira era que ela atingiu mais os grandes centros urbanos, principalmente o eixo Rio/São Paulo, no entanto, esta pesquisa acaba desfazendo este mito, já que se debruça sobre a atuação da VAR-Palmares no Oeste Paranaense, no município de Nova Aurora. Elencando os movimentos de resistência que estavam ocorrendo na região Oeste do Paraná entre os anos de 1969 e 1970, se utilizando das fontes midiáticas como os jornais da época, podemos perceber que nesta região paranaense estavam presentes grupos de organizações da Esquerda armada como a Var - Palmares e o MR-8.

É impressionante como as ações da ditadura chegaram aos mais longínquos interiores e é nesse aspecto que este estudo se direciona, ou seja, a presença da ditadura e a resistência

---

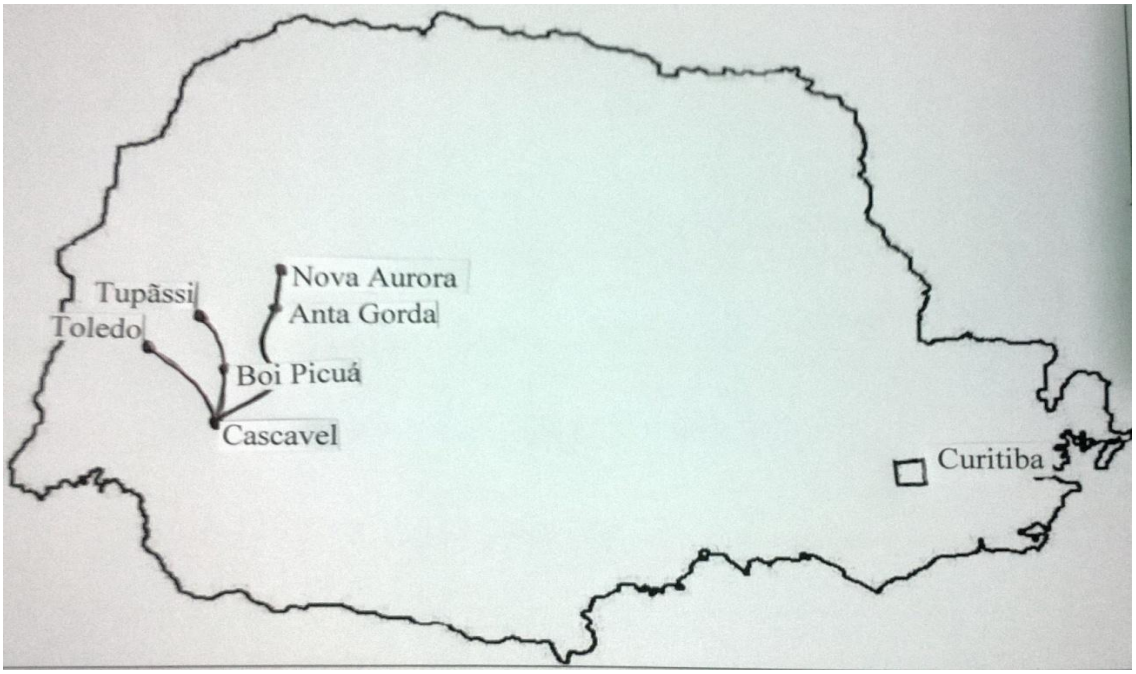
[32] GORENDER, Op. cit. p. 89.

mais especificamente no Oeste do Paraná, no município de Nova Aurora onde se constituiu em 1970 um comando territorial da VAR-Palmares. O grupo do MR-8, havia comprado um sítio na região próximo à Cascavel denominada "Boipicuá", que fica aproximadamente uns 45 quilômetros da cidade de Nova Aurora, conforme os mapas abaixo:

Mapa 1 - Localização de Nova Aurora:

Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=localiza%C3%AA3o+de+nova+aurora

Mapa 2 - Localização da VAR-Palmares e MR-8 no Oeste do Paraná



Legenda: Nova Aurora: VAR-Palmares.
- Boi Picuá: MR-8.

O jornal "O Estado do Paraná de 27 de maio de 1970, traz na capa em letras garrafais os dizeres: "Subversivos agiam no Oeste do Paraná ", alertando para a preocupação no Estado com os grupos guerrilheiros, com a foto de um grupo de nove pessoas presas no município de Nova Aurora, pertencentes à Var-Palmares em 5 de maio de 1970, os quais nominados: Izabel Favero, Luiz Andreaa Favero, Alberto João Favero, Gilberto Hélio da Silveira, José Deodato Motta, Adão Pereira Rosa, José Aparecido Germano, Benedito Osório Bueno e Moacir Benedito Correia. Abaixo da foto segue os dizeres: "Preparando a guerra revolucionária no Oeste do Estado ...", pois os mesmos preparavam um campo de treinamento de guerrilhas.

Este mesmo jornal chama atenção para uma prisão realizada no ano anterior, em 1969, na cidade de Cascavel - PR, ocasião em que foram presos Aluízio Ferreira Palmar e Mauro Fernando de Souza, quando "*o jipe conduzido pelo Mauro bateu em outro carro nas proximidades da rodoviária.*[33]" O enunciado da reportagem diz: *"MR-8, a lição foi esquecida"*, dando a entender que mesmo com a prisão de pessoas do grupo de Aluízio Palmar, ainda havia brechas para a formação de novos grupos guerrilheiros como o de Nova Aurora. Tanto o senhor Aluizio Palmar, quanto Luiz Andrea Favero, só vieram saber da proximidade dos grupos no exílio, quando se encontraram no Chile em 1972, mesmo que os agentes repressores comentassem tais episódios durante o período turvo das torturas, um grupo não tinha conhecimento do outro. Algo que quase passa despercebido, são as inscrições a caneta no topo onde diz, *"Arquivar na pasta"* e ao lado, *"Nota, arquivar na pasta da Prof. Clari Izabel Favero"*.

A fonte jornalística ainda se encontra na pasta da professora Izabel no Colégio Estadual Jorge Nacli no município de Nova Aurora. Esta fonte foi descoberta através da secretária do Colégio, Elisangela Furlan, que também estuda a repressão contra o casal de professores, com a pesquisa, "Vozes silenciadas: memórias da atuação política docente em Nova Aurora[34]", no Programa de Mestrado em Educação da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), campus de Cascavel. A representação do terrorismo de Estado ocorre de maneira extremada, que se perpetua como verdade intocável, já que a referida pasta da professora, permanecera na Escola com toda a sua documentação, enquanto tentativa de fazer prevalecer a memória oficial.

---

[33] PALMAR, Aluizio. Onde foi que vocês enterraram nossos mortos? Curitiba: Travessa dos editores, 2006. p. 281.

[34] FURLAN, Elisangela. FIUZA, Alexandre. Vozes silenciadas: memórias da atuação política docente em Nova Aurora. In: Simpósio de Pesquisa Estado e Poder (4. : 2013 : Marechal Cândido Rondon) S612d Ditaduras e democracias : anais do simpósio / Organização de Alana Milcheski, Alexandre Blankl Batista, Edina Rautenberg e Marcos Vinicus Ribeiro. -- Marechal Cândido Rondon, 2014.

edição estadual

O ESTADO DO PARANÁ

O apêlo do Camboja

★ ANO XIX CURITIBA, 4.a FEIRA, 27 DE MAIO DE 1970 N. 5.683 ★

Subversivos agiam no Oeste do Paraná

Uma coroa para a bela Rose

Cotada

Os subversivos

Querem guerra

Curitiba é a rota da cocaína

Rússia já ameaça Romenia

Sem a fleuma

Atlético tem um problema

Maior e melhor

Centro de TV está em sua fase final

Flagelados invadem a capital paulista

Médici quer maior contato com Igreja

Figura 2 - Jornal "O Estado do Paraná de 27 de maio de 1970. Fonte encontrada na pasta da professora Izabel Favero, no Colégio Estadual Jorge Nacli onde lecionou em 1970.

Para a historiografia tradicional, o Estado do Paraná, quase não teve participação na questão da resistência armada à ditadura, como no livro intitulado: *Resistência democrática: a*

repressão no Paraná, de Milton Ivan Heller de 1988, o qual traz alguns números da repressão no Paraná onde, segundo o Comitê Brasileiro de Anistia de março de 1979, foram feitas 2726 prisões políticas no Estado, insistindo que *"sem dúvida, um número exagerado de prisões em um Estado periférico, que não teve ações armadas...*[35]"

No entanto, tivemos aqui no Paraná, grupos armados, inclusive uma base territorial da VAR-Palmares em Nova Aurora, que estava realizando treinamentos de guerrilhas, para o apoio a guerrilhas rurais que poderiam vir a acontecer. O livro citado, no contexto em que foi escrito, não pode trazer informações precisas pelo fato dos arquivos da repressão em 1988, não terem sidos incluídos na pesquisa por motivos óbvios, ou seja, pelos resquícios ditatoriais e a preservação do esquecimento ou processo do Estado brasileiro que visava apagar certos fatos, fazendo valer a lei da anistia de 1979, a qual dava o assunto por encerrado, dando um caráter de impunidade ao Estado, prevalecendo o ocultamento dos fatos.

Durante algum tempo se convencionou rotular a maioria das pessoas que partiram para a clandestinidade e para a luta armada contra a ditadura, de ingênuos e "*uns porra louca*", tomando uma última alternativa desesperada, ou como disse Daniel Aarão Reis, *"alguns grupos de esquerda, desesperançados, se lançaram à luta armada"*[36]. No entanto, no decorrer do processo de pesquisa sobre a presença e ação principalmente da VAR-Palmares no Oeste do Paraná, nota-se uma preparação guerrilheira racional digna de roteiro cinematográfico.

A base da VAR-Palmares organizada em Nova Aurora, era uma Área Tática de Treinamento, que visava apoiar os focos de guerrilha rural, iniciando as atividades em julho de 1969 até o momento da prisão em maio de 1970. O tempo em que atuaram no Oeste Paranaense, mais precisamente os nove meses, se comprovam por via de fontes distintas, como a análise do depoimento de Luiz Favero, presente no documento intitulado, "Delegacia de polícia civil de Nova Aurora"[37], produzido pela repressão, onde Luiz expressa que,

> "Antônio Luiz Carvalho, o 'Marcos', por volta de fevereiro ou março de 1969, em Caxias do sul - RS, convidou-o a entrar para o movimento conhecido por 'COMANDO DA LIBERTAÇÃO NACIONAL' (COLINA) ou 'FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.' Nesta época o indiciado nada resolveu e a pedido de seu genitor, foi auxilia-lo no sítio de Nova Aurora - PR. O indiciado voltou a Caxias do Sul - RS, aproximadamente um

---

[35] HELLER, Milton Ivan. **Resistência democrática: a repressão no Paraná.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. Curitiba, Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988. p. 549.
[36] REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 8.
[37] Documento intitulado "Delegacia de polícia civil de Nova Aurora", nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 88.

> mês após, onde novamente foi procurado por 'ANTÔNIO LUIZ CARVALHO' o 'MARCOS', por quem ficou sabendo da fusão da 'FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL - FLN, VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA' e outras, dando origem a 'VANGUARDA ARMADA REVOLUCIONÁRIA PALMARES - VAR - PALMARES' e o indiciado achando válida esta fusão, resolveu no mês de maio de 1969, entrar para o movimento.[38]"

Cabe mencionar desde já que não foi encontrado nada ao longo da pesquisa a respeito de "Antônio Luiz Carvalho, o 'Marcos'. Tendo aderido ao movimento no mês de maio de 1969 é que o casal Favero fixa residência no município de Nova Aurora, dando início ao trabalho pedagógico de conscientização social e político naquele local, bem como a resistência armada contra a ditadura, militando na VAR-Palmares. Outra fonte relacionada ao tempo de atuação do grupo naquele município, se trata de um email com esta questão destinada a Izabel no pós depoimento da Comissão Nacional da Verdade, em Foz do Iguaçu, em junho de 2013, onde ela confirma que, *"ficamos em Nova Aurora de julho de 1969 até maio de 1970, quando fomos presos[39]"*.

O trabalho no magistério se consolidou como atividade de suma importância fora da clandestinidade, por causa das atividades desenvolvidas pelo casal Favero, enquanto professores, como a reforma de uma escola rural, através de um mutirão com pais e alunos, e também aulas para jovens e adultos, utilizando o método Paulo Freire de alfabetização, apresentando mudanças sociais e se constituindo também como outra forma de luta. Já os treinamentos de guerrilha eram realizados nas matas e cada integrante tinha um nome de guerra.

Naquele momento em que se deflagram os fatos estudados aqui, já haviam ocorrido movimentos importantes no processo da luta armada, como a morte de Carlos Marighella em 1969 entre outros aspectos que ainda viriam acontecer como a guerrilha do Araguaia em 1974. Um outro ponto importante daquele ano foi a chamada Guerrilha do Vale da Ribeira, comanda pelo Capitão Carlos Lamarca, que era um dos melhores atiradores do Exército brasileiro, mas indignado com a situação político-social do país, entrou para a luta armada contra a ditadura, desertando em 1969, indo fazer parte da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). A repressão ao foco guerrilheiro do Vale da Ribeira, interior do estado de São Paulo, antecede em pouco tempo à repressão do grupo de Nova Aurora, no Paraná, tendo

---

[38] Idem documento intitulado "Delegacia de polícia civil de Nova Aurora", nº 004966, p. 88.
[39] Email enviado a Izabel Favero, expondo a questão em novembro de 2014.

inclusive surgido segundo Alberto Favero[40], durante às torturas o questionamento de uma possível ligação entre o grupo de São Paulo e Paraná.

O jornal "Diário do Paraná" de 12 de maio de 1970, traz informações sobre o fechamento da Br-116 que liga Curitiba e São Paulo, na tentativa de prender integrantes do foco guerrilheiro do Vale que se deslocavam para o Paraná. José Campos de Aragão, que era General comandante da 5ª Região militar, destaca que a operação servia apenas para impedir a entrada de pessoas que fugiram do Vale da Ribeira e que a rodovia seria liberada o mais rápido possível. Ressaltou também naquele momento que o território paranaense se encontrava tranquilo e apenas tocou no assunto da "Operação Iguaçu[41]", que havia sido realizada alguns dias antes e prendido nove pessoas em Nova Aurora, mas que seria divulgado em breve.

A questão da luta armada contra a ditadura brasileira não pode ser encarada em nenhum aspecto, como tentativa desesperada feita por pessoas inexperientes e que não sabiam o que estavam fazendo. Os dois últimos exemplos citados constituem claramente um processo de estudo, planejamento e organização. Às vezes pode parecer que a luta armada se resumia a expropriações bancárias, treinamentos para guerrilhas que não aconteceram ou ainda isolamentos de pessoas em lugares longínquos, que fazendo levantamento de grandes áreas, sonhavam com a democracia, revolução e melhores condições de vida para o povo. No entanto, aquelas pessoas que decidiram resistir por aquilo que acreditavam, acabavam por doar suas vidas para tal, porque não importa o que ocorresse, a história de suas vidas seria de luta por uma sociedade melhor.

A luta armada, era resultante da indignação de um povo explorado, com arrocho salarial, censurado em todos os aspectos pelo poder ditatorial. Os grupos revolucionários de esquerda resistiram, mesmo em condições desiguais, por aquilo que seria um país mais justo, digno e humano. A repressão política do regime civil-militar brasileiro contra a esquerda e a "lavagem cerebral" da sociedade, operada por meio da propaganda ideológica e da censura à imprensa, se inseriu, se produziu e se instalou de maneira assustadora. Para exemplificar podemos citar a revista Veja enquanto veículo disseminador das propagandas do regime ditatorial, já que foi criada no ano de 1968 com esse intuito. Edina Rautenberg no artigo *"A revista Veja e os grupos guerrilheiros no Brasil (1968/1972),"* caracterizou a revista,

---

[40] Alberto Favero foi integrante do grupo preso em Nova Aurora, sendo que sua apresentação será feita no segundo capítulo.
[41] Jornal "Diário do Paraná" de 12 de maio de 1970.

> como um *Aparelho Privado de Hegemonia*[42]. Sendo assim, entendemos que ela atuou – e atua – de modo a formular, organizar e agir em torno de seus interesses político-ideológico-empresariais, pregando-os como os mais adequados para o desenvolvimento nacional como um todo. Segundo Gramsci, o capitalismo mantém o controle não apenas pela repressão, mas também através da coerção ideológica, por meio de uma cultura hegemônica na qual os valores da burguesia tentam se tornar "senso comum". Assim, os Aparelhos Privados de Hegemonia são instrumentos organizativos, construídos no âmbito da Sociedade Civil, pelas diversas classes e frações de classes, com objetivo de disputa de hegemonia[43].

As ações históricas e políticas que envolveram as pessoas relacionadas ao processo da luta armada e da repressão neste recorte espacial e temporal específico, nos ajudarão a propor novas conexões de análises a debates importantes sobre a ditadura civil-militar no Brasil, como as questões sobre a resistência, revolução, reformas, democracia, temas esses que na atualidade parecem estar mais abertos à discussão devido ao aumento significativo das pesquisas sobre a ditadura nos últimos dez anos, o distanciamento histórico e o testemunho daqueles que participaram do processo.

1.4 - A VAR-Palmares

Difícil situação é a tentativa de escrever um pouco da história da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, que mesmo com uma duração muito curta enquanto organização armada contra a ditadura, se tornou conhecida, pela expropriação do cofre do Adhemar de Barros e também pelo fato de uma ex-militante da VAR, se tornar presidenta da República em 2010. No entanto, o que representou esta organização na luta contra o regime repressivo**,** de onde surgiu e onde esteve no contexto ditatorial, ainda está espalhado por aí nas memórias, nos relatos e documentos produzidos pela repressão, sendo que há muito a ser investigado.

No livro clássico sobre a luta armada no Brasil, Jacob Gorender, traz o capítulo 19, intitulado "*Da POLOP à VPR - Purificação química do militarismo revolucionário*", que trata um pouco das decisões dessas organizações, quando ao ponto de fusão que originou a VAR, encontra-se que se formou no ano de 1969 da união da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e o COLINA (Comando de libertação nacional). Segundo o autor, a direção

---

[42] GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. Volume 2. Caderno 24. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

[43] RAUTENBERG, Edina. **A revista Veja e os grupos guerrilheiros no Brasil (1968/1972).** Revista História e luta de classes. **Ano 6 - Edição Nº 10, Novembro 2010.** p. 44.

eleita da VAR naquele 1º de julho em Mongaguá, era formada por, "*Espinosa, Lamarca, Claudio Ribeiro, Juarez Guimarães de Brito, Franklin de Araújo e Carlos Alberto de Freitas.*[44]" Naquele mesmo ano de 1969, em setembro, é realizado um congresso em Teresópolis e ao final deste, descobre-se o que Gorender chama de "*dissensões latentes"*, onde *"durante quase um mês, representando cerca de trezentos militantes, os 27 delegados e os dez encarregados dos serviços de logística se isolaram numa casa fechada e dela saíram divididos.*[45]" Com esse racha, há a volta da VPR, mas parte do grupo segue suas atividades com o programa aprovado em Teresópolis.

O programa da VAR- Palmares traz toda a problemática sobre o sistema capitalista e suas falhas desde o surgimento, ou seja, a transição do sistema feudal para o sistema em vigência, passando pelo contexto brasileiro, lembrando o processo histórico de dominação de classe ao longo da história. Considera o país como sendo capitalista atrasado e dependente do imperialismo, tendo surgido em finais do século XIX, devido à cafeicultura, uma "*burguesia mercantil*"[46], que se voltava para uma economia agrário-exportadora. Diante da situação nacional, o programa da Var propõe a estratégia de analisar as contradições capitalistas no Brasil e elencar objetivos para estabelecer como seria feita a revolução. O problema dos países capitalistas dependentes é que diante da névoa do desenvolvimento tecnológico mundial, desenlaça-se um pseudoencanto o qual promove através de uma ilusão, acordos entre a classe trabalhadora e a burguesia, acordos que afetam o avanço da revolução proletária.

O grande discurso utilizado pelos militares e a burguesia que apoiou e financiou o golpe de 31 de março de 1964 e derrubou a presidência de João Goulart, eleito democraticamente, é que o Brasil necessariamente teria que passar por uma ditadura do proletariado aos moldes soviéticos em uma outra ditadura tão sanguinária quanto a própria ditadura brasileira, sendo esta portanto necessária para salvar o povo brasileiro dos "comunistas comedores de criancinhas". As forças da direita conservadora, apoiadas no capital estrangeiro, principalmente estadunidense, executaram o processo ditatorial a partir de 1964, visando apenas a concretização dos seus interesses, não para salvar o país do Comunismo Soviético.

---

[44] GORENDER, Op. cit. p. 147.
[45] Idem, p. 148.
[46] Programa da Var - Palmares, página 10. Disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/categoria/imprensa-clandestina/var-palmares/. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

O documento produzido pela repressão de número 2352.259, intitulado "Var-Palmares Azul[47]", descreve as ações das primeiras pessoas ligadas ao grupo na cidade de São Paulo, sendo este inquérito de 29 de setembro de 1969. Entre elas estão: Darcy Gil de Oliveira, Oscar Akihico Terada, João Mauro Boschero, Zilda Almeida Junqueira, Neide Regina Cousin, Sirlene Bendazzoli, Luiz Carlos Cintra, Issami Nakamura Okano, Vilma Aparecida Barban, Arlete Bendazzoli e Ana Quarezemim. Segundo a repressão a coordenação do grupo era realizada por Darcy Gil de Oliveira. Esta organização revolucionária, de acordo com o documento produzido pela repressão, estava organizada nacionalmente da seguinte maneira:

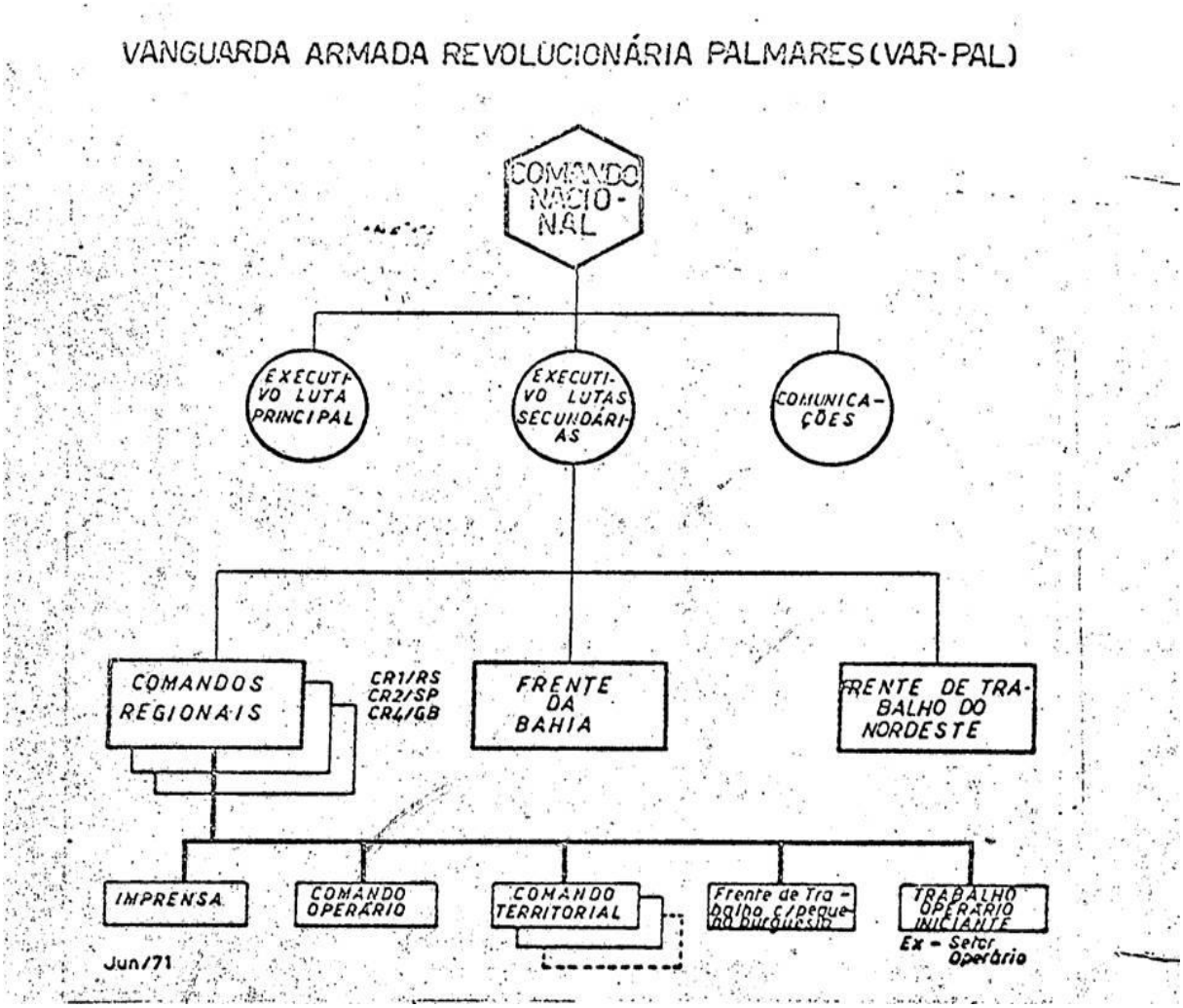


Figura 3 - Organograma da Organização disponível no Arquivo Público do Paraná. In: Documento produzido pela repressão, intitulado VAR-Palmares, nº 004659.

O Comando territorial da VAR-Palmares, localizado em Nova Aurora Paraná, provinha do comando regional do Rio Grande do Sul, de onde vinham os recursos financeiros

[47] Documento produzido pela repressão de número 2352.259, intitulado "Var-Palmares Azul, disponível no Arquivo Público do Paraná.

e ideológicos para a manutenção da base paranaense. Um outro ponto que quase passa desapercebido, mas que aparecerá frequentemente nesta pesquisa, é a diferença entre as ações da VAR no que diz respeito à relação da organização com a sociedade, que Gorender cita timidamente, ou talvez porque apareça de forma tímida no Programa da organização, de maneira que este, "*manifestou a percepção do isolamento político em que se encontravam as organizações da esquerda militarista e tentou desfazer este isolamento mediante a combinação entre guerrilha rural e partido político.*[48]" Em relação a isso, cabe o processo de conscientização política desenvolvida pelo núcleo da VAR-Palmares de Nova Aurora, em que havia uma relação social de integrantes do grupo com setores da sociedade à qual se encontravam.

1.5 - VAR-Palmares no Rio Grande do Sul e o Movimento Estudantil

Anterior à vinda de Luiz Andrea e sua esposa para o Paraná, os mesmos desenvolveram intensamente os papéis de militantes, primeiramente no movimento estudantil, depois no chamado "Exército Brancaleone" e por último já em terras paranaenses, na VAR-Palmares. Cláudio Antônio Weyne Gutiérrez no livro intitulado *"A guerrilha Brancaleone,*[49]" relata um pouco da história vivida por seus militantes, sendo que o nome do grupo faz referência a um filme do diretor Mário Monicelli[50], de 1965. Segundo o autor que era militante de esquerda no Rio Grande do Sul, seu contato com a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) em 1968, propiciou uma possível organização do movimento de guerrilhas, com *cursos em técnicas de guerrilha e sabotagem*[51]. Naquele momento, a União Gaúcha de Estudantes Secundaristas (UGES), tinha como presidente, Luiz Andrea Favero, com o qual passaram a manter contato, pois a União oferecia uma certa infraestrutura e "*Favero e seus companheiros pareciam pessoas sinceras e confiáveis[...]Assim se formou o núcleo central do Exército Brancaleone, os remanescentes das bases secundaristas, o Felix, a Dedé e a turma*

---

[48] Programa da Var - Palmares. Op. cit.
[49] GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. **A guerrilha Brancaleone.** Porto Alegre; editora Proletra, 1999.
[50] RUSCHEL, Davi Arenhart. **Entre risos e prantos: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul.** Dissertação de mestrado, UFRG, 2011. *"O incrível exército Brancaleone.Sátira ambientada no período medieval."* p. 39.
[51] Idem, p. 63.

da UGES."[52] Assim, "*em fevereiro de 1968, juntaram-se à direção da UGES, visando conseguir contato com um número maior de militantes"*[53].

Antes de ser presidente, Luiz Andre Favero era tido como membro da direita e talvez até por isso tenha sido eleito, já que o movimento estudantil era controlado pela repressão. Calino Pacheco Filho, ex - integrante da VAR, que ainda reside em Porto Alegre, relata que conheceu Luiz no Congresso em Uruguaiana, onde ele foi eleito no ano de 1967, dizendo que ninguém tinha conhecimento pois, *"a característica interessante é que ele foi eleito pela chapa da direita e era uma direita muito organizada, com toda uma ligação com a ditadura civil militar e ele conseguiu se infiltrar, ele era muito bom orador e foi uma infiltração clássica*[54]*"*. Mesmo depois quando Luiz estava reunindo o pessoal da esquerda dentro do movimento estudantil, já como presidente, desconfiava-se dele, pensando que fosse um esquema da repressão. Foi feito segundo Calino, uma investigação com o pessoal do Partido Comunista de Caxias do Sul e, "*confirmaram que realmente ele era ligado a nós, mas está com umas ideias loucas e tal, guerrilhas e esse negócio de luta armada e esse troço todo"*[55].

Parece o início de um filme de aventura, ou seja, algumas pessoas, inconformadas com as condições em que se encontrava o país, se reúnem e planejam guerrilhas para derrubar o governo ditatorial e mudarem o sistema. Gutiérrez faz autocríticas dizendo que as ações do grupo se constituíram numa *sequência de trapalhadas*[56], no entanto, por se tratar de jovens secundaristas e universitários em sua grande maioria, pode-se dizer que naquele período, suas atitudes foram louváveis e ousadas. Como na ocasião do encontro de estudantes da UGES em Santana do Livramento em 1968, onde Luiz Favero *garantiu que faria um discurso de encerramento do encontro homenageando o Che Guevara*[57].

Gutiérrez explica que com o golpe de 1964, a União Gaúcha dos Estudantes era controlada e os seus dirigentes tinham o consentimento do regime. No Rio Grande do Sul mantiveram-se as entidades de estudantes e estas eram controlados pelos militares, pelo menos até aquele momento, sendo que vários dos encontros eram realizados em dependências do Exército. A narração do episódio é hilária e irônica, estando reunidos no salão mais importante da cidade, com a presença das mais variadas "autoridades" locais, inclusive o

---

[52] GUTIÉRREZ, op. cit. p. 63.
[53] RUSCHEL, op. cit. p. 39.
[54] Entrevista com Calino Pacheco Filho, cedida à Carla Luciana Silva, em 02 de dezembro de 2013, na biblioteca de economia da UFRGS.
[55] Idem.
[56] GUTIÉRREZ, op. cit, p. 80.
[57] GUTIÉRREZ, op. cit, p. 64.

Comandante Militar da Região, Luiz Favero discursa sobre os problemas da educação brasileira e os acordos educacionais com os Estados Unidos. No final do discurso,

> pediu que se homenageassem todos aqueles que tinham sido assassinados por lutarem por seus ideais. Citou Tiradentes, Ghandi, Kennedy e Ernesto Che Guevara, pedindo a todos, de pé, ficassem um minuto em silêncio. Espantados, assistíamos ao coronel e a outros representantes do autoritarismo e do conservadorismo local prestando homenagem ao Che guerrilheiro[58].

São fatos importantes que marcaram os anos explosivos de 1967 e 1968, onde jovens estudantes queriam mudar o mundo, em meio à repressão que assaltava o povo, numa esperança e sobretudo força de vontade daqueles que decidiram lutar por um mundo melhor. Dessa liderança da UGES associada aos movimentos de guerrilha da VPR, é que Luiz Favero vai se engajando no processo da luta armada. Este período da militância no movimento estudantil se constitui de suma importância na luta contra a ditadura e também na vida pessoal de Luiz que conhece e se casa com Izabel Favero em meio a todas as turbulências, incertezas e viradas que iram passar juntos.

Em entrevista, realizada também em Porto Alegre, Suzana Lisboa, que foi militante da ALN e que conviveu com Luiz e Izabel nos anos de 1967 e 68, faz um relato bem íntimo e emocionante sobre suas vidas naqueles anos de rebeldia em que estavam vivendo intensamente. Suzana e Izabel tinham 16 anos e estudavam no secundário e tinham segundo ela uma certa *"cumplicidade" sem igual, já que "compartilhávamos nossas duvidas e nossos sentimentos. Juntas, deixamos a adolescência, mas não pudemos viver juntos nossas conquistas adultas.*[59]*"*. Entre meio esse amor, a agitação da militância com a panfletagem, manifestações, tudo era muito intenso como relata Calino,

> fizemos um trabalho intenso nesse período, então volta e meia prendiam o Favero, prendiam o Luiz Eurico, o pessoal da direção e aí é claro, ficamos marcadíssimos pela repressão e pela direita do movimento estudantil. Fizemos um trabalho grande e tínhamos condições de ganhar as eleições, reeleger o Favero, só que a gente subestimou a repressão, eles montaram uma chapa de direita, compraram gente nossa inclusive na cidade onde foi feito o Congresso que era Santa Rosa, o presidente da União Municipal dos Estudantes eles compraram e montaram toda uma estrutura, muito dinheiro, botaram trem e até avião pra ganhar a eleição e a gente acabou perdendo por uma margem pequena de vinte e poucos votos[60].

---

[58] GUTIÉRREZ, op. cit, p. 65.
[59] Entrevista com Suzana Lisboa, cedida à Carla Luciana Silva, em 02 de dezembro de 2013, na biblioteca de economia da UFRGS, Porto Alegre.
[60] Idem.

Luiz Andrea não se reelege em junho de 1968, no congresso em Santa Rosa, mas um intenso trabalho havia sido feito, vários contatos e tinha conhecido Izabel com quem iria passar uma vida toda, construindo uma história de coragem, luta e sobretudo determinação para viverem por aquilo que acreditavam. Em maio de 1969, passam a militar na VAR-Palmares, organização pela qual foram encaminhados para o Oeste Paranaense com o objetivo de organizar uma base, um comando territorial na cidade de Nova Aurora, segundo Izabel, "*a escolha da região foi uma decisão da VAR de Porto Alegre*[61]", ou seja, o comando regional decidiu que pela situação, não poderiam mais estar a mercê da repressão. Em julho daquele ano, chegam ao município muito pequeno, que seria o cenário da luta que iria mudar suas vidas para sempre.

No início do seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade no dia 27 de junho de 2013 na cidade de Foz do Iguaçu, Izabel Favero desperta emoção ao salão lotado de pesquisadores, pessoas que viveram durante àquele período e também pessoas jovens que de alguma maneira tentavam entender como foram os fatos que compuseram a ditadura violenta. Deixou impresso na história a sua luta e o amor que ajudou os jovens revolucionários a sonharem com uma sociedade mais justa em todos os sentidos. Segundo reportagem de setembro de 2013, sobre um depoimento dado por Izabel ao Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, quando ela esteve em Caxias do Sul, foi o movimento estudantil que lhe despertara motivação para a luta contra a ditadura brasileira. Foi também no Movimento que conheceu Luiz Andrea Favero, com quem dividiria uma vida intensa de resistência à exploração e às desigualdades sociais. Naquele contexto dos finais dos anos 60, "*a luta inicial era por melhores condições de ensino gratuito. Foram poucos meses de política estudantil, já que a situação ficava cada vez mais violenta. 'Foi a ditadura que criou a nossa resistência, na medida que ela acirrou a repressão contra a nossa liberdade*.[62]"

Esta questão já foi muito discutida, se a ditadura criou a luta armada, ou a luta armada endureceu a ditadura, mas já parece claro que a luta armada se fez principalmente contra o regime e recrudesceu no pós 1968 (AI - 5), já que todas as outras formas de movimentação contra a brutalidade do sistema e a falta de democracia ficaram esgotadas. Naquele momento as principais lideranças do Movimento Estudantil, que ainda tinha poder de atuação até 68,

---

[61] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade, em 27 de junho de 2013, em Foz do Iguaçu.
[62] Depoimento de Izabel ao Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami em 26 e 27 de setembro de 2013. Disponível em: http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/03/caxiense-gravida-presa-pelo-regime-militar-foi-torturada-e-perdeu-o-bebe-4459345.html. Acesso em 27 de março de 2014.

resistiram, muitos partindo para a luta armada, que já vinha sendo pensada desde antes do golpe de 1964.

Airton Joel Frigeri, hoje ainda morador da cidade de Caxias do Sul e também era integrante da VAR-Palmares, relata em entrevista cedida ao Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Caxias de Sul e Região[63], que a cidade era a polo de conscientização, já que o Movimento Estudantil era muito forte. De acordo com o ex militante da VAR, "*a classe estudantil estava um pouco mais conscientizada em números pequenos, mas mais conscientizada, a classe operária precisava muito disso e nós conseguíamos fazer isso e Caxias*[64]*."* Airton entra para o Movimento Estudantil aos 15 anos, sendo preso em abril de 1970 com 16 anos. Devido ao seu engajamento na organização VAR-Palmares, manteve contato com Luiz Andrea Favero, vindo a ser a ponte entre a posterior base da Var no Paraná e o Rio Grande do Sul.

O relato de Airton, traz toda a energia do Movimento Estudantil, que promovera no Rio Grande do Sul, uma luta em todas as instâncias contra a ditadura, onde jovens sonhadores decidiram pôr suas vidas em jogo em prol de um bem maior. Quando dos seus 11 anos de idade, em 1964, Airton acompanhava o pai nos movimentos operários e sindicais e daí surge o interesse pela política. Primeiramente entra para o "Grêmio Estudantil" de sua escola e no ano de 1967, então com 15 anos conhece Luiz Favero. Segundo Airton,

> no início de 1967, participei de um seminário estudantil secundarista, em preparação para o Congresso Estadual de Estudantes Secundarista, nessa ocasião conheci o Luiz Andre, que na ocasião era presidente da UCES (União Caxiense de Estudantes Secundários), e a partir daí não parei mais, passei a participar do movimento com muita intensidade, passamos a conquistar as organizações Estudantis, da cidade, logo em seguida o Luiz Andre foi para a Capital, na direção da UGES, eu e alguns companheiro, passamos a assumir a diretoria da UESNE (União do Estudantes Secundaristas do Nordeste do Estado) neste período inicia uma série de passeatas, locais, estaduais, o Luiz Andrea é detido várias vezes pelo DOPS, permanecendo em cada prisão alguns dias, outras vezes apenas horas, são feitas alianças, com os Diretórios Acadêmicos, os Congressos se intensificam, Luiz Andre, passa a ser reconhecido com um Líder Estudantil Estadual, realiza reuniões com políticos, consegue apoio de vários, faz alianças com parte do Clero, consegue o apoio da maioria dos estudantes tanto secundaristas como universitários, e grandes manifestações são realizadas na Capital.[65]

---

[63] Entrevista disponível em: http://www.metalurgicoscaxias.com.br/index.php/noticia/1890. Acesso em 21 de abril de 2014.
[64] Idem.
[65] Entrevista à Airton Joel Frigeri, cedida por e-mail em 05 de junho de 2014 a Marcos Adriani Ferrari de Campos.

Toda essa manifestação de força do Movimento Estudantil em plena ditadura até pode causar estranheza a princípio, mas até junho de 1968, enquanto a UGES era presidida por Luiz, foram feitas muitas manifestações, mas como já dito anteriormente, Luiz não se reelege nas eleições de 1968, o que abre uma margem maior para o engajamento em outras formas de resistência. A partir do recrudescimento da repressão que culminou na derrota de Luiz, na eleição manipulada em 1968, acontece a passagem para a clandestinidade dos principais líderes estudantis daquele contexto, como é o caso de Luiz e sua esposa Izabel.

Em dezembro daquele mesmo ano é instaurado o AI-5 e pessoas como Luiz Favero, Clari Izabel Favero e Airton Frigeri que já se encontravam na clandestinidade e pensando na luta contra a ditadura se encaminhavam para organizações armadas de modo a desenvolver sistematicamente a derrubada da ditadura através da luta. Como os principais líderes do Movimento Estudantil estavam sendo muito visados pela ditadura, Luiz e sua esposa Izabel, bem como Airton Frigeri necessitavam sair do Estado do Rio Grande do Sul. O casal então segue para o Oeste Paranaense em 1969, que aparentemente era um ponto estratégico por causa de sua proximidade com as fronteiras do Paraguai e Argentina, para montarem um "centro de apoio", uma base da VAR no Paraná.

Airton foi enviado primeiramente para o Rio de Janeiro e depois à São Paulo, fazendo esse contato com o grupo paranaense, que ficou sob o "*Comando Regional"* de Porto Alegre. Com dezesseis anos de idade então, Airton passa a fazer a parte da logística, como ele mesmo disse, *"tinha contatos com ambos os comandos e com Oeste do Paraná, e já fazia contato com o pessoal de Curitiba fui designado para a efetuar o apoio logístico para a Região do Oeste do Paraná*[66]". Foi preso no dia 09 de abril de 1970, quase um mês antes da prisão do grupo em Nova Aurora, permanecendo preso até agosto daquele ano, sofrendo as penúrias das torturas nos porões da ditadura.

Alberto Favero ainda reside no município de Nova Aurora, também pertencendo à VAR-Palmares e contribuiu atenciosamente para esta pesquisa, sendo entrevistado no dia 17 de julho de 2013, onde faz um relato desde sua vinda do Rio Grande do Sul para o Oeste Paranaense até sua saída da cadeia e a partida do seu irmão Luiz e sua cunhada Izabel para o exílio. Veio para o município paranaense em 19 de janeiro de 1961, para trabalhar na propriedade de seu pai, uma pequena fazenda localizada nos arredores de Nova Aurora. Fazia viagens a passeio para o Sul visitando seus familiares. Após o golpe de 1964, seus pais vieram também morar em Nova Aurora. Numa dessas viagens, provavelmente no ano de 1968,

[66] Op. Cit., entrevista Airton Frigeri.

Alberto conta que ao conversar com seu irmão, Luiz Andrea, ficou sabendo das ideias de montar uma base de resistência no Oeste do Paraná, mais especificamente no município de Nova Aurora.

Nas palavras de Alberto Favero, houve duas visitas de pessoas com codinomes "Marcos" e "Pedro", Luiz Antônio de Carvalho e Joel Frigeri respectivamente, o que representava uma aventura extraordinária, já que Airton tinha apenas 16 anos e se mostrava a favor de mudanças, estas que diante de uma ditadura violenta em todos os sentidos, se daria por meio de uma luta armada. Alberto diz que, "*o Pedro e o Marcos subiram do Rio Grande com um fusca, trazendo dinheiro e algumas armas, um revolver e duas espingardas, facão, munição, mochilas, livros e um mimeógrafo.*[67]" Desta forma o grupo ia sendo assistido pelo comando da VAR de Porto Alegre e Caxias do Sul.

Quanto à segunda viagem do pessoal do Sul, "*o Pedro e o Marcos vieram com um fusquinha, pela segunda vez, eu não vi eles, mas vieram, trazendo dinheiro e mais algumas coisas, ai nós conseguimos comprar um jipe pra nós, com uma carretinha*[68]*"*. Alberto Favero parece muito consciente e otimista em relação às ações do grupo. Certa vez em depoimento a um seminário, quando do término de seu relato, disse a frase, "*foi a guerrilha que não aconteceu"*, que deu origem ao título do próximo capítulo dessa dissertação. Quando questionado sobre o que aconteceria se o grupo tivesse tido mais tempo de preparação, se haveria o combate? Ele respondeu sorrindo: "*é, a gente ia dar uns tirinhos.*[69]" O grupo se preparava há nove meses, quando foram presos.

Enquanto esperavam o contato da organização, optaram também a partir do início de 1970, em exercer o magistério, o que permitiria um maior contato político com a população local, bem como um trabalho de militância com os alunos e pais. Talvez pelo fato de acreditarem estar longe da repressão, e também porque a região Oeste do Paraná em 1970 era cercada de vastos matagais, começaram a agir fora da clandestinidade, inclusive providenciando toda a documentação pessoal para o trabalho no magistério local. Paralelo a isso desenvolviam a organização de uma base de treinamento, um Comando Territorial da VAR-Palmares, que serviria de apoio à guerrilha rural, se esta viesse a ocorrer. Suas lutas por melhorias na Educação Pública e outras reformas, continuariam no então longínquo Oeste Paranaense, associada à luta revolucionária.

---

[67] Entrevista à Alberto Favero realizada por Marcos Adriani Ferrari de Campos em julho de 2013.
[68] Idem.
[69] Simpósio da linha de pesquisa Estado e Poder, Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon, 21 de agosto de 2013.

A pacata cidade de aproximadamente 6 mil habitantes em 1970, se tornaria palco de um "ensaio" de guerrilhas, num modo aparentemente diferenciado do foquismo que se apresentava como norte para a maioria das organizações armadas de esquerda. O grupo que se organizou em Nova Aurora, buscava simpatizantes da causa, ou seja, àqueles que se mostravam contrários ao regime ditatorial, para treinamentos teóricos e práticos (que envolviam desde a sobrevivência nas matas locais, até a confecção de bombas caseiras). Mas também realizaram um trabalho de conscientização de pais, alunos e sociedade em geral, através do magistério, dos problemas sociais que atingiam a população pobre principalmente de camponeses e posseiros locais. Foram presos no mês de maio de 1970, numa mega operação que representou toda a racionalidade da repressão, o terrorismo de Estado e os objetivos da ditadura em questão, o que veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 - A GUERRILHA QUE NÃO COMEÇOU

Aqui partimos para o estudo do treinamento de guerrilhas no Estado do Paraná, investigando os acontecimentos no município de Nova Aurora, explorando os aspectos da "*Guerrilha que não aconteceu",* mas que encontrou pessoas dispostas a pegar em armas para resistirem à ditadura. Percebe-se a influência gaúcha no treinamento, sem no entanto perder o foco dos acontecimentos na região, já que constituíram importante movimento de resistência ao regime. Também faz uma apresentação de documentos do arquivo público do Paraná sobre o grupo que foi preso no município em 1970, bem como, a análise das repercussões na mídia da época sobre aqueles fatos ocorridos no Oeste Paranaense.

2.1 - A Var - Palmares no Oeste Paranaense

No contexto Paranaense, podemos citar entre os movimentos de resistência, três experiências importantes que demonstram atos de ousadia e coragem diante do sistema ditatorial de dominação de classe, onde duas delas organizadas pelo MR-8 e VAR-Palmares no Oeste do Estado, realizavam treinamentos de guerrilha, influenciados pela Revolução Cubana, muito embora usassem métodos diferentes de ações. Segundo Thomaz Heller,

> dado à necessidade de implantar um foco guerrilheiro no meio rural e à união estabelecida com a DI-PR, em 1968, o MR-8 enviou alguns de seus quadros para o oeste paranaense, com a finalidade de organizar bases que dessem apoio ao treinamento e às ações paramilitares da organização. Esta região, além de conter uma vasta área verde naquele momento, era palco de vários conflitos de terra entre posseiros e latifundiários. Assim, deslocaram-se para Foz do Iguaçu Aluizio Palmar, Nielse Fernandes, Milton Gaia Leite, Mauro Fernando de Souza, César Cabral, João Manoel Fernandes, Israel Resende e Ricardo Kozievlics[70].

Já a Ação Popular (AP), teve ações na região de Maringá e Curitiba, mais ligadas ao movimento estudantil e operário, buscando articulações de ambos, sendo *"em Maringá que a AP estabeleceu sua intervenção mais incisiva junto ao movimento operário, liderando uma*

[70] HELLER, Thomaz. Formação e trajetória do primeiro MR-8 (1964-1969**).** Projeto de pesquisa, mestrado, UNIOESTE, Campus de Marechal C. Rondon. Linha de Pesquisa: Estado e Poder, 2013, p. 12.

greve de impacto na conjuntura da região e de repercussão estadual"[71]. A Ação Popular era uma organização de esquerda montada antes mesmo do golpe de 1964. No Paraná "*os relatórios do Dops - PR, assinalam que a AP tinha militantes de base no movimento estudantil desde 1963, mas reconhecem sua organização efetiva somente em 1967.*[72]"

Percebe-se que a Ação Popular desenvolveu importante trabalho de resistência no Paraná, no entanto, este estudo se debruça sobre os movimentos de resistência à ditadura no Oeste, como o já citado MR-8, organizado por Aluizio Palmar na região de Foz do Iguaçu e proximidades de Cascavel, sendo mais aprofundado no que tange à VAR-Palmares e sua organização no município de Nova Aurora, também próximo de Cascavel, liderados por Luiz Andrea Favero e sua esposa Izabel Favero. Cabe ressaltar que nas duas organizações seus líderes vieram do movimento estudantil, do Rio de Janeiro, como é o caso de Aluízio Palmar e do Rio Grande do Sul de onde veio o jovem casal de professores, os Favero. Conforme já dito acima ambos os grupos tinham metodologias diferentes de atuação. No caso do MR-8, o isolamento foi decidido como prática de fomentar focos guerrilheiros, com pequenos grupos de pessoas, sem envolvimento com as massas com o chamado foquismo.

Luiz Andrea Favero ficou encarregado de dirigir a base da VAR-Palmares no Paraná com o intuito de *"arregimentar prováveis futuros militantes*[73]". No ano de 1969, o casal Favero vem para Nova Aurora, por decisão da VAR e ao que tudo indica se baseia no fato dos pais de Luiz morarem em Nova Aurora e também um ponto estratégico, bem como o local naquela época ser formado por vastos matagais. No interior do Paraná, o casal de professores lecionou em uma escola rural numa fazenda chamada São Jorge e na Escola Estadual Jorge Nacli, daquele município.

O grupo de Nova Aurora, formado no ano de 1970, fazia parte de um comando territorial da Var-Palmares, entre eles se encontravam "*Izabel Favero, Luiz Andrea Favero, Alberto João Favero, Gilberto Hélio da Silveira, José Deodato Motta, Adão Pereira Rosa, José Aparecido Germano e Benedito Osório Bueno*[74]". A iniciativa era se relacionar com a sociedade principalmente através do trabalho do magistério, demonstrando os problemas e propondo soluções, ou seja, não eram foquistas, mas buscavam se inserir na comunidade onde

---

[71] DIAS, Reginaldo Benedito. **Sob o signo da revolução brasileira: a experiência da Ação Popular no Paraná.** Maringá, Eduem, 2003. p. 135.
[72] Idem. p. 125.
[73] CHAGAS, Fabio Andrea Gonçalves. **A luta armada gaúcha contra a ditadura militar nos anos de 1960 e 70, [**Tese] UFF – Universidade Federal Fluminense, 2007. p. 66.
[74] PALMAR, Aluízio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Curitiba: Travessa dos Editores, 2006. p. 107.

iriam atuar, estreitando relações com a população local para apenas depois levar adiante a ação armada.

Muitas pessoas contrárias ao regime acabaram se manifestando de diferentes formas nos anos 1960 e 1970, várias delas que nunca haviam manejado armas antes, decidiram partir para a resistência armada e tentar mudar toda a estrutura de um país através de uma revolução. Luiz Andrea Favero e sua esposa, Izabel Favero tinham a missão de organizar um "Comando territorial" da VAR-Palmares no interior do Paraná, mas ficando isolados e sem contato com a organização, decidiram sair da clandestinidade e lecionar em uma escola rural começando a fazer todo um trabalho com os pais dos estudantes, partindo de uma ideologia marxista, iniciando assim a formação de uma base, cujo comando se encontrava no Rio Grande do Sul, que embora tenha feito contato somente duas vezes, ao que tudo indica, gerou um relatório ilusório que fez a repressão achar que eles eram muito maiores do que de fato eram, mas infelizmente não tivemos acesso a esse relatório. Airton Frigeri diz que, *"não era um relatório da VAR, e sim a compilação de documentos que foram apreendidos com o pessoal do RS, e efetuado um dossiê pelo pessoal do Exército, inclusive documentos e livros que estavam comigo.*[75]"

Segundo a imprensa que noticiou a prisão do grupo,

> a esposa de Luís Favero, professora do Ginásio Estadual Jorge Nacli, através de suas aulas, já incitava sua nefanda doutrinação extremista, visando crianças da 1ª e 2ª séries ginasial e seu esposo, Luís Favero, lecionavam na fazenda São Jorge, onde ensinou às crianças canções de cunho subversivo, como "A nossa união" que seria cantada em festividades escolares[76].

A música citada não foi encontrada, mas em depoimento à repressão, a professora Maria Aparecida Gabriel que segundo o documento repressivo, também lecionava na Escola Estadual Jorge Nacli em 1970, disse que os alunos das três séries iniciais estavam ensaiando a música para o dia das mães e, *"que todos tinham copiado a letra em seus cadernos, mas que já dera a ordem para todos arrancarem as folhas".*[77] Mesmo que as aulas e as músicas ensinadas pelo casal de professores não fossem prejudiciais às crianças, não correspondiam aos métodos educacionais impostos pela ditadura.

Podemos observar até aqui que as atividades do grupo estavam sendo muito bem planejadas e desenvolvidas sob disciplinada instrução teórica, despertando interesse da

---

[75] Entrevista Airton Frigeri. Op. Cit.
[76] Jornal " *Correio da manhã*", maio de 1970.
[77] Maria Aparecida Gabriel, depoimento. Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 109.

população local. De fato as metodologias utilizadas pelos novos professores envolviam não só os alunos, mas também seus pais, como no exemplo citado acima, onde músicas seriam apresentadas pelos alunos para seus pais, num período de extrema censura em todos os âmbitos, aqueles fatos educacionais "revolucionários" chamariam a atenção de toda a sociedade no pequeno município.

O Documentário intitulado: *"Camponeses do Araguaia, a guerrilha vista por dentro*[78]*"*, expressa certas similaridades entre os guerrilheiros do Araguaia e os do Oeste Paranaense, tendo em vista é claro que não se pretende comparar as ações dos dois grupos mas sim suas relações com a população local. O casal de professores era muito respeitado pela população local, assim como na Guerrilha do Araguaia, demonstrando nos depoimentos, tanto dessa pesquisa, quanto do documentário, que as pessoas que se mostraram resistentes à ditadura resolvendo lutar contra ela, foram apresentados à sociedade nos meios de comunicação que estavam censurados, como terroristas perigosos, transformando o espírito de luta pela liberdade em crimes contra a nação. O caso de Nova Aurora demonstra que, *"muitos são os casos de militantes ou acusados como tal que sofreram consequência por lutar por um ideal contrário aquele imposto pelo governo militar. Luiz Andreaa Favero e sua esposa, Clari Izabel, tipificam estes que seriam considerados inimigos do Estado.*[79]*"*

Esse procedimento de relação aberta com a sociedade, seria diferente de outros grupos de resistência à ditadura, pois ao que parece, o trabalho de arregimentação de simpatizantes à causa, funcionaria melhor com os nomes verdadeiros tendo em vista que eram muito conhecidos naquela comunidade. É claro que não era escancaradamente explícito, pois utilizavam os codinomes quando se reuniam, ou nos contatos com pessoas da organização de outros municípios, mas o trabalho desenvolvido com os pais dos alunos não era às escondidas e consistiam de falas em reuniões de pais, onde eram expostos os problemas locais, bem como nacionais, com a intenção de provocar a adesão de mais pessoas contrárias à ditadura, esta que estava e às vezes continua sendo negada, menosprezada ou aliviada, de maneira a tentar diminuir suas consequências. Havia uma empolgação tanto dos alunos como dos pais, bem como uma relação de apoio aos métodos empregados por Luiz e Izabel Favero, enquanto

---

[78] Documentário: **"Camponeses do Araguaia, a guerrilha vista por dentro.** Direção: VAndrea Fernandes. Produção: Oka comunicações, 11 de maio de 2010. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UhpO4I2O0zs. Acesso em 27 de janeiro de 2013.

[79] FURLAN, Elisangela. FIUZA, Alexandre. Vozes silenciadas: memórias da atuação política docente em Nova Aurora. In: Simpósio de Pesquisa Estado e Poder (4. : 2013 : Marechal Cândido Rondon) S612d Ditaduras e democracias : anais do simpósio / Organização de Alana Milcheski, Alexandre Blankl Batista, Edina Rautenberg e Marcos Vinicus Ribeiro. -- Marechal Cândido Rondon, 2014. p. 138.

professores, pois conforme deu-se a entender nas entrevistas que serão analisadas posteriormente, a sociedade ficou perplexa com a prisão e as condições da mesma, ficando sem entender o que poderiam ter feito aquelas pessoas para serem tratados de maneira tão cruel, e também o porquê da gigantesca operação realizada para tal fim.

2.2 - O treinamento de guerrilhas no Oeste

Alberto João Favero vem do Rio Grande do Sul para Nova Aurora em 1961, para trabalhar na propriedade do seu pai no Oeste Paranaense, mas não imaginava que iria entrar para um grupo armado de resistência à ditadura. Segundo ele,

> o Luiz apareceu, a coisa tinha ficado fora de sério por lá. Eles saíram dizendo que iam pra São Paulo, acabou vindo pra Nova Aurora na fazenda do meu pai. Aí a gente começou a conversar, que tínhamos que fazer as coisas porque tinha que fazer uma base ali. Aí passou uns 3 ou 4 meses que o Luiz tava ai, veio o Pedro, que era o contato que eles tinham lá no Rio Grande do Sul, da VAR. Eu não sei como que ele achou o lugar, não sei se ele veio junto com o Luiz, enfim não sei dizer[80].

Alberto ainda é morador na cidade de Nova Aurora em 1969, local onde trabalhava como agricultor e membro integrante da base de esquerda revolucionária: VAR/PALMARES (Vanguarda Armada Revolucionária). A expressão que intitula este capítulo é de Alberto Favero, surgindo no meio da sua entrevista quando apresentava os planos de guerrilha rural a partir do oeste paranaense. Contaram com instruções de uma pessoa que estivera em Cuba fazendo cursos de guerrilha, sendo que, posteriormente repassariam esses cursos para guerrilheiros brasileiros. Essa pessoa que esteve em Cuba, com o codinome "Negão", segundo Airton Frigeri era coordenador pelo Comando Nacional da VAR-Palmares, mas nada de mais concreto se encontrou sobre essa pessoa.

Em relação ao treinamento, pode se constatar o comprometimento das pessoas do grupo, já que,

> Esse cara disse que teve em Cuba, ficando com nós de 10 a 15 dias dando instrução pra nós. Fomos nesse mato que era perto dos posseiros, uns 900 alqueires de terra do Fuad Nacli, que era mato virgem, na beira do Rio Melissa. Levávamos o mínimo de comida, sendo obrigados a aprender a sobreviver com o que o mato tinha pra dar pra nós. Fomos eu o Dito e o Lelo na primeira vez, o Luiz não foi, pois o cara tinha ficado com nós na

[80] Entrevista à Alberto Favero realizada por Marcos Adriani Ferrari de Campos em julho de 2013.

> Anta Gorda. Saímos num sábado e voltamos no outro domingo, uma semana. Achamos uma parede de pedra que tinha um tipo de uma caverna. Demos uma disfarçada naquela caverna com "xaxim" e bananeiras, pra encobrir. Ali seria um esconderijo, onde passávamos as noites ali quando chovia e essas coisas[81].

Por vezes se encontravam com posseiros, os quais conversavam sobre os problemas enfrentados por eles, sem no entanto se envolver muito, já que naquele período era muito comum a vigilância de jagunços armados, contratados pelos então chamados coronéis. Esses treinamentos serviam para fazer levantamentos de rios e pontes, bem como sobreviver na mata, sendo que o grupo mapeou alguns rios e suas principais pontes, para possíveis batalhas futuras. Alberto João Favero, diz que estavam preparando um grupo para a luta armada, já que não estavam contentes com a situação política no país naqueles tempos. Ainda que não houvesse condições estruturais para a suposta revolução, os guerrilheiros paranaenses estavam descontentes com as injustiças, dispostos a lutar e até mesmo morrer pelos seus ideais. Para tal, estudavam e treinavam táticas de guerrilha para promover uma possível revolução e mudar o rumo da história desse país.

2.3 - A prisão

As nove pessoas presas no município de Nova Aurora - PR, na primeira quinzena do mês de maio de 1970, acusadas de terrorismo e subversão, foram sequestradas em suas residências e submetidas às mais cruéis torturas para admitirem vinculações à organizações de esquerda, participações em tentativas de sequestro de autoridades e expropriações bancárias que não tinham nem conhecimento. Conforme já visto, após a prisão de várias pessoas ligadas à VAR nas cidades de Caxias do Sul e Porto Alegre, numa tentativa frustrada de sequestro do cônsul estadunidense Curtis Carly Cutter[82].

Das pessoas em questão, Luiz Favero, Izabel Favero, Alberto Favero faziam parte da VAR-Palmares e Gilberto Hélio da Silveira que sabia da organização mas não se declarava como integrante, mas simpatizante da causa[83]. Foram tratados como bandidos perigosos,

---

[81] Entrevista à Alberto Favero realizada. Op. cit..
[82] Ex-guerrilheiro rompe silêncio e revela como tentou sequestrar cônsul dos EUA em Porto Alegre. Disponível em:http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2011/06/ex-guerrilheiro-rompe-silencio-e-revela-como-tentou sequestrar-consul-dos-eua-em-porto-alegre-3337601.html. Acesso em 30 de julho de 2014.
[83] Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná.

dignos de uma preparação de táticas de guerra envolvendo centenas de soldados, para demonstração ao restante da sociedade que se tratava de um expurgo. O Sr. Orestes Brustolin residente no município, delegado de Polícia Civil efetivo em 1970, explica que não ficou sabendo de muitas coisas, pois apenas pediram informações sobre tais pessoas e "*falaram que eram comunistas*[84]*"*.

Segundo o jornal Folha de Londrina de 27 de maio de 1970, que comenta sobre a prisão ocorrida em Nova Aurora, do grupo da Var Palmares, supõe que estavam envolvidos com *atos terroristas como sequestro de autoridades consulares*[85]. Não aparece no jornal, mas conforme já mencionado, trata-se de uma tentativa de sequestro do cônsul dos Estados Unidos em Porto Alegre, segundo consta no documento intitulado como *"Atividades de grupos subversivos no Estado do Paraná e Santa Catarina*[86]", de 26 de julho de 1970, produzido pela SNI e disponível no Arquivo Público do Estado do Paraná, sendo a partir dessa tentativa que foram presos integrantes da VAR-Palmares de Porto Alegre e Caxias do Sul, que submetidos às torturas, bem como os documentos que portavam, supostamente acabaram revelando o comando territorial da organização no Oeste Paranaense, resultando na prisão do grupo de Nova Aurora.

Izabel Favero se encontrava grávida no momento da prisão e abortou devido às torturas conforme relato onde conta que,

> eram mais ou menos 2 horas da manhã quando chegaram à fazenda dos meus sogros em Nova Aurora. A cidade era pequena e foi tomada pelo Exército. Mobilizaram cerca de setecentos homens para a operação. Eu, meu companheiro e os pais dele fomos torturados a noite toda ali, um na frente do outro. Era muito choque elétrico. Fomos literalmente saqueados. Levaram tudo o que tínhamos: as economias do meu sogro, a roupa de cama e até o meu enxoval. No dia seguinte, fomos transferidos para o Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu, onde eu e meu companheiro fomos torturados pelo capitão Júlio Cerdá Mendes e pelo tenente Mário Expedito Ostrovski. Foi pau de arara, choques elétricos, jogo de empurrar e, no meu caso, ameaças de estupro. Dias depois, chegaram dois caras do Dops do Rio, que exibiam um emblema do Esquadrão da Morte na roupa, para 'ajudar' no interrogatório. Eu ficava horas numa sala, entre perguntas e tortura física. Dia e noite. Eu estava grávida de dois meses, e eles estavam sabendo. No

[84] Entrevista com Orestes Brustolin, cedida a Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013.
[85] Jornal Folha de Londrina de 27 de maio de 1970.
[86] Documento intitulado como "Atividades de grupos subversivos no Estado do Paraná e Santa Catarina", de 26 de julho de 1970, produzido pela SNI, com o nº 17532 e disponível no Arquivo Público do Estado do Paraná, bem como no site de memórias reveladas: http://www.an.gov.br/mr/Seguranca/Principal.asp.

> quinto dia, depois de muito choque, pau de arara, ameaça de estupro e insultos, eu abortei[87].

Em seu depoimento à Audiência pública da Comissão Nacional da Verdade na cidade de Foz do Iguaçu[88] no dia 27 de junho de 2013, Izabel Favero emociona a todos os presentes, trazendo as lembranças da resistência contra a ditadura. Seja nos aspectos mais sublimes como o seu amor pelo marido, o também revolucionário Luiz Andrea, seja nos aspectos terríveis das torturas, o seu relato traz um pouco mais de detalhes sobre a trajetória de suas militâncias até a preparação de um núcleo de resistência à ditadura no município de Nova Aurora, bem como as prisões, a violência repressiva e o exílio. Foi doloroso ouvir, no entanto, mais doloroso para aqueles que sofreram violações dos direitos humanos, contar mais de 40 anos depois, as circunstâncias que foram conduzidas suas vidas, por lutarem em defesa daquilo que acreditavam.

Mesmo entre lágrimas, Izabel demonstra calma, sobriedade e lucidez, expressando sua revolta diante da humilhação e violência a qual foi acometida juntamente com seu esposo e mais alguns camponeses de Nova Aurora. Sua fala foi se transformando numa comovente história de resistência ao lado de Luiz Andrea desde os tempos do Rio Grande do Sul. Depois da dificuldade inicial, ela faz uma espécie de resumo dizendo que,

> era militante, mas eu também era apaixonada, havia um amor muito grande entre nós dois, então os confrontos eram sempre entre nós dois, porque dói muito mais e eles tinham consciência disso. Então eu fiz um esforço bem grande pra trazer a memória dele. Essa história não é só minha, o que eu vou falar é a nossa história, a minha e a de Luiz Andrea que foi um grande combatente, por quem eu tenho muita admiração e com ele depois eu tive uma trajetória de vida de exílio, mais de quarenta anos de vida e dois filhos que tivemos que nasceram no exílio, Diego e Gabriel[89].

A militância desenvolvida por Luiz Andrea, consistia inicialmente pela Presidência da União Caxias de Estudantes Secundaristas e depois pela presidência da UGES, sendo muito provável que o amor de ambos tenha surgido devido à militância. Como já analisado anteriormente, houve uma aproximação com o grupo "Os Brancaleones," o que gerou um contato com a VPR, que por sua vez gerou uma aproximação com a proposta de guerrilha. Mas esse período teria sido muito curto segundo Izabel, porque devido *ao contexto político e*

---

[87] Relato de Clari Izabel Favero, Disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/professora-torturada-na-ditadura-acusa-advogado-de-foz-do-iguacu-de-ser-o-responsavel-pelas-sevicias-e-aborto/ Acesso em 15 de janeiro de 2013.
[88] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade, em 27 de junho de 2013, em Foz do Iguaçu.
[89] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.

social, político, passaram a militar na VAR-Palmares[90], partindo assim para o movimento de guerrilhas. O casal Favero recebeu apenas dois contatos da VAR-Palmares e, "*o que ocorreu é que nós ficamos meses isolados da organização, a organização não fazia contato conosco e diante disso nós tivemos que sair da clandestinidade, trabalhar para sobreviver e foi muito bom."*[91]

Isso explica em partes a diferença de metodologias utilizadas pelo grupo em relação a outras organizações que buscavam no isolamento, nos treinamentos de guerrilhas, aspectos que desencadeassem posteriormente o apoio das massas, mas a princípio sem muito envolvimento com a população. O trabalho político em Nova Aurora consistiu numa aproximação direta com a população, pois como foram obrigados a sair da clandestinidade, Izabel começou a lecionar no chamado ginásio naquele tempo, equivalente ao ensino fundamental II na atualidade. Dentre as características da "missão" que estavam dispostos a desenvolver e a falta de contato com a organização, levou-os a tentar resolver alguns problemas locais com a ajuda da população.

Uma das primeiras ações foi a restauração de uma escola rural, com a ajuda de um mutirão de pais e alunos, localizada no interior da fazenda vizinha à de Liberato Favero, na propriedade de Fuad Nacli, deputado na época. O mesmo não tinha conhecimento dos planos do casal e posteriormente foi um dos principais colaboradores da prisão do grupo. Luiz Andrea logo começou a lecionar também na escola rural e assim foram compartilhando suas ideias com os alunos e os pais dos alunos, o que Izabel relembra com certa nostalgia dizendo que,

> foi muito importante, porque o que fizemos na legalidade, foi um trabalho de educação e isso ficou, foi realmente um aspecto positivo desse risco que tivemos que correr. Eu comecei a trabalhar como professora no ginásio e ao mesmo tempo reabri uma escola, uma escolinha, na fazenda ao lado de um deputado Nacli que foi um dos apoiadores da nossa prisão, junto com o padre e o diretor do ginásio com a secretária de educação do município. Eles deram suporte para aquela mega operação dos militares pra nos prender. Luiz Andrea virou professor também na mesma escolinha que era um galpão completamente abandonado. Nós fizemos mutirão com os pais dos alunos e colocamos aquela escolinha pra funcionar. Isso nos permitiu nos aproximar dos pais dos alunos e a gente foi compartilhando com eles nossas ideias, nossos ideais, nossas visões de uma sociedade melhor e eles foram simpatizando conosco e nos dando um amplo apoio. Não sabiam exatamente qual era a nossa missão, apenas simpatizavam com nossas ideias. A gente conquistou uma simpatia.[92]

---

[90] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da verdade. Op. cit.
[91] Idem.
[92] Idem.

Neste trabalho com a educação formal, o casal de professores também estava desenvolvendo paralelamente, a alfabetização de jovens e adultos com aulas no sábado e domingo, "*para os pais dos alunos, usando de forma precária o método Paulo Freire"*[93]. Izabel começa seu depoimento dizendo que esta história ela sempre escapou de contar, por causa de suas dolorosas cicatrizes, mas em memória de Luiz e em promessa aos filhos ela faria um esforço em trazer uma contribuição à Comissão da Verdade. Ela acusa o Coronel Emídio Paula, que era Coronel do Batalhão de Fronteira, Capitão José Vasconcelos Krueger, que era do Batalhão da Polícia Militar de Curitiba, o capitão Julio Roberto Cerdá Mendes que junto com o tenente Mario Expedito Ostrovisk, comandaram e acompanharam todos os processos. Depois a eles se somaram duas pessoas: um chamado Pablo e o outro Juvenal, nomes de guerra, que se apresentaram sendo do Esquadrão da Morte, acusados de violação dos direitos humanos e a prática de torturas.

Acusa também o diretor do presídio do Ahú em Curitiba, Lamartine Arroyo Soares, que encaminhou Izabel para o presídio de Piraquara, onde ficou junto com presas comuns de alta periculosidade, sendo que a justificativa era a de não haver nenhuma presa política naquele presídio. Esse motivo foi desmentido por Beatriz Fortes em seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade em Foz do Iguaçu, onde diz que sua irmã, "*ficou um ano e meio presa no Ahú, então não é verdade o que o diretor do Ahú falou que não havia mulher lá porque a minha irmã e a amiga dela estavam lá presas.*[94]*"* Izabel conta que, *"elas tiveram muito mais decência do que ele e o poder constituído que me colocou lá, porque fui respeitada e aprendi bastante nessa passagem"*[95].

Izabel relembra que tinham quase certeza que ninguém os acharia no Oeste Paranaense, pois a região era constituída por vastos matagais e trabalhavam como professores, sendo jovens, passavam uma imagem de pessoas comprometidas no que chamam de "fazer a vida" e construir algo pro futuro. No entanto estavam enganados, pois já vinham sendo vigiados desde a prisão de várias pessoas ligadas à VAR no Rio Grande do Sul em abril daquele ano, vindos a ser presos em maio de 1970, pois *"a ditadura já tinha cercado e minado praticamente todas as organizações políticas. Quando a gente veio a cair, ser presos, nós fomos praticamente os últimos a cair dentro da VAR."*[96]

---

[93] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.
[94] Depoimento de Beatriz Fortes à Comissão Nacional da Verdade em 27 de junho de 2013. disponível em: https:www.youtube.com/watch?v=LwZ1lm3R9Ww&index=3&list=PL9n0M0Ixl2jdGwkvXyyWnzab_4jpfg2kE
[95] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.
[96] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.

A princípio, não entenderam como a repressão havia chegado até Nova Aurora, mas com as informações que obtiveram depois da prisão, concluíram que após a visita de um representante da VAR, "Pedro" (Airton Frigeri) conforme explicado anteriormente que, os documentos e livros encontrados com as pessoas presas no Sul, gerou um dossiê montado pela repressão, o que facilitou a prisão do grupo do Paraná.

Em relação à tentativa de sequestro do cônsul estadunidense, Airton Frigeri, relata que essa era uma ação da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), com o apoio da VAR, mas que lhe pareceu no entanto, um pouco precipitada. Não estavam tão organizados em relação à estrutura para tal, o que resultou no aumento da repressão na Região Sul e que logo em seguida exterminaria os trabalhos da VAR-Palmares no Rio Grande do Sul e consequentemente no Paraná. O aprimoramento da repressão se deu inclusive na vinda de pessoas especializadas no treinamento repressivo, pois a tentativa da ação incentivou um direcionamento das forças repressivas para o Sul e, "*das forças militares do centro do país, inclusive com o deslocamento do Capitão Malhães do DOI-Codi, para cá, dando treinamento e coordenando as ações da repressão no Sul, de forma que efetivamente conseguiu extinguir a organização.*[97]" Mesmo com a curta duração (julho de 1969 - maio de 1970), o grupo de Nova Aurora, já havia realizado um trabalho significativo no que diz respeito à conscientização política, através do magistério e a adesão de pessoas à causa revolucionária.

Izabel lembra que no dia da prisão, durante a operação que envolveu aproximadamente 700 homens, seu sogro e sua sogra também foram presos, sendo que ele ficou algemado em uma árvore e ela algemada na sala. Entre as ameaças diziam que, "*iriam incendiar a casa com a gente lá dentro*"[98]. No mesmo momento em que foram presos já começaram as torturas, que variavam desde choques elétricos aplicados com uma máquina chamada maricota, até o uso de alicates que eram usados para beliscar a pele. Levaram ainda Luiz para um córrego que passava próximo à casa, torturando-o violentamente com choques elétricos dentro do pequeno riacho, o que lhe provocou "*traumas pro resto da vida e problemas urinários que teve que tratar a vida toda*"[99].

Os fatos relatados por Izabel provocam repúdio, indignação e traz dores, mas dores necessárias para a compreensão dos fatos de um passado não muito distante. O depoimento

[97] Entrevista à Airton Joel Frigeri. Op. cit.
[98] Idem.
[99] Idem.

descreve cenas cruéis, como um certo prazer daqueles que os torturavam sendo que durante os primeiros dias,

> ficamos unicamente sob o comando do Cerdá e do Espedito. Eles que comandavam as torturas, eles que levavam a gente para o pavilhão. O prazer deles era torturar um em frente ao outro e dizer: "Olha sua vadia, ele tá apanhando por culpa sua, que você não quer colaborar", ou o contrário: era um jogo de tortura psicológica e física pra desestruturar mesmo, desestabilizar a gente. Eu fui muito ofendida como mulher, porque ser mulher e militante é um carma, além de ser torturada física e psicologicamente, a mulher é vadia, puta. "Menina indecente: olha pra sua idade, o que você tá fazendo aqui? Que educação que seus pais te deram, você é uma vadia, não presta, enfim![100]

Como já mencionado, Izabel se encontrava grávida e perdeu a criança devido às torturas que sofreu. O mais impressionante foram as condições em que isso ocorreu, bem como que após o ocorrido, ela não teve nenhum tipo de assistência médica, ficando à mercê da sorte para se recuperar e correndo risco de morte. Devido às condições em que se encontrava, houve muito sangramento e consequentemente o mal cheiro, o que segundo ela irritava ainda mais seus algozes. Menciona que devido ao odor fétido devido ao aborto, é que não foi estuprada, pois "*eles ficavam muito irritados de me ver suja, sangrando e cheirando mal, ficando com muita raiva e me machucando mais ainda."*[101]

Um fato ocorreu devido à prisão do grupo, e que Izabel diz ter se sentido muito culpada durante anos pelo episódio vivido pelo seu cunhado, João Evaldo Nunes, que tinha uma empresa que prestava serviços para clientes no Rio de Janeiro. Foi encontrado na bolsa de Izabel no momento da prisão um papel com o nome do cunhado, o que ficou caracterizado como um possível contato no Rio de Janeiro. O mesmo acabou sendo preso, sem nem saber o porquê. Após a prisão do Grupo de Nova Aurora, durante as sessões de torturas, queriam que Izabel confirmasse o contato no Rio de Janeiro, sendo que aquilo não fazia nenhum sentido pra ela, mas "*ele ficou anos sendo acompanhado por médicos, por que de certa maneira, nós que éramos militantes, sabíamos a opção que tinha feito e o que podia acontecer, mas alguém ser preso e torturado sem saber o porquê*[102]*"*. Aqui neste caso, uma pessoa que não tinha ligação com a esquerda armada, se tornou vítima da repressão, por engano, sendo preso e torturado, o que lhe valeu acompanhamento psicológico por muito tempo. Não que se tornem

---

[100] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.
[101] Idem.
[102] Idem.

mais cruéis as práticas das torturas por engano, mas talvez traga mais consequências e mostram o alcance do terror de Estado brasileiro.

A descrição das torturas por parte de Izabel Favero impressionam pelo grau de crueldade utilizadas principalmente pelo Tenente Julio Cerdá e pelo Tenente Espedito Ostrovski. Ela foi torturada com choques elétricos, com socos, pontapés, toalhas molhadas, choques com os pés dentro da água. Izabel conta que "*tinha o cabelo comprido, ai eles enrolavam com a mão e depois puxavam até arrancar um chumaço que doía muito! Eu perdi a noção, entrei num estado em que minha saúde estava muito precária!*"[103] Recebera a ajuda de uma mulher chamada Olga, à qual disse que não pôde agradecer, mas prestara uma grande ajuda. Se fosse descoberta Olga poderia ter sido muito repreendida, mas mesmo assim ajudou. Segundo Izabel, aquela senhora havia lhe trazido roupas limpas e toalhas levando-a para um banho, depois de tudo o que havia passado.

A partir desse encontro é que Izabel fica sabendo onde está, pois até então não tinha conhecimento de sua localização. Disse também a Olga que tinha um cunhado que morava em Medianeira e que trabalhava no Banco do Brasil. Ao que parece a senhora chamada Olga, se compadeceu da situação lastimável em que se encontrava Izabel e conseguiu avisar João Ângelo sobre o paradeiro de seus parentes, porque até aquele momento havia um total desconhecimento do paradeiro daquelas pessoas. Com a informação João Ângelo Favero, consegue chegar ao Batalhão de Fronteiras de Foz do Iguaçu, onde encontra seus parentes em estado deplorável, aproximadamente 25 dias depois da prisão do grupo.

João não entendeu o que estava acontecendo, quais eram as possíveis causas de tamanha crueldade. Quando tentou argumentar, foi duramente ameaçado. Izabel lembra que o cunhado não se conformava com aquela situação, até o momento em que foi reprimido pelo Coronel Emídio,

> eu olhava pra ele eu sentia pena dele por que ele tava péssimo, vendo a gente do jeito que estava! Ele foi conversar com esse coronel Emídio perguntando: "meu Deus porque eles estão assim? O que está acontecendo? O que foi que eles fizeram? Aí o coronel disse: "tu cala a boca. Tu só está aqui por generosidade e se não estiver satisfeito, tem um lugar pra ti também." Eu estava febril acabada, em condições lastimáveis e o coronel Emídio vinha me dar conselhos, como se nada tivesse acontecendo dentro daquele quartel. Olha eu tenho uma filha da sua idade, mas ela tá no bom caminho, já você optou pelo caminho dos bandidos, do terrorismo! É uma escolha que você

[103] Depoimento de Izabel Favero. Op. cit.

> fez, agora tem que aguentar as consequências. Mas tá em tempo ainda de mudar.[104]

Mas a partir da visita do cunhado, quebrou-se a incomunicabilidade, e até mesmo as torturas diminuíram sendo que se acontecesse algo com as pessoas daquele grupo alguém já estaria sabendo seus últimos paradeiros. Izabel indigna-se com a frieza e ironia do Coronel, que algumas vezes lhes dava conselhos, ignorando o estado de saúde em que ela se encontrava. Ignorando o senso de realidade, em certa ocasião trouxe algumas guloseimas no intuito de expressar benevolência dizendo: *'eu sou muito bom, vocês estão sendo muito bem tratados aqui e não esqueçam de dizer que foram muito bem tratados aqui'. "Tinha esse cinismo.*[105]" A repressão não se importava de maneira alguma com as consequências das torturas físicas para os presos políticos e em seus aspectos mais cruéis, se justificavam pela doutrina de segurança nacional. Izabel levou mais de 40 anos para relatar em forma de desabafo em uma Audiência Pública, toda a sua experiência de vida e de luta em um período que o terrorismo de Estado, impôs o silêncio, respaldado pela lei de anistia de 1979, seguindo num processo de *desmemoria,* ausentando-se da culpa, afastando a verdade e consequentemente não fazendo justiça.

As torturas foram e continuam sendo negadas por aqueles que estavam na linha de frente das forças repressivas. O ex-ministro da ditadura, Delfim Neto em depoimento à Comissão Nacional da Verdade em 25 de junho de 2013, disse que *"em 1971 quando perguntei ao Médici: Tem tortura?, e ele respondeu que não. O que havia era o combate nas ruas.*[106]" Em relação à hierarquia, Izabel relata fatos importantes onde, alguns oficiais do Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu, foram punidos por não concordarem com as torturas e também pelo fato de alguns soldados que residiam no município de Nova Aurora, terem irmãos que eram alunos do casal naquela cidade. Um soldado e um sargento foram presos, o primeiro por dar um recado de Luiz Andre à Izabel. O segundo por jogar um jornal pela janela de Izabel.

Um ex-soldado que serviu no primeiro batalhão de fronteiras de Foz do Iguaçu e integrante da missão realizada em Nova Aurora no ano de 1970, por meio de uma carta

---

[104] Depoimento Izabel Favero. Op. cit.
[105] Idem.
[106] Depoimento de Delfim Neto à CNV em 25 de junho de 2013, na cidade de São Paulo. Disponível em: http://terramagazine.terra.com.br/bobfernandes/blog/2013/06/25/medici-negou-e-eu-nao-sabia-de-tortura-durante-a-ditadura-afirma-delfim-netto/. Acesso em 24 de agosto de 2014.

enviada à Folha de Londrina, declara ter um peso na consciência, relatando a gravidade e violência das torturas, as quais passaram os Favero. Segundo o ex-soldado:

> presenciei de perto o sofrimento do casal de professores, Luiz Andreaa e Izabel. O professor se encontrava em uma sala minúscula nos primeiros dias, quando ele se encontrava em estado deplorável, foi colocado em uma sala apertada embaixo de uma escada. Tive muita dó dele, porque seus testículos estavam muito inchados devido a choques elétricos e sua esposa se encontrava fechada numa sala escura. Ela sofria choques nos seios e estava grávida. Segundo informações ela abortou. Participaram desta missão o exército, um pelotão da aeronáutica e os carnificinas do Dops[107].

Os soldados não participavam das torturas, pois havia grupos especializados para tal, que segundo a depoente, quando estavam presos em Foz do Iguaçu, *"após a chegada de dois caras: Pablo e Juvenal"*, as torturas se tornaram mais sofisticadas, sendo que os mesmos apresentavam adereços como chaveiros com correntes em que cada elo representava um comunista morto, instaurando medo aos presos políticos. Por diversas vezes durante a entrevista o senhor Alberto se emocionou com as lembranças, principalmente das torturas onde o colocaram, "*pau de arara, com um fio no dedão do pé e outro no "saco", ai o cabo Orlando girava a maricota. Você via estrelas do céu dentro de um quarto. Gritavam: Fala filha da puta"*[108].

A prisão de Airton Frigeri, em Caxias do Sul, no dia 09 de Abril de 1970, também contemplou ações de extrema violência, como nas suas próprias palavras, "*eu era um guri de 16 anos, desarmado, e eles cercaram a casa com 15, 20 homens da Brigada Militar (a PM gaúcha) com fuzis, e policiais civis com metralhadoras.*[109]" Havia de maneira geral uma supervalorização de alguns núcleos de resistência à ditadura, como o de Nova Aurora e o caso de Airton, até mesmo para justificar a violência, o terrorismo de Estado e a dominação de classe.

2.4 - As visões da prisão

O trabalho de "arregimentação", havia rendido a participação de camponeses conforme já descrito antes os quais, Benedito Ozório Bueno (Belmiro), Alberto João Favero (Osvaldo ou Dan), José Aparecido Germano (Toco), José Deodato Mota (Gerônimo), Adão Pereira

---

[107] PALMAR, Aluízio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Op. cit. p. 109, 110, 111.
[108] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[109] Entrevista à Airton Frigeri, disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/torturadores-riam-diz-vitima-da-ditadura-que-recebera-r-200mil,7e99cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html

Rosa (Gentil) e Moacir Bernardino Correia. Após a prisão do casal Favero no dia 05 de maio de 1970 e as subsequentes torturas é que tomou-se conhecimento dos outros integrantes do grupo. Durante o curto espaço de tempo entre o dia 05 e 07 de Maio daquele ano, Alberto Favero irmão de Luiz, reuniu o grupo para tomada de decisões e entre a possibilidade de fuga ou rendição, optaram pela segunda, tendo em vista a preocupação com seus familiares. Por vezes encontra-se nos depoimentos, discursos que levam à repetição da fala do sistema repressivo, como "*eles eram comunistas",* ou até mesmo a dúvida em relação àqueles fatos como no relato de Carmem Trevisolli que foi aluna de Izabel, em que se pergunta *"Quais eram as intenções deles quando eles tavam lá dando aula?*[110]*."* Esse aspecto do questionamento de uma aluna do casal Favero, remete a um julgamento de valores, promovido pelo discurso da mídia que veiculava as notas "oficiais" da repressão. Mesmo mais de 40 anos depois, a mulher Carmem de agora, diz que gostava muito dos seus professores, no entanto, devido à enormidade da operação montada para prender o pequeno grupo de pessoas, surge uma possibilidade no imaginário coletivo criado pelo regime de que aquelas pessoas presas eram realmente terroristas perigosos. Carmem diz que enquanto aluna, *"a gente sentava lá fora e ela contava história*[111]", relembrando nostalgicamente daquelas aulas.

A mega operação militar contou também com a participação do Pároco local chamado de "Padre Finato", da Secretária Municipal de Educação, Maria Odene Delssin Dias e do prefeito de Nova Aurora Miguel Ermétio Dias. Segundo Alberto Favero,

> eles fizeram uns dois ou três dias antes da nossa prisão, o padre "Finato", fizeram uma reunião com a cúpula do exército, o Espedito, o Julio Cerdá, o cabo Orlando, o capitão Krugger, fizeram na igreja junto com o prefeito os planos de como ia ser o esquema. Onde é a rodoviária hoje, fizeram um acampamento enorme que tinha mais ou menos 700 soldados, tinha helicóptero. Eles estavam preparados para um combate, achando que nós estávamos super equipados também. Infelizmente nós estávamos começando, foi a guerrilha que não começou.[112]

A exposição do medo se propagou pelas prisões violentas, torturas, exílios e mortes, destinadas àqueles que ousaram questionar os princípios da doutrina de segurança nacional e à ditadura propriamente dita. A questão interessante a ser analisada é que as novas gerações que não presenciaram os fatos em Nova Aurora por exemplo, não podem conhecê-los, porque estes lhes foram escondidos, sobretudo na construção da memória coletiva, não propiciando

---

[110] Entrevista a Carmem Trevisolli, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em 31 de janeiro de 2013.
[111] Idem.
[112] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.

nem o questionamento sobre o nome da Escola que estudam, que se chama "Jorge Nacli", a qual Izabel Favero lecionava em 1970 e que leva o nome em homenagem ao pai de Fuad Nacli, que era proprietário da fazenda ao lado dos Faveros, bem como Deputado Federal pela Arena. Ao mesmo tempo que ajudou na organização dos documentos para que Izabel pudesse lecionar no município, contribuiu posteriormente para a prisão do grupo.

Mesmo que a prisão tenha sido marcada pela violência e torturas, sendo que a população local não entendera tais ações, aqueles fatos foram transformados ou justificados, de maneira que a população não questionasse posteriormente, sendo acrescentado às pessoas presas o estigma de terroristas perigosos. Sob a falsidade do discurso de segurança nacional é que se justificava o terror de Estado a servir de exemplo para o restante da população, incutindo-lhes quase que a obrigação de esquecimento daqueles fatos de modo a voltar seus ânimos à submissão.

2.5 - As consequências do terrorismo de Estado

Para analisar esta questão da generalização do discurso do regime após a prisão, ou seja, impor para a sociedade o medo e o sentimento de repulsa frente àqueles que foram presos, pode-se apresentar o caso específico de Benedito Ozório Bueno, que fazia parte do grupo. Imediatamente após a prisão, o dono das terras em que trabalhava e morava com sua família ordenou que saíssem de sua propriedade, que segundo sua filha Maria Lucia Brandão, tiveram uma expulsão, pois, *"ele mandou desocupar o terreno porque ele não queria saber de família de pessoa que tinha ido preso.*[113]*"* A esposa de Benedito sai então de onde morava, com as crianças pequenas, indo para a cidade de Nova Aurora, onde até consegue um emprego, mas não consegue mantê-lo por causa dos filhos pequenos. A família de Benedito, passou por muitas necessidades enquanto ele estava preso, se alimentando apenas de frutas, nas palavras de Maria Lucia, "*passando necessidade, passamos fome, comendo frutas como mamão nas beiras das estradas, milho verde quando tinha e daí por diante mas quando ele saiu nós continuamos naquela vida*."[114]

Quando Benedito saiu da prisão, não conseguia arrumar trabalho por causa do ocorrido, já que era camponês e não tinha posses, foi obrigado a se mudar com a família, indo morar no município de Três Barras para trabalhar na produção de hortelã. No entanto, a vida

[113] Entrevista com Maria Lucia dos Santos Brandão, em 18 de janeiro de 2014 na cidade de Boa Vista - PR.
[114] Idem.

ficou mais difícil depois da prisão, pois Benedito havia ficado muito traumatizado devido às torturas que sofreu. Segundo o relato de Maria Lucia, Benedito não quis nem deixar seus filhos estudarem,

> o meu pai quando tava trabalhando na beira da estrada que escutava o barulho de um carro diferente ele corria e ia pra "quiçaça". Tinha medo, trauma porque ele foi preso político na época do regime militar, então ele ficou com trauma e sequelas. Com seis anos eu comecei a ajudar meu pai na roça e não tive chance de estudar por causa disso, pois era de sol a sol ajudando meu pai. Com o passar dos anos meu pai ficou doente e aí eu fiquei trabalhando pra sustentar a casa. Foi uma luta muito difícil, muito complicada. O meu pai ficou muito traumatizado, sendo que quando chegou o tempo da gente estudar, ele não deixou nós estudar de medo que nós ia comentar alguma coisa que fosse prejudicar ele, porque já tinha sofrido muito.[115]

A prisão de Benedito acabou desestruturando a família, que desde então vem sofrendo as consequências, já que as crianças não puderam estudar, pois trabalhavam para ajudar na renda tendo em vista que seu pai havia ficou traumatizado com a prisão. O medo fez com que ele não fosse buscar seus direitos de aposentadoria, tendo morrido sem usufruir de tais benefícios. Há que se notar que a imposição do medo à sociedade, não traz somente a inércia política e a acomodação das pessoas frente às condições sociais extremadas, mas também a perda da capacidade para reivindicação dos próprios direitos como pôde ser visto no caso de Benedito Ozório Bueno, devido aos traumas decorridos da prisão e as torturas que sofreu, não deixou as filhas estudarem e ainda não procurou os direitos da aposentadoria, por medo que alguma coisa ainda pudesse lhe acontecer.

Adão Pereira Rosa, Benedito Ozório Bueno, José Aparecido Germano, José Deodato da Motta que aderiram às ideias do grupo, eram exemplos de camponeses pobres que trabalhavam por dia na derrubada dos matos ou plantações de café. Os documentos da repressão os trazem como diaristas que "*ganhavam três cruzeiros por dia*[116]", no entanto, quando perguntado se faziam parte de uma organização chamada VAR-Palmares, os mesmos não sabiam do que se tratava e até mesmo não tinham conhecimento sobre Comunismo ou Marxismo. Este aspecto da luta armada na realidade derruba o pretexto chavão de justificativa do golpe e sua manutenção, este que se manteve até a atualidade de que era necessário a violência da Lei de Segurança Nacional para impedir a implantação do comunismo no Brasil,

---

[115] Entrevista a Maria Lucia dos Santos Brandão. Op. cit.
[116] Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná. p. 57.

supervalorizando a disseminação deste último exatamente para estabelecer e manter a ordem burguesa.

Neste sentido, as organizações armadas de esquerda mantinham um contato com a teoria marxista, como é o caso de Nova Aurora, mas não teriam tempo hábil para analisar essas teorias com os simpatizantes da causa revolucionária já que o caráter de urgência da derrubada da ditadura no pós 1968, era iminente. O grupo da VAR-Palmares em Nova Aurora se diferencia metodologicamente de outros grupos no que se refere ao foquismo e, mesmo que se reunissem clandestinamente, com pseudônimos e em treinamentos de sobrevivência nas matas, a questão da democracia prevalece na maioria dos discursos.

A disseminação do "perigo vermelho" dos comunistas "comedores de criancinhas," quase se instaurou na memória coletiva, como "história oficial", no entanto, essa justificativa falaciosa cai por terra, quando analisada de forma mais profunda e coerente. Das oito pessoas presas em Nova Aurora, cinco eram pessoas extremamente humildes sem o menor conhecimento do que viria a ser Comunismo e, só ouviram esse termo durante as torturas, enquanto eram violentados para assumir o pertencimento a organizações das quais nem faziam ideia dos objetivos das mesmas. Airton Frigeri indica a necessidade da luta armada naquele contexto para a restauração da democracia, pois com o aumento da violência em todos os aspectos e, "*com a censura ao órgão de impressa, fechamento do Congresso, extinção dos Partidos Políticos, intervenção e fechamento de Sindicatos, Entidades Estudantis, Toda a propaganda oficial dirigida a manipular as pessoas.*[117]" A luta armada se torna iminente.

Havia na época muita dificuldade em demonstrar às pessoas comuns, devido à toda a propaganda ideológica, que a ditadura era uma coisa ruim, já que esta se justificava enquanto portadora da legitimidade, que livraria o Brasil do mal da ditadura do proletariado e que toda a violência utilizada pelo Estado estaria fundamentada no discurso de proteger a nação de um mal maior. As pessoas humildes que aderiram à luta armada não tinham conhecimento sobre o socialismo, mas desejavam mudanças e a solução naquele momento seria a proposta da luta armada, sendo necessário a tomada do poder e o restabelecimento da democracia, mas ainda nas palavras de Airton, *"para a época era impossível, mobilizar um pais continental, para que de forma pacífica, a população forçasse a alteração do regime que havia se instalado no poder.*[118]" Devido à massificação da mídia, violência e disseminação do terror de Estado, não tiveram muita escolhas.

---

[117] Entrevista à Airton Joel Frigeri. Op. cit.
[118] Idem.

2.6 - Análise dos documentos produzidos pela repressão sobre o caso de Nova

A princípio torna-se necessário uma explicação em torno dos objetivos dos documentos e o porquê de seu arquivamento. Na análise de documentos produzidos pelo Estado, surgem algumas questões, sendo a primeira, porque os documentos são criados e arquivados? Com o surgimento da história enquanto ciência em finais do século XIX, acreditava-se que a historiografia, estaria baseada somente nos ditos documentos oficiais, ou seja, aqueles produzidos pelo Estado, os quais seriam usados então para escrever a história oficial. Durante muito tempo prevaleceu a "naturalidade" incutida de que a "verdade" repousa sobre os documentos oficiais, ignorando que o processo histórico é constituído de escolhas. Silvana de Fátima Bojanoski, em sua dissertação intitulada "Memória, História e Documentos Sacralizados: um estudo de caso do Arquivo Público do Paraná (1976-1989)", chama a atenção para o fato de que, "*uma percepção dos arquivos como algo 'naturalmente' dado parece ser frequente, ignorando-se que tais acervos sempre resultam de escolhas.*[119]"

O estudo dos documentos relacionados aos fatos ocorridos no Município de Nova Aurora deve considerar os aspectos e condições nas quais foram desenvolvidos, buscando "*desnaturalizar"* a forma com que foram construídos e quais seus objetivos enquanto documentos de um "*Arquivo Permanente*[120]". Basicamente serão analisados os documentos dispostos no Arquivo Público do Paraná sobre o núcleo da VAR-Palmares no Oeste Paranaense. O mais extenso deles é intitulado: *"Documentos/informações referentes à DP Nova Aurora nº 004966"*, produzido pelo Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Segurança Pública, Departamento da polícia civil, Divisão de Segurança e Informações. Contém as informações desde a prisão do grupo em maio de 1970 até 1979, data esta última em que os integrantes do grupo ainda continuavam sendo vigiados pela repressão, passando pela diligências pré-prisão, prisão, interrogatórios e relatórios.

O segundo documento é um relatório denominado *"Documentos/informações referentes à Dops - Relatórios 3 1970 - 1971 - 1972"*, que traz o que de principal ocorreu no Paraná, nos meses de cada um dos anos do título do documento, nos interessando

---

[119] BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Memória, História e Documentos Sacralizados: um estudo de caso do Arquivo Público do Paraná (1976-1989)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, 2005. p. 2.

[120] Idem, Bojanoski, p. 3. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística o "arquivo permanente", também chamado"arquivo histórico", é o conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função do seu valor. (ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 34).

principalmente então pelo mês de maio de 1970, quando ocorreu a prisão do grupo. O terceiro documento se intitula, *"Documentos/informações referentes à VAR-Palmares"*, trazendo aspectos estruturais da organização, bem como vários recortes de jornais sobre a VAR. Também traz fotos individuais e coletivas do grupo já na prisão que serão analisadas no decorrer deste capítulo.

Os documentos analisados aqui em sua grande maioria do Arquivo Público do Paraná, se encontram digitalizados, o que favorece a pesquisa seja por motivos físicos, ou pela própria análise, já que facilitam a impressão parcial e o transporte dos mesmos, bem como sua disponibilidade na internet[121]. Dentre os milhares de documentos dispostos para pesquisa, apresentar-se-á nesta dissertação aqueles que envolvem a organização VAR-Palmares, no âmbito nacional, no Paraná e mais especificamente no município de Nova Aurora, onde um grupo de nove pessoas foi preso em maio de 1970, acusados de subversão de acordo com a lei de Segurança Nacional vigente naquela época. Estes fatos ocorridos naquela pequena cidade causaram e ainda causam reflexões sobre o real significado da ditadura no Brasil, desde seus aspectos de dominação de classe, passando pelas prisões indiscriminadas, torturas e muita vezes à morte.

Nos chamados documentos oficiais, encontram-se relatórios sobre os acontecimentos, sempre acompanhados de uma preocupação extensiva de aumentar significativamente as forças dos grupos de esquerda, ou conturbar as informações para que também se tornem inimigos da sociedade de maneira geral. A repressão política do regime civil-militar brasileiro contra a esquerda e a "lavagem cerebral" da sociedade, operada por meio da propaganda ideológica e da censura à imprensa, se inseriu, se produziu e se instalou de maneira assustadora. Assim os militares cumpriram seu papel no intuito de reprimir ações de protestos, reformas e movimentos, censurando a imprensa e adotando políticas de distração do povo, como o futebol, as telenovelas e as propagandas enganosas do "milagre econômico", sendo que para legitimar a ditadura de classe era necessário exagerar o risco do "perigo vermelho". As pessoas que não aceitavam a lavagem cerebral das propagandas, nem as censuras e muito menos a violação da democracia, eram perseguidas, presas, torturadas, exiladas e, muitas vezes, mortas.

---

[121]Documentos digitais do Arquivo Público do Estado do Paraná, disponíveis em: http://www.an.gov.br/mr/Seguranca/Principal.asp

De acordo com o documento do Ministério do Exército, III Ex - 5ª RM e 5ª DI, 1º BTL de fronteira[122], redigido pelo 2º tenente R/2 Mário Espedito Ostrovski servindo como escrivão, orientado pelo Capitão Inf. Julio Roberto Cerdá Mendes, informa que no dia 12 de maio de 1970 na cidade de Foz do Iguaçu foram indiciados sob acusação de crimes contra a Lei de Segurança Nacional, Luiz Andreaa Favero (Cardoso), Clari Izabel Dedavid Favero (Tereza), Gilberto Hélio Grochowaski Silveira (Nadir), Benedito Ozório Bueno (Belmiro), Alberto João Favero (Osvaldo ou Dan), José Aparecido Germano (Toco), José Deodato Mota (Gerônimo), Adão Pereira Rosa (Gentil) e Moacir Bernardino Correia.

A prisão dos integrantes da VAR-Palmares em Nova Aurora era fruto da "Operação Guaçu" realizada no dia 05 de maio daquele ano. Segundo o auto de busca, apreensão e prisão nº 1 do Ministério do Exército III, Ex - 5ª DI 1º Batalhão de Fronteira[123], sob ordens do Cel. Emigdyo de Paula, comandante do 1º Batalhão de Fronteiras, foi realizada uma grande operação em Nova Aurora até a propriedade do Sr. Liberato Favero, onde moravam Luiz Andrea Favero e Clari Izabel de David Favero, executando a ordem de operação nº 1, finalizado com os procedimentos da diligência. Na versão do documento, houve pedido para que a entrada na casa fosse franqueada, o que foi obedecido, bem como o acompanhamento da busca por armas e materiais. A operação teve como testemunhas, Hugo Candelot Filho que era Delegado Adjunto da Delegacia de Ordem Política e Social de Curitiba e também Peters Tows, 2º Sargento da 5º Cia de polícia do Exército. É claro que em nenhum trecho do documento do exército, encontram-se menções às torturas que foram submetidos Luiz e Izabel Favero na frente dos pais de Luiz, como está relatado no livro *Brasil nunca mais*, os aspectos cruéis daquela busca e apreensão, no Tomo V volume 2 do livro "As Torturas" às páginas 805, 806 e 807 diz que,

> o interrogando foi surpreendido na residência de seus pais, por uma verdadeira caravana policial; que ditos indivíduos invadiram a casa, algemaram seus pais (…) que em dita dependência os policiais retiraram violentamente as roupas do interrogando e, utilizando-se de uma bacia com água aonde colocaram os pés do interrogando, valendo-se ainda de fios, que eram ligados a um aparelho, passaram a aplicar choques.[124]

---

[122] Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná.
[123] Auto de busca, apreensão e prisão nº 1 do Ministério do Exército III, Ex - 5ª DI 1º batalhão de fronteira, de 05 de maio de 1970.
[124] ARNS, Dom Evaristo Paulo. **Brasil nunca mais.** 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 50.

Na casa dos Faveros foram encontrados segundo o documento os seguintes itens[125];

Livros:
Cuba: A revolução na América Latina de Almir Matos; *Educação como prática de liberdade* de Paulo Freire; *Meu amigo "Che*" de Ricardo Rojo; *Os industriais da seca e os Galileus de Pernambuco*; *Lênin, o Estado e a revolução*; *Educação e luta de classes* de Anibal Ponce; *Socialismo e Cristianismo*; *México rebelde* de John Reed; *A expansão econômica dos Estados Unidos da América Latina*; *Pequeno manual do materialismo dialético*; *Problemas agrário - Camponeses do Brasil; A origem da família, da propriedade privada e do Estado; Filosofia marxista* de V.G. Afanassiev; *Opções da revolução na América Latina* de Miguel Urbano Rodrigues; *A origem do capital* de Karl Marx; *Conclusões de Medellin; Origens e princípios do socialismo científico* de L. Minayev; *História da filosofia; Francisco Julião* de F. Novaes Sodré; *Ernesto Che Guevara - Nossa luta em Sierra Maestra; Como digo: cadernos do povo brasileiro nº 2, 3, 22, 13, 10, 24; A Terceira Guerra; Em agosto Getúlio ficou só; Inflação arma dos ricos; Manifesto do partido comunista* de Marx e Engels; *Manual do candidato a graduado* do Major Waldir Jansen de Mello; *O professor Toynbes e sua filosofia da história; Política externa e povo livre* de Eduardo Portella; *La cultura Soviética de M. Kim; As esquerdas revolucionárias* de John Carl Jaspers; *América Latina e revolução* de Camilo Torres; *Poesias de Choisies* de Lamartine; *La propriedade personal en la Union Sovietica; Trabalho assalariado e Capital* de Karl Marx; *Salário, preço e lucro* de Karl Marx; *O voto e o povo; Que é a constituição?* de Osny Duarte Pereira; *Origem do latifúndio no Brasil.*

Documentos:
Duas carteiras de identidades com nomes de Luciana Corso e Luis Antônio Corso, que foram expedidas pela Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul; Uma caderneta escolar contendo as inscrições: "Inteligência e informações", uma página escrita em código que traduzida lê-se o seguinte: Polícia de Nova Aurora tem uma metralhadora INA quatro FO munição - Delegacia dorme praça com família - Zé duas carabinas e outras armas;

Outros materiais e armas:

[125] Os itens encontrados no quadros foram transcritos Ipsis litteris, Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná. p. 32, 33.

Uma sacola cor azul, contendo duas caixas com 100 detonadores cada uma; 03 latas de tinta spray color Jet; Cinco pincéis atômicos; Um vidro de tinta para pincel atômico; 30 centímetros de cordel detonante; Um rolo espalhador de tinta para impressões digitais; Um cartucho de papel contendo pólvora preta; 16 tiros calibre 32; Um revolver calibre 32 de nº 337641; Uma mochila tipo exército brasileiro VO; Um bornal VO/EB; Uma mochila de cor amarela; Uma folha manuscrita contendo a canção "Nossa união"; Um mimeógrafo da marca Facit nº B-88599; Uma máquina de escrever portátil marca Hermes baby nº 5953392; Uma calça e uma blusa de cor verde tipo militar; Diversos exemplares com o titulo de: "Guerrilheiros e Guerrilhas"; Um folheto com o nome "O drama do povo brasileiro"; Uma folha com as seguintes inscrições datilografadas: "Normas a serem obedecidas para o treinamento político militar"; Uma folha datilografada com a seguinte inscrição: "O dever dos explorados é fazer a revolução"; Um folheto com a seguinte inscrição: "É claro, eu passo fome": A classe operária nº 3, 4, 5 e 6; O regime escravista; Missa dos operários; O regime feudal; A passagem do feudalismo para o capitalismo; Uma folha contendo trechos da conferência aos trabalhadores americanos, Stalin; A comunidade primitiva 8 cadernos; Uma folha contendo autodeterminação dos povos; Uma carta geográfica do Estado do Paraná, escala 1: 1000; Um mapa do Estado do Paraná-1969, escala 1: 600.000; Um mapa Atlantis São Paulo - Paraná; Um mapa geográfico - Uruguai - Brasil meridional, oferecido pela Varig.

Fonte: Documento da Delegacia de Polícia de Nova Aurora, nº 004966, do Arquivo Público do Estado do Paraná.

Os materiais encontrados na casa de Luiz e Izabel Favero foram levados ao 1º Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu. O documento é assinado por Fernando José Vasconcelos Kruger, Capitão e encarregado da Operação Guaçu, bem como os já citados Hugo Candelot Filho e Peter Tows como testemunhas. Percebe-se no documento de busca e apreensão, que havia um radiograma de "nº 40860" endereçado a Miguel E. Dias - prefeito de Nova Aurora, com os seguintes dizeres:

> Ainda como material apreendido, consta um radiograma, nº 40860, endereçado a Miguel E. Dias - Prefeito de Nova Aurora, com os seguintes dizeres: - "Avisamos que para Clari Izabel Favero dar aulas de Francês no Ginásio de Nova Aurora, é preciso uma indicação da diretoria do ginásio e uma certidão de que há vagas para aulas de Francês. pt Favor enviar urgente

pt Deputado Fuad Nacli[126].

O deputado federal pelo Estado do Paraná, Fuad Nacli, foi interrogado no dia 11 de junho de 1970 na cidade de Foz do Iguaçu, dizendo que Luiz e Izabel Favero lecionavam na Escola São Jorge, localizada no interior de sua Fazenda em Nova Aurora, mas que não tinha o menor conhecimento sobre o envolvimento dos professores com a VAR-Palmares, sendo que os mesmos teriam sido contratados pelo prefeito ou a Inspetora de ensino. Disse também que auxiliava os professores do município com "*alimentação, pousada e documentos*[127]*"*, mas que provavelmente, aqueles professores em particular teriam sido atendidos pela sua secretária, Tendo prestado depoimento e liberado.

No momento da prisão, a esposa de Alberto Favero também se encontrava grávida naquele momento e os aspectos cruéis da prisão da cunhada e do irmão o fizeram escolher pela rendição, pois temia pela segurança da mulher e filho. Segundo ele,

> o pai e a mãe ficaram amarrados a noite inteira escutando os gritos do Luiz e da Izabel que estavam sendo torturados, depois levaram o Luiz e jogaram ele dentro de uma bica d'água que tinha lá e ai começaram o afogamento nele lá e levaram meu pai lá pra ver, eles torturando meu irmão lá pelado e meu pai lá assistindo. Eu passei o dia lá perto escondido, quando anoiteceu eu vim embora, passei em Nova Aurora e fui direto pra Anta Gorda. Ai eu reuni o pessoal naquela mesma noite pensando numa maneira de fugir para um esconderijo em Porto Diamante, próximo ao rio Piquiri, a gente tinha dinheiro e condições pra ir, mas já deixei claro que eu não iria, porque na casa do meu sogro tava cheio de milico e todo mundo preso querendo saber onde eu estava e eu não iria porque minha mulher estava grávida, sendo que 27 dias depois que fui preso ela ganhou meu menino mais novo. Eu vou mandar vocês lá, vou dar o dinheiro, mas não vou porque não tem condições de deixar minha família na situação que está, pois a melhor saída é se entregar e pronto, a minha família nem sabia de nada, não podia deixar eles pagarem por isso, eu não vou abandonar minha família[128].

Os companheiros do grupo também decidiram por se entregar. Segundo consta no documento de busca e apreensão[129], aos sete dias do mês de maio de 1970, o Capitão Julio Roberto Cerdá Mendes após as devidas *"averiguações das atividades subversivas"* de Luiz e Izabel Favero, manda o 2º Tenente Mário Expedito Ostrovski, juntamente com o 2º Sargento

---

[126] Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná. p. 24.
[127] Depoimento Fuad Nacli, in: Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966 disponível no arquivo público do Paraná. p. 77.
[128] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[129] Auto de busca, apreensão e prisão. Op. cit.

Frederico José Filho se dirigirem à Nova Aurora, mais especificamente à fazenda São Francisco em um distrito chamado Anta Gorda. O documento em questão parecia dar plenos poderes para que se cumprissem os objetivos, ou seja, a prisão das pessoas citadas acima, bem como armas e objetos pertencentes à VAR-Palmares. A ação poderia e deveria empregar os meios necessários, como "*arrombamentos de portas e móveis [...] Usando todos os meios permitidos por lei para a execução do presente mandato, inclusive a prisão em flagrante de quem oferecer resistência ou quiser impedir o cumprimento do mesmo*[130]*"*. O documento faz menção à lei para realizar a invasão e as torturas, enquanto legitimação do terrorismo de Estado, organizado em uma estrutura racional e poderosa, cumprindo a lei, esta que havia sido imposta pela ditadura.

Em decorrência da decisão do grupo pela opção de não fugirem, foram presos dia 7 de maio de 1970. No documento denominado "Auto de busca, apreensão e prisão nº 2"[131], consta que após feitas as buscas e revistas foram até um rancho próximo da casa onde havia sido enterrado um caixão que após desenterrado e aberto continha os seguintes materiais: 4 winchester calibre 44; 1 saco plástico contendo vários folhetos com os seguintes títulos: Guerrilheiros e guerrilheiras e Reforma Agrária só com uma revolução; 3 gorros de pala cor VO; 1 lata de pólvora vermelha contendo aproximadamente 3 quilos; 1 bornal VO contendo munições de vários calibres e 1 carregador para carabina URKO em poder de Alberto João Favero; 1 revólver Taurus calibre 32 de nº 544100; 1 facão de mato; 1 espingarda de caça.

No relatório final do documento de Nova Aurora consta que o grupo teve treinamento nos arredores do município, pois Luiz Favero inicia os treinamentos de campo e sobrevivência,*"levando Alberto Favero, José Aparecido Germano e José Deodato Motta, para a realização de um acampamento às margens do Rio Melissa, onde foi realizado um exercício de tiro ao alvo e a confecção de coquetel motolov*[132]. Na década de 1970, havia muitas matas na região oeste, enfatizando habilidades de sobrevivência, eles levavam suprimento mínimo de alimentos e equipamentos. Também faziam uso de dinheiro promovido pelas expropriações bancárias principalmente no Rio Grande do Sul, para o treinamento da guerrilha rural.

---

[130] Operação Guaçu, Op. Cit. p. 28
[131] Ministério do Exército III, Ex - 5ª DI 1º batalhão de fronteira, Auto de busca, apreensão e prisão nº 2, p. 29.
[132] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 90.

Segundo este mesmo documento Izabel *"lecionava armada com um revólver calibre 38 da marca Taurus*[133]*"*, construindo uma justificativa para as ações violentas realizadas pelo Estado naquele município, mesmo que hoje insustentáveis e cruéis, mas que causaram os efeitos desejados de medo e ocultamento forçado, gerando o silêncio e consequentemente a "*interdição do passado*[134]*."*

Em início do ano de 1970, o grupo havia comprado um jipe e já tinham bastante armas, como revólveres, carabinas e várias espingardas pois vinham do Rio Grande do Sul materiais como dinamite, bastante munição, pólvora, fuzis e carabinas automáticas. Um pouco mais adiante o documento esboça que Luiz enviou Alberto Favero à Caxias do Sul *para que encontrasse Ayrton Joel Frigeri o "Pedro" de quem recebeu e trouxe para Nova Aurora uma pasta contendo C$ 3.400,00*[135]. Em relação a isso Alberto diz que, um pouco antes da prisão do grupo, foi, "*pro Rio Grande do Sul de novo, na volta passei em Curitiba me encontrei com o Gilberto, ele me deu mais um pouco de dinamite e uma outras coisas pra trazer, pois já vinha com algumas mochilas do Sul*[136]".

O dinheiro em questão é citado no documento na parte referente ao depoimento de Alberto João Favero, mas o mesmo diz que não se lembra da quantia exata, só que era bastante. O grupo havia comprado um jipe com o dinheiro proveniente do Rio Grande do Sul, sendo que naquele ano de 1970, um automóvel "Jipe" novo custava em torno de C$ 12.002[137], mas o que foi adquirido pelo grupo era usado, correspondendo o valor citado no documento, que foi trazido do Sul por Alberto Favero. Em relação à Gilberto Helio Grochowalsky Silveira, é declarado pelos documentos da repressão como simpatizante da causa. Airton Frigeri diz que como ele morava em Curitiba, se tornava um ponto estratégico e, *"servia de base de apoio, onde me hospedava, guardava algum material, era amigo comum do Luiz Andre e meu, o que facilitava alguns contatos, com o Oeste do Paraná e alguns com Santa Catarina. Colaborou bastante fazendo esta ponte com nós e o grupo de Nova Aurora.*[138]*"*

Tanto Izabel, quanto Alberto ficaram muito indignados com a montagem de uma foto

---

[133] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 99.
[134] Memória, verdade e justiça [recurso eletrônico] : as marcas das ditaduras do Cone Sul / organizadores Enrique Serra Padrós, Cármen Lúcia da Silveira Nunes, Vanessa Albertinence Lopez, Ananda Simões Fernandes. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2011. p. 34.
[135] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 63.
[136] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[137] http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2011/01/13/internas_economia,203452/comparamos-as-tabelas-de-precos-de-automoveis-entre-1960-e-1980.shtml
[138] Entrevista à Airton Joel Frigeri. Op. cit.

do grupo após a prisão no Batalhão de fronteiras de Foz do Iguaçu pois, "*enfileiraram a gente diante dessas armas e tinha mais duas pessoas que a gente não conhecia, umas armas velhas, livros, obrigando a gente a fazer essa foto. Nós protestamos e Luiz foi mais inflexível, dizendo que não iria fazer a foto,*[139]" mas acabaram fazendo. Esta foto serviria de propaganda nos jornais da época, de como as pessoas presas poderiam ser perigosos e também como prova da eficiência do regime repressivo.

As fotos do grupo registradas no 1º batalhão de fronteira de Foz do Iguaçu, constituem uma questão interessante, pois qual era a intenção do regime repressivo na montagem da foto? Ivo Canabarro diz que, "*a fotografia é um produto social e cabe ao historiador perceber como as imagens constituem uma certa maneira discursiva de colocar em cena questões e fragmentos da história"*[140]. As fotos abrem o caminho para a discussão, além de estimularem as memórias dos entrevistados, expandindo a percepção do tempo e do espaço, e aproximando-nos do contexto a ser estudado. A título da expansão da relação entre passado e presente, analisaremos abaixo duas fotos, sendo a primeira de 27 de junho de 2013 e a segunda de maio de 1970, ambas na cidade de Foz do Iguaçu:

Figura 4 - Izabel Favero em depoimento à Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?id=1386203

[139] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade, em 27 de junho de 2013, em Foz do Iguaçu.
[140] CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, V. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005. p. 24.

Figura 5 - Foto do grupo preso em Nova Aurora em maio de 1970, presente no documento intitulado "Var - Palmares" produzido pela repressão. Arquivo Público do Paraná.

Da esquerda para a direita temos Benedito Ozório Bueno, José Deodato Mota, Gilberto Hélio Grochowalsky Silveira, Clari Izabel Favero, Luiz Andrea Favero, Alberto Favero, Adão Pereira Rosa, José Aparecido Germano e Moacir Benedito Correa[141]. A foto do grupo, tirada pelo Exército, do tipo "troféu", em que todo o material apreendido é organizado na frente das pessoas presas, para demonstrar que a operação fora bem sucedida. Segundo Izabel Favero no seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade[142], eles foram obrigados a fazer esta foto dias depois da prisão e as armas que aparecem na imagem eram velhas e não eram do grupo, pois suas armas haviam sido enterradas e não encontradas pelos militares. No entanto como já visto anteriormente aqui, há menção dos militares do desenterramento de um caixão cheio de armas na região de Anta Gorda que é um distrito de Nova Aurora, havendo

[141] Foto retirada do documento do Arquivo Público do Paraná nº 004659, intitulado Documentos/informações sobre a Var-Palmares, expedido pelo Estado do Paraná/Secretaria de Estado da segurança pública/Departamento da polícia civil/Divisão de segurança e informações. p. 161.
[142] Audiência da Comissão Nacional da Verdade em Foz do Iguaçu, em 27 de junho de 2013.

naquela localidade o esconderijo do grupo.

A primeira foto mostra Izabel Favero em depoimento na Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade em junho de 2013, segurando a foto do grupo tirada no 1º Batalhão de Fronteiras em Foz do Iguaçu em maio de 1970. Relembra de maneira emocionante os fatos que antecederam o dia daquela imagem, promovendo um momento de incrível reflexão sobre a trajetória dos grupos de esquerda que lutaram contra a ditadura brasileira. A história de sua vida ao lado de seu marido, parece em meio às brumas da história, o resultado da força da juventude estudante que, nos limites da legalidade, resolvem apesar de tudo, lutar por aquilo que acreditavam, não de forma irresponsável, mas sim racionalmente e corajosamente, mesmo tendo que enfrentar as ações repressivas, a prisão, as torturas e o exílio.

Em relação às armas, o grupo estava se preparado belicamente, Alberto diz que:

> conseguimos mais armas, compramos umas oito carabinas 44 e bastante munição, trazendo escondido embaixo do Jipe bem arrumadinho, essas armas eram entregues ao Dito, que eu e ele éramos responsáveis pelas armas. Ai veio do Rio Grande o Pedro novamente com mais um companheiro, vieram de carro, trouxeram dinamite, bastante munição, pólvora e cinco ou seis fuzis e algumas carabinas automáticas. A gente continuou trabalhando, fizemos um lugar muito bem arrumado ali na Anta Gorda (distrito de Nova Aurora), onde eu e o Dito enterramos essas armas. E lá na fazenda do meu pai tinha outro lugar que a gente guardava facões, mochilas e materiais para acampamento, tinha armas também mas pouco, inclusive a metade dessas armas que estavam enterradas não caiu e até hoje a gente não consegue mais localizar, não conseguimos achar mais[...].[143]

Sobre a foto, Alberto Favero revela depois de mais de 40 anos em seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade em Foz do Iguaçu em 27 de junho de 2013 que Moacir Benedito Correa não tinha nada a ver com o grupo, e *que não sofreu torturas, além de ter ficado em cela especial comendo do bom e do melhor*[144]. Em entrevista, diz que,

> Ele era um jagunço do Adízio Figueiredo. Foi preso na região de Tupãssi, ou Formosa, não sei, porque estava com um monte de armas, sendo associado a nós. O que lembro era o nome da fazenda, Aliança, e ele era o administrador, veio de São Paulo. A mulher dele vinha duas ou três vezes por semana visitar ele, dormiu junto num quartinho lá. Não bateram nele, mas estava depressivo, por isso puseram ele com nós, porque estava sozinho e tentou se

[143] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[144] Depoimento de Alberto Favero à Comissão Nacional da Verdade em 27 de junho de 2013 na cidade de Foz do Iguaçu - PR.

> matar. O Adízio era comendador o que na época representava um título, não era qualquer um que tinha, ele era fazendeiro grande[145].

Na solicitação de prisão datada de 13 de maio de 1970, já não consta o nome de Moacir enquanto preso[146] e sobre Adízio Figueiredo foi encontrado somente menção à sua presença na criação do município de Assis Chateaubriand, o nomeando entre *"as personalidades presentes...diretor-presidente da Colonizadora Norte do Paraná[147]*".

A partir da página 39 desse documento é que começam os interrogatórios. Seguindo a ordem nele expressa, o primeiro a ser interrogado no dia 13 de maio de 1970, foi Benedito Ozório Bueno. Dentre os aspectos de protocolo do documento foram feitas as seguintes perguntas a todos do grupo: *"Qual o seu nome filiação, estado civil, naturalidade, profissão e residência[148]"*. Quando perguntado a quanto tempo fazia parte do grupo e por quem foi convidado, respondeu que "*a dois meses e que a convite de José Aparecido Germano[149]"*. A partir de então o interrogatório passa a ter ares de uma construção gradativa de respostas certas a serem dadas, ou seja, o interrogando entrou para o grupo porque recebeu promessas por parte de Luiz Favero de dinheiro e auxílio, devido a sua pobre situação de camponês.

O documento diz também que Benedito compareceu a duas reuniões dentro de um jipe, sendo tratado nestas ocasiões assuntos como a reforma agrária e a igualdade social. Em uma das reuniões recebeu a missão de guardar "*04 carabinas WINSCHESTER 44, o que foi feito num galpão de cereais"[150]*, sendo que as mesmas seriam enterradas alguns dias depois. Perguntado se sabia o que era VAR-Palmares, respondeu que não. O mais interessante dessa parte do interrogatório diz respeito às ameaças que teria sofrido se resolvesse sair do grupo, pois se na primeira reunião as promessas eram de reforma agrária e igualdade, na última reunião *Luiz Andrea disse que eles só esperassem trabalho de vida ou morte e se alguém saísse seria perseguido.[151]* Encerra-se o interrogatório com Benedito dizendo que estaria com medo e que ao fim da próxima colheita se mudaria para outra cidade com toda a sua família.

---

[145] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[146] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 37.
[147] História do Município de Assis Chateaubriand, disponível em: http://assischateaubriand.pr.gov.br/index.php?sessao=175a715ebfnc17&id=1349
[148] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 39.
[149] Idem, p. 39.
[150] Idem. p 39.
[151] Idem, p. 40.

Não existe um lugar para a assinatura do depoente ao fim, somente para as testemunhas: Capitão Delmar J. dos Santos, 2º Tenente Rubens de Antoni, Capitão Julio Roberto de Cerdá Mendes e do 2º Tenente Mário Espedito Ostrovski servindo como escrivão. As informações contidas no interrogatório não condizem com o que as fontes desta pesquisa tem demonstrado até aqui, ou seja, o trabalho realizado por Luiz Andrea Favero, Izabel Favero e Alberto Favero consistia em exposição de suas ideias para a livre participação daqueles que resolvessem aderir posteriormente à luta armada.

Na ordem do documento, o segundo a ser interrogado já no dia 14 de maio daquele ano, foi José Deodato Mota e a única característica diferente do primeiro depoente, foi ao mencionar a realização de treinamento militar "*às margens do Rio Melissa, onde acampou por uma noite, onde Luiz Andrea ensinou a fazer bombas de gasolina e tiro ao alvo*"[152]. No dia 15 de maio de 1970 foi interrogada Clari Izabel Dedavid Favero, que segundo a descrição era militante da VAR-Palmares desde maio de 1969, junto com seu esposo. Após seu casamento em julho daquele ano, mudaram-se de Caxias do Sul para Nova Aurora.

Os dados batem com o depoimento de Izabel mais de 40 anos depois à Comissão Nacional da Verdade, sendo que segundo ambas as fontes, o casal se manteve isolado da organização VAR-Palmares, sendo que no começo de 1970, saem da clandestinidade começando a lecionar no município. Em fevereiro daquele ano eles seriam procurados por *Airton/Joel Frigeri o "Pedro"*[153], o que viria a desencadear a localização do grupo de Nova Aurora, pois Pedro teria feito um mapa da região que caiu com ele quando ele foi preso. Dentre outros aspectos importantes do interrogatório de Izabel é o objetivo das armas, dizendo que seriam para "*futuramente seriam utilizadas para a guerrilha, que visava pressionar ou depor o governo pela luta armada a fim de implantar as reformas de base*"[154], lembrando que essa fala é atribuída a ela já que se trata de um documento produzido pela repressão.

Izabel Favero e Alberto Favero, concordam em dizer que foi com a prisão de "Pedro" (Ayrton Joel Frigeri), que a repressão descobriu o local da organização da Var - Palmares no Oeste Paranaense. Izabel Favero em seu depoimento à Comissão da Verdade em Foz do Iguaçu, dia 27 de junho de 2013, relata que uma vez receberam a visita de um representante da organização. Alberto conta que foram três vezes e que na primeira vez "*ele trouxe uma*

---

[152] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 43.
[153] Idem, p. 47.
[154] Idem, p. 49.

mochila, umas coisas, trouxe um pouco de dinheiro. Ai o Pedro conversou com o Luiz e tal. Eu não conheci o Pedro da primeira vez"[155].

Adão Pereira Rosa foi interrogado no dia 20 de maio de 1970 e o relato se assemelha muito ao depoimento de Benedito Ozório Bueno. No dia 21 de maio de 1970 foi interrogado José Aparecido Germano e o que diferencia dos outros depoimentos é o fato de ao "*levar à Luiz Andrea a ideia de sair do grupo, o mesmo declarou que os desertores seriam castigados com a morte"*[156] e não com perseguições como os anteriores. Aos dias 22 de maio daquele ano foi interrogado Alberto João Favero, que disse que fazia parte do grupo ha três meses e que entre os objetivos do grupo estava a derrubada do governo brasileiro e a implantação da reforma agrária. O texto ainda faz uma comparação sarcástica em relação às condições de vida do interrogando, dizendo que iludido pelo próprio irmão *o indiciado que ganha uma média de C$ 3,00 por dia aceitou fazer parte do grupo, por causa das promessas de dinheiro e reforma agrária*[157], essa diária equivaleria à R$ 18,00 na atualidade.

Nos documentos constam a realização de duas a três reuniões, dentro de um jipe, nas proximidades do distrito chamado Anta Gorda. Consta também que houve treinamentos com tiro ao alvo e confecção do chamado coquetel motolov, que seria uma bomba caseira com efeito retardado. Alberto Favero relata que se reuniam pelo menos duas vezes por semana, a noite no distrito de Anta Gorda para conversarem, ele, o Luiz e Izabel. Numa dessas reuniões, combinaram de fazer reuniões com aqueles que haviam conseguido arregimentar para o grupo. Alberto já havia conversado com Benedito Osório Bueno e Adão Pereira Rosa, que concordaram de entrar para o grupo. Já Luiz tinha conversado com José Deodato Motta que também havia concordado entrar para o grupo.

De acordo com a análise dos documentos produzidos pela repressão, Luiz havia "iludido" o próprio irmão e os outros camponeses ingênuos, chegando a ameaça-los de morte caso quisessem sair do grupo, sendo que este discurso é contrário ao relato de Alberto, pois segundo este, todos entraram para o grupo porque queriam mesmo mudanças e não porque foram forçados. O último a entrar para o grupo foi José Aparecido Germano, o "Lelão", que apareceu na propriedade onde trabalhava Alberto, com a intenção de arrendar as terras do tio dos Favero. Então Alberto sugeriu a Luiz que pagasse um ano de arrendamento pro "Lelão",

---

[155] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[156] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 59.
[157] Idem p. 62.

com o dinheiro da organização, sendo construído um barracão no local que serviriam para reuniões do grupo.

Na segunda vinda do Pedro para Nova Aurora, trouxe muitas coisas, como mochilas, livros, armas e um mimeógrafo, trouxe também dinheiro que seria utilizado para a compra de um jipe. A partir da aquisição do veículo o grupo parte para um levantamento da região, passando por vários locais como Anahy, Braganey, Campina da Lagoa, Nova Cantú, Palmital, Roncador, Laranjal, "*chegando até um tal de Porto Diamante que era na beira do Rio Piquiri, na estrada que saía em Guaraniaçu"*[158]. Alberto revela um contato importante realizado nesta viagem, com posseiros de um lugar chamado Porto Diamante, onde

> Ficamos três a quatro dias ali, onde conhecemos três irmãos de posseiros. Tinha dado peste suína, que tinha matado os porcos deles tudo e estavam passando por dificuldades financeiras. Meu irmão tinha dinheiro e acertou com eles, arrumando uma senha, que só eles sabiam, que se precisasse ir ou mandar alguém pra lá, seria através dessa senha, e dariam cobertura. Eu não sei como era a senha por questões de segurança. Negociamos umas armas, umas cinco carabinas, três funcionando e duas mais ou menos. Aí arrumamos no jipe e viemos embora[159].

Percebe-se que o grupo se interessa por contatos com a sociedade, primeiramente com os colegas de trabalho, depois com os pais dos alunos do casal Favero e posteriormente, com os posseiros. Segundo o depoimento de Alberto, na terceira vez que Pedro veio à Nova Aurora, trouxe consigo uma pessoa de codinome "Negão", que disse ter ido a Cuba para treinamento de guerrilhas. Ficaram uns 15 dias no distrito de Anta Gorda, numa região rodeada por vastos matagais, realizando treinamentos no mato. O objetivo desse treinamento era o aperfeiçoamento da sobrevivência na selva, onde faziam caminhadas sem fazer picada e sem deixar rastros. Alberto explica que , "*durante essas três semanas de treinamento, o nosso esconderijo foi uma caverna de pedras. Depois ele (Negão), foi embora e nunca mais vi ele. Nós fomos presos em 1970, então isso foi lá pelo final do ano de 1969"*[160].

Outra questão de divergência, entre o relato de Alberto e os documentos, é em relação à tentativa frustrada de sequestrar um cônsul no Rio Grande, cuja a prisão de um grupo de Caxias do Sul e outro de Porto alegre, ambos da VAR-Palmares, resultou na localização e prisão do grupo de Nova Aurora em maio de 1970. A dúvida é em relação à nacionalidade do cônsul em questão. Conforme já visto no documento intitulado *Atividades de grupos*

---

[158] Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[159] Idem.
[160] Idem.

subversivos no Estado do Paraná e Santa Catarina[161] que diz que era um cônsul Americano. Já Alberto diz que *era japonês*[162] , mas o grupo acabou sendo preso independentemente da nacionalidade do cônsul.

A prisão das pessoas que compunham o grupo de Nova Aurora, na visão de Alberto foi muito arbitrária, no que tange à violação dos direitos humanos. Em relação às armas, no documento denominado "Auto de busca, apreensão e prisão nº 2"[163], se diz que foi desenterrado no local denominado Anta Gorda, próximo à Nova Aurora, após a prisão do grupo, um caixão cheio de armas e munição, pertencentes à organização. Alberto é totalmente convicto de que esta informação é falsa, insistindo em dizer que as armas estão enterradas até hoje, sendo que quando saíram da prisão foram à procura, mas com a derrubada do mato e o processo de mecanização, não conseguiram achar. Ele diz: "*não desenterraram não, é mentira deles, não tiraram não"*[164]*!*

Aos dezenove dias do mês de junho daquele ano foi interrogado Gilberto Hélio Grochowalsky, que foi preso em Curitiba. Disse que não fazia parte da organização propriamente dita, mas que *colaborava com elementos que a ela pertenciam*[165]. Segundo os documentos, Gilberto fazia contato tanto com o pessoal do Rio Grande do Sul, como com os de Nova Aurora, recebendo e entregando dinheiro. Gilberto era um dos contatos entre o Paraná e Santa Catarina, mas não militava na VAR, atuava como simpatizante do movimento. No ano de 2006 recebeu uma reparação econômica, de caráter indenizatório, em prestação mensal, permanente e continuada no cargo de Técnico de Projeto, Construção e Montagem III, nível 257, da Petrobras, no valor de R$ 7.424,44, conforme a Portaria nº 119, de 23 de janeiro de 2006[166], sendo que o documento concede ao anistiado a quantia retrativa de *"R$ 1.687.005,39 (hum milhão, seiscentos e oitenta e sete mil, cinco reais e trinta e nove*

---

[161] Documento intitulado como "Atividades de grupos subversivos no Estado do Paraná e Santa Catarina", de 26 de julho de 1970, produzido pela SNI, com o nº 17532 e disponível no Arquivo Público do Estado do Paraná, bem como no site de memórias reveladas: http://www.an.gov.br/mr/Seguranca/Principal.asp.

[162] Entrevista à Alberto Favero, realizada por Marcos Adriani Ferrari de Campos, na cidade de Nova Aurora em 17/07/2013.

[163] Ministério do Exército III, Ex - 5ª DI 1º batalhão de fronteira, Auto de busca, apreensão e prisão nº 2,. In: Documentos/Informações referentes à DPNA (Delegacia de polícia de Nova Aurora), nº 004966. p. 29

[164] Entrevista à Alberto Favero, realizada por Marcos Adriani Ferrari de Campos, na cidade de Nova Aurora em 17/07/2013.

[165] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 85.

[166] Portaria nº 119, de 23 de janeiro de 2006. Disponível em: http://www.jusbrasil.com.br/diarios/442446/pg-49-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-26-01-2006.

centavos), nos termos do art. 1º, incisos I e II c.c art. 19 da Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002.[167]" Talvez em pesquisas futuras possam ser esclarecidos estas questões.

O depoimento mais longo se dará no dia 20 de junho de 1970 por Luiz Andrea Favero. Segundo o documento, Luiz era o "chefe" do grupo de Nova Aurora, tendo emergido do movimento estudantil do Rio Grande do Sul, e quando perguntado o porquê teria entrado para a VAR-Palmares, segundo o documento, Luiz indica que por se tratar de aspirações condizentes com suas próprias ideias como a derrubada do governo pela luta armada e as reformas, agrária, econômica, cambial, habitacional e educacional. Disse também que organizou o Comando territorial, que serviria como base de treinamento militar de apoio à guerrilha.

O relatório da chamada "Operação Guaçu" descreve de maneira resumida a ordem cronológica dos fatos, bem como algumas características individuais. De acordo com o documento, Luiz Favero primeiramente entra para a VAR-Palmares em maio de 1969 e logo em seguida "*convenceu sua esposa com promessas falsas de auxílio em dinheiro*"[168]. Descreve que convenceu seu irmão o qual analisa como "*lavrador e semianalfabeto*", dizendo hipocritamente que, sujeitos pobres, simplórios, com um monte de filhos e ganhando *uma média de C$ 3,00 por dia*[169], foram iludidos com as promessas falsas de Luiz, o que se traduz falsamente na realidade dos fatos. O documento traz informações relacionadas à organização estrutural do grupo que estava dividido em setores como: *de imprensa, inteligência, organização camponesa e instrução militar.*[170] Com base nesse relatório o grupo realizou três reuniões dentro de um jipe, bem como um acampamento de treinamento para confecção de bombas caseiras e treinamento de tiro ao alvo.

Segundo o documento intitulado *Documento/Informações referentes à VAR-Palmares,* registra que a organização estava estruturada na região Sul do Brasil com o *Comando Regional nº1, com sede em Porto Alegre, um comando localizado em Caxias do Sul e a área tática regional de apoio*[171]. De acordo com o relatório, o comando regional de Porto Alegre era constituído por três pessoas, sendo que Gustavo Buarque Schiller, era responsável pelos setores de operação e treinamento. Izabel chega a mencionar o nome de Gustavo em seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade, que quando foram levados para interrogatório

---

[167] Portaria nº 119, de 23 de janeiro de 2006. Op. cit.
[168] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 90.
[169] Idem, p. 90.
[170] Idem, p. 90.
[171] Documento/Informações referentes à Var - Palmares, nº 004659. In: Arquivo Público do Paraná. p. 82.

em Porto Alegre, Gustavo estava presente e com o nariz quebrado devido à violência das torturas[172].

Aquele que era conhecido como "Marcos" pelo grupo de Nova Aurora, se tratava de Luiz Antônio de Carvalho, que era coordenador dos comandos territoriais de Porto Alegre, Caxias do Sul, dando assistência também à Área tática de Nova Aurora. O documento ainda acusa Gustavo Buarque Schiller de ser o principal responsável pelo roubo do cofre de Ana Bouchionol Capriglione, sendo talvez este o motivo da condução de Izabel e Luiz Favero para Porto Alegre, no dia 18 de setembro de 1970, conforme relato de Izabel, foram muito indagados sobre o roubo do cofre, no entanto Izabel disse que queriam saber sobre o roubo do cofre do Adhemar em São Paulo, sendo que o documento em questão afirma ser o cofre de outra pessoa.

Aluizio Palmar explica que Gustavo era sobrinho de Anna Gimel Benchimol Capriglione que era tida como amante de Adhemar e *"ao ouvir que no cofre do casarão da sua tia, havia milhões de dólares, levou esse dado à organização. Em 18 de junho de 1969, o cofre foi levado por um comando da VPR[173]"*. Mesmo assim o casal Favero foi levado de Foz do Iguaçu para interrogatório e mais torturas. Izabel conta que foram levados em um avião militar não sabendo para onde iriam e chegando em Porto Alegre,

> numa sexta-feira a noite e ficamos até a segunda nesse pânico! Na segunda feira eu fui levada encapuzada pra uma sala e me interrogaram mas não me bateram. As perguntas eram relativas ao dinheiro do cofre do Adhemar. A prova de que não sabíamos e nunca recebemos dinheiro é que a gente trabalhou pra sobreviver! Eu respondi que não sabia mesmo, ai me levaram de volta. Ai no dia seguinte voltei pra aquela sala onde estavam Luiz Andre e Gustavo Buarque Chiler que também era militante da VAR, eles apanharam muito sendo que o Gustavo estava com o nariz quebrado. O assunto era o tal do dinheiro do cofre, que já em Foz do Iguaçu, fomos muito interrogados sobre isso. Estava meio confuso meio estranho o interrogatório em Porto Alegre. No outro dia ficamos sabendo que fomos pra lá porque Luiz iria responder um processo da época do movimento estudantil, quando era presidente da UGES, ele foi preso tantas vezes, mas numa dessas passeatas ele tinha sido indiciado. Então levaram a gente pro tribunal e ele foi absolvido[174].

Segundo o depoimento de Suzana Lisboa, amiga de militância do casal, Luiz foi torturado apenas por prazer pelos torturadores, pois não havia mais motivos, *"eles bateram muito nele ali e já não tinha mais nem porque, de espancar, ele achava que eles torturam ele*

---

[172] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade. Op. cit.
[173] PALMAR, Op. cit. p. 56.
[174] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade. Op. cit.

por prazer ali no porão da nona.[175]" Depois da ida à Porto Alegre, Luiz e Izabel foram para o presídio do Ahú em Curitiba onde, Izabel teria mais problemas, pois segundo o relato, Lamartine Soares que era diretor do Ahú, disse que ela não poderia ficar ali onde estavam os presos políticos do Paraná porque não havia presas políticas e ele não poderia ser responsável por ela, enviando-a para o presídio de Piraquara, que era para pessoas que haviam cometido crimes graves e não para presas políticas e, "*foi uma experiência muito dura. Na minha chegada as guardas não sabiam a diferença, tanto fazia.*[176]", sendo que este fato já foi explicado anteriormente. Neste sentido, entende-se o medo de Izabel ao estar na mesma cela de pessoas que poderiam estar ali por assassinato ou outros crimes violentos.

Prosseguindo na análise do documento, menciona que a área tática de Nova Aurora estava estruturada em quatro setores: *inteligência, instrução militar, organização camponesa e armamento/manutenção*[177]. A organização da Área tática no Oeste Paranaense, teve início em julho de 1969, obtendo o reconhecimento do Comando Regional nº 1 de Porto Alegre, através de Luiz Antonio de Carvalho, o "Marcos". O documento ainda diz que Luiz Favero foi retirado da região de Caxias do Sul, onde desenvolvia atividades subversivas, por seu pai Liberato Favero, tentando afastá-lo daquelas atividades.

Essa documentação faz uma análise da estruturação das organizações de esquerda naquele momento, lembrando que interessa aqui principalmente os dados sobre a VAR-Palmares. Interessante mencionar que o documento está datado de 21 de maio de 1970 e indica que *face ao grande número de militantes da VAR presos em Porto Alegre e Caxias do Sul, tem-se a impressão que a mesma foi totalmente desmantelada.*[178] O que foi confirmado por Izabel Favero em seu depoimento dizendo que quando foram presos, provavelmente eram os últimos militantes da VAR-Palmares em atividade. Mesmo com a data citada acima, o documento afirma que a base de Nova Aurora, ainda não tinha sido tocada, sendo que a prisão do grupo do Oeste Paranaense ocorreu na primeira quinzena de maio de 1970. Mas sugestiona que seja montada uma operação com a finalidade de prender o casal Favero, as armas e posteriormente os demais militantes.

Já o documento intitulado *"Documentos/informações referentes à Dops - Relatórios 3 1970 - 1971 - 1972"*, relata os acontecimentos relacionados à movimentação dos grupos de esquerda, bem como a repressão. No mês de maio de 1970, mais especificamente no dia oito

---

[175] Entrevista à Suzana Lisboa cedida à Carla Luciana Silva em dezembro de 2013, em Porto Alegre.
[176] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade. Op. cit.
[177] Documento/Informações referentes à Var - Palmares, nº 004659. Op. cit. p. 83.
[178] Idem, p. 84.

foi emitido um relatório sobre a estruturação da VAR-Palmares em Nova Aurora - PR, onde detalha que, "*após vários dias diligenciando, esta especializada, coadjuvada com autoridades federais, deitamos mãos em diversos implicados."*[179]

O que os documentos oficiais não mencionam é que os interrogatórios eram realizados com os mais cruéis tipos de torturas, como os denunciados por Izabel Favero e Alberto Favero, entre outros, tanto tempo depois do fim da ditadura. A pergunta mais enfática de Izabel em seu depoimento à Comissão Nacional da Verdade em 27 de junho, era: "*Por que eles nos odiavam tanto?"* Após saírem da prisão em 1971, de acordo com o Jornal "Diário do Paraná" datado de 14 de julho de 1971, Izabel "*já havia cumprido preventivamente a pena que foi condenada (um ano de reclusão). Quanto a Luiz Andrea Favero, sua pena de 18 meses de reclusão expirará no mês de novembro.*[180]" Seguem para o Chile e com o golpe naquele país em 1973, partem para a França onde permaneceram até 1985, quando então retornam ao Brasil. Alberto Favero e alguns integrantes do grupo permaneceram em Nova Aurora, tendo suas ações vigiadas por longo tempo.

Na continuação da análise do documento identificado como "*Delegacia de polícia de Nova Aurora: Atos de subversão",* que expõe os fatos ocorridos naquele município segundo os militares, podemos ver claramente uma preocupação com as atividades realizadas pelas pessoas que resistiram quase dez anos após a prisão. Segundo o delegado de polícia civil em exercício no ano de 1979, Edson Bindi, que escreve um documento quase que pedindo socorro à Secretaria de Segurança Pública, ao S/2 – Batalhão de fronteira, ao P/M3 – 6º Batalhão de polícia militar e à 15ª S.D. P.I., relatando que naquele momento "*a política do município encontrava-se totalmente deturpada de seus propósitos*[181]*"* e a atuação de "forças perigosas", geravam um clima de intranquilidade política para a população.

Trata-se de discussões, ameaças e um suposto sequestro envolvendo vereadores de Nova Aurora, que segundo o documento exposto, sugere também o envolvimento de forças familiares que outrora estiveram ligadas à luta armada contra o regime ditatorial em que se encontrava o Brasil nos anos 1970, ou seja, os Favero. O documento em questão começa com o pedido de auxílio às autoridades militares, para problemas políticos em Nova Aurora no ano

---

[179] *"Documentos/informações referentes á Dops - Relatórios 3 1970 - 1971 - 1972", nº 01078,* p. 304.
[180] Jornal "Diário - PR, de 14 de julho de 1971. In: Documento/Informações referentes à Var - Palmares, nº 004659, p. 72.
[181] Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966; In: Arquivo Público do Paraná. p. 2.

de 1979, citando a "*infiltração política subversiva*[182]*"* naquela localidade, onde já haviam existido "problemas políticos revolucionários", segundo o delegado, nota-se *" pelas atitudes de Edis desta cidade, que elementos subversivos estão atuando na câmara municipal local e já a algum tempo*[183]*".*

Pode-se perceber às vésperas da Anistia, em 1979, que ainda existia um "medo", ou um exagero por parte da burguesia e militares em relação ao comunismo, como parte de suas justificativas para o golpe e a manutenção da ditadura por vinte anos. As desavenças políticas do município giravam em torno de Arnaldo Costa Farias e José Elias da Costa, vereadores do MDB, que estariam sendo influenciados por Alberto Favero e Liberato Favero, estes últimos de acordo com o documento, "*já fichados pelo E.B*[184]*".* Essa infiltração subversiva a qual cita o documento se refere à comunicação através de cartas com Luiz Andrea Favero e Izabel Favero que se encontravam exilados na França, sendo que a preocupação do delegado Edson Bindi naquele momento, se devia aos resultados da *"Operação Gaivota*[185]" que consistia na apreensão temporária das cartas para serem copiadas e logo em seguida devolvidas ao seu fluxo normal, para não levantar suspeitas e gerarem resultados como a identificação e a localização de brasileiros radicados no exterior.

Em uma carta datada de 10/07/1977, postada por Luiz Andrea Favero e Izabel Favero em Paris/França, destinada à Liberato Favero e Alberto Favero, moradores do município em questão, apreendida pela Operação Gaivota, os exilados políticos fazem menção aos seus estudos em Administração Pública e relações exteriores relatando que esperam dentro de dois anos alcançarem o doutoramento nessas áreas. O documento consiste numa explicação sobre a operação e os fatos confirmando que ambos estavam radicados na França, pois,

> há um registro nesta seção sobre Luiz Andrea Favero, ex-presidente da União Gaúcha dos estudantes secundários e responsável pelo foco de subversão na região de Nova Aurora e Formosa do Oeste, no Paraná. Área tática da VAR - Palmares, onde o nominado dirigia o setor de instrução militar da referida organização terrorista, enquanto sua esposa, Clari Izabel Favero também pertence à organização, orientava o setor de inteligência. O subversivo Luiz Andrea Favero e sua esposa Izabel Favero, estão radicados na França onde se mantém ligados às articulações da esquerda brasileira no exterior. Expressam em sua correspondência, esperança quanto a um possível enfraquecimento do regime brasileiro em consequências de pressões

---

[182] . Documento intitulado: Delegacia de polícia civil de Nova Aurora nº 004966. Op. cit. p. 02.
[183] Idem. p. 02.
[184] Idem. p. 03.
[185] Operação Gaivota, documento disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/author/aluizio/. Acessado em 15 de janeiro de 2013.

> externas. Solicitamos a destruição dos anexos, tão logo sejam liberados por essa seção[186].

Segundo o documento, a "Operação Gaivota", apreendia a carta somente pelo tempo necessário para a retirada de informações e devolvida ao fluxo normal para evitar suspeitas. No entanto esta carta a qual está sendo analisada aqui, chegou ao seu destino somente 35 anos após ser enviada. Luiz Andre relata em suas particularidades do exílio, a sua decepção em relação a um parente que não informou o endereço do casal para a sua noiva quando esta tinha visitado Paris, segundo suas palavras, *"nós ficamos muito chateados com o tio Zé por ele não ter dado o endereço nosso pra sua noiva quando ela esteve em Paris. Penso que é porque ela é filha de militar e ele tem vergonha de apresentar a ela exilados políticos[187]"* Mas antes da decepção, percebe-se a alegria em ter recebido fotos do sítio em Nova Aurora, com pessoas *"churrasqueando".* Alberto Favero tentou ler a carta, mas foi tomado de uma súbita ansiedade pela qual suas mãos tremiam ao ajeitar o óculos e enxugar as lágrimas. As únicas palavras que conseguiu falar naquele momento foi, *"eu estou recebendo esta carta só agora, depois que o meu irmão já faleceu[188]."*

A carta enquanto documento histórico poderia ser lida e analisada sem a presença do seu destinatário, que só teve acesso a ela mais de três décadas após a sua escrita, mas não teria o mesmo impacto na construção historiográfica, pois remonta a cenas do passado ligado a aventuras, riscos de morte e aspectos de lutas por um mundo melhor. O documento apresenta suas conclusões denominando que os Favero, mantém ligações com a esquerda brasileira no exterior, o que demonstra as causas do medo do delegado de Nova Aurora ainda em 1979. A carta se encontra em anexo do documento "Operação Gaivota" e nela o casal relata a saudade do Brasil, mas principalmente o acompanhamento dos fatos que se passavam por aqui, como as passeatas dos estudantes e a cassação de mandatos. Em relação à visão que se tem no exterior da ditadura brasileira relatam que,

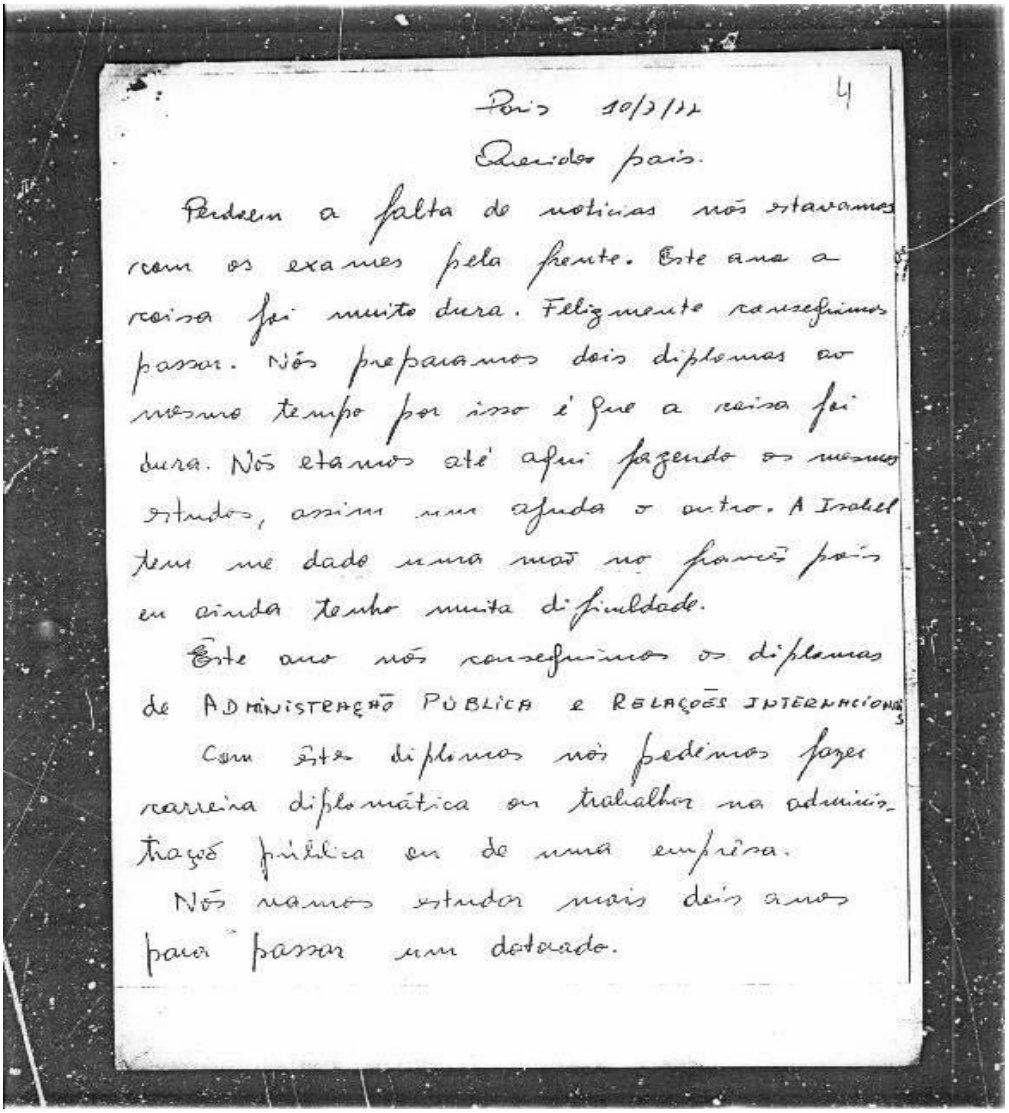
> aqui em Paris foi feita uma manifestação na frente da embaixada do Brasil para pedir a anistia e o fim da ditadura e do apoio dos estudantes e trabalhadores brasileiros. Também grandes personalidades francesas e bispos, fizeram uma comissão que foi na embaixada entregar um abaixo assinado de apoio às lutas do povo brasileiro[189].

---

[186] Operação Gaivota. Op. cit.
[187] Idem.
[188] Entrevista à Alberto João Favero. Op. cit.
[189] Carta, Op. cit, p. 06.

A carta demonstra outras instâncias de luta contra ditadura como, por exemplo, a existência na França de um comitê pela anistia no Brasil, bem como a *"circulação de um manifesto assinado por coronéis do Exército e oficiais da Aeronáutica que pedem o fim do AI-5, a anistia e a entrega do Governo para os civis. Os jornais brasileiros estão proibidos de divulgar.*[190]*"* Esta parte da carta está grifada pelos militares, assim como: "*o regime está cada vez mais isolado [...] mudanças dentro de alguns anos*[191]*."* As palavras de Luiz Andrea Favero denotam confiança, porém moderada, a certeza de mudanças, mas gradualmente.

Trecho da carta (1ª página)



Paris 10/3/72 4

Queridos pais.

Perdem a falta de notícias nós estavamos com os exames pela frente. Este ano a coisa foi muito dura. Felizmente conseguimos passar. Nós preparamos dois diplomas ao mesmo tempo por isso é que a coisa foi dura. Nós estamos até aqui fazendo os mesmos estudos, assim um ajuda o outro. A Isabel tem me dado uma mão no francês pois eu ainda tenho muita dificuldade.

Este ano nós conseguimos os diplomas de ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com este diplomas nós podemos fazer carreira diplomática ou trabalhar na administração pública ou de uma empresa.

Nós vamos estudar mais dois anos para passar um doutorado.

Figura 6 - Disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/as-cartas-dos-exilados-eram-censuradas/

[190] Carta, Op. cit, p. 06.
[191] Carta, Op. cit, p. 06.

No Brasil, ao assumir a presidência da República em 1979, o general João Batista Figueiredo anunciava o projeto de anistia, afirmando:*"eu não quero o perdão, porque o perdão pressupõe arrependimento e eu não estou pedindo que eles se arrependam até de pegar em armas contra nós. Eu apenas quero que haja esquecimento recíproco.*[192]*"* As comissões pela anistia já se espalhavam na segunda metade dos anos 1970, como se pode analisar na carta do exílio. Caroline Bauer, em sua tese diz que no Brasil, entre os movimentos pela anistia destacavam-se: " *o movimento feminino pela anistia fundado em 1975 e o Comitê brasileiro pela anistia que iniciou suas atividades em 1978 com núcleos em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Fortaleza, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.*[193]*"* Esses movimentos acabam desconstruindo as palavras do general presidente Figueiredo, que dão a entender que a anistia foi uma "generosidade" dos militares, sem nem mesmo a necessidade de perdão, desde que se cumpra o esquecimento e o silêncio das crueldades cometidas pelo regime, já que a anistia igualava os valores tanto dos torturadores como dos torturados.

De qualquer maneira, a preocupação do delegado de Nova Aurora no ano de 1979 se justificava pelas manifestações contra a ditadura brasileira, tanto aqui quanto no exterior. De acordo com o documento analisado alguns vereadores estavam sendo financiados por pessoas com "*passados ligados com a subversão*[194]*",* fazendo menção à família Favero. Segundo consta, os vereadores emedebistas Arnaldo da Costa Farias e José Elias da Costa, influenciados por Alberto e Liberato Favero, capturaram o presidente da câmara, para não haver coação por parte deste na votação dos outros vereadores. Sendo a descrição dos *"intelectuais financiadores da subversão,"* considerando Liberato Favero, um sitiante abastado e ligado indiretamente à política, porém discreto. Já Alberto Favero é apresentado como ativo e sempre ligado às ações políticas, sendo destinado a este a fonte do dinheiro para as despesas do sequestro, merecendo toda a atenção dos "*órgãos de informação do Estado, tanto estaduais, quanto federais*[195]*."*

---

[192] MONTEIRO, Tânia. Venturini: "***O grande mentor da anistia foi Figueiredo". O Estado*** do ***São Paulo***, São. Paulo, ***22 ago. 2009***. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,venturini-o-grande-mentor-da-anistia-foi-figueiredo,423015,0.htm. Acesso em 29 de julho de 2014

[193] BAUER, Caroline. Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países. Tese, UFRG, Porto Alegre/Barcelona, 2011. p. 239.

[194] Documento da delegacia de policia civil de Nova Aurora nº 004966: Atos de subversão, p. 03.

[195] Idem. p. 04.

A parte conclusiva do delegado beira a comicidade, chegando a diagnósticos paranoicos, onde argumenta que as preocupações vão desde o prefeito até o mais humilde lavrador, espalhando assim o medo ao explicar que ninguém fala explicitamente sobre os fatos políticos por causa das represálias. Revela também a precária estrutura da delegacia do município que contava apenas com três pessoas com o delegado, agradecendo a "obra divina" por não ter acontecido algo mais grave, pois não podem contar nem com viaturas, se utilizando de veículos particulares para atender as ocorrências. Desta maneira o delegado Edson Bindi encerra suas reivindicações e desabafos sobre a intranquilidade política do município. De maneira alguma pode se comparar a situação local à nacional, mas expressa de maneira clara as consequências de 15 anos ditatoriais, com todos os seus problemas e entraves para o Brasil.

O desentendimento dos vereadores de Nova Aurora no ano de 1979, gerou diligências de um agente especial o qual denominado de "Ag. 003" para o local onde colheu informações e concluindo em relatório posterior, que o presidente da câmara Petronilio Xavier da Silva da ARENA, teve seu mandato cassado por faltas às sessões da câmara. O vereador Arnaldo da Costa Farias do MDB teria feito uma reunião após a sessão ordinária no dia 1/2/1979, com um número mínimo de edis presentes, para sua apresentação como novo presidente, resultando em tumulto, onde o mesmo "*ao final de suas bravatas apossou-se dos livros e outros documentos daquela casa de leis dirigindo palavras de baixo calão, ameaçou matar a todos, investindo inclusive contra um policial militar.*[196] ,,

A ligação existente entre os vereadores do partido MDB e a família Favero, principalmente Alberto, corresponde também a uma outra instância de luta contra a ditadura, já que o mesmo havia sido preso em 1970 por estar participando da resistência armada contra o regime. Nesse aspecto, o documento em questão se utiliza do termo sequestro, para designar a ação realizada pelo vereador Arnaldo da Costa Farias e Alberto Favero contra o presidente da câmara. Arnaldo teve seu mandato cassado por quebra de decoro devido aos fatos acima mencionados.

Das nove pessoas presas do grupo de Nova Aurora em maio de 1970, sabe-se que Benedito Ozório Bueno, Luiz Andrea Favero, José Aparecido Germano já faleceram, sendo que este último, nada se conseguiu descobrir, seja por falta de tempo ou oportunidade de

---

[196] Relatório nº 006/79, do Ag. 002 ao Sr. Ch da P/2. PMPR, 6ºBPM, Documento da delegacia de policia civil de Nova Aurora nº 004966. p. 02.

procurar a família e resgatar suas memória sobre o acontecido. Também não foi encontrado nada sobre Adão Pereira Rosa e José Deodato Mota além das fontes analisadas.

CAPÍTULO 3 - A REPRESSÃO EM NOVA AURORA - PARANÁ: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Este capítulo busca analisar as críticas em relação à memória, pois como será que as pessoas foram construindo as diversas visões sobre o processo ditatorial brasileiro? Muitas vezes o aspecto da dominação de classe é deixado de lado comprometendo uma compreensão mais contextualizada das causas e consequências de um regime ditatorial, prejudicando também o estudo historiográfico das memórias, estas que vão sendo construídas e mantidas ao longo do tempo, às vezes tendem a modificar o significado de um passado recente.

3.1 - Como a ditadura é vista hoje

O jornal Folha de Londrina do dia 04 de agosto de 2001 traz a reportagem intitulada "Ex-revolucionários se reencontram"[197], fazendo menção aos irmãos Favero que aguardavam o início da procura de ossadas de revolucionários que supostamente teriam sido enterradas nos arredores do município de Nova Aurora – PR. Tal busca liderada pelo jornalista Aluízio Palmar, tentava localizar os restos mortais do grupo de Onofre Pinto entre eles, José Lavechia, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, Vitor Carlos Ramos e o argentino Enrique Ruggia. Em nota o texto diz que,

> A cidade de Nova Aurora, que chegou a ser ponto de treinamento da guerrilha VPR na época da ditadura militar, é palco agora para o reencontro de ex-militantes. Na cidade ainda reside a família Favero, vítimas de tortura, em maio de 1970. Os irmãos Alberto, 56, e Luís Andrea Favero, 57, presos políticos, também aguardam ansiosos pela escavação. "É uma parte da história do país. É preciso saber onde estão estas pessoas", disse Alberto.[198]

Durante o período ditatorial brasileiro, alguns grupos da esquerda optaram pela resistência armada, como forma de expressão contrária ao regime, baseadas em princípios socialistas adaptadas às necessidades brasileiras de mudanças. A ditadura no Brasil permanece na atualidade levantando aspectos problemáticos em relação às visões interpretativas sobre suas reais consequências para a sociedade, sendo que, as recordações, os silêncios e os esquecimentos, têm provocado neste início de milênio uma "reviravolta" na história da memória brasileira sobre o regime ditatorial. No ano de 2012, mais

[197] Jornal Folha de Londrina, 04 de agosto de 2001.
[198] Alberto Favero, In: Jornal folha de Londrina, 04 de agosto de 2001.

especificamente no dia 29 de março, alguns militares se encontraram no Clube Militar da cidade do Rio de Janeiro, para comemorarem a data do golpe de 1964, como se aquilo fosse um grande feito para a nação brasileira [199].

Silvio Tendler, cineasta e documentarista brasileiro, um pouco antes da data mencionada acima, fez uma convocação através de um vídeo na internet para reunir o máximo de pessoas na data e local acima mencionada para protestarem contra o que ele chamou de "festim diabólico," segundo as suas palavras, "*é inadmissível que exista gente que ainda hoje pretenda comemorar o golpe de 1964. É inadmissível que se use espaços públicos pra comemorar a implantação de uma ditadura que destruiu uma geração inteira.*[200]*"*

O Estado atua como provedor do esquecimento institucionalizado através da massificação midiática, promovendo a falta de justiça, a *"ponto de falar muito das"vítimas" e esquecer-se dos ditadores*[201]*."* Segundo o jornalista de Foz do Iguaçu Aluizio Palmar, "*não existe ódio em relação aos torturadores, mas sim sequelas*[202]*",* sendo necessário que se faça justiça, num processo reparatório, não só financeiro, mas sociocultural. Embora não se possa mudar os fatos do passado, parece que "*o seu sentido forçosamente se transforma ao sabor das intenções, disputas políticas e expectativas*[203]*".* Ao se pensar sobre a ditadura civil-militar no Brasil, as palavras de Janaína de Almeida Teles, traduzem no início do século XXI, as disputas de "versões" sobre um passado que parece não querer passar. Os militares e a burguesia tentam harmonizar os fatos através da "*reconciliação como objetivo; consenso como programa e esquecimento como instrumento*[204]*",* como se isso fosse possível sem passar pela crítica historiográfica.

De fato, as lacunas continuam e, mesmo 29 anos após seu "fim" oficialmente

---

[199] No dia 29 de março de 2012, manifestantes protestaram do lado de fora do Clube Militar, no centro do Rio, onde acontecia uma comemoração pelo aniversário do golpe de 1964. A Polícia Militar, como de costume, fez farta distribuição de gás lacrimogêneo, spray de pimenta e muita truculência. Ex-militares como o tenente-coronel Lício Maciel, que participou de operações no Araguaia, e o general Nilton Cerqueira, responsável pela execução de Carlos Lamarca, foram escorraçados pelos manifestantes. Vídeo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=pU08Qu2BjTY. Acesso em 13/01/2013.

[200] Ato contra a comemoração do golpe de 64. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=1_Io8tz9WLM. Acesso em 13/01/2013.

[201] VINYES, Ricard. **El Estado y La memoria: gobiernos y ciudadanos frente a lós traumas de La historia.** Barcelona, RBA, 2009**.** p.56. Tradução livre.

[202] Aluizio Palmar em entrevista**:** "É preciso que a Comissão da Verdade faça justiça" – Entrevista especial para o QTMD? (Quem tem medo da democracia?) Disponível em: http://wwwquemtemmedodademocracia.com/2011/10/05/aluizio-palmar-e-preciso-que-a-comissao-da-verdade-faca-justica-especial-para-o-qtmd/. Acesso em 20/01/2013.

[203] TELES, Janaina de Almeida. **A constituições das memórias sobre a repressão da ditadura: o projeto Brasil: Nunca mais e a abertura da Vala de Perus.** Anos 90, Porto Alegre, v. 19, n. 35, p. 257-292, jul. 2012. p. 258.

[204] VINYES, op. cit, p.23.

declarado, a ditadura causa indagações e às vezes discursos nostálgicos da parte de alguns, que acabam negando que ela se caracterizou como uma *"ditadura de classe*[205]*"*. Às vezes somos tentados a observar certos personagens e seus movimentos, mas não se deve esquecer do processo histórico pelo qual fluem as lutas de classes, sendo que este, ao longo do século XX, foi marcado pela massificação da classe trabalhadora, a qual foi subordinada à exploração. Quando ela se move na direção oposta a este sistema, tomando consciência de sua real situação perante seus inimigos de classe, a burguesia que mantém suas condições através da exploração dos trabalhadores, lança mão da tentativa de desenvolvimento do consenso e a violência institucionalizada, para manter assim sua dominação.

Podemos encontrar na atualidade exemplos de tentativas bizarras de oficialização do discurso de que os militares salvaram o Brasil da ditadura comunista e que o golpe era preciso para o bem da sociedade brasileira. Vejamos o exemplo do atual deputado federal Jair Bolsonaro, sobre a guerrilha do Araguaia, em que traduz a busca de corpos em uma piada cretina, num cartaz enorme pendurado no seu gabinete que diz: *"desaparecidos do Araguaia, quem procura osso é cachorro*[206]*".* Esse discurso parece uma tentativa medíocre de impressionar a sociedade, transfigurando uma luta séria e com propósitos, em algo banal que deve ser esquecida. O que é pior, tenta desta maneira tirar a responsabilidade do Estado e das pessoas que agiram em nome do mesmo, atuando na repressão.

Figura 7 - Foto: Rogério Tomaz Jr.Disponível em: http://brasiliamaranhao.wordpress.com/2009/05/27/jair-bolsonaro-sobre-os-mortos-do-araguaia-quem-procura-osso-e-cachorro/.

[205] FERNANDES, Florestan. **A ditadura em questão.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

[206] Gabinete do deputado federal Jair Bolsonaro (PP/RJ), 27/05/2009). Foto: Rogério Tomaz Jr.Disponível em:http://brasiliamaranhao.wordpress.com/2009/05/27/jair-bolsonaro-sobre-os-mortos-do-araguaia-quem-procura-osso-e-cachorro/. Acesso em 20/01/2013.

A promoção de "vítimas" propicia ao Estado ausentar-se de todas as responsabilidades, gerando um clima de perdão e reparação econômica, apagando assim todos os valores políticos das pessoas que lutaram pela democracia, provocando o esquecimento consciente das causas pelas quais essas pessoas se tornaram "vítimas" e o porquê decidiram lutar. Parece uma coisa ao acaso, mas não é, pois trata de lembrar-se das "vítimas" e esquecer aqueles que provocaram a ausência da liberdade, o terrorismo de Estado, sob a lei de segurança nacional, mergulhando o país em anos ditatoriais. Segundo o historiador catalão Ricard Vinyes, *a razão é porque a vítima sofreu dor, o que gera um consenso sobre reparações econômicas, a piedade com base no consenso comprovado, e não causalidade histórica.*[207] Dessa maneira, absolve o Estado de assumir uma posição, voltando sua atenção para as vítimas e não aos valores políticos que tinham antes de se tornarem vítimas.

No Brasil, a instauração da "C*omissão Nacional da Verdade*[208]*"* em 2012, sem caráter judicial, visa esclarecimentos principalmente sobre o período ditatorial, de um passado que insiste em não querer passar.[209] Segundo a cartilha da Comissão da Verdade no Brasil,

> um dos objetivos que têm causado muita discussão é justamente o da reconciliação e do estabelecimento da paz. Embora seja um objetivo louvável e um corolário dos que promovem os Direitos Humanos como valor intrínseco à Democracia, deve-se reconhecer que, para as vítimas, promover a reconciliação e a paz só pode ser possível com a Justiça e com o reconhecimento oficial das responsabilidades de indivíduos que, a mando do Estado, violaram os direitos mais elementares, prendendo arbitrariamente, torturando e assassinando opositores do regime, muitos deles até hoje desaparecidos[210].

No entanto, se pode perceber que esses indivíduos torturadores a serviço do Estado andam por aí impunes e a palavra reconciliação pode muito bem significar esquecimento, já que os mais diversos atores envolvidos nessas tramas de recordações, silêncios e esquecimentos de determinados aspectos do passado, incorporam a este, os sentidos que melhor se adequarem à ligação que os mesmos têm com esse passado. É claro que as pessoas que foram torturadas, sentem a necessidade de justiça, pois carregam em suas mentes

---

[207] VINYES, op. cit, p. 56.
[208] PROJETO DE LEI 7376, Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOSHUMANOS/148111-PROJETO-CRIA-Acesso em 31/01/2013.
[209] TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar.** Lisboa Unipop, 2012.
[210] A comissão da verdade no Brasil. Disponível em: http://www.portalmemoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/media/Cartilha%20Comiss%C3%A3o%20da%20Verdade%20-%20N%C3%BAcleo%20Mem%C3%B3ria.pdf. Acesso em 20/01/2013.

lembranças e traumas que guardarão para o resto de suas vidas, sendo quase impossível esquecer-se de tais experiências.

Por outro lado temos as pessoas que sob ordens superiores se utilizaram racionalmente de torturas, entre as quais podemos citar, *"choques nos testículos, pênis, orelha, língua, tudo isso amarrado no pau de arara*[211]*",* além das pressões psicológicas as quais incluíam ameaças veladas de mortes, como no caso da prisão do grupo de Nova Aurora que incluíam "voos com ameaças de morte" sobre as cataratas do Iguaçu, narradas nas falas de Izabel e Beatriz Fortes, na Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade em Foz do Iguaçu no dia 27 de junho de 2013. Apesar de todas as provas, a tortura continua sendo menosprezada por alguns, caracterizando assim a impunidade daqueles que a utilizaram.

O caráter não punitivo da Comissão da Verdade no Brasil salienta algumas reflexões, onde pode-se criar um aspecto de oficialidade, ou seja, "*proclamar a memória como um dever*[212]*"*, produzindo uma visão parcial, permitindo a isenção de responsabilidades do Estado, impondo assim interpretações sobre o passado de maneira que haja *"reconciliação e consenso*[213]*"*, com intenção de produzir uma "harmonização histórica", impedindo as resignificações da luta pela democracia, perpetrando assim o processo de vitimização, renunciando que a democracia é algo *"conquistado com esforço sagaz e a partir da rua. [...] O que faz com que o passado não acabe de transcorrer, não acabe de passar e se instaure um vazio ético, gerando reclamações e criando conflitos"*[214]. A liberdade e os direitos são conquistados através da luta e não doados por governantes "bondosos".

A reconciliação pode significar também, acerto de contas zerando as dívidas, apenas deixando o tempo passar, como se fosse trazer a paz, talvez para os torturadores da comemoração no Clube Militar, que hoje são senhores aposentados, melhor dizendo, torturadores aposentados, ou pelo menos coniventes com a violência da ditadura. De qualquer maneira, espera-se que pelo menos a Comissão da Verdade, mesmo sem caráter punitivo possa esclarecer e "quebrar" as visões, como aquela do jornal Folha de São Paulo, de que a ditadura não teria sido tão violenta, fazendo com que o termo "*Ditabranda*[215]"não possa circular na mídia de maneira geral, sem escapar da crítica e do reconhecimento de um passado

---

[211]Entrevista à Alberto Favero. Op. cit.
[212] LEVI, Primo, capud. Vinyes, op. cit. p. 57. Tradução livre.
[213] Idem, p. 57.
[214] LEVI, Primo. Apud, VINYES, op. cit. p. 57. Tradução livre..
[215] Jornal Folha de São Paulo, 17 de fevereiro de 2009.

onde as ações ditatoriais foram irreparáveis e *"diante do irreparável, o perdão não tem sentido."*[216]

3.2 - Memória e reparação

A dor e a humilhação das torturas permanecerão, sendo que os resquícios e continuações da ditadura também continuam e nos fazem refletir sobre porque, por exemplo, os nomes de ruas de presidentes ditadores ainda continuam escancaradamente pelas cidades brasileiras. Em Nova Aurora, por exemplo, temos a rua presidente Médici, que "governou" o período mais repressivo do regime e também a rua Castelo Branco, primeiro presidente após o golpe. Sobre a reparação econômica, resta dizer que cabe ao Estado assumir a culpa, bem com indicar os culpados e realizar todo um trabalho de restauração da memória daqueles que foram prejudicados pela ditadura, desde os livros didáticos até o esclarecimento à sociedade sobre a violência distribuída aleatoriamente durante a ditadura.

No caso em estudo, a prisão de um familiar acaba mudando a vida das pessoas de maneira que, a filha de Benedito Osório Bueno, Maria Lucia Brandão, ainda luta para conseguir uma indenização, mas seu pedido foi indeferido[217]. O caso de Benedito já analisado no final do capítulo anterior, pela perspectiva do medo, ressurge aqui por causa das questões da reparação econômica, pois a prisão resultou na desestruturação constante da família, tendo em vista que depois que foi solto, tornou-se uma pessoa muito traumatizada, com medo de qualquer aproximação de carros e pessoas, bem como a proibição das crianças estudarem. Benedito nunca procurou seus direitos de aposentadoria, por medo de que alguma coisa ainda pudesse ocorrer com ele. Segundo o relato de sua filha,

> logo depois que meu pai saiu da prisão, eu tinha uns quatro anos de idade, nós tivemos que se mudar de Nova Aurora porque ninguém queria dar emprego pra ele, por causa da prisão. Não era fácil porque a gente ficava morando em sítio dos outros né, era muito difícil. Quando meu pai faleceu, fazia uns 15 anos que já era pra ele estar aposentado, mas ele não ia atrás porque tinha medo, ficou muito traumatizado com a prisão.[218]

O grande problema é o processo de transformação dessas pessoas em vítimas, colocando assim um ponto final no assunto. O professor Enrique Serra Padrós em uma

---

[216] LEVI, Primo. Apud, VINYES, op. cit. p. 59. Tradução livre.
[217] Jornal Gazeta do povo de 06 de março de 2005.
[218] Entrevista à Maria Lucia Brandão, cedida à Marcos Ferrari em janeiro de 2014.

conferência[219] na Unioeste em Marechal, cita o exemplo das "Madres da Argentina," divididas em dois grupos: um mais radical que declarava que não estavam vendendo o sangue de seus filhos, ou seja, nenhuma indenização financeira poderia equiparar suas dores pela perda de seus filhos, a não ser a condenação dos culpados. E um outro grupo mais aberto à discussão que compreende a indenização financeira, não como solução dos problemas, mas importante para a continuação da luta contra o terrorismo de Estado, as injustiças sociais e a opressão, decorrendo sempre de uma quantia simbólica.

A família de Maria Lucia recebeu no dia 07 de maio de 2013, uma carta do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Gestão Pública, com um pedido de desculpas oficiais do Estado brasileiro pela perseguição política à seu pai, no entanto, a reparação econômica de acordo com os documentos, não poderá ser feita. A filha de Benedito não se enquadra nas condições do artigo 217, da lei nº 8112, de 11/12/90, que serve de base para a aplicação dos artigos 13 da lei nº 10559, de 13/11/02 e 6º da lei nº11364, de 19/10/06. Segundo o artigo 217, as pessoas que tem direitos a receberem a reparação econômica do anistiado "post mortem", vitalícia são o cônjuge, divorciada, amasiada, pai e mãe que comprovem dependência, pessoa designada maior de 60 anos e pessoas com necessidades especiais. Já a reparação econômica temporária podem receber os filhos ou enteados até 21 anos, menor sob guarda ou tutela menor de 21 anos, irmão órfão até 21 anos e pessoa designada que viva na dependência econômica do servidor, até 21 anos de idade.

Logo, Maria Lucia não se enquadra nas condições da lei para receber a reparação econômica, já que a carta encerra com a seguinte frase: "*a referida norma não prevê habilitação de filhos maiores como dependentes econômicos*[220]." Benedito Ozório Bueno, passou junto com os demais, aproximadamente 07 meses preso, sendo Maria Lucia tinha 04 anos de idade naquele período e sua família passou por muitas necessidades. Após a morte de seu pai no ano de 1995, Maria inicia a luta para receber aquilo que ela chama de direito e lamenta sobre as notícias da carta. Suas lembranças sobre o episódio e seus direitos expressam a relação passado/presente de pessoas que sofreram com a ditadura,

> me lembro que eles deram um chute na porta e era uma porta meio fraca que despregou as dobradiças e quase caiu em cima de mim. Eu não posso dizer

[219] A ditadura e direitos humanos, conferência realizada em 29 de fevereiro de 2013, no auditório da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) em Marechal Cândido Rondon. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=exyaktM8VEk

[220] Carta do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Gestão Pública em resposta ao pedido indenizatória de Maria Lucia Brandão, de 07 de maio de 2013.

> que ele não construiu nada pra deixar pra nós. Só falta a boa vontade deles e soltar o que nós temos direito. Eles mandaram um documento de Brasília pedindo desculpa a ele, mas e o nosso direito, assim que eles liberarem os nossos direitos, aí tá desculpado[221].

Ao se referir a algo construído para os filhos, podemos dizer que a luta contra a ditadura foi realmente o que deixaram aqueles que resolveram lutar, no entanto, existe todo um processo pelo qual o passado vai sendo construído de acordo com os interesses daqueles que querem que o passado seja esquecido. Um outro aspecto chama a atenção pelo fato de Maria Lucia estar buscando essa indenização, sendo que muitas vezes, também acaba passando necessidades por causa dos gastos com correios, xerox e idas até a cidade para os encaminhamentos do processo. A filha de Benedito conta que, "*muitas vezes passei fome na estrada correndo atrás de papel, porque as vezes só tinha aquele dinheirinho pra pagar o correio, pra despachar os papeis, os documentos*[222]".

A outra filha de Benedito, Maria de Fátima dos Santos, que não era nascida na época da prisão do pai, relata o que ouvia a mãe dizer. Diz que se lembra muito do choro dela ao contar, pois "*ela sofreu muito e passou muita fome. As vezes pegava uma empreitada na roça e não tinha o que comer e dava tontura de fome na roça e às vezes fazia um fogo na roça pra assar milho pra comer*[223]". Também lamenta a situação atual em que vivem a família dela e de sua irmã, atribuindo a pobreza ao fato de seu pai não ter construído nada para deixar para os filhos por causa dos traumas que a prisão e as torturas que sofreu.

O processo de indenização aos presos políticos brasileiros começa com a Constituição de 1988, a qual prevê nas Disposições Constitucionais Transitórias, artigo 8º, que o Estado indenizasse as pessoas que foram presas e torturadas no período da ditadura. Segundo consta,

> § 2º - Ficam assegurados os benefícios estabelecidos neste artigo aos trabalhadores do setor privado, dirigentes e representantes sindicais que, por motivos exclusivamente políticos, tenham sido punidos, demitidos ou compelidos ao afastamento das atividades remuneradas que exerciam, bem como aos que foram impedidos de exercer atividades profissionais em virtude de pressões ostensivas ou expedientes oficiais sigilosos.[224]

A constituição de 1988, previa ou determinava que as indenizações fossem feitas, mas estas não seriam realizadas naquele período. Também este segundo parágrafo da Constituição

---

[221] Entrevista à Maria Lucia Brandão. Op. cit.
[222] Idem.
[223] Entrevista à Maria de Fátima dos Santos,cedida a Marcos Ferrari em janeiro de 2014.
[224] Constituição de 1988, no artigo XIII das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cfdistra.htm. Acesso em 30 de junho de 2014.

de 1988, não enquadra as características da maioria das pessoas do grupo preso em Nova Aurora, pois aquelas pessoas eram camponeses pobres e diaristas, não tendo nenhum direito trabalhista ou benefícios quando foram presos. Então como poderiam ser indenizados dessa forma? No Estado do Paraná, em 21 de dezembro de 1995 foi publicada no diário oficial da Assembleia Legislativa a lei nº 11255, que dispõe no artigo 1º que,

> fica o Estado do Paraná, nos termos desta Lei, autorizado a efetuar o pagamento de indenização às pessoas detidas sob a acusação de terem participado de atividades políticas, entre os dias 02 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, que hajam ficado sob a responsabilidade e guarda dos órgãos públicos do Estado do Paraná, ou em quaisquer de suas dependências[225].

No caso específico de Benedito Ozório Bueno, esta lei de 1995 não foi de grande valia, já que este faleceu naquele ano, mas sua filha segue em busca de uma possível indenização, já que a sua família sofreu muitas necessidades com a prisão do pai. Em 2001, é baixado uma medida provisória de nº 2151 de 24 de março, a qual prevê a revisão das indenizações políticas aos que foram perseguidos pela ditadura, sendo que a medida só foi transformada em lei em 13 de dezembro de 2002, com o número 10559, que abrangia qualquer cidadão que tivesse sido perseguido politicamente entre os anos de 1946 a 1988. Segundo esta lei, no capítulo II, da declaração da condição de anistiado político, em seus dois primeiros incisos, diz que, *"I - atingidos por atos institucionais ou complementares, ou de exceção na plena abrangência do termo;II - punidos com transferência para localidade diversa daquela onde exerciam suas atividades profissionais, impondo-se mudanças de local de residência"*[226]*;*

Também trata da questão do falecimento do anistiado político que de acordo com a lei no capítulo V, das disposições gerais e finais, revela no artigo 13, que em caso de falecimento *"do anistiado político, o direito à reparação econômica transfere-se aos seus dependentes, observados os critérios fixados nos regimes jurídicos dos servidores civis e militares da União*[227]*"*. No caso de Benedito, à época da prisão havia dependentes menores e a sua esposa que diante da prisão, sofreram necessidades econômicas no período em que o marido esteve

---

[225] Lei nº 11255, disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/exibirAto.do?action=iniciarProcesso&codAto=3505&codItemAto=23168#23168. Acesso em 30 de junho de 2014.
[226] Lei estadual nº 10559, 13 de dezembro de 2002.
[227] LEI Nº 10.559, DE 13 DE NOVEMBRO DE 2002, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10559.htm. Acesso em 30 de junho de 2014.

preso, bem como posteriormente à sua saída da prisão, já que ficou "mal visto" pela sociedade, não conseguindo arrumar emprego, tendo que mudar de cidade. Ao longo do processo de indenização para aqueles que foram perseguidos, presos, torturados ou mortos durante o regime civil militar brasileiro, percebe-se um certo anacronismo em relação aos dependentes dos presos políticos, pois é muito claro que em 1970 por exemplo, Maria Lucia dos Santos Brandão era dependente de Benedito Ozório Bueno, mas no ano de 2002 quando é decretada a lei número 10559, já não mais depende do pai, até mesmo porque, conforme já citado aqui, Benedito já tinha falecido sete anos antes da lei em questão.

Todos estes fatos nos mostram os resquícios da ditadura em muitos aspectos, evidenciado nos depoimentos que se fizeram e se fazem, nas Audiências Públicas da Comissão Nacional da Verdade, das pessoas que sofreram no período e ainda no presente, carregam consigo marcas indeléveis, mas que nos fazem compreender o contexto e as reais situações nas quais lutaram contra o sistema de forma heroica, de maneira que, tanto tempo depois, pesquisadores mergulham em suas memórias, de maneira científica e, mesmo que muitas vezes, as lembranças daquele passado, pareçam cenas de ficção, um filme de aventuras de pessoas sonhadoras, no presente se tornam as matérias-primas do historiador, que junto com a análise de outras fontes, podem ajudar na ressignificação de valores e ideologias que pareciam estar enterradas pelo tempo. Encerrando o seu relato à Audiência Pública da Comissão Regional da Verdade em Foz do Iguaçu - PR, no dia 27 de junho de 2013, Izabel Favero, após gigantesca comoção de todos que se encontravam no recinto, demonstra em certos aspectos a evolução da tomada de consciência daquilo que realmente foi a ditadura quando fala arrepiantemente sobre suas lutas,

> nós participamos com certeza disso muitas vezes eu me disponho, a gente fez tão pouco, mas na verdade a gente fez alguma coisa e o que a gente fez, no momento em que a gente fez, no contexto que a gente fez estava certo. Eu me coloco à disposição desta comissão para o que for necessário. Eu vou continuar chorando, porque eu tenho muita revolta com as injustiças todas, mas não vou baixar a guarda, como se diz e esse esforço de memória que eu estou fazendo agora, eu só posso contar com a minha, pois antes eu tinha o Andre comigo que me ajudava, agora não tenho mais[228].

Após anos de discursos e ideias manipuladas nos livros de história, o cenário começa a mudar e a partir do seu exemplo de vida, chama a atenção para o fato de não somente acusar em público, fazer vir a público os nomes dos torturadores, mas também o fato de poder depois

---

[228] Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade. Op. cit.

de tanto tempo dizer abertamente que lutou com todas as suas forças contra as injustiças sociais.

As lembranças das torturas fazem parte da formação do processo histórico, se tratando de uma violação dos direitos humanos por parte do terrorismo de Estado. É preciso ter cuidado para não transformar as pessoas que decidiram lutar contra a ditadura em meras vítimas, seja com indenizações financeiras ou não, pois assim, coloca-se um ponto final no assunto, apagando da escrita da história os valores daqueles que certamente deixaram de pensar em si mesmo, lutando por aquilo que acreditavam. A vítima deixa de ser um sujeito histórico.

É importante para os militares e a burguesia, negar o termo ditadura, bem como a negação da institucionalização da violência, do terrorismo de Estado com as formas mais cruéis de torturas. Existe a veiculação de notas em jornais fazendo apologia à ditadura, onde podemos encontrar questionamentos sobre a violência daqueles tempos, onde a tortura é cinicamente mostrada como, "a*quela que se caracterizava numa bolachada ao lado do ouvido para que o elemento pernicioso que fora preso denunciasse em qual local seria explodida outra bomba que iria matar mais inocentes?*[229]*"* Dizer que não houve torturas, é hipocrisia, porque ainda nos anos 1990, é possível encontrar relatos como o de Marcelo Paixão de Araújo que servia como tenente no 12º Regimento de Infantaria do Exército em Belo Horizonte, dizendo em entrevista que,

> fiz (as torturas) porque achava que era necessário. É evidente que eu cumpria ordens. Mas aceitei as ordens. Não quero passar a ideia de que era um bitolado. Recebi ordens, diretrizes, mas eu estava pronto para aceitá-las e cumpri-las. Não pense que eu fui forçado ou envolvido. Nada disso [...] Nessa época, eu tinha 21 anos, mas não era nenhum menino ingênuo (risos). O pau comia mesmo. Quem falar que não havia tortura é um idiota[230].

Assim como o relato de Marcelo Paixão de Araújo, as torturas foram ações racionais e cruéis durante a ditadura e é estarrecedor que alguns afirmem que não ocorreram tais procedimentos no Brasil apesar de todas as provas e testemunhos. Conforme já visto aqui, as torturas se fizeram enquanto instrumento da repressão, representando uma das características mais violentas do período, levando ao desrespeito dos direitos humanos em seus aspectos mais lastimáveis.

---

[229]Jornal Gazeta do Paraná. **Tortura ou melancia no pescoço. Paulo Martins.** Sábado 21/03/2009.
[230]Entrevista de Marcelo Paixão de Araújo à revista Veja de 09/08/1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/091298/p_044.html. Acesso em 22/01/2013.

3.3 - História e memória: ligações e divergências

Seria simples dizer que a escrita da história começa pela organização das memórias, e que até mesmo a própria história começa com as memórias, no entanto, o estudo sobre a produção memorialística da ditadura, por exemplo, consiste na análise de recordações, silêncios e esquecimentos, que fazem parte da memória e, portanto da história. As recordações são provocadas por alguma notícia, fotos, pesquisas e podem trazer a tona lembranças de um passado não muito distante, mas o bastante para provocar às vezes sentimentos nostálgicos e às vezes juízo de valor, principalmente sobre a violação dos direitos humanos, tanto a si próprio, quanto de pessoas conhecidas. As recordações podem gerar lágrimas ou risos, mas de acordo com as influências ou relações do passado com o presente de quem lembra, constantemente pode produzir também o silêncio e o esquecimento.

As maneiras de utilizar o passado podem às vezes impor determinadas visões, nem sempre condizentes com a "realidade", sendo que "*os atores sociais diversos lutam para afirmar a legitimidade de sua posição, em face de seus vínculos com o passado, estabelecendo continuidades ou rupturas com o mesmo*[231]*".* Ocorre deste modo a construção de interpretações que manipulam os fatos. No que diz respeito à discussão atual sobre história e memória é possível ver claramente uma aproximação entre as duas, certa complementaridade e seria um erro separá-las por completo, já que ambas tem o mesmo propósito, a reconstrução do passado, embora a memória seja extremamente subjetiva.

A história da memória começa a ser valorizada na segunda metade do século XX, quando até então, história e memória eram considerados sinônimos, pois ambas se encarregavam de resgatar o passado, demonstrando-o como forma de exaltação a grandes feitos de heróis políticos e militares. Desta maneira, a história que se escreveu ou que se contou por muito tempo esteve permeada pelas lembranças que muitas vezes foram impostas pelo Estado sobre a forma de "*imaginário coletivo*[232]*"*, submetendo o passado a criteriosa seleção, tendo o cuidado para que este não venha a incomodar os grupos dominantes no presente, pelo menos até agora.

O que pode ser chamado hoje em dia de embates de memórias, se deve a algumas peculiaridades do século XX, o qual Eric Hobsbawm chamou de *"século mais mortífero de*

---

[231] TELES, op. cit., p. 258.
[232] TRAVERSO, op. cit. p. 10.

toda a história humana documentada"[233], costurado por grandes guerras, genocídios e a utilização da evolução tecnológica para criação de armas de destruição em massa. Enzo Traverso, historiador italiano define essa obsessão pela memória dos tempos atuais, como decorrência de uma quebra no processo de *transmissão* das experiências de uma geração para outra, com a explosividade do último século, a *experiência transmitida* se acelera para a experiência vivida (Erfabrung e Erlebnis, distinção de Walter Benjamin), se apresentando como "*uma marca antropológica do liberalismo, sendo própria da sociedade moderna"*[234], que se mostra com a ebulição da violência em âmbito mundial, que projetou desde a Primeira Guerra Mundial, o desespero, a incerteza e a obsoletização dos valores, crenças e as experiências que até então eram "transmitidas normalmente" ao longo do tempo e que a partir de então não se apresentavam mais como formas adequadas de ver o mundo, já que a Europa por exemplo durante as grandes guerras mundiais, se encontrava em pleno caos.

Como os aspectos do século XX se misturaram desde a teoria da relatividade, invenção da máquina de voar, o "progresso", o caos, as guerras, genocídios, as revoluções, ditaduras e repressões para o desenvolvimento pleno de dois projetos aos seres humanos a saber: o capitalismo e o comunismo que (conceitos que não serão discutidos de forma aprofundada aqui tendo em vista os objetivos da pesquisa, mas que perpassam o estudo, se tornando uma das problemáticas da discussão), passaram pela vida de pessoas de forma avassaladora, quebrando o processo de *transmissão* natural da experiência, de maneira que as vezes é necessária a propagação de memórias terríveis, mas que se tornam um meio de aviso, lembrete, para que tais fatos não mais ocorram, ou de forma inversa, num sentido de idolatria e valorização de determinados regimes.

Juntamente com os campos de concentração nazistas, deflagraram-se também seus sobreviventes que se transformaram em *testemunhas* e por sua vez, iriam provocar mudanças na maneira de escrever a história. O relato de uma pessoa sobre determinados fatos, traz peculiaridades ao historiador impossíveis de se encontrar em outras fontes, se tornando importante na reconstrução de processos históricos recentes. As mudanças na escrita da história provocadas pela sua aproximação com as memórias, tendo as testemunhas como *"auxiliares de recordações"*, trouxeram um nível mais elevado de subjetividade à escrita da história, voltando seus estudos para os seres humanos comuns e suas ações.

---

[233] HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2007. p. 21.
[234] TRAVERSO, op. cit. p. 12.

Um dos grandes problemas dessa temática é a transformação das testemunhas em vítimas, ou seja, colocando quase que um ponto final nas causas e consequências, para anunciar um período de esquecimento e superação, lembrando apenas das vítimas, colocando num mesmo patamar de sofrimento, os sobreviventes dos campos de concentração, os soldados e todos aqueles que participaram de uma forma ou outra das ignomínias da guerra. Para aprofundar essa discussão sobre a importância da testemunha no processo historiográfico, cabe uma análise geral sobre uma das fontes desta pesquisa sobre a ditadura civil-militar brasileira, o Senhor Alberto João Favero, preso em 1970, no município de Nova Aurora, Paraná, acusado de crimes contra a segurança nacional, sendo preso e torturado nos porões da ditadura civil-militar brasileira. Esses fatos constituíram algo de anormal na vida dele, ou seja, um período instável, que não se constitui como uma experiência a ser *transmitida* para as gerações posteriores, mas lembranças de um tempo onde a luta de classes se intensificou para a resistência armada e até mesmo por que se espera que as próximas gerações não necessitem passar por tais instabilidades.

É ai que entram as disputas de memórias, pois os grupos em combate tendem é claro a desenhar os passados que mais lhe convierem. Cabe ao historiador a tarefa de aprofundar a história e a memória, num sentido em que possam se aproximar ao máximo para resgatar um passado recente, na tentativa de produzir um passado, mostrando que a justaposição dos fatos se justificou diante das conjunturas específicas "daquele tempo", como é caso típico no Brasil onde os militares e a direita conservadora, justificam a ditadura civil-militar, sob o pretexto do perigo vermelho e a implantação do socialismo, ocultando assim seus verdadeiros interesses de dominação de classe.

No ano de 2009 circulava no Congresso Nacional brasileiro um projeto de lei que viria a se concretizar conforme já visto, em uma Comissão Nacional da Verdade, que visa esclarecimentos para a sociedade brasileira, de fatos obscuros ocorridos principalmente durante a ditadura civil-militar brasileira. Convém ressaltar que a comissão não terá um apelo judicial, por causa de “negociações” com os militares e setores de direita extremada que, através de discursos estereotipados, com medo de punições por causa das revelações de atrocidades cometidas no período turvo da ditadura, se fizeram contrários ao projeto. Assim pessoas ou grupos privilegiados incentivam a divulgação de memórias que estão de acordo com suas ligações com o passado, fazendo com que trabalhem a favor destes grupos.

Durante a ditadura, muitos jovens foram embalados pelos ideais comunistas nos anos 60, pois quando comparado às ignomínias provocadas pelo capitalismo e o liberalismo

ocidental, a emancipação dos povos era a esperança de um mundo melhor. Fontana descreve que,

> os anos sessenta do século XX, presenciaram mudanças muito importantes no mundo. Foram os anos em que as novas gerações, ao ver que não se cumpriam as esperanças suscitadas pela vitória sobre o fascismo na Segunda Guerra Mundial e as ilusões do desenvolvimento econômico, associada às expectativas que a utilização da energia atômica criara - que não havia nem mais liberdade nem mais igualdade no mundo novo cuja defesa custara tantos milhões de mortos -, fizeram sentir suas vozes numa tentativa para mudar a sociedade que se estendeu desde a Califórnia até Praga, mas que acabou com a vitória da velha ordem estabelecida, demonstrando, mais uma vez, a capacidade desta para dominar movimentos revolucionários, incipientes através dos meios mais diversos. O enfrentamento gerou mudanças culturais importantes, que tem alguns denominadores de temática e estilos comuns[235].

No Brasil os grupos de esquerda foram aniquilados pela velha ordem burguesa e os crimes cometidos pelo Estado foram anistiados com a lei de 1979, sendo que um dos chavões propagados pelos militares em relação à Comissão da Verdade é o do revanchismo, já que a lei da anistia "apagou e pôs um ponto final na história", mas o fato é que os presos políticos foram condenados, torturados, exilados e em alguns casos mortos e os torturadores e agentes responsáveis pelo terrorismo de Estado, estabelecem suas memórias pelo Brasil afora, seja como nomes de ruas, monumentos ou homenagens, transformados em heróis, mas que ocultam crimes hediondos contra os direitos humanos. Este argumento de revanchismo faz sentido apenas para os conservadores, já que a lei de 1979, se constituiu no que Glenda Mezarobba chamou de "*Um acerto de contas com o futuro*[236]",numa tentativa de propor e impor o esquecimento.

No Brasil a anistia se constituiu em forma de lei, diferentemente de outros países, o que se configurou numa dificuldade para aqueles que tiveram suas vidas violentamente prejudicadas pela ditadura de lutar pelo reconhecimento de seus valores e esforços em prol da sociedade enquanto que os torturadores parecem estar protegidos e amparados pela impunidade. A negação da tortura, constitui-se numa construção, pois, "*o presente está impregnado pelo passado*[237]*",* sendo que nos anos 90, falar em torturas a presos políticos podia ainda significar comicamente a "vitória, uma conquista para a nação" e a transição sem

---

[235] FONTANA. Op. cit. p. 381.
[236] MEZAROBBA, Glenda. **Um acerto de contas com o futuro: a anistia e suas consequências - um estudo do caso brasileiro.** Dissertação, USP, 2003.
[237] CUESTA, Josefina. **La odisea de la memoria: história de la memoria en España siglo XX.** Alianza Editorial, S.A. Madrid, 2008. p. 61.

rupturas, propiciou o desenvolvimento de certas continuidades como discursos apologéticos sobre o milagre econômico, a segurança, entre outros aspectos, defendidos até hoje pela burguesia, militares e doutrinados, pois é mais fácil reconstruir o significado do passado, do que assumir as barbáries, frutos do interesse de dominação, baseados numa lei de segurança nacional, que acabou por distribuir a violência, a obediência obrigatória e a dominação de classe.

3.4 - Lembranças dos moradores de Nova Aurora

A Escola Estadual Jorge Nacli, onde a professora Izabel Favero lecionou ainda existe, mas o esquecimento institucional se estabeleceu. As pessoas que se mostraram contrárias ao regime, pagaram um preço altíssimo como a prisão, torturas e exílio, sendo que no município em questão, não há menção a eles em lugar algum, nem na prefeitura, biblioteca municipal, jornais ou rádios. Pessoas que presenciaram toda a operação de aproximadamente 700 homens do exército, polícia militar e DOPS em 1970 para prender nove pessoas, falam com timidez sobre o assunto, como é o caso do senhor Raul Pezenti morador da cidade desde 1954 diz que:

> estava trabalhando na máquina quando vi os soldados [...] Ninguém falava sobre o comunismo. Era algo que estava escondido de nós, ninguém sabia sobre isto. Mas pouco se falava sobre política, tanto que quando chegaram [os soldados], foi pouca a repercussão sobre o Liberato, ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo e qual era a realidade [...] As coisas estavam por baixo de um pano.[238]

Luiz e Izabel Favero enfrentaram o exílio, primeiramente no Chile e depois na França. Os demais continuaram a ser vigiados durante anos, taxados de subversivos, bagunceiros da ordem e coisas do gênero. A falta de justiça em relação aos casos de torturas e outras ignomínias do regime ditatorial podem provocar discursos nostálgicos e inclusive com caráter de "oficialidade", nos meios de comunicação, que com certeza mistificaram e ainda continuam mascarando os fatos sobre a ditadura, ou ainda transforma-os em apenas vítimas, ignorando seus valores e a luta pela qual dedicaram suas vidas.

O grupo da VAR-Palmares do município de Nova Aurora, é lembrado por alguns moradores da época como os alunos do casal Favero e pelos pais desses alunos, que conviveram com aqueles que foram presos brutalmente, acusados de terrorismo, o que na

---

[238] Entrevista à Raul Pezenti, concedida em Dezembro de 2012 à Marcos Adriani Ferrari de Campos.

época causou muita estranheza na pequena cidade do interior do Oeste Paranaense. O que teriam feito de tão grave para merecer tais punições? Segundo o relato dos moradores, não se tinha uma noção do que era o governo militar e os problemas políticos estariam apenas nas grandes cidades, mas com os fatos ocorridos surgem entrelinhas e questionamentos como no depoimento do senhor Constantino sobre a prisão e sua relação com os vizinhos de sítio, dizendo que,

> Não sabia de nada! Depois que a gente veio saber, naquele tempo a gente morava no sítio, só dava atenção pro serviço! Eles davam aulas pros meninos, tive quatro filhos que tiveram aulas com eles. Ninguém percebia nada, porque eles só ensinava coisas boas e nunca apresentou nada.Vi falar nas torturas, a gente morava no sítio via aquele movimento na estrada, um movimento que nunca tinha se visto, era polícia pra todo lado![239]

Este último aspecto falado por seu Constantino discorre sobre uma outra característica da divulgação do medo e submissão ao sistema, sendo que segundo consta nos documentos do Arquivo Público do Estado do Paraná[240], um pouco antes de efetuarem a prisão do grupo, foi instaurado toda uma investigação minuciosa, inclusive com fotos aéreas da localidade[241], mapas de toda a área rural e diligências de sondagem, com intenção de localizar os professores Luiz Andreaa Favero e Clari Izabel Favero e prendê-los. Para tal desenvolveram toda uma estrutura de ataque envolvendo helicópteros, muitos carros e soldados para prender um casal de professores e talvez mais alguns homens. Onde será que se encontrava todo o perigo que eles imaginavam? O senhor Constantino que conviveu com o casal de professores lembra que,

> eles frequentavam muito a nossa casa e eu também ia lá negociar com eles, mas nunca vi movimento de nada. Depois do acontecido ficou sem professor e corria o risco de perder o ano. Ai fizemos uma reunião mais ou menos uns cinquenta pais pra pedir autorização pro prefeito pra contratar uma professora para continuar as aulas e os pais pagaram o salário.[242]

As consequências das prisões quase se converteram em perda do ano letivo sendo que os pais dos alunos se obrigaram a pagar do próprio bolso o salário da próxima professora. Mariana Maria Constantino conta que após as prisões, agentes da repressão passaram em todas as casas recolhendo e analisando os cadernos, revirando todos os cômodos e ameaçando, mas *"ninguém sabia o que estavam procurando, não fizeram nada com a gente,*

---

[239] Entrevista à Guilherme Constantino, cedida à Marcos em janeiro de 2013 no município de Nova Aurora - PR.
[240] Documento intitulado Var - Palmares, nº 004459. e disponível no Arquivo Público do Estado do Paraná, bem como no site de memórias reveladas: http://www.an.gov.br/mr/Seguranca/Principal.asp.
[241] Idem. p. 172, 173.
[242] Entrevista Guilherme Constantino. Op.cit.

mas procuraram e fizeram umas perguntas que nós também não sabíamos responder, só sabia que era professor e que a família era dali e pronto[243]". A família Constantino, demonstrou muito afeto em relação aos professores de seus filhos no ano de 1970, se dizendo indignados com a forma que as coisas aconteceram.

Uma das alunas do 4º ano naquele período, Josefa Constantino relembra das aulas com uma certa nostalgia e é claro indignação atrofiada pelo medo depois da prisão de seus professores, quando diz: *"...veio muitos caminhões cheios de soldados com metralhadoras*[244]*..."*, ou: "*... ninguém sabia de nada! Passou muitos helicópteros! A gente passou aquele ano meio retraído, tínhamos medo que prendesse a gente também..*[245]". A disseminação do medo era uma das práticas da ditadura, voltadas à intimidação da sociedade em geral, como no caso exposto aqui, a exposição de táticas de guerra para prender algumas pessoas as quais eram suspeitas de subversão, despertando propositadamente a atenção dos moradores locais, tentando direcionar de maneira quase que pedagógica ameaças veladas quanto aos modos de pensamento, comportamento, e consequentemente a construção de visões de mundo que estariam voltadas é claro, para os interesses de dominação de classe.

O fato dos agentes da repressão adentrarem nas casas dos alunos para revistarem tudo, recolhendo os cadernos das crianças, resulta naquilo que foi chamado de "*cultura do medo*[246]", que acaba desencadeando também a longo prazo várias consequências, como o desenvolvimento de uma visão de exaltação da ditadura propriamente dita, o medo de pensar diferente, por que isso poderia resultar em prisão e torturas. Posteriormente à prisão, o exército fez uma doação de comida e roupas aos moradores da cidade de Nova Aurora, sendo que, não se conformavam com a prisão dos professores de seus filhos. Dona Mariana Constantino se questionava tanto na época, como no agora, o motivo daquelas ações contra pessoas que frequentavam sua casa e ensinavam seus filhos na escola, ao lembrar de Izabel ela diz que, *"ela era muito amiga das meninas, uma excelente professora! Nós se admiramos quando vimos falar que aconteceu aquilo com ela! Como é que pode? Ninguém acreditou*[247]".

---

[243] Entrevista à Mariana Maria Constantino, cedida à Marcos Ferrari em Janeiro de 2013.
[244] Entrevista à Josefina Constantino, cedida à Marcos Ferrari em janeiro de 2013.
[245] Idem, Josefina Constantino.
[246] BAUER, Caroline. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3º andar: Terrorismo de Estado e ação de Polícia Política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2011. Termo cunhado pelo pesquisador argentino Guillermo O' Donnell para se referir às consequências dos regimes autoritários em experiências cotidianas de abusos aos direitos humanos. p. 116.
[247] Entrevista à Mariana Maria Constantino. Op. cit.

Carmem Trevisolli que também foi aluna de Izabel em 1970 relembra com muita nostalgia das aulas, sobretudo as músicas, que acabavam tornando as aulas mais interessantes, bem como reunir toda a turma sentada em círculo do lado de fora da escola, para ouvir as histórias, que aos olhos da repressão, era algo fora do comum, podendo despertar a questão das injustiças sociais. Mas Carmem era muita nova para tal percepção e fala da professora com muito entusiasmo do tempo em que conviveu com Izabel, no entanto parece haver um certo receio em dizer que foi torturada, fazendo uma substituição de palavras,

> eu gostava porque ela cantava a música do chapeuzinho vermelho e as músicas que eu gravei muito dela. Eu gostava porque era alegre e tinha muita música. Eram ótimos professores, eu adorava ela, era bonita. Quando eles foram presos, parou Nova Aurora né, o maior comentário. Os policiais iam no meio do mato procurar e foi o maior comentário, eu me lembro disso. Ela sofreu demais, jogava na água e coisava[248].

A pequena cidade do Oeste Paranaense assistiu em maio de 1970, as atrocidades cometidas pela repressão contra pessoas que estavam inseridas em seu meio. Mesmo apesar do medo irradiado por tamanha violência, os alunos e pais se mostraram contra toda aquela operação de guerra para prenderem seus vizinhos e professores, já que moravam em uma fazenda. Depois da prisões, ocorreu uma espécie de tentativa de retratação por parte dos militares, a qual chamaram de *"Ações cívico militares[249]"* que era a distribuição de alimentos, cortes de cabelo de graça para tentar demonstrar à população que estava tudo bem e que as pessoas presas eram criminosos. No entanto isso não se concretizou como verdade, já que mais de 40 anos após o ocorrido, o que se afirma é que,

> era bastante policiais e carros, mas não sabíamos o que estava acontecendo. Ouvimos falar que prenderam seu Liberato, pegaram os professores, os dois eram os professores daquela época e foi aquele comentário, mas não se sabia o que estava acontecendo e já parou as aulas. Muitos policiais nas ruas. Pegaram a professora e bateram nela que até perdeu o neném. Os policiais foram lá no sítio perguntar o que eles estavam ensinando! O que eles cantavam e falavam? Eles não falavam nada de anormal, a gente cantava música em francês[250].

A professora Izabel relembra mais de 43 anos depois em Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade, que o ato de lecionar, foi um dos pontos positivos de todo

---

[248] Entrevista à Carmem Trevisolli, cedida à Marcos Ferrari em Janeiro de 2013.
[249] Jornal Gazeta do Povo, maio de 1970.
[250] Entrevista à Josefina Constantino. Op. cit.

aquele processo por qual passaram, o que pode ser demonstrado nas falas dos seus ex-alunos tanto tempo depois. As ações dessa natureza ficariam gravadas a qualquer um que presenciasse, ouvisse falar ou mesmo sentirem medo, por estarem tão próximos daqueles que estavam sendo presos e torturados. Carmem Trevisolli se questiona com as suas memórias,

> tem coisas que a gente é pequeno mas grava né. Eu sinto saudade dela. Era umas pessoas granfinas! Quais eram as intenções deles quando eles tavam lá dando aula? Ela dava aula de tudo, era muito sabida. Vieram de fora eram muito bons professores. Essa é uma história bonita pra contar, Jesus. Eu tenho muita saudade dela, será que ela lembra da gente? A gente sentava lá fora e ela contava história. Eu fiquei muito triste quando eu fiquei sabendo que jogava ela na água e batia pra ela contar. Nossa, eu tinha muita vontade de ver ela[251].

No município de Nova Aurora, também ainda reside dona Laura, ex - esposa de Alberto Favero que, naquela primeira quinzena de maio de 1970, estava prestes a dar a luz ao seu segundo filho, quando no dia 08 daquele mês a casa a qual se encontrava foi invadida por muitos soldados à procura de Alberto Favero e armas. Naquela ocasião em virtude de sua gravidez, Laura se encontrava na casa de seu pai e seu esposo Alberto, estava no distrito de Nova Aurora denominado "Anta Gorda", lugar onde foi preso naquela madrugada. Ao invadir a casa do pai de Laura, as pessoas que compunham aquele ato repressivo quebraram as cercas da casa e reviraram a mesma em busca de alguma evidência. Nessa ocasião, trouxeram Luiz algemado e já com claros sinais de torturas, segundo Laura, quando viram ele daquela maneira não puderam conter o choro, tendo em vista o estado deplorável no qual se encontrava.

A situação ficou mais tensa para a família de Laura quando seu pai e seu irmão foram levados por aqueles que haviam invadido sua casa e a revirarem sem dar explicações. Nas palavras de sua memória,

> a avenida ficou cheia de viaturas, polícia, muita gente, muitos soldados, mais de 700 policias. Daí eles desceram o Luiz e entraram na nossa sala e aí o Luiz falou: "eles vieram buscar o Alberto"; O Luiz estava junto algemado, a Izabel não! Ele tava muito triste, muito acabado, nossa! Quando nós vimos ele, choramos muito! Aí levaram meu pai, meu irmão e nós ficamos tudo em casa chorando desesperada, pensando que iam levar eles também. Aí quando foi de madrugadinha eles voltaram com meu pai e meu irmão. O meu pai falou que foi a coisa mais horrível lá, eles batiam neles dentro do rancho,

[251] Entrevista à Carmem Trevisolli. Op. cit.

> prenderam todos que estavam lá e batiam muito neles. Acharam umas armas que estavam embaixo da cama, foi horrível[252].

Fatos como este nos remetem novamente à questão do terrorismo psicológico de Estado, ao qual se traduz no exibicionismo de poder fazendo com que a sociedade converta em pensamento coletivo "oficial", a ideia de que as pessoas presas eram realmente muito perigosas. A partir da ação hiperbólica de repressão em Nova Aurora, cria-se um sentimento de repúdio àquelas pessoas que foram presas, bem como às pessoas das famílias, como é o caso de Laura, esposa de Alberto Favero naquele período. O casal morava no distrito denominado "Anta Gorda", por motivos de trabalho, pois Alberto cuidava da propriedade de seu tio naquela localidade, porque este já se encontrava em idade avançada para tal atividade. Após a prisão, imediatamente, houve a ordem para Laura se mudar da propriedade do tio de Alberto, porque não queriam criminosos em sua propriedade. Com o marido preso por quase 7 meses, sendo os primeiros 40 dias incomunicáveis e desaparecidos, Laura que se encontrava grávida no momento da prisão do grupo, deu a luz alguns dias após toda aquela tensão, viveu momentos de angústia junto com sua família.

Em seu relato, Laura comenta bastante sobre o sofrimento dos pais de Alberto e Luiz, o seu Liberato Favero e dona Maria Favero que também passaram pelas tensões de verem seus filhos, parentes e amigos serem torturados e presos, envolvidos pela repressão nos seus aspectos mais terríveis. Numa das cenas, a sogra de Laura descreve a invasão da casa onde moravam na fazenda "Roda de Carro", em que os invasores repressivos, num ato de abuso de autoridade esparramavam o arroz e o feijão da família que estavam em sacos, estragando os alimentos.

Um outro fato que se torna evidência do terrorismo de Estado e pode ser caracterizado como roubo foi que Liberato Favero guardava o dinheiro da produção da hortelã no forro de sua casa. Aquele dinheiro supostamente seria para o pagamento dos empregados e fonte de renda para a família, sendo levado por aqueles que haviam invadido sua casa. Segundo Laura, o seu sogro "*guardava o dinheiro dentro de casa da produção de hortelã, aí ele deixava em cima do forro, eles pegaram o dinheiro e levaram o dinheiro dele*.[253]"

As torturas sofridas pelo casal ainda na fazenda, também foram relatadas por Laura, mencionando as lembranças das suas conversas com Maria Favero e Liberato Favero, sendo

---

[252] Laura ex - esposa de Alberto Favero em entrevista concedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em 05 de maio de 2014.
[253] Idem.

que as torturas iniciais foram feitas *"uma baciona de água e eles punham a Izabel dentro e colocavam choque. E levaram ele lá no tanque que a minha sogra lavava a roupa e acabaram com ele, isso tudo lá fazenda do meu sogro, o pai do Alberto.*[254]*"* Dona Laura diante da brutalidade ditatorial, não sabendo do que se tratava, também não encontrou satisfação na única explicação dada por aqueles que haviam invadido a casa de seus pais naquela noite. Segundo ela, *"os policias falaram pra mim que eles lutavam contra o governo, que eles eram comunistas e eu nunca tinha ouvido eles falar isso né.*[255]*"* Assim como os demais moradores entrevistados que residiam em Nova Aurora em maio de 1970 e que acompanharam toda a mega operação, Laura não tinha conhecimento sobre o que viria a ser Comunismo e muito menos que o seu marido, cunhado e cunhada estavam engajados na resistência à ditadura.

Passado os momentos tensos da prisão do grupo, o fato do desconhecimento do paradeiro, a falta de notícias e a violência do regime, trouxeram o desespero à família, pois demorou cerca de 40 dias para descobrirem que estavam presos na cidade de Foz do Iguaçu. Mesmo assim Laura não pode visitar o marido e parentes por se encontrar de quarentena já que tinha dado a luz 16 dias após a prisão, mas a notícia que chegava dos que foram visitá-los como Liberato Favero e a Avó de Laura era que, *" nem dá mais pra conhecer eles de tanto que eles estão machucados e abatidos, sabe, daí eu não fui, só quando acabei a dieta eu fui, aí eles já estavam melhor.*[256]*"*

A pessoa que "comandou" a prisão e as torturas, Mário Expedito Ostrovski é advogado na atualidade e mora em Foz do Iguaçu. Tais fatos da época foram confirmados por um soldado que participou daquela operação em uma carta anônima enviada ao jornal Folha de Londrina em agosto de 2001[257], conforme já citado anteriormente. O fato de ser uma denúncia sem nome, parece demonstrar aspectos cruéis em relação ao acontecido e provavelmente temendo pela crueldade que poderia acontecer a si próprio, caso viesse a se identificar. Embora o mesmo tenha uma ligação com este passado, ao lado dos torturadores, presenciou os males das torturas e reconhece no presente as injustiças cometidas pelo regime ditatorial.

Aspectos repressivos como os que estão sendo trabalhados aqui podem caracterizar modos de vidas de algumas gerações, ou seja, influenciar o comportamento de pais, filhos e

---

[254] Entrevista Laura. Op. cit.
[255] Idem.
[256] Idem.
[257] PALMAR, Op. Cit. p. 109.

netos, sendo que estes últimos que talvez nem venham a saber que foram compelidos a atuarem de determinada maneira por toda uma disseminação cultural de espalhar o medo para além de suas vítimas diretas, que eram utilizadas como exemplos para o restante da população. A punição física era muito utilizada para tal, mas o "terrorismo psicológico" também se valeu de ampla utilização em benefício da ditadura onde a partir da imprensa escrita, rádio e televisão, se imprimiu as justificativas da violência do Estado, fazendo desta prerrogativas de ordem e manutenção da ordem burguesa.

Assim como os outros conhecidos do casal de professores, Laura lembra deles com muitos elogios pois *"a Izabel e o Luiz eram tão bons e todo mundo gostava deles, todo mundo ficou com dó, com muita pena deles. Falaram pra mim que passaram de helicópteros e que a nossa casa tava filmada.*[258]*"* Luiz e Izabel depois da prisão seguiram para o Chile, sendo que em 1973 também se deu o golpe militar por lá o que representou mais sofrimento para toda a família, no entanto, seguiram para a França de onde retornaram somente em meados dos anos 80.

[258] Entrevista Laura. Op. cit.

CONCLUSÃO

O período ditatorial brasileiro mostrou desde o seu início, características repressivas contra pessoas consideradas pelo regime como subversivas, impondo a Lei de Segurança Nacional que instituía prisões indiscriminadas, torturas, mortes e ocultação de cadáveres. Toda essa violência em nome da manutenção de uma ordem política baseada nos moldes de uma estrutura social burguesa nacional alienada aos interesses do imperialismo estadunidense, sobre os princípios da guerra fria. A resistência armada dos grupos revolucionários de esquerda, atingiu seu ápice no Brasil entre os anos de 1968 a 1974, sendo a coragem o principal sentimento que incentivou muitas pessoas como camponeses, estudantes e operários a protestarem e resistirem, mesmo diante dos aparelhos de repressão do Estado.

Passado 50 anos do golpe, mesmo com a abertura tardia e restrita dos arquivos ditatoriais, percebe-se claramente um aumento significativo da preocupação com as pesquisas relacionadas ao regime ditatorial brasileiro. No entanto, ainda estamos no início do processo de conscientização social, tentando demonstrar o que realmente foi esse período repressivo na história nacional, os porquês do mesmo, suas consequências e mazelas. Com o estudo da base de resistência da VAR-Palmares no município de Nova Aurora, interior do Paraná, pôde se analisar com mais precisão a operacionalidade racional da organização repressiva através dos documentos produzidos e relatos de testemunhas.

Entre os aspectos mais característicos estava a disseminação do terror de Estado, seja através da violência física que aparece sempre de forma mais evidente, mas também a violência psicológica com a irradiação do medo para o restante da sociedade. A imposição das justificativas para as ações de extremada violência, como vista neste caso onde as pessoas presas tiveram suas vidas cruelmente agredidas, também fazia parte da racionalidade repressiva, pois mesmo que fossem pessoas conhecidas naquele contexto dos moradores de Nova Aurora, foram taxados como bandidos perigosos sob o estigma de "terroristas", através da construção da memória coletiva que foi sendo impressa pelos discursos "oficiais" e pela mídia em geral.

Algumas questões ficaram abertas neste trabalho, como o caso de Gilberto Helio Grochowalsky Silveira, que foi preso na cidade de Curitiba, que conforme apresenta a pesquisa, é declarado como simpatizante do movimento, realizando trabalhos para a VAR, mas nada de mais concreto sobre o mesmo. Também seria necessário um contato mais

aprofundado com o senhor Airton Frigeri, morador da cidade de Caxias do Sul, que mesmo através da troca de e-mails, contribuiu para esta pesquisa, mas devido ao tempo e questões profissionais não pôde ser entrevistado com mais precisão. Suas informações são muito importantes para a história na reconstrução daquele contexto, pois pode indicar várias outra pessoas, bem como fazer contatos com pessoas como Carlos Araújo que era um dos líderes da VAR-Palmares, que também poderá ser entrevistado, visando um estudo mais elaborado sobre a organização em si.

Outra pessoa para entrevistarmos com mais tempo é Izabel Favero, que contribuiu muito para este estudo, mas num momento difícil de sua vida, em que decide após o falecimento de seu esposo Luiz Favero em 2011, contar, narrar e até mesmo desabafar para a sociedade um pouco de sua história de luta ao lado do marido e outros companheiros que bravamente resistiram à ditadura. No dia da Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade em 27 de junho de 2013, na cidade de Foz do Iguaçu, o seu depoimento que emocionou a todos e se tornou uma das principais fontes desta pesquisa. Não se explorou mais questionamentos à Izabel posteriormente, devido a todos aspectos de respeito à dor que pareceu sentir ao relatar sua linda história, preferindo-se deixar passar um pouco de tempo para que possa continuar a trazer suas memórias, bem como as de Luiz que também dedicou sua vida à resistência e luta por aquilo que acreditavam.

Mesmo com a prisão, a violência das torturas, o exílio do casal de professores, os Faveros continuaram na luta política durante toda a década de 1970, seja no engajamento político de Alberto e seu pai no município de Nova Aurora, ou na difícil vida no exílio de Luiz e Izabel, na qual faziam contatos e estudavam, com a esperança de um dia voltar para seu país e que este estivesse melhor do que quando saíram. Alberto João Favero foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e também para entender as ideias de um grupo armado de esquerda revolucionária, se organizando no município de Nova Aurora - Paraná de julho de 1969 à maio de 1970. Por ter sido muito violento e repreensivo em vários aspectos, as pessoas tem medo de falar abertamente sobre o assunto, temendo complicações, o que foi percebido em alguns momentos da pesquisa. No entanto, o senhor Alberto colaborou intensamente no estudo da resistência ao regime, falando abertamente sobre as ideologias do grupo revolucionário que atuou, os treinamentos, a prisão e as torturas.

Também se constatou uma importante relação entre o casal de professores e integrantes da sociedade como os pais de seus alunos, resultando em indignação por parte destes quando houve as violentas prisões naquele município. Também foi desfeito aqui o mito

de que a resistência contra a ditadura se fez somente nos grandes centros urbanos, pois a repressão se fez presente também nos interiores do Brasil. Se desfaz a visão de que os militantes contrários à ditadura eram jovens inexperientes ou pessoas que não sabiam o que estavam fazendo, pois está claro que aqueles que resistiram, o fizeram racionalmente e acreditavam no que estavam fazendo.

Inúmeras dificuldades afetaram a conclusão desta pesquisa, como por exemplo, a falta de bibliografia específicas sobre a resistência no Paraná e a falta de tempo para dedicação à pesquisa. Foi intenção do trabalho, escrever um pouco da história da resistência no Estado e inserir no contexto estudado, os fatos ocorridos em Nova Aurora, proporcionando um melhor entendimento sobre aqueles que resistiram corajosamente à ditadura.

Como vimos no Primeiro Capítulo, ocorreu nos anos 60 o processo de dominação burguesa através do poderio das forças armadas, numa forma de frear violentamente os movimentos sociais dos trabalhadores. O golpe de 1964 põe fim ao acirramento da luta de classes naquele momento e impõe uma ditadura que duraria 21 anos, deixando além do medo, vários entraves, lixo financeiro e resquícios do regime que afetaram a sociedade brasileira durante vários anos após a dita redemocratização. Várias visões sobre o golpe foram disseminadas, seja pela mídia, seja pela historiografia revisionista, mas a principal defendida pelo militares e setores da direita extremada, foi de que era necessário uma intervenção militar para expurgar o "perigo vermelho", acabar com os "Comunistas comedores de criancinhas."

Sabemos através das pesquisas recentes que essa teoria cai por terra, já que houve um super dimensionamento da influência comunista no Brasil e que, o golpe se deu realmente por causa do medo da burguesia brasileira, de que a classe trabalhadora alcançasse grande participação nas decisões importantes do país naquele momento, sendo que, ao longo do século XX, houve intensas lutas por parte dos trabalhadores na tentativa de conquistar seus direitos perante a toda a exploração persistente no sistema. A partir da segunda metade deste século, havia muitas reivindicações em relação ao sistema agrário, melhores condições de trabalho nas fábricas e também melhores condições financeiras. Os setores dominantes se vendo diante da possibilidade de um pouco de justiça social, se organizam impondo o processo ditatorial que frearia o avanço dos movimentos sociais naquele período.

Diante disso, os que se viram contrários ao golpe e à ditadura, de alguma maneira resistiram, mas com a racionalidade com que operou o regime repressivo, tiveram que se organizar na clandestinidade inspirados muitas vezes na Revolução Cubana, Chinesa, no processo de Independência da Argélia, Moçambique e a libertação do Vietnã, no entanto, a

realidade brasileira exigia quesitos próprios de resistência. De fato resistiram, mas foram aniquilados pela repressão, como no caso estudado aqui em que o grupo da VAR-Palmares de Nova Aurora, teve duração de nove meses atuando na região Oeste do Paraná, estando em contato com o Comando do Rio Grande do Sul, sendo presos em maio de 1970, torturados, exilados e vigiados até o final da ditadura.

O grupo de Nova Aurora desenvolveu um processo de conscientização, dos alunos, pais e sociedade em geral através do magistério, bem como refletindo sobre os problemas sociais daquele período, montando um Comando Territorial com o intuito realizar treinamentos de guerrilhas, já que acreditavam em seus ideais. "A guerrilha que não aconteceu", que se refere ao título do segundo capítulo, mostrou a organização da base da VAR-Palmares naquele município entre julho de 1969 à maio de 1970 quando foram presos pela repressão.

Os depoimentos expressaram a intensidade dos fatos ocorridos, muitas vezes entre lágrimas, arrepios e quase sempre um sentimento de revolta, tendo em vista o alto grau do terrorismo de Estado irradiado pela violência física e psicológica a toda a sociedade. Os documentos estudados demonstraram toda a racionalidade do regime no que diz respeito à repressão e quando confrontados com os depoimentos, evidenciam a imposição de depoimentos forjados, feitos a base das torturas e crueldades de todos os aspectos.

Em relação à memória percebeu-se no terceiro capítulo, todo um empreendimento por parte da burguesia e forças armadas para "justificar" o regime, disseminando a "memória oficial" através da mídia de maneira geral. Acerca dos aspectos que promoveram esta pesquisa, cabe ressaltar a contribuição historiográfica sobre os estudos da ditadura civil-militar brasileira, sendo que evidenciou algumas questões relevantes em relação à VAR-Palmares, o treinamento de guerrilhas, a resistência e a repressão por parte do Estado. Ficou claro que o grupo da VAR de Nova Aurora resistiu, ou pelo menos tentou resistir à ditadura. Houve por parte do Estado uma tentativa de ocultar os fatos ocorridos após a prisão com a prestação de "serviços" como cortes de cabelos gratuitos, distribuição de cestas básicas para a população e a nomeação de duas ruas da cidade com o nome dos presidentes ditadores, Médice e Castelo Branco.

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Izabel Favero e Alberto Favero - Depoimento à Audiência Pública da Comissão Nacional da Verdade, na cidade de Foz do Iguaçu em 27 de junho de 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=locPa46TQF0

Entrevistas à Moradores e ex - moradores de Nova Aurora:

Alberto Favero - 17/07/2013.

Josefa Constantino - 31 de janeiro de 2012.

Guilherme Constantino - 31 de janeiro de 2012.

Mariana Maria Constantino - 31 de janeiro de 2012.

Orestes Brustolin - 31 de janeiro de 2012.

Ivone Brustolin - 31 de janeiro de 2012.

Carmen Trevisolli - 01 de fevereiro de 2012.

Laura Favero (ex-esposa de Alberto Favero) - maio de 2014.

Maria Lucia dos Santos Brandão - janeiro de 2014.

Maria de Fátima dos Santos - janeiro de 2014.

Rio Grande do Sul:

Suzana Lisboa - dezembro de 2013

Calino Pacheco Filho - 02 de dezembro de 2013

Airton Frigeri - junho de 2014.

BIBLIOGRAFIA

BAUER, Caroline. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3º andar: Terrorismo de Estado e ação de Polícia Política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2011.

BAUER, Carolina. Tese: **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memórias em ambos os países.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2011.

BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Memória, História e Documentos Sacralizados: um estudo de caso do Arquivo Público do Paraná (1976-1989)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, 2005.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações.** Estudos Ibero- Americanos. PUCRS, V. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

CHAGAS, Fabio Andrea Gonçalves. **A luta armada gaúcha contra a ditadura militar nos anos de 1960 e 70, [**Tese] UFF – Universidade Federal Fluminense, 2007.

CUESTA, Josefina. **La odisea de la memoria: história de la memoria en España siglo XX.** Alianza Editorial, S.A. Madrid, 2008.

DIAS, Reginaldo Benedito. **Sob o signo da revolução brasileira: a experiência da Ação Popular no Paraná.** Maringá, Eduem, 2003.

Dom Evaristo Paulo. **Brasil nunca mais.** 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
DIAS, Edmundo Fernandes. Intelectuais para que e para quem? In: **Gramsci no limiar do século XXI...**

DREIFUSS, René A. **1964: a conquista do Estado. Ação, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERNANDES, Florestan. **A ditadura em questão.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

FONTANA, Josep. **A história dos homens.** São Paulo, EDUSC, 2004. p. 488-489. **In:** ZAPARTE, Andreia. **A DOPS e o movimento de repressão ao Movimento Estudantil em Curitiba - Paraná (1964-1969).** Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: História, poder e Práticas Sociais, 2011

FONTES, Virginia. **O Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e historia.** *Rio de Janeiro*. FIOCRUZ e UFRJ, 2010. (Capitulo lll – A espiral-imperialista, p. 145-214 e capitulo VI – O Brasil capital-imperialista, p. 303-350).

FURLAN, Elisangela. FIUZA, Alexandre. **Vozes silenciadas: memórias da atuação política docente em Nova Aurora.** In: Simpósio de Pesquisa Estado e Poder (4. : 2013 : Marechal Cândido Rondon) S612d Ditaduras e democracias : anais do simpósio / Organização de Alana Milcheski, Alexandre Blankl Batista, Edina Rautenberg e Marcos Vinicus Ribeiro. -- Marechal Cândido Rondon, 2014.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Os múltiplos sentidos da anistia. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Anistia.Política e Justiça de Transição, n. 1, jan/jun 2009, Brasília.** In: BAUER, Caroline. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países.** Tese, UFRG, Porto Alegre/Barcelona, 2011.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas. a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução de Luiz Sérgio Henriques; co-edição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira – Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2. Caderno 24. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

HELLER, Milton Ivan. **Resistência democrática: a repressão no Paraná.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. Curitiba, Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988.

HELLER, Thomaz. **Formação e trajetória do primeiro MR-8 (1964-1969).** Projeto de pesquisa, mestrado, UNIOESTE, Campus de Marechal C. Rondon. Linha de Pesquisa: Estado e Poder, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

MARX, Karl. **O método da economia política.** In MARX/ENGELS: História. São Paulo: Ática, 1984. p. 409-417.

MEZAROBBA, Glenda. **Um acerto de contas com o futuro: a anistia e suas consequências - um estudo do caso brasileiro.** Dissertação, USP, 2003

MELO, Demian B. **A miséria da historiografia: o revisionismo historiográfico 40 anos depois do golpe de 1964.** Rio de Janeiro, 2005.

Org: Enrique Serra Padrós, Cármen Lúcia da Silveira Nunes, Vanessa Albertinence Lopez, Ananda Simões Fernandes. **Memória, verdade e justiça: as marcas das ditaduras do Cone Sul**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2011.

PADRÓS, Enrique Serra. Como el Uruguay no hay... **Terror de Estado e segurança nacional. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2005.

PALMAR, Aluízio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

RAUTENBERG, Edina. **A revista Veja e os grupos guerrilheiros no Brasil (1968/1972).** Revista História e luta de classes. Ano 6 - Edição Nº 10, Novembro 2010.

REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

RUSCHEL, Davi Arenhart. **Entre risos e prantos: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul.** Dissertação de mestrado, UFRG, 2011.

SALES, Jean Rodrigues. **A luta armada contra a ditadura militar: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana.** São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, Carla Luciana. **Veja e ditadura: a memória dos militares refaz a história**. HAO, Núm. 31 (Primavera, 2013), 95-107.

TELES, Janaina de Almeida. **A constituições das memórias sobre a repressão da ditadura: o projeto Brasil: Nunca mais e a abertura da Vala de Perus.** Anos 90, Porto Alegre, v. 19, n. 35, p. 257-292, jul. 2012.

TOLEDO, Caio Navarro de (org). ***1964: visões criticas do golpe: democracia e reformas no populismo*.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar.** Lisboa, Unipop. 2012.

VINYES, Ricard (ed.) **El Estado y La memoria: gobiernos y ciudadanos frente a lós traumas de La historia.** Barcelona, RBA, 2009**.**

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

www.arquivopublico.pr.gov.br
www.google.com.br/search?q=localiza%C3%AA3o
www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?id=1386203
+de+nova+aurora
www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/as-cartas-dos-exilados-eram-censuradas/
www.youtube.com/watch?v=l www.brasil247.com/pt/247/midiatech/135796/Memo-secreto-p%C3%B5e-Globo-no-epicentro-da-ditadura.htm
www.brasil247.com/pt/247/midiatech/135796/Memo-secreto-p%C3%B5e-Globo-no-epicentro-da-ditadura.htm

www.vermelho.org.br/ba/noticia/240177-58

www.estadao.com.br/noticias/nacional,em-cerimonia-oficial-restos-mortais-de-jango-sao-recebidos-em-brasilia,1096685,0.htm
www.youtube.com/watch?v=50Y8UBKI09k
www.youtube.com/watch?v=G1zOLnTwCgI
www.documentosrevelados.com.br/categoria/imprensa-clandestina/var-palmares/
www.youtube.com/watch?v=UhpO4I2O0zs
www.an.gov.br/mr/Seguranca/Principal.asp
www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/professora-torturada-na-ditadura-acusa-advogado-de-foz-do-iguacu-de-ser-o-responsavel-pelas-sevicias-e-aborto/
www.youtube.com/watch?v=LwZ1lm3R9Ww&index=3&list=PL9n0M0Ixl2jdGwkvXyyWnzab_4jpfg2kE
www.em.com.br/app/noticia/economia/2011/01/13/internas_economia,203452/comparamos-as-tabelas-de-precos-de-automoveis-entre-1960-e-1980.shtml
www.jusbrasil.com.br/diarios/442446/pg-49-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-26-01-2006
www.documentosrevelados.com.br/author/aluizio/

www.estadao.com.br/noticias/nacional,venturini-o-grande-mentor-da-anistia-foi-figueiredo,423015,0.htm
www.youtube.com/watch?v=pU08Qu2BjTY
www.youtube.com/watch?v=1_Io8tz9WLM
wwwquemtemmedodademocracia.com/2011/10/05/aluizio-palmar-e-preciso-que-a-comissao-da-verdade-faca-justica-especial-para-o-qtmd/
www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOSHUMANOS/148111-PROJETO-CRIA
www.portalmemoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/media/Cartilha%20Comiss%C3%A3o%20da%20Verdade%20-%20N%C3%BAcleo%20Mem%C3%B3ria.pdf
www.youtube.com/watch?v=exyaktM8VEk
www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/exibirAto.do?action=iniciarProcesso&codAto=3505&codItemAto=23168#23168
www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10559.htm
www.vermelho.org.br/ba/noticia/240177-58
www.dji.com.br/constituicao_federal/cfdistra.htm

ANEXOS

Depoimento de Izabel Favero à Comissão Nacional da Verdade, em 27 de junho de 2013, em Foz do Iguaçu.

Eu já vinha com o estômago embrulhado a dias desde que eu comecei a buscar essa memória para a Comissão da Verdade e tenho consciência de que essa comissão tem casos tão mais graves pra cuidar, até mesmo porque o nosso caso, a nossa história já foi bastante contada e relatada, mas claro que a gente nunca teve oportunidade de entrar em detalhes bem dolorosos e que até hoje machucam muito. Eu tenho muita...dificuldade!

Muita revolta, muita humilhação e realmente é uma história que eu sempre fugi de contar... e eu assumi um compromisso com os meus filhos, já que meu marido com quem fui presa, comecei a militar e a gente tem uma história que é totalmente imbricado os dois, ele faleceu em janeiro de 2011. Ele sobreviveu à ditadura e não sobreviveu à falta de ética médica, devido a negligência numa cirurgia que ele fez e se foi, agora só resta a minha memória e as memórias de alguns companheiros que também foram presos na mesma ocasião, só que eu não tenho testemunho do que fizeram a eles mais diretamente. O que a ditadura, os militares que nos torturavam eles utilizavam muito o fato de...

Eu era militante, mas eu também era apaixonada, havia um amor muito grande entre nós dois, então os confrontos eram sempre entre nós dois, porque dói muito mais e eles tinham consciência disso. Então eu fiz um esforço bem grande pra trazer a memória dele. Essa história não é só minha, o que eu vou falar é a nossa história, a minha e a de Luiz Andrea que foi um grande combatente, por quem eu tenho muita admiração e com ele depois eu tive uma trajetória de vida de exílio, mais de quarenta anos de vida e dois filhos que tivemos que nasceram no exílio, Diego e Gabriel.

Antes de entrar nesse depoimento eu gostaria de dizer que as pessoas que eu vou citar aqui e que eu acuso, só queria deixar claro: Coronel Emidio (eu não consigo saber o sobrenome, parece que é mesmo Paula, que era Coronel do batalhão de fronteira. Capitão José Vasconcelos Krueger que era do batalhão da polícia militar de Curitiba; O capitão Julio Roberto Cerdá Mendes que foi junto com o tenente Mario Expedito Strowisk (Ver) que comandaram e acompanharam todos os processos. Depois a eles se somaram duas pessoas: um chamado Pablo e o outro Juvenal, nomes de guerra, que se apresentaram sendo do

esquadrão da morte. E tem uma série de outros que a gente nunca soube o nome ou que eram chamados pelos codinomes, apelidos. Eu queria também colocar nessa lista o então diretor do presídio do Haú em Curitiba, Lamartine Arroyo Soares que não me quis sobre sua responsabilidade onde estavam os presos políticos e me encaminhou para o presídio de mulheres em Piraquara onde fiquei em prisão comum, o que na época nem era normal acontecer, pois os presos políticos estavam em celas especiais e ele não teve nenhum escrúpulo em me mandar pra esse presídio onde fiquei presa com assassinas, latrocídas, enfim! Mas eu diria que elas tiveram muito mais decência do que ele e o poder constituído que me colocou lá, porque fui respeitada e aprendi bastante nessa passagem.

Eu gostaria de contextualizar como é que nós viemos parar aqui, senão as pessoas podem nos perguntar: Nós somos gaúchos e viemos ser presos no Paraná? Nós começamos a militar no movimento estudantil, Luiz Andrea era inicialmente Presidente da União Caxias de Estudantes Secundários e logo Presidente da União Gaúcha de Estudantes Secundários. Foi assim que a gente criou uma amizade eterna com Suzana! Esse foi um período muito curto porque logo a gente num dado momento o contexto social, político, a gente passou a militar na Var-Palmares.

A nossa vinda para o Paraná, foi uma decisão da direção regional da Var que considerou que nós não poderíamos estar na legalidade. Então estudamos a possibilidade de montar uma base de resistência à ditadura militar no Oeste do Paraná. Meu sogro tinha ali uma pequena fazenda e vimos que ali era um local estratégico aonde inicialmente a gente contaria com o apoio deles e em seguida a Var viria a suprir nossas necessidades para que a gente pudesse fazer o trabalho político que a gente tinha a fazer. Lá também já estava morando meu cunhado o Alberto que está aqui conosco. Além de Luis, eu e Alberto, fomos presos na mesma ocasião Adão Pereira Rosa, Benedito Osório Bueno, José Aparecido Germano e José Deodato da Motta, todos camponeses que aderiram ao início do que estávamos fazendo, estávamos realmente no início que era a estruturação desse núcleo.

Então estiveram também presos conosco, além desses cinco militantes, alguns dias depois, foi preso Gilberto Silveira, que foi trazido de Curitiba. Naquela mesma ocasião estava (eu encontrei agora) Ana Beatriz que ficou quatro dias comigo sendo os únicos dias que tive companhia e eu fiquei feliz quando ela saiu. Eu estava isolada e os meninos estavam em outra cela. Eu não presenciei a maior parte das torturas, dos atos que foram cometidos com os meninos. Eu fui literalmente utilizada, um com o outro, eu e Luis Andrea. Então eu soube das

atrocidades que ele sofreu depois porque me foram relatadas por eles mesmos e diante disso eu vou me ater a falar daquilo que eu vivenciei, que é justamente para o bem da verdade.

Então nós saímos de Caxias do Sul, onde morávamos, dizendo que íamos pra São Paulo e aterrissamos em Nova Aurora - Oeste do Paraná com a missão de organizar ali um núcleo de resistência à ditadura militar. O que ocorreu é que nós ficamos meses isolados da organização, a organização não fazia contato conosco e diante disso nós tivemos que sair da clandestinidade, trabalhar para sobreviver e foi muito bom, foi muito importante, porque o que fizemos na legalidade, foi um trabalho de educação e isso ficou, foi realmente um aspecto positivo desse risco que tivemos que correr. Eu comecei a trabalhar como professora no ginásio e ao mesmo tempo reabri uma escola, uma escolinha, na fazenda ao lado de um deputado Nacli que foi um dos apoiadores da nossa prisão, junto com o padre e o diretor do ginásio com a secretária de educação do município. Eles deram suporte para aquela mega operação dos militares pra nos prender. Luis Andrea virou professor também na mesma escolinha que era um galpão completamente abandonado. Nós fizemos mutirão com os pais dos alunos e colocamos aquela escolinha pra funcionar.

Isso nos permitiu nos aproximar dos pais dos alunos e a gente foi compartilhando com eles nossas ideias, nossos ideais, nossas visões de uma sociedade melhor e eles foram simpatizando conosco e nos dando um amplo apoio. Não sabiam exatamente qual era a nossa missão, apenas simpatizavam com nossas ideias. A gente conquistou uma simpatia que pelo que eu sei pela pesquisa que o Marcos está realizando ali nessa região, até hoje os alunos tem lembrança deste trabalho e isso me deixou muito feliz. Paralelamente a esse trabalho de educação em que a gente cuidava da educação formal, no ginásio e na escolinha, mas a gente fazia também no sábado e domingo, alfabetização para os adultos, para os pais dos alunos, usando de forma precária o método Paulo Freire.

E ninguém desconfiava da nossa missão, a nossa fachada era muito boa, porque a gente aparecia como um casal jovem, perto do sogro e da sogra, fazendo um trabaljho e construindo o seu futuro. Então na nossa avaliação geral, dificilmente nós seriamos encontrados ali onde estávamos, porque era um fim de mundo literalmente. Só que a gente não sabia, é que a ditadura já tinha cercado e minado praticamente todas as organizações políticas. Quando a gente veio a cair, ser presos, nós fomos praticamente os últimos a cair dentro da Var.

Quando eles chegaram até a gente a Var Palmares já estava praticamente desmantelada. Nós inicialmente não entendemos como eles tinham chegado até a gente! Ai ficamos depois, até com as informações que a gente foi tendo durante o interrogatório, ficamos sabendo que:

nós recebemos uma visita, uma única de um dirigente regional da organização. Quando ele voltou, ele fez um relatório, no qual ele colocou inclusive a nossa localização geográfica e certamente extrapolou, inchou e colocou muito além do que nós tínhamos na nossa base de militância. Então nossa prisão que aconteceu na madrugada do dia 04 de maio de 1970, foi uma operação de guerra. Eram cerca de, confirmados mesmo 700 homens armados e que invadiram a cidade, fizeram levantamento aéreo, cercaram toda a área. Teve uma missão precursora que veio dias antes e foi hospedada pelo padre que deu toda a cobertura a ele.

Essa nossa prisão foi realizada de madrugada por volta de uma hora, duas horas da manhã, com o pessoal do comando do Dops aqui do Paraná, da 5ª companhia de polícia do exército do 1º batalhão do Foz e determinada pela 5ª região militar, do quartel da polícia de Curitiba. Nessa noite lá em casa eles prenderam também meu sogro e minha sogra, já idosos, meu sogro foi amarrado a uma árvore e minha sogra ficou algemada na sala. E ai, não tinha luz na fazenda, então eles acenderam um monte de candieiros e uma das coisas que eles diziam é que iriam incendiar a casa com a gente lá dentro. Nós fomos já em casa torturados, um frente ao outro. Eles tinham uma máquina de choque, maricota. Batiam na gente com toalhas molhadas. Com alicates, beliscavam a gente. Meu marido eles levaram e jogaram no córrego que tinha ao lado de casa, dando-lhes choques elétricos dentro do córrego. Ele teve traumas pro resto da vida e problemas urinários que teve que tratar a vida toda. E ai no dia seguinte, fomos embarcados numa ambulância, num caminhão do exército e eles nos deram a entender que nos levariam para Curitiba, mas ninguém sabia o nosso destino, mas eles trouxeram a gente pro batalhão de fronteiras, nós também não sabíamos.

Nesse primeiro dia continuamos a ser interrogados e torturados numa sala que tinha ao lado do pátio tinha um andar e uma sala bem grande, vazia e suja, com poucas coisas. Tinha cadeiras, uma escrivaninha e o pau de arara, água e bacias. No segundo dia, eles terminaram de fechar o cerco e prenderam os outros meninos, companheiros. Durante os primeiros dias nós ficamos unicamente sob o comando do Cerdá e do Espedito. Eles que comandavam as torturas, eles que levavam a gente para o pavilhão. O prazer deles era torturar um em frente ao outro e dizer: "Olha sua vadia, ele tá apanhando por culpa sua, que você não quer colaborar", ou o contrário: era um jogo de tortura psicológica e física pra desestruturar mesmo, desestabilizar a gente. Eu fui muito ofendida como mulher, porque ser mulher e militante é um "Karma", além de ser torturada física e psicologicamente, a mulher é vadia, puta. "Menina indecente: olha pra sua idade, o que que se tá fazendo aqui? Que educação que seus pais te deram, você é uma vadia, não presta, enfim! Eu não me lembro bem se no terceiro ou quarto

dia eu já entrei em processo de aborto, pois estava grávida de dois meses. Então eu sangrava muito e não tinha como me proteger. Usava papel higiênico e já tinha mal cheiro e estava suja e acho que, eu acho não, tenho quase certeza que não fui estuprada, era constantemente ameaçada, porque eles tinham nojo de mim e eu lembro que no dia que nós fomos presos exatamente no dia 04, tínhamos estado em Cascavel e quando a gente saiu da ginecologista, tinha um veículo militar, mas não pensamos em momento nenhum que eles estavam vigiando a gente. Eles já estavam no encalço da gente! Eles nos seguiram o dia todo. Meu marido dizia: "por favor, não façam nada com ela, podem me torturar, ela tá grávida e eles riam, debochavam: "isso é estória!" Ela suja mas não tem nada a ver. Em nenhum momento isso foi motivo de preocupação.

Eu certamente abortei por conta dos choques nos órgãos genitais, nos seios, ponta dos dedos, atrás das orelhas, o que causa muita dor no pescoço, porque quando a gente recebe o choque joga a cabeça pra trás, chegando ao ponto de não saber aonde doía, certamente foi isso! Eles ficavam muito irritados de me ver suja, sangrando e cheirando mal, ficando com muita raiva e me machucando mais ainda. Ai acho que foi no quinto dia, chegaram dois caras: Pablo e Juvenal. E eles se apresentaram como especialistas na VAR, vinham do Rio. Eles tinham um chaveiro e mostravam assim a corrente que tinha vários elos, dizendo que cada elo era um comunista morto e que a gente ia fazer parte daquela corrente. Óbvio que eu morria de medo, dizer que a gente não tem medo na prisão é falácia! Eu estava aterrorizada! Com a presença deles, a tortura ficou mais sofisticada, mais intensa! Aí mal levavam a gente de volta à cela, já vinham buscar. Eu já estava num quarto que me colocaram, que era o quarto do oficial do dia que ficava de frente pro corredor, ai tinha a solitária e as outras celas. Me tiraram da cela quando eu realmente comecei a passar muito mal! 27:41 min...

Me colocaram no quarto do oficial do dia, onde tinha uma janela bem alta que dava pro corredor, tendo somente isso como comunicação. Quando eu já não tava muito bem mesmo, mas eu queria que ele soubesse que eu estava bem, porque seria uma tortura pra ele, porque disseram pra ele que eu estava morta, isso eu soube depois. Uma noite eu falei, porque por aquela janela passava o som, ai eu chamei e disse: Andre eu to bem, fica tranquilo, eu to viva, eu to bem! Bem naquela hora vieram caminhando Espedito e o Cerdá. Ai eu ouvi um grito do Cerdá, não me lembro as palavras que ele disse, mas eu ouvi Andre dizer: "Você vai atirar em mim, covarde!" Depois eu soube que ele empunhou a pistola, apontou pra ele e iria atirar mesmo, não atirando porque tinha alguns soldados. Meu marido disse que sentiu que ele ia atirar de tanta raiva que ele estava. Ai com a coronha ele pegou e... eu só ouvia os gritos do

Cerdá e os gemidos de Andre. Eu fiquei bem quietinha e depois que parou, abriu a porta do quarto, ele entrou e espumava de tanta raiva. Me pegou pelos braços, me levantou, me esculhambou dizendo um montão de palavrões. Disse que a culpa de Andre ter levado aquela surra era minha e que eu era uma cadela.

Dias depois fui levada pro interrogatório novamente com Andre massacrado, ele estava coberto de hematomas. Eu fiquei pensando naquela noite: porque que eles odeiam tanto a gente? O que a gente fez pra esse infeliz? Espedito tava junto! A gente vai atrás de explicações, mas é difícil de entender! Eu não tenho medo de dizer que emorria de medo quando ouvia a voz do Espedito! Chega uma hora em que a gente está exausto, não aguenta e quer morrer, pois já estava febril, com uma infecção, estava febril, achava que ia morrer! Mas ai pensava nos meninos e Andre? Aí me dava uma vontade enorme de viver e dizer: Eu vou me vingar! Eu vou fazer com eles tudo o que eles fizeram com a gente! Isso ajudava a me manter! Eu me imaginei fazendo barbaridades com quem estava fazendo barbaridades com a gente!

Encontraram na minha bolsa um papel com o nome do meu cunhado, João Evaldo Nunes que morava no Rio alguns dias por mês, porque ele tinha uma empresa indo pra fazer negócios com os clientes do Rio, mas ele morava em Caxias. Pra eles aquilo se configurou como um aparelho! Ele não tinha nada a ver conosco, mas prenderam ele! Quando começaram a me interrogar, meu cunhado já estava preso! Não entendi o porque, mas eles queriam que eu confirmasse que ele era nosso contato no Rio de Janeiro, nossa base, nosso elo, e isso não tinha nexo! Sei que o meu cunhado foi preso e torturado sem saber ao menos porque. Ele ficou anos sendo acompanhado por médicos, por que de certa maneira, nós que éramos militantes, sabíamos a opção que tinha feito e o que podia acontecer, mas alguém ser preso e torturado sem saber o porque, é muito difícil de aceitar, de superar. Eu fiquei com essa culpa! Eu não soube disso logo não, fiquei sabendo depois, ninguém quis me contar antes porque sabiam que eu ia ficar desesperada.

Quando soltaram ele porque não tinha nenhum nexo e nem torturas que me fizesse confessar uma coisa que não era! Quando ele foi solto disseram pra ele: "voçê nunca esteve aqui e se um dia você por ventura mencionar alguma coisa, pode se preparar porque daí tu não sai! Procurei investigar e nunca encontrei o registro dessa prisão, não sei se foi feito ou não! Em todos os casos muito tempo depois quando eu já tinha encontrado meu equilíbrio fiquei sabendo que ele tinha sido torturado e que eu tinha sido indiretamente a causadora desse horror pelo qual ele passou.

O Pablo e o Juvenal quando eles chegaram, comentam que eles tinham sobrevoado as cataratas e que era muito bonito a vista e que eles iam levar a gente pra dar um passeio, que íamos sobrevoar as cataratas. Faziam comentários do tipo: "vocês não vão ficar muito perto da porta que a gente deixa aporta do helicóptero aberta e você pode ser sugado. Em uma certa ocasião colocara a gente num jipe e a gente ia segundo eles fazer um passeio pelas cataratas. A gente tinha certeza que eles iam matar a gente, iam jogar a gente. Aio demos uma volta pequena e voltaram dizendo: vocês ainda não merecem esse passeio, não colaboraram o suficiente, então vamos voltar lá pra conversar!" Até hoje eu não tenho vontade de ver as cataratas, por causa das várias vezes em que ameaçaram a gente com isso!

Eu fui particularmente torturada com choques elétricos, não me colocaram no pau de arara, como os meninos foram colocados! Com socos, pontapés, toalhas molhadas, choques com os pés dentro da água, era horrível! Eu tinha o cabelo comprido, ai eles enrolavam com a mão e depois puxavam até arrancar m chumaço que doía muito! Eu perdi a noção, entrei num estado em que minha saúde estava muito precária! Depois de alguns dias eu acordei e tinha uma senhora ao meu lado que se chamava Olga que trouxe roupa limpa, toalhas e me levou pra tomar banho, cortou o meu cabelo e penteou, estava tudo enozado e ai eu comecei a conversar com Olga. Ela não me perguntava nada! Acho que ela tinha ordens pra não saber de nada, mas pra me dar um atendimento, porque eles decidiram que eu não iria para um hospital, porque se eu morresse não ia fazer a menor diferença porque eu era uma vadia mesmo! Mas a Olga cuidou de mim, ai eu perguntei a ela onde a gente estava por que até então eu não sabia! Ela disse que a gente estava no batalhão de fronteira de Foz do Iguaçu! Eu disse que tenho um cunhado que mora em medianeira chamado João Ângelo do Banco do Brasil e ela não disse nada! Dias depois não sei quando, meu cunhado chegou até a gente uns 25 dias depois que a gente tava preso. Depois soubemos que ela ligou pra irmã dela que morava em Guaíra e pediu para a irmã dela ir até medianeira e ir ao banco e pedir pra falar com o meu cunhado e dizer que a gente estava em Foz do Iguaçu. Eu nunca pude agradecer, agradeço agora! Por que graças a ela rompeu-se a incomunicabilidade e a tortura arrefeceu.

Meu cunhado mobilizou as pessoas que ele conhecia pra tentar chegar até a gente. Primeiro eles negaram, negaram e negaram, mas acabaram cedendo. Aí ele veio num jipe do exército até Foz, encontrando a gente num estado lastimável. Até hoje quando eu olhava pra ele eu sentia pena dele por que ele tava péssimo, vendo a gente do jeito que estava! Ele foi conversar com esse coronel Emídio perguntando: "meu Deus porque eles estão assim? O que está acontecendo? O que foi que eles fizeram? Aí o coronel disse: tu cala a boca! Tu só está

aqui por generosidade e se não estiver satisfeito, tem um lugar pra ti também. Eu estava febril acabada, em condições lastimáveis e o coronel Emídio vinha me dar conselhos, como se nada tivesse acontecendo dentro daquele quartel. Olha eu tenho uma filha da sua idade, mas ela tá no bom caminho, já você optou pelo caminho dos bandidos, do terrorismo! É uma escolha que você fez, agora tem que aguentar as consequências. Mas tá em tempo ainda de mudar!

Teve uma ocasião quando eu já estava melhor e ele trouxe uns docinhos de uma festinha de aniversário pra gente e disse: "eu sou muito bom!" Vocês estão sendo muito bem tratados aqui e não esqueçam de dizer que foram muito bem tratados aqui, tinha esse cinismo! Eu ressalto a importância da Olga nessa nossa história, porque muita coisa mudou depois que meu cunhado chegou até nós, porque até então qualquer coisa que acontecesse com a gente, ninguém poderia confirmar ali dentro, a não ser os soldados. E esses, da forma com que eles podiam foram solidários. Eu acho que alguns deles poderiam dar uma grande contribuição a esta comissão, não no nosso caso, porque a gente tá aqui pra contar, mas os soldados eles não aprovavam em hipótese alguma o que estava acontecendo. Alguns depois eu soube, tinham irmãs que eram minhas alunas em Nova Aurora. Eles não aceitavam o que eles estavam vendo e nós tivemos caso de um sargento e um soldado que foram presos. O sargento jogou o jornal pra mim por cima daquela janela e o soldado foi punido por que me trouxe um recado de Luis Andre.

Enfim esta passagem pelo batalhão de fronteira, ela deixou marcas indeléveis! Minto após 40 anos se eu disser que eu superei, que eu consegui tratar essas feridas! Não consegui! Esta não é uma história que está lá trás enterrada e não quero enterrar, apesar que a minha memória não está me ajudando muito, mas eu acho que eu preciso e é um compromisso que eu tenho com a sociedade e com os meus filhos.

Aí, em 18 de setembro embarcaram a gente num avião militar levando a gente. Naquelas alturas pensamos o porque que eles iriam querer matar a gente agora. Fomos algemados no acento do avião, não sabendo aonde iriam nos levar. Aí chegamos no Dops de Porto Alegre e ai foi mais uma enxurrada de desespero! O que mais queriam saber da gente agora lá na Dops de Porto Alegre? Chegamos lá numa sexta-feira a noite e ficamos até a segunda nesse pânico! Na segunda feira eu fui levada encapuzada pra uma sala e me interrogaram mas não me bateram. As perguntas eram relativas ao dinheiro do cofre do Adhemar. A prova de que não sabíamos e nunca recebemos dinheiro é que a gente trabalhou pra sobreviver! Eu respondi que não sabia mesmo, ai me levaram de volta. Ai no dia seguinte voltei pra aquela sala onde estavam Luis Andre e Gustavo Buarque Chiler que também era militante da Var, eles

apanharam muito sendo que o Gustavo estava com o nariz quebrado. O assunto era o tal do dinheiro do cofre, que já em Foz do Iguaçu, fomos muito interrogados sobre isso. Estava meio confuso meio estranho o interrogatório em Porto Alegre. No outro dia ficamos sabendo que fomos pra lá porque Luis iria responder um processo da época do movimento estudantil, quando era presidente da UGES, ele foi preso tantas vezes, mas numa dessas passeatas ele tinha sido indiciado. Então levaram a gente pro tribunal e ele foi absolvido. Colocaram a gente algemados dentro de um carro e sem saber pra onde íamos. Chegamos então a Curitiba! Nos levaram pro batalhão lá de Curitiba da PM. O Kruegger veio ver a gente todo satisfeito! Logo em seguida eles nos levaram para a prisão do Haú, onde estavam os presos políticos do Estado do Paraná e foi lá que o Lamartine Soares que era diretor do Haú disse que não ia ficar comigo lá. Literalmente se desincumbiu da responsabilidade e não tinha outra presa política no Estado, não tinha cela especial e me mandou pra Piraquara e foi uma experiência muito dura. Na minha chegada as guardas não sabiam a diferença, tanto fazia!

Em junho de 1971 a gente foi julgado e condenado pelo tribunal militar em Curitiba na auditoria da quinta PM. Luis foi condenado a 18 meses e eu a 12 meses, que cumprimos. Condenados por aliciamento de menores, ou seja o trabalho que eu fazia de educação foi considerado altamente subversivo, por organizar a luta armada. Como o promotor pedia 25 anos de prisão pra gente, quando o Andre saiu a gente foi pro Chile, o caminho da liberdade, até esperar o pronunciamento do superior tribunal, nossa pena foi confirmada e aí surgiu um assunto de que como nós fomos julgados e condenados, ai a gente não podia ser anistiado, saiu uma lista com 320 presos que não eram pra ser anistiados, porque não se poderia ser anistiados pessoas que haviam sido condenadas. É a maravilhosa lei de anistia que foi feita. Depois do golpe de Estado no Chile a gente foi exilado pra França, onde nasceram os meninos, os meus apatridas. Tivemos que esperar um bocadinho pra voltar, porque não sabíamos qual era a condição da gente diante da lei da anistia, mas enfim a princípio não tínhamos direito à anistia. No dia em que meu cunhado veio lá no exército que a gente saiu a luz do dia, enfileiraram a gente diante dessas armas e tinha mais duas pessoas que a gente não conhecia, umas armas velhas, livros, obrigando a gente a fazer essa foto. Nós protestamos e Luis foi mais inflexíveis dizendo que não iria fazer a foto. Aí o Cerdá ameaçou ele na hora. Para o bem da verdade essas armas não eram nossas. Nossas armas estão enterradas até hoje lá na mata. Eles precisavam publicar no jornal, todo mundo com cara de bandido, esfacelado e mostrar que eles tinham feito certamente um bom trabalho, pra receberem as devidas

homenagens. Muitas vezes depois desse fato a gente lembra quando vê a imprensa publicando certas coisas, pode ser e pode não ser, porque a gente já esteve nessa!

Outra coisa que é importante assinalar é que o Espedito Ostrovski ocupava um cargo na copel que é um órgão estadual de energia elétrica aqui no Estado. A pedido de um deputado que na época era presidente da comissão de direitos humanos, Marcio Almeida, encaminhou um pedido de demissão sumária do Espedito desse cargo ao governador de fato o exonerou. Enfim, esse pessoal todo que eu denuncio aqui e eu sempre falei isso com meus filhos, com meu marido, eu acho que essa comissão ela é extremamente importante. Vir a público de uma maneira mais didática, o nome dessas pessoas, pra que elas confrontem, pelo menos isso, condenando-os porque eles são realmente responsáveis por tudo o que eles fizeram, não tem meia boca. Eu acho que se a gente não puder ir além disso, mas chegando a isso já é uma grande vitória. Porque eu posso olhar nos olhos dos meus filhos, dos meus amigos, dos meus parentes com dignidade e com orgulho. Eu sei que o melhor da minha juventude, eu era muito novinha, mas o melhor eu trabalhei porque eu acreditei numa ideologia e continuo acreditando e viver com a possibilidade de se expressar livremente, isso também é uma vitória que nós conquistamos todos. Nós participamos com certeza disso muitas vezes eu me disponho, a gente fez tão pouco, mas na verdade a gente fez alguma coisa e o que a gente fez, no momento em que a gente fez, no contexto que a gente fez estava certo. Eu me coloco a disposição desta comissão para o que for necessário. Eu vou continuar chorando, porque eu tenho muita revolta com as injustiças todas, mas não vou baixar a guarda, como se diz e esse esforço de memória que eu estou fazendo agora, eu só posso contar com a minha, pois antes eu tinha o Andre comigo que me ajudava, agora não tenho mais.

Entrevista com Alberto Favero, cedida a Marcos Adriani Ferrari de Campos na cidade de Nova Aurora em 17 de julho de 2013.

Vim pra Nova Aurora dia 19 de janeiro de 1961, cuidar uma propriedade que meu pai tinha, fazenda São Jorge. Eu ia sempre pro Rio Grande, visita o meu pessoal lá e tal. Depois veio o golpe militar em 1964! O meu irmão Luis Andrea, era presidente da União gaúcha dos estudantes secundários e depois do golpe as coisas ficaram difíceis pro movimento. Numa dessas viagens, o Luis me disse que estava pensando em fazer uma base aqui em Nova Aurora. Passou-se mais um ano ou um ano e meio, meus pais também subiram pro Paraná (VER ANO). Ai um tio meu que morava na Anta Gorda, ficou doente, um começo de derrame. Ele estava derrubando o mato e plantando café e dai pediu pro meu pai se eu não podia dar

uma mão pra ele lá. Tinha que trazer o pessoal fazer compra, dirigir e ele não estava mais podendo fazer estas coisas. Ai eu fui pra Anta gorda ajudar ele, dava uns 30 a 40 km da propriedade do meu pai.

A gente tava derrubando mato, plantando café e vinha um pessoal trabalhar com nós e eles tinham umas posses numa fazenda que era do Fuad Nacli. Eles vinham de cavalo, pois dava uns 4 ou 5 km da onde a gente tava plantando café, vinham de manhã e voltava a tarde. Nesse meio tempo também conheci o "Dito", que também estava derrubando o mato, pois era madeireiro, mas o meu tio tinha arrumado uma casinha pra ele ficar ali, que era mais fácil pra ele trabalhar. Depois conheci o Adão que trabalhava por dia. O primeiro que consegui trazer pra organização foi o "Dito". Nessa plantação de café do meu tio na Anta Gorda tinha um grupo de posseiros que moravam na fazenda do Fuad Nacli e vinham a cavalo trabalhar. Aí a gente foi conversar, a maioria entendiam o que a gente queria e tinham vontade de entrar para o grupo com nós. Depois mais adiante vem a história dos posseiros de novo.

Aí o Luis apareceu, a coisa tinha ficado fora de sério por lá. Eles saíram dizendo que iam pra São Paulo, acabou vindo pra Nova Aurora na fazenda do meu pai. Aí a gente começou a conversar, que tínhamos que fazer as coisas porque tinha que fazer uma base ali. Aí passou uns 3 ou 4 meses que o Luis tava ai, veio o Pedro, que era o contato que eles tinham lá no Rio Grande do Sul, da Var. Eu não sei como que ele achou o lugar, não sei se ele veio junto com o Luis, enfim não sei dizer! Mas eu tenho a impressão que o Pedro tinha subido com o Luis, por que ele não ia achar fácil assim como ele achou. Ele trouxe uma mochila, umas coisas, trouxe um pouco de dinheiro. Ai o Pedro conversou com o Luis e tal. Eu não conheci o Pedro da primeira vez.

O Luis começou a pegar o carro do meu pai e nos encontrávamos 2 vezes por semana, na estrada da Anta Gorda, num carreador que tinha, eu, ele e a Izabel, pra começarmos a conversar. Numa dessas noites, eu falei pro Luis sobre o Dito, pois eu já tinha conversado com o Dito pra ele participar da reunião também. O Luis já tinha conversado com o José Deodato que era lá da fazenda do meu pai. Aí foi os dois primeiros que a gente conseguiu. Passou uns dias e a gente tentou conversar com o Adão, que estava um pouquinho mais complicado. O Dito que era mais amigo dele ficou encarregado disso! Depois de umas duas ou três reuniões, o Adão começou a participar das reuniões. Passou mais um tempinho apareceu o "Lelo" querendo arrendar a terra do meu tio, mas eu que estava tomando conta das terras, o meu tio ficou meio ressabiado, mas tava precisando de dinheiro! Aí eu falei pro meu irmão e propus para que pagássemos um ano adiantado de arrendamento. Aí peguei o dinheiro

da organização com o Luis e paguei um ano de arrendamento da lavoura pro "Lelo", ele veio morar com nós na Anta Gorda, onde fizemos um barracão onde era nossas reuniões, duas a três vezes por semana, sendo que o Luis e a Izabel vieram muitas vezes nesse barracão. A família do Lelo, morava em Nova Aurora.

Aí o Pedro e o Marcos subiram do Rio Grande com um fusca, trazendo dinheiro e algumas armas, um revolver e duas espingardas, facão, munição, mochilas, livros e um mimeógrafo. Todas essas coisas foram presas com o Luis lá na fazenda do meu pai. Passou mai um tempo e eu fui pra Caxias e me encontrei com o Pedro e o Marcos num aparelho. Lá eu conheci um rapaz com o nome de Carlos, que ficou comigo uns quatro ou cinco dias no aparelho, depois foi embora pra Curitiba. Me deu o endereço de uma pensão que eu deveria procurar naquela cidade, que ia ser o contato com ele. Eu não tenho certeza, mas acho que o dono da pensão também já fazia parte da organização, porque tratou a gente com muito respeito, o qual chamavam de Toni, uma pessoa muito digna. Aí eu conheci o Gilberto e a namorada do Carlos. Naquela ocasião o Gilberto me deu dinamites, mais umas duas mochilas, explosivos. Eu trouxe 15 a 20 dinamites completos

O Pedro e o Marcos vieram com um fusquinha, pela segunda vez, eu não vi eles, mas vieram, trazendo dinheiro e mais algumas coisas pela segunda vez, trouxeram mais dinheiro, ai nós conseguimos comprar um jipe pra nós, com uma carretinha. Começamos a fazer um levantamento de uma certa área entre, Braganei, Anahy, Campina da Lagoa, Nova Cantú, Palmital, Roncador, Laranjal chegando até um tal de Porto Diamante que era na beira do Rio Piquiri, na estrada que saía em Guaraniaçu. Ficamos três a quatro dias ali, onde conhecemos três irmãos de posseiros. Tinha dado peste suína, que tinha matado os porcos deles tudo e estavam passando por dificuldades financeiras. Meu irmão tinha dinheiro e acertou com eles, arrumando uma senha, que só eles sabiam, que se precisasse ir ou mandar alguém pra lá, seria através dessa senha, e dariam cobertura. Eu não sei como era a senha por questões de segurança. Negociamos umas armas, umas cinco carabinas, três funcionando e duas mais ou menos. Aí arrumamos no jipe e viemos embora.

Pegamos as armas e trouxemos pra Anta Gorda, onde ficamos responsáveis eu o Dito. Arrumamos a armas e as que não estavam funcionando, levamos para um armeiro, Guido Pazza, que arrumava essas armas pra gente, mas não sabia de nada. Aí veio um rapaz junto com o Pedro de Porto Alegre, não sei se vieram de ônibus, do que eles vieram, o nome dele era "Negão". Esse cara disse que teve em Cuba, ficando com nós de 10 a 15 dias dando instrução pra nós. Fomos nesse mato que era perto dos posseiros, uns 900 alqueires de terra

do Fuad Nacli, que era mato virgem, na beira do Rio Melissa. Levávamos o mínimo de comida, sendo obrigados a aprender a sobreviver com o que o mato tinha pra dar pra nós. Fomos eu o Dito e o Lelo na primeira vez, o Luis não foi, pois o cara tinha ficado com nós na Anta Gorda. Saímos num sábado e voltamos no outro domingo, uma semana. Achamos uma parede de pedra que tinha um tipo de uma caverna. Demos uma disfarçada naquela caverna com "xaxim" e bananeiras, pra encobrir. Ali seria um esconderijo, onde passávamos as noites ali quando chovia e essas coisas.

Os posseiros estavam muito próximos da onde a gente tava fazendo esse treinamento. A gente conversava mas tudo muito escondido, pois havia jagunços contratado pelo Fuad Nacli, que ficavam vigiando eles. Na outra semana eu consegui falar com o Luis e ele foi pra Anta Gorda, ficando quatro dias com nós no segundo treinamento. Na terceira semana, o Luis não foi, mas levamos o Adão. O Dito fazia armadilha, pegava peixe, pegava paca, nhambu, era fora de sério a perícia que ele tinha no mato. O "Negão", também tinha experiência, mas para as armadilhas não tanto quanto o Dito. O "Negão ensinava a gente atirar e andar no mato sem fazer picada, sem deixar rastro nem nada, pois quanto menos rastro tivesse, melhor era! No dia seguinte sempre tirávamos as brasas e as cinzas, cobrindo com terra, procurando deixar o menos de vestígios possíveis. Durante essas três semanas de treinamento, o nosso esconderijo foi a caverna de pedras. Depois ele (Negão), foi embora e nunca mais vi ele. Nós fomos presos em 1970, então isso foi lá pelo final do ano de 1969.

Um pouco antes da prisão eu fui pro Rio Grande do Sul de novo, na volta passei em Curitiba e encontrei com o Carlos e sua namorada num passeio público! No outro dia a noite me encontrei com o Gilberto, ele me deu mais um pouco de dinamite e uma outras coisas pra trazer, pois já vinha com algumas mochilas do Sul. Foi a última vez que eu fui pro Rio Grande do Sul. Eu já sabia, por que o Pedro e o Marcos tinham comentado nesse mesmo apartamento que eu ficava, tinha mais quatro pessoas, que iriam participar do sequestro de um cônsul japonês, pra mim era japonês, mas se os documentos falam que era americano eu não sei então. Daquelas pessoas duas falaram que eram mineiras, pois ninguém nunca revelava o nome. Esta foi a última vez que eu fui pro Rio Grande, quando voltei me encontrei com o Carlos em Curitiba, sua namorada e o Gilberto e vim embora. Passando uns 90 dias disso ai mais ou menos, a gente foi preso. Parece-me que alguns dias antes da nossa prisão estouraram o aparelho que ei fiquei em Caxias do Sul e prenderam o Pedro e mais dois que estavam lá. O Marcos e mais dois tinham saído. O Marcos não foi preso dessa vez junto com nós, foi preso muito depois. Ficamos sabendo de tudo isso depois que fomos presos. O Pedro e os dois

rapazes que foram presos em Caxias do Sul no apartamento que eu tinha ficado, a partir deles é que fomos presos. Estavam planejando o negócio do cônsul, ai foi preparada uma emboscada, pegando mais gente ainda. Em Caxias do Sul acabou, só o Marcos e os outros dois é que escaparam, mas a Var em Caxias acabou! E pegaram um grupo de Porto Alegre também. Aí o Luis e a Izabel foram presos, nós fomos presos.

A nossa prisão foi muito arbitrária! A minha mulher, meu sogro e minha sogra, minha cunhada, meu cunhado, os dois piás que eu tinha, o Luis e João, cada balaustra tinha um milíco. Eles ficaram três dias presos dentro de casa sem poder sair pra nada, até me prender. Por isso que eu não quis fugir, ainda tinha condições de ir lá pra Porto Diamante. As vezes o Dito e o Adão ia pra lá, mas fomos presos antes de acertar querm ia fugir ou não. Eu e o Lelo, deixamos claro que não íamos fugir. Eu fui preso na Anta gorda, lá no barracão. Só que eles já tinham passado na fazenda do meu pai e trazido o José Deodato, que morava lá. Quando eles me prenderam, já traziam os três: José Deodato, O Lelo e o Luis. O Dito morava uns mil metros pra baixo do barracão aonde eu estava, sendo preso também naquela ocasião.

Tinha também o Moacir Benedito Correio que era um jagunço do Adízio Figueiredo. Foi preso na região de Tupãssi, ou Formosa, não sei, porque estava com um monte de armas, sendo associado a nós, mas não tinha nada a ver. O que lembro era o nome da fazenda, Aliança, e ele era o administrador, veio de São Paulo. A mulher dele vinha duas ou três vezes por semana visitar ele quando nós tava preso em Foz do Iguaçu, dormiu junto num quartinho lá. Não bateram nele, mas estava depressivo, por isso puseram ele com nós, porque estava sozinho e tentou se matar. O Adízio era comendador o que na época representava um título, não era qualquer um que tinha, ele era fazendeiro grande. Me levaram então pra minha casa, onde jogaram tudo pra fora, queriam saber de armas, queriam saber de dinheiro, queriam saber um monte de coisas.

Com o Dito foi a mesma coisa, ele tinha um paiolzinho cheio de milho, que eles jogaram tudo pra fora, queriam saber aonde estavam as armas, que era eu e o Dito que cuidava disso aí, nós não tínhamos armas e conseguimos enrolar e prenderam umas armas que estavam lá com o Luis, duas espingardas que estavam comigo e lá com o Dito pegaram mais duas carabinas, parece que dois revólveres 38. Lá na fazenda do meu pai pegaram mochilas, mimeógrafos, livros, panfletos, duas urkinhas 22 semi-automáticas, que tavam lá com o Luis, que tinha vindo do Rio Grande do Sul.

Nós tínhamos enterrado algumas armas na Anta Gorda, munição, dinamite essas coisas, foi enterrada na Anta Gorda, muito bem enterradas e acabaram se perdendo. Depois que a

gente saiu da cadeia, com a terra mecanizada, a gente procurou, eu e o Dito, mas não conseguimos achar. (Pergunta: Nos documentos do Dops, consta que eles desenterraram um caixão cheio de armas na Anta Gorda. O senhor diz que não? Eles não desenterraram não, é mentira deles, não tiraram não! (Outra questão: Liberato Favero, seu pai, sabia da organização?) O meu pai sabia um pouquinho sim, tipo uns trinta por cento, mas o restante ninguém sabia nada! A minha mulher até tinha ciúme de mim, porque eu saía e ficava 7 ou 8 dias fora, sem vir pra casa, ela pensou que eu tava bagunçando e eu fazendo as coisas pra organização.

Aqui em Nova Aurora eles fizeram uns dois ou três dias antes da nossa prisão, o padre "Finato", fizeram uma reunião com a cúpula do exército, o Espedito, o Julio Cerdá, o cabo Orlando, o capitão Krugger, fizeram na igreja junto com o prefeito, fizeram os planos de como ia ser o esquema. Onde é a rodoviária hoje, fizeram um acampamento enorme que tinha mais ou menos 700 soldados, tinha helicóptero. Eles estavam preparados para um combate, achando que nós estávamos super equipados também. Infelizmente nós estávamos começando, foi a guerrilha que não começou. (pergunta: E o Fuad Nacli, o senhor conheceu, como ele participou desses episódios?)

Eu conheci ele, mas eu não posso falar dele não. Eu não concordava com o que ele fazia com os posseiros. Pra mim nunca me fez mal. Pelo contrário, duas ou três vezes quando o Luis meu irmão e a Izabel estavam presos ainda, ele levou as coisas lá pro Haú (presídio em Curitiba), levou feijão, arroz que a gente mandava. Mas eu não posso gabar ele também não. Fuad Nacli era um "bagre ensaboado", difícil de pegar ele. Só que a Izabel e o Luis, o Fuad deu uma mão pra eles. Eu acho que ele não ajudou na prisão não, acho que não teve o dedo dele não. Porque quando o Luis e a Izabel foi preso, eles estavam em Cascavel com ele (Fuad), tinha faltado um documento pra Izabel dar aulas. Aí eles foram na secretaria de educação em Cascavel com o Fuad. De lá o Fuad foi pra Curitiba e o motorista dele trouxe o Luis e a Izabel, pra cá. Eu acho que ele não teve nada a ver não.

Depois da prisão, levaram nós pra Foz do Iguaçu, no batalhão de Foz do Iguaçu, pro comandante. Eu fui o primeiro a entrar, atrás de mim veio o Dito, o Lelo, o Adão e o José Deodato. Eu não sei onde eles levaram o Luis, mas não levaram ele naquele dia não! Aí o comandante falou assim pro Espedito: "leva esses vagabundo pra cadeia. Eles queriam vender o Brasil pra Cuba, pra União Soviética, pra China". Quando nós foi saindo ele me parou e perguntou assim: "Você é irmão do Andre né?" Disse: "sou!" "Então te prepara, porque nós estamos preparados. Aí eu falei: "não tenho nem um pouquinho de medo." Aí o

Dito me pisou no pé, depois disse que eu não devia ter provocado ele daquele jeito. Aquele dia passou e não fizeram nada com a gente! No outro dia chegou o Luis. Aí começou, quando era umas nove horas por aí, me levaram pra uma sala em que o Luis já estava pelado, um tambor de água, duas mesas e a maricota. Eu não conhecia maricota, fui conhecer ali. Mandaram tirar a roupa, me colocaram num tambor de água, um saco plástico na cabeça pra afogar. Queriam que eu batesse no meu irmão e meu irmão batesse em mim e a gente não fez, talvez a gente apanhou um pouco mais por causa disso, sendo que foi um monte de vezes assim. Me colocaram no pau de arara, com um fio no dedão do pé e outro no "saco", ai o cabo Orlando girava a maricota. Você via estrelas do céu dentro de um quarto. Gritavam: "Fala filha da puta".

Aí me tiraram do pau de arara, começaram a me dar pancadas, na cabeça. Depois pegavam um cano de ferro e batiam no rim da gente, embaixo da sola do pé. Foi uns dez dias desse tipo aí. Era pau de arara, era enforcamento, maricota e pancadas de tudo quanto era jeito. Quando eles viram que a gente não tinha mais nada pra contar eles deram uma acalmada. Quando fazia uns 45 dias que nós estávamos presos, o meu irmão mais novo trabalhava no banco do Brasil em Guaíra, (neste meio tempo, meu pai tinha vindo um monte de vezes pra Foz e não conseguiu ver nós, pois sempre diziam que não estávamos lá e tal), esse meu irmão ficou muito nervoso lá em Guaíra, e foi chamado no batalhão de Guaíra e colocaram ele dentro de um jipe e trouxe ele pra Foz do Iguaçu. Fazia uns 50 dias mais ou menos que nós tava preso, ai eles mostraram só nós três pra ele, a partir disso começaram a amolecer um pouquinho. Depois trouxeram o Luis com nós porque ele estava na solitária. Da janela da nossa cela dava pra ver uma sala a uns 20 metros, que era a sala aonde a Izabel estava, ai começaram a se comunicar e mandar beijinho um pro outro, essas coisas, Numa dessa vezes o capitão Cerdá veio e mandou o Luis parar. Ai tiraram ele pra fora da cela e levaram ele pra aquela solitária e a gente ouvia as porradas que davam nele. Ai deixaram ele uns 15 dias na solitária. Aí passou um tempo, a minha mulher já tinha ganhado neném, por que quando eu fui preso, 27 dias depois ela ganhou neném, que é o meu filho mais novo. Por isso que eu não fugi porque ela estava naquela situação. Aí o meu pai já tinha arrumado um dinheiro pra ela e depois ela foi visitar nós levando roupa e outras coisas. Aí passou um tempo já veio a mulher do Lelo. Depois eles transferiram nós pra Curitiba no Haú ficando lá até ser julgado e tal. O Luis é que ficou mais preso de todo o mundo. Ele veio pra fazenda quando saiu. Bom o Luis e a Izabel foram pro Rio Grande Sul primeiro, antes de ir pro Haú. Primeiro em Santa Maria, Caxias e Porto Alegre. Depois na PF de Curitiba é que eles conheceram o

Capitão Krueger e o Sargento Barbinotti, que a gente não sabia de onde tinham vindo. Eram da PF de Curitiba os dois. Aí o Luis foi pro Haú e a Izabel já estava em Piraquara. Já fazia uns 15 dias que o Luis estava no Haú, é que nós chegamos de Foz do Iguaçu, no avião do Paulo Pimentel, junto com as "autoridades" e um monte de milicos com metralhadoras.

Quando saímos, viemos pra Nova Aurora e quando o Luis saiu, foi pra fazenda do meu pai e ficou esperando um contato, pois parece que tinha que responder a mais dois processos do Rio Grande do Sul. Nós tentamos uma primeira vez ir pra Argentina, via Foz do Iguaçu, eu, o Luis, a Izabel e mais dois caras. Não conseguimos por causa que tinha muitos militares. Aí nós voltamos pra fazenda e os caras foram embora. Eu não sabia quem eram, só o Luis sabia. Aí passou mais uns 30 ou 40 dias ele vieram, mas eu não acompanhei mais. Eles foram pro Rio Grande e de lá pro Uruguai e de lá pro Chile. Ai não vi mais. Depois do golpe no Chile, eles conseguiram asilo político na França e daí nos comunicávamos, somente através de cartas, só que primeiro eles liam pra depois nós ler.

Depois eu conheci o Aluizio Palmar, que tinha sido preso em Cascavel alguns meses antes de nós. Ele tinha um sítio no "boi picuá", bem perto de nós e um não sabia do outro. Ele sofreu muito, pois foi a mesma turma que pegou nós, o Espedito, o Cerdá e todo mundo. O Espedito enchia o peito pra falar que tinham prendido Aluizio Palmar. O meu irmão encontrou com ele no Haú em Curitiba, ficando uns quatro ou cinco dias com ele no Haú. Eu vim conhcer o Aluizio por causa da questão do grupo do Onofre Pinto e as escavações que teve aqui em Nova Aurora. Conheci o Almeida que era da polícia federal, conheci a Suzana, que o marido dela foi o primeiro preso político desaparecido, sendo que depois acharam ele no cemitério clandestino em Perus em São Paulo. Então é isso aí, a minha história é a guerrilha que não aconteceu, infelizmente.

Entrevista com Airton Frigeri cedida por email à Marcos Adriani Ferrari de Campos em 05 de junho de 2014.

01 - Como foi a experiência estudantil com Luiz Andrea Favero no Rio Grande do Sul?

Quando do golpe em 1964, então com 11 anos, já acompanhava meu Pai, em movimentos Operários, Sindicatos. Meu pai tinha como amigos vários dos primeiros presos políticos e Caxias do Sul, com os quais minha família tinha convivência, isso me despertou o interesse pela política, e pela justiça, quando da prisão, todos eram ligados ao Sindicalismo e/ ou ao

Partido Comunista Brasileiro (PCB), na primeira oportunidade passei a ser representante de classe, logo em seguida, pertencer ao grêmio estudantil, em inicio de 1967, participei de um seminário estudantil secundarista, em preparação para o Congresso Estadual de Estudantes Secundarista, nesse ocasião conheci o Luiz Andre, que na ocasião era presidente da UCES (União Caxiense de Estudantes Secundários), e a partir daí não parei mais, passei a participar do movimento com muita intensidade, passamos a conquistar aos organizações Estudantis, da cidade, logo em seguida o Luiz Andre foi para a Capital, na direção da UGES, eu e alguns companheiro, passamos a assumir a diretoria da UESNE (União do Estudantes Secundaristas do Nordeste do Estado) neste período inicia uma serie de passeatas, locais, estaduais, o Luiz Andrea é detido varias vezes pelo DOPS, permanecendo em cada prisão alguns dias, outras vezes apenas horas, são feitas alianças, com os Diretórios Acadêmicos, os Congressos se intensificam, Luiz Andre, passa a ser reconhecido com um Líder Estudantil Estadual, realiza reuniões com políticos, consegue apoio de vários, faz alianças com parte do Clero, consegue o apoio da maioria dos estudantes tanto secundaristas como universitários, e grandes manifestações são realizadas na Capital. As forças de repressão passam a agir violentamente, vários estudantes são presos , feridos, alguns com gravidade. As lideranças mais visadas, passam a se reunir clandestinamente, afim de poder organizar a Luta Estudantil contra a Ditadura. Para o nosso grupo é o inicio da formação de uma organização clandestina, de luta, já pensando em agregar outros setores da sociedade.

02 - Gostaria que explicasse como foram tomadas as decisões de montar uma base no Paraná e suas viagens aos 16 anos apenas e já na luta!

Em dezembro de 1968 com o advento do Ato Institucional 5 (AI-5), em vista de toda a participação no movimento estudantil, e sendo a maioria dos membros que passaram a fazer para de VAR, muito conhecidos na região, tendo o Luiz Andrea, sido, inclusive presidente da UGES, União Gaucha de Estudantes Secundários, portanto conhecido em todo o estado, não havia outra forma de participarmos da Luta contra a Ditadura se não na clandestinidade. O Luiz Andre e a Clari, sendo sua companheira, precisavam sair de circulação, aqui pelo estado, como o seu Pai tinha a fazenda em Nova Aurora, a opção foi que para ele fosse, com o fim de iniciar um centro de apoio, até porque a região era estratégica, em sendo muito perto da tríplice fronteira. Pouco após a ida do Luiz Alberto, para o oeste do Paraná, eu fui deslocado para o Rio de Janeiro, num primeiro momento, e após São Paulo. Isto facilitou o contato com o Var no Paraná, que passou a ser, assistido pelo comando Regional do Sul, em Porto Alegre,

ao invés da Guanabara (RJ), com a o apoio do Comando Nacional em São Paulo. Como eu tinha contatos com ambos os comandos e com oeste do Paraná, e já fazia contato com o pessoal de Curitiba fui designado para a efetuar o apoio logístico para a Região do Oeste do Paraná.

03 - Sabe como Luiz e Izabel Favero saíram do país?

Quando da saída o Luiz Andre e da Izabel, para o Chile, encontrava-me preso, portanto não tive contato com eles. Somente voltando a vê-los no regresso ao Brasil, na Anistia.

04 - Conte um pouco sobre a militância sua, de Luiz e Izabel na Var - Palmares, bem como a história da organização nacionalmente e no sul:

Quando a participação de algumas pessoas mais expostas a Ditadura, em função principalmente da política estudantil passou a comprometer a segurança, exemplo clássico o Luiz Andre, passamos a nos reunir clandestinamente, não estando ligados a nenhuma organização. Nesta ocasião surge no âmbito nacional o COLINA (Comando de Libertação Nacional) e a VPR (Vanguarda Popular Revolucionaria). Aqui continuávamos a nos reunir e organizar a luta, porem de forma clandestina. A grande maioria era de estudantes, porem ai já existiam algumas lideranças operarias e de alguns partidos. Nesta ocasião recebemos o convite para grupo passa-se a integral a VPR, durante este processo, no âmbito nacional a COLINA e a VPR se unem e passam a formar a VAR-Palmares, quando decidimos participar, já foi sobre a bandeira da VAR, pouco tempo após existe um racha nacional, sendo que parte dos membros da VAR, retornam a VPR, e nós continuamos na VAR.

Surge ai a formação dos comandos Regionais, existindo dois no Rio Grande do Sul, um na região da Serra e outro na Região Sul do estado , e o Comando Estadual em Porto Alegre, que passa a coordenar o movimento no estado e algumas regiões de Santa Catarina.

Com a necessidade de deslocar o Luiz Andre, que dificilmente aqui poderia permanecer na clandestinidade sem ser preso. O comando estadual em contato com o Comando Nacional, resolve então passar a coordenação do Núcleo que seria iniciado no Oeste do Paraná, sob a subordinação do setor de logística do Comando Nacional que estava estabelecido no antigo estado da Guanabara, porem não foi possível manter um contato e o apoio necessário, a implantação em Nova Aurora. Em uma reunião realizada em São Paulo, com membros do Grupo da Guanabara e do Rio Grande o Sul, ficou decidido que o Comando Regional do Rio

Grande do Sul, auxilia-se na montagem e desse o apoio necessário ao grupo de Nova Aurora que estava sob a coordenação do Luiz Andre, o que possibilitou a instalação deste ponto estratégico, para uma futura etapa que seria a guerra de guerrilhas. E como já citei anteriormente passei a fazer em nome dos comandos esta ligação, tendo em vista já ter contato com todas as pessoas que se envolveriam na operação.

05 - O senhor chegou a encontrar Luiz, Izabel, na prisão ou no exílio?

Não tivemos oportunidade de vermos, durante a prisão e nem no exílio, pois somente deixei de ser importunado pelo SNI, quando da Anistia, antes recebi visitas periódicas, mesmo após ter sido absolvido pelo Supremo Tribunal Militar em fins de 1977, o que me impedia de qualquer atividade, política. A não ser voltando para a clandestinidade, porem nesta área também estava difícil qualquer coisa, a organização foi literalmente desmantelada, no estado e m Caxias, sob o comando do Coronel Atila e Capitão Paulo Malhães – o "carniceiro da ditadura"

06 - Poderia comentar a tentativa de sequestro do cônsul norte-americano em Porto Alegre, que resultou na prisão e praticamente a extinção da Var - Palmares no sul.
A tentativa de sequestro do Cônsul norte-americano em Porto Alegre, foi uma ação da VPR, com o apoio da Var e algumas outras organizações, particularmente creio que foi uma atitude precipitada, e sem a infraestrutura necessária, isso motivou a atenção maior para o Sul das forças militares do centro do pais, inclusive com o deslocamento do Capitão Malhães do DOI-Codi, para cá, dando treinamento e coordenando as ações da repressão no Sul, de forma que efetivamente conseguiu extinguir a organização.

07 - Participou de alguma expropriação bancária ou treinamento de guerrilhas?

Expropriações o grupo de Caxias não participou, treinamentos sim, algumas vezes.

08 - Alberto Favero, irmão de Luiz, diz que durante os treinamentos que tiveram no Oeste Paranaense, em oportunos momentos tiveram instruções com uma pessoa que estivera em Cuba, cujo o codinome era "Negão". O senhor tem conhecimento desses fatos?

Sim, porem tive contato apenas uma vez com essa pessoa, e não soube mais o paradeiro dele, o mesmo era coordenador pelo Comando Nacional da VAR-Palmares. Porem esta informação que esteve ai no oeste, não tinha conhecimento. O que diga-se de passagem era normal, pois o organograma da organização era formado de células estanques, por questão de segurança.

09 - Qual era o sentimento que os levou a lutar contra a ditadura civil-militar brasileira, ou seja, por que decidiram lutar belicamente?

A democracia era necessária, disso não se tinha duvidas. A ditadura que vivíamos era absurdamente violenta. Com a censura ao órgão de impressa, fechamento de do Congresso, extinção dos Partidos Políticos, intervenção e fechamento de Sindicatos, Entidades Estudantis, Toda a propaganda oficial dirigida a manipular as pessoas. Difícil na época era conseguir o apoio das pessoas menos esclarecidas, ainda muitos pensavam que o militares estavam ai para afastar os comunistas, que comiam carne de crianças e outras tantas crenças, que foram implantadas. Por isso, uma Vanguarda deveria tomar o poder, pelas armas, pois outra forma não existia, e implantar novamente a democracia.
Dificilmente, digo que para a época era impossível, mobilizar um pais continental, para que de forma pacífica, a população força-se a alteração do regime que havia se instalado no poder.

O Gilberto, é um simpatizante do movimento, e servia de base de apoio, na cidade de Curitiba, onde me hospedava, guardava algum material, era amigo comum do Luiz Andre e meu, o que facilitava alguns contatos, com o oeste do Paraná e alguns com Santa Catarina. Colaborou bastante fazendo esta ponte com nós e o grupo de Nova Aurora. Morava em Curitiba, não lembro de ter ido a Nova Aurora alguma vez. Quando ao depoimento da Izabel e exatamente isso, porem não era um relatório da VAR, e sim a compilação de documentos que foram apreendidos com o pessoal aqui do RS, e efetuado um dossiê pelo pessoal do Exercito, inclusive documentos e livros que estavam comigo.Na verdade nunca vi este relatório, só sei que o mesmo existiu.

Entrevista com Suzana Lisboa, cedida à Carla Luciana Silva, em Porto Alegre em 03 de dezembro de 2013.

01- Tudo o que puder nos ajudar a tentar reconstituir, porque esse movimento da Var Palmares lá no Oeste do Paraná. O que a gente sabe é um pouco do depoimento do seu Alberto, um pouco do depoimento da Izabel, mas nos faltam ainda muitos elementos pra gente poder cercar melhor e poder fazer essa reconstituição histórica. Então o que você puder falar:

Exatamente sobre quem foi pra lá eu não sei, não sei se a Izabel falou algum nome que possa ajudar a identificar. Eu sei que o Luis Eurico estava ligado à Var Palmares aqui, isso no ano de 69, ele era da coordenação regional da Var Palmares e ele não se desliga da Var Palmares quando eles foram realizar o congresso que deu até origem ao racha e se constituiu a VPR, ele não participa do congresso, ele discorda com não sei o que ali e não participa do congresso, mas até então ele iria embora, depois eu soube que provavelmente era pra onde a Izabel e o Andre foram. Eu não ia junto, não existia essa possibilidade de eu ir junto, tanto que ele escreve uma poesia de despedida pra mim, poesia linda, que é uma das coisas lindas que tem no livro dele é essa poesia de despedida dele pra mim, mas ele não chegou a ir. Eu não soube, nunca tive contato, nem informação. Eu conheci do Paraná, o Mariano que é o Breanési, José Idesio Breanési, eu conheci ele dentro da ALN, convivi com ele em São Paulo, mas muito pouco no ano de 69. Que eu conheci que não sei se é do Paraná ou não mas que morreu no Paraná é o Arnaldo Agenor Bertoni, que era um irmão assim, um grande amigo, que foi militante político durante anos, não sei se tu já ouviste falar dele, eu tenho um livrinho que o filho dele fez sobre ele. Nos últimos anos ele participou, ele atuou dentro do MDB. Ele participou muito dentro da implantação do SUS, na parte de administração e ele era secretário da administração do Beto Richa e ele morreu, infartou pouco tempo depois de ter recebido a anistia dele assim, ter resolvido inclusive que ele não ia mais participar do governo. Ele morreu muito cedo, teve um infarto. Eu tenho um livro que a menina dele fez.

02- Você poderia falar um pouco do momento em que você conheceu a Izabel, vocês se conheceram antes da militância ou foi no processo?

Nós nos conhecemos dentro da União Gaúcha dos Estudantes Secundários. Na época eu era estudante do Julio de Castilho, estudante secundarista e o Favero virou Presidente da União Gaúcha dos Estudantes Secundários que não tinha sido fechada pela ditadura, na época todas

as entidades estudantis estavam fechadas. Como essa era da direita, ela não tinha sofrido intervenção e o Favero sai como candidato da própria direita, vindo de Caxias e é eleito presidente da UGES, depois ele enxota a direita de lá, não me lembro como que foi esse contato dele conosco com o Luiz Eurico, com o Gutierrez que talvez saiba alguma coisa também e é ali que a gente se conheceu. Nós éramos adolescentes ainda, tínhamos 15 anos, 16 anos. Isso foi em 67! Eu não sei bem quando eles foram pra lá, se foi começo de 69, então nós convivemos juntos em 67 e 68, que foram os anos, não sei que época de 69. Eu me casei com o Eurico em março de 69, antes disso eles estavam para ir embora, a gente pode até ver se tem a data aquela poesia que ele escreveu pra mim que é quando eles iam embora.

03- E ia embora com eles?

Depois eu soube que era com eles. Eu na época não soube que o Favero, eu não lembro assim de ter me despedido deles, nós vamos embora, eu não lembro disso.

04- A sua opção pela ALN é em outro momento?

Eu não sei te dizer, mas eu não gostava da Var Palmares, eu achava...não tinha, nunca tive nenhuma formação teórica e não tenho até hoje, mas na época as coisas eram muito mais sensitivas assim. Eu não gostava de algumas pessoas que eu conheci, que eu sabia que eram ligadas à Var Palmares, essas coisa tinha ouvido falar, eu achava que a Var Palmares não ia fazer luta armada, eu queria fazer luta armada. Eu era apaixonada pelas coisas que eu ouvia falar do Marighela, daquele texto dele de porque resisti à prisão, que se falava do manual do guerrilheiro urbano, eu era apaixonada por isso. Então também acho que isso assim, eu me casei com o Eurico em março de 1969, tinha 17 anos. Pra você ter uma ideia da transformação, com 15 anos eu não havia menstruado ainda. Porque eu me lembro que a minha mãe queria me levar no médico e dizia: Se até com 15 anos tu não tiver menstruada eu vou te levar no médico. Eu me lembro que ela me levou, então deve ter sido pouco tempo depois, entendeu? Não sei, é muito rápido, nem tive tempo de ser mulher e eu já tava casada com ele, tudo muito intenso. Não sei se isso também fez com que eu me afastasse um pouco da militância, já pensei nisso, tinha que cuidar da casa, tinha que fazer outras coisas. Mas eu lembro assim que eu não gostava, aí quando fui entrar pra ALN, eu gostei, eu queria entrar pra ALN, então, eu também não me lembro em que época foi isso. Provavelmente a Izabel e, eles já teriam ido embora, eu não lembro, tem que perguntar pra Izabel, eu sempre chamei ela de Clari, hoje em dia que é Izabel, porque pra mim ela era Clari. Nós namorávamos juntas,

naquela época se começava a se discutir amor livre, mas era uma coisa que não era uma conversa aberta com as pessoas, então nós quatro que estávamos começando a namorar, nós nos juntávamos assim, tinha um apartamento que acho que era da mãe do Luis Eurico que ficava vazio e a gente se dividia pra usar aquele apartamento. Determinadas horas íamos nós, depois iam o Favero e a Izabel, a gente tinha essa cumplicidade na época, que é, enfim, eu nem me lembro em que circunstâncias eles dois dormiram na nossa casa, dormimos os quatro na mesma cama, esta noite eu lembro muito assim, mas eu não lembro o que que foi. A gente conversou muito por cima eu acho de algumas coisas depois de se encontrar e depois que o Favero morreu, eu nem consigo falar muito com ela sobre estas coisas. Aquelas coisas da gente ficam longe e sempre achando que daqui a pouco vai se encontrar né. Com o Arnaldo isso foi a mesma coisa, ele morreu muito de repente, eu sempre via ele correndo tanto e agora que eu estou com a anistia a gente vai se encontrar e com o Favero também, a última vez que eu fui lá, eu fui com a Izabel pra praia e ele não foi, porque ele não podia, aquela casa que eles tinham aonde depois a gente jogou as cinzas dele. Eu fui com a Izabel e ele sempre vivia me ligando que queria que eu fosse com ele naquela casa, naquela praia, ele queria ir lá, ele queria cozinhar e nunca fui com ele. São coisas que ficaram pra trás, eu até hoje me emociono.

05-Então vocês na verdade foram restabelecer contato quando eles voltaram da França?

Quando eles voltaram. Eu não me lembro como é que foi que a gente se reencontrou, mas eles achavam que eu estava morta ou não lembro bem como que a gente teve notícias. Eu lembro quando eles vieram da primeira vez, ele escreveu pra mim, eu devo ter cartas dele nas minhas coisas, mas não me lembro exatamente quando foi que a gente se viu, porque eles nem vieram logo. Eu tenho a impressão que a gente se reencontrou por carta antes deles virem e o Favero me escrevia.

06-Nós descobrimos lá no Paraná que tinha cartas dele não entregues pra família, pro irmão dele por exemplo.

Tu sabe quem pode saber alguma coisa é o Orlando, ninguém te falou do Orlando. O Orlando Michelli é o grande amigo do Favero desses anos todos que militou junto com ele e mora em Caxias, é o amigo mais chegado do ponto de vista político inclusive que ficou o tempo inteiro junto com ele. Pelo que eu sei a Izabel nunca mais falou com ele depois que o Andrea morreu, porque acho que ele não aguentou assim.

07- Quando eles foram presos lá em Foz, o caso dele mais especificamente, dela também, eles acabaram sendo trazidos também pra Porto Alegre, porque os outros foram direto pra Curitiba.

Ele foi torturado aqui nessa delegacia na rua Protásio Alves, agora eu me esqueci como era o nome, porão da nona eu acho. Eu fui uma vez lá com o Gutiérrez atrás de documentos, a gente tava fazendo buscas de arquivos da ditadura e eu fiquei muito emocionada de tá ali num lugar onde o Favero apanhou muito...

08- A Izabel conta no depoimento que ele teve esse tratamento porque eles tavam atrás de informações sobre o cofre do Ademar e que então eles teriam tentado de qualquer maneira, qualquer informação que ele pudesse trazer.

Eles bateram muito nele ali e já não tinha mais nem porque, de espancar, ele achava que eles torturam ele por prazer ali no porão da nona. Eu acho que é nona que chama, é na Protásio Alves mais lá em cima que fica essa delegacia...Atrás daquelas informações que o Aluizio teve do enterro do pessoal que é lá na pista de Nova Aurora, porque por mais que esse cara tenha aparecido depois eu não sei se essa informação é verdadeira ou é a outra né. Eu não tenho certeza, porque nas duas, eu até ia perguntar isso pro Aluizio, se nas duas estava no meio esse amigo dele que eu esqueci o nome. Nós chegamos a ter a informação que os corpos estavam em Nova Aurora, eu não sei se é uma contrainformação, eu até hoje não sei se eles estavam no parque mesmo, só quando acha que eu vou saber.

09- Porque todas informações vem dos militares.

Eu não me lembro mais como ele teve aquela primeira, ele deve descrever isso no livro dele, mas eu não lembro, esqueci.

10- Tu fala o momento em que ele divulga algo no sentido de que tava investigando no parque nacional e aí aparece em Curitiba alguém, algum militar que procura por ele, aí um amigo dele faz esse contato e reverte as investigações pra Nova Aurora.

Eu não sei, enquanto a gente não achar pra mim...

11- Porque os dados que a gente conseguiu verificar até agora e já foi feita a conversa com pessoas lá em Nova Aurora, eles estavam desenvolvendo um trabalho de educação muito consistente, tanto que as pessoas lembram ainda da fala deles, da Izabel, das aulas da Izabel...

Teve uma carta que um aluno dela escreveu que é uma coisa linda que já ouvi...

12- O que nos levou a esta questão de tentar mostrar o quanto é falsa essa ideia que a população do interior, era contra a organização, a luta ou qualquer tipo de manifestação contra a ditadura, porque nas falas as pessoas agora aparece isso, não só no livro do Aluizio nos relatos que ele trás, mas conforme a gente vai entrando lá no Paraná no interior, seja por uma certa influencia do Brizolismo, porque as pessoas remetem muito a isso, mas o trabalho deles não tinha esse sentido. A Izabel fala, "estávamos utilizando o método Paulo Freire na educação...

Agora foi uma decisão da Var Palmares ir pra aquele lugar e a Izabel sabe de mais gente que foi, nem o nome de guerra ela não sabe?

Entrevista com Calino Pacheco Filho, cedida à Carla Luciana Silva em 02 de dezembro de 2013, na biblioteca de economia da UFRGS, em Porto Alegre.

Eu conheci o Favero em 1967, num congresso estudantil da UGES (União Gaúcha do Estudantes Secundaristas do Rio Grande do Sul), em Uruguaiana na fronteira com a Argentina e esse congresso era pra eleger o novo presidente da UGES e o Favero foi eleito presidente. A característica interessante é que ele foi eleito pela chapa da direita e era uma direita muito organizada, com toda uma ligação com a ditadura civil militar e ele conseguiu se infiltrar, ele era muito bom orador e foi uma infiltração clássica, uma infiltração da esquerda na direita, só que ninguém sábia.

01 - Antes disso ele não tinha nenhuma militância?

Depois a gente descobriu que sim. Eu pertencia a um grupo secundarista que era uma dissidência do partido comunista, que naquela época estava passando o filme: "O incrível exército de Brancaleone" e como nós defendíamos a luta armada, o foco guerrilheiro, a dissidência oficial do partidão que depois viria a se chamar "POC" (Partido Operário

Comunista), nos apelidou de Brancaleones, porque achavam que nós éramos uns grandes"porra-loucas" e realmente éramos. Nós no final gostamos e adotamos o nome e aí o que que acontece: em 1967 (eu sou do interior de Cachoeiro do Sul), eu venho pra Porto Alegre, pra estudar e já pra militar no movimento estudantil que em 1967 já estava começando o auge do movimento estudantil. Pra nós, o Favero era de direita e o movimento da UGES estava na mão da direita. Aí eu tinha um companheiro que já estavas estudando aqui, veio antes que eu, lá de Cachoeiro, o Nilton Rosa da Silva, que inclusive depois foi assassinado no Chile em 1973, três meses antes do golpe, ele estava ligado ao MIR (Movimento de Esquerda Revolucionário), e um grupo de ultra-direita, um grupo paramilitar de direita assassinou ele, isso três meses antes do golpe. E o Nilton foi morar na Casa do Estudante Secundarista que era aqui na avenida Ipiranga e também onde funcionava a diretoria da UGES e o Favero sabendo que ele tinha ligação com a esquerda, que era de esquerda e tinha ligação com o nosso grupo, pertenceu o seu Ico, a Suzana, Tchecs, Minhoca e um monte de gente. E ele (Favero) abriu o jogo e disse olha eu sou de esquerda e me infiltrei, ganhei e tal e agora estou sozinho aqui, não vou trazer os caras de direita, quero trazer os caras de esquerda mais está todo mundo desconfiado de mim e com razão né. Aí ele trouxe a informação pra nós e a gente imaginou que era um esquema da repressão, é um auto-esquema, mas fomos investigar. Aí foi uns companheiros nossos que conheciam o pessoal do partidão lá de Caxias, foram lá investigar e os caras confirmaram que realmente ele era ligado a nós, mas está com umas ideias loucas e tal, guerrilhas e esse negócio de luta armada e esse troço todo. Aí eu disse: é por aí, ele tá na mesma que nós e nos aproximamos, entramos na UGES e até as eleições de 1968, que foram em junho, os Brancaleones compuseram a direção da UGES e começamos a fazer um trabalho de agitação grande em Porto Alegre e interior, por que a UGES tinha Grêmios Estudantis e reuniões de estudantes secundaristas na grande maioria das cidades, principalmente cidades de grande e médio porte em termos do Rio Grande do Sul, tinha suas reuniões e Grêmios Estudantis. Então nós fizemos um trabalho intenso nesse período, então volta e meia prendiam o Favero, prendiam o Luiz Eurico, o pessoal da direção e aí é claro, ficamos marcadíssimos pela repressão e pela direita do movimento estudantil. Fizemos um trabalho grande e tínhamos condições de ganhar as eleições, reeleger o Favero, só que a gente subestimou a repressão, eles montaram uma chapa de direita, compraram gente nossa inclusive na cidade onde foi feito o Congresso que era Santa Rosa, o presidente da União Municipal dos Estudantes eles compraram e montaram toda uma estrutura, muito dinheiro, botaram trem e até avião pra ganhar a eleição e a gente

acabou perdendo por uma margem pequena de vinte e poucos votos. E depois (isso é junho de 1968), aconteceu esse congresso que a gente perde a UGES. Nesse momento a gente já tinha várias ligações com o pessoal em São Paulo da VPR e também com o pessoal da que era ligado ao COLINA em Minas Gerais. Aí nós praticamente saímos clandestinos lá desse congresso em 1968. Aí depois a gente entrou quase todo o mundo, na VAR, entramos ainda quando estava em formação a VAR, que era a união de vários grupos, a VPR, a COLINA e vários grupos de esquerda de várias partes do país. Aqui tinha um grupo também que era liderado por um advogado trabalhista, o Carlos Araújo que inclusive depois veio a ser marido da Dilma. Entramos quando ainda estava em formação e nem se chamava VAR ainda, mas estava em fusão de processo desses vários grupos. Não sei se tu conhece a história, no primeiro congresso deu racha e parte do nosso grupo nesse momento, não sei exatamente se o Favero já estava no Paraná quando deu o racha. Eu estava no Rio, eu primeiro fui deslocado pra Minas e depois pro Rio. Em Minas era minha tarefa exatamente o pessoal queimado e procurado que ainda tava lá, caiu muita gente e aí o seguinte, a gente nem sabia uns dos outros por questão da clandestinidade, por questão das diferenças dos locais e tinha gente que estava aqui e o Favero num determinado momento foi lá pro Paraná e eu tava em Minas quando deu o racha, eu, o Favero e mais alguns outros ficamos na VAR e parte do outro grupo foi pra VPR, a não ser o Luis Euríco e a Suzana que foram pra ALN. Então o meu último contato com o Favero foi aqui no Rio Grande do Sul, foi nesse processo, o movimento estudantil, o processo de entrar numa organização que pregava a luta armada. Aí depois a gente ficou sem contato. Eu fui preso aqui no Rio Grande do Sul em junho de 1970. Depois eu soube que o Favero tinha sido preso no Paraná e por coincidência eu tava, porque ainda não tinha sido, eu fui preso, fiquei um período no Dops e depois fui pra ilha no presídio e eu não sei se foi um período que eu voltei por algum motivo, pra interrogatório, pra alguma coisa. Num desses períodos eu vi uma agitação dentro do DOPS e a minha cela era perto da portaria, quando dei uma espiada e eles estavam trazendo o Favero e acabaram colocando o Favero na mesma cela que eu. Aí eu fiquei sabendo porque que ele estava aqui e o problema que ele passou. Eu não sei se foi sacanagem ou pra ganhar mais um dia de diária, a equipe que trouxe ele do Paraná, não levou ele pro Dops. Levaram ele pra uma Delegacia de Polícia (famosa Delegacia de polícia que ficava na...Protasio Alves) que era um depósito de presos daqueles mais perigosos e botaram o Favero lá no meio e aí os caras já vieram pra cima dele: "me dá tua sacola, me dá teu casaco." Aí ele fez a defesa dele foi o que ele sabia fazer, foi fazer um discurso pros presos e chamou a atenção de todo mundo e falou olha: " eu sou um

militante da luta armada, sou de uma organização que tá tentando derrubar a ditadura, a gente faz sequestros, assaltos a banco e um dos presos que tinha estado preso na ilha do presídio que era de presos políticos, mas como era uma ilha e tinha todo o serviço da ilha a questão da margem, do auxílio, a guarda interna do presídio, tinha um grupo sempre de presos comuns, que facilitavam até pra eles e tal e nós tínhamos uma relação boa com os presos comuns, a gente tentava proteger eles e dava remédios e conversava muito. Aí esse cara que tinha entrado na ilha, eu me lembro um negrão forte, o "Catarina", disse: não, não, ninguém toca nesses aqui, são "sirvos", porque na ilha como os guardas nos chamavam de subversivos e eles como gostam muito de diminutivo, nos apelidaram de "sirvos", aí eles ficavam do lado do Favero. Dizia: não, não, pra encostar nele tem que encostar em mim! Aí já surgiu um ou outro que...não, essa gente é gente fina, nos tratam bem e tal, são os cara de linha de frente e tal, eles achavam o máximo, o negócio de assaltar banco, que na época eles não, inclusive foi a esquerda que ensinou lá na ilha grande. Aí esse foi o contato que eu tive com o Favero, ele contou um pouco da história da vida dele, não contou muito por que não tinha sentido ele me dar muita informação, então eu soube meio por cima do esquema lá e também na organização eu não sabia, como eu tava no Rio eu não sabia que tinha um trabalho naquela região ali do Paraná, fui saber depois e não lembro bem como que eu soube, acho que não tinha ido pra ilha ainda.

02- Carla: Vocês se encontraram no DOPS?
No Dops!

03- E ele tinha apanhado muito, tinha muitas marcas? Porque a Suzana comentou que lá na oitava ou em algum lugar ele já tinha vindo com marcas.
Eu acho que na oitava ele não chegou a apanhar. No outro dia a escolta que tinha trazido ele, foi lá, buscou ele e entregaram pro Dops, ai que eu encontrei ele. Ele estava debilitado que tinha sido torturado bastante quando foi preso lá.

04- Junto com o irmão ele foi preso:

Junto, a Izabel, o Irmão. Eu não sei se era uma equipe de São Paulo que desceu pra li, acho que era.

05- Tinha, mas tem gente de lá também. Tem gente que continua lá até hoje. O Ostrowisk e o Cerdá, são dois que foram denunciados pela Izabel na audiência pública lá em Foz do Iguaçu:

Foi esse ano né!

06- Foi em julho. Quem que poderia ter essa informação pra gente, que tava na coordenação da Var, que teria tomado essa decisão de ir então, por que se ele, o Luis Andrea já tinha um planejamento, começar a guerrilha, começar a luta...

Ia ser uma área de treinamento né, por que a área mesmo que a gente chamava de área estratégica, era lá pra cima, lá perto de onde depois ele**,** que todo mundo tentou fazer, lá na região do Araguaia, Mato Grosso, Pará e Maranhão.

07- Pelo que seu Alberto, irmão de Luis Andrea, eles chegaram a receber treinamento lá na região, ele falou pra gente, do "Negão", que foi lá e deu esse treinamento pra eles. Você não saberia alguma indicação?
Não, por que era bem distante, eu não tinha porque saber, só se eu tivesse alguma ligação.

08-Por que senão era...

Era estanque...

09- Teria alguém ainda que poderia nos ajudar?

Pois é, alguém que teria mais informação não me ocorre. Tem o Orlando Michelli lá de Caxias que foi da Var também, talvez ele tenha informação, eu acho que...talvez ele tenha, eu tenho o telefone dele, depois se tu quiser! Eu tive com ele uns dois meses atrás que a gente foi dar uma palestra na cidade de Antônio Prado ali perto de Caxias, sobre essa questão de memória, verdade e justiça e tal, da história da ditadura civil-militar. Seria interessante, talvez ele agregue mais coisas. Por que o seguinte, depois desse encontro lá no... o Favero foi exilado no Chile, depois eu tive lá por 99, 2000, eu tive na casa dele em Recife. Depois acho, um ano ou dois antes dele morrer, ele teve aqui, até a gente jantou junto, a Suzana tava junto, o Gutierrez tava, o Vander. Ele contou a história, a Izabel deve ter te contado a história da

volta deles. O Favero estava trabalhando, conseguiu um emprego no Itamaraty da França e tal, ministério das relações exteriores e acabou trabalhando e conseguindo todo um espaço dentro do ministério das relações exteriores, não sei se é exatamente esse o nome e tal. Inclusive o seguinte, os caras estavam oferecendo pra ele ser o vice-embaixador francês em Lisboa em Portugal, com todas as condições de ele e Izabel e acho que já tinha os filhos e tudo, só que ele tava afim de voltar pro Brasil e a Izabel queria ir pra Portugal por que era uma coisa bem mais tranquila. Aí surgiu a oportunidade, ele tinha feito mestrado ou doutorado na França, então surgiu a oportunidade de lecionar em uma Universidade do nordeste, não sei se era na Paraíba ou em algum lugar do nordeste. Aí ele optou por vim a contra gosto da Izabel, esta foi a história que ele contou, era uma coisa muito mais estável e mais grana e tudo. E por que que ele vacilou também? Porque ele tinha que se naturalizar cidadão francês. Isso e mais a vontade de voltar pro Brasil, fez ele optar, com a discordância da Izabel. Ele contou pra nós nessa janta!

10- Porque foi difícil a volta deles?
Não sei, não é nem uma capital nordestina, é uma Universidade no interior daqueles estados nordestinos, aí depois ele foi pra Recife, pra Universidade Federal, uma delas né, que ele se especializou em agronomia, em centrais de abastecimento e por ironia da história eu tava me preparando pra ir pro nordeste e ia passar uns dias com eles lá, quando foi a Suzana ou o Gutierrez, me avisaram que ele tinha morrido. Foi um soco nos peitos da gente. E depois conversando com o Orlando, e é interessante conversar com ele, por que foi várias vezes no Recife, ele vinha pra Caxias.

11- Desse encontro que vocês tiveram quando ele veio aqui em Porto Alegre, não tem registro, alguém que tenha acompanhado e registrado?

Não, assim gravação não. Acho que nem foto. Não sei se foto... me lembro da churrascaria, foi na Barranco...

12- Você também não saberia me dizer quem da Var Palmares, foi lá pro Paraná, porque eles receberam orientações e foram visitados lá, quando começaram, porque estavam atuando como a Izabel como professora e isso tava permitindo ela fazer um contato com as famílias pelo que ela nos relatou e aí nos fins de semanas eles conseguiam reunir as famílias dos

alunos e fazer um trabalho político com eles e foi um momento que já tavam conseguindo ter esse contato com pessoas que tavam se somando à luta, inclusive foram presos alguns junto com eles. Quem fez este acompanhamento por parte da Var?

Deve ter sido alguém da direção nacional da Var! Quem poderia te informar sobre isso é o Araújo que era da direção nacional. Provavelmente ele tem informações de como foi o esquema do Paraná. Muito provavelmente pelas características do trabalho deles ali, devia ser ligado direto à direção nacional.

13- Eles relatam que vinham gente do Rio Grande do Sul, o Alberto veio à Caxias, também à Curitiba, fazer estes contatos?

Provavelmente, ou a direção nacional podia ter mandado alguém daqui, mas provavelmente tenha sido de São Paulo ou do Rio pra dar treinamento e assistência pra um grupo, pra esse tipo de grupo, uma célula, certamente devia estar ligado à direção nacional.

14- Você gostaria de falar um pouco mais sobre o Luis Andrea?

Na verdade é o seguinte, o nosso contato foi intenso naquele período, mas foi centrado naquele período. De um ano a gente ficou com uma ligação muito grande.

15- Quando ele ganhou, vocês começaram a ter uma atuação de esquerda?

Sim, era um grupo bem radical, muita agitação e a gente se dividia entre o movimento aqui em Porto Alegre que estava em pleno auge das passeatas né! Até em junho de 1968, já também nesse período de 67 à 68 foi o auge do movimento estudantil em todo o período. Aí depois do AI-5, já antes do AI-5 a repressão estava pegando muito pesado em cima do movimento estudantil, com o AI-5 aí terminou tudo.

16- E quais eram as cidades aqui no Rio Grande do Sul, porque vocês estavam no Congresso em Santa Rosa?

O Congresso que ele ganhou foi em Uruguaiana.

17- Também tinha mais força talvez em Santa Maria, os lugares onde tinha Universidades ou não?

Éramos secundaristas, tínhamos pessoal ligado a nós em várias cidades. Aqui em Porto Alegre bastante, Gravataí inclusive onde tinha um pessoal que morava em Sarandi, uma família de vários irmãos, "Os Huvesch", um deles eu tive com ele quando teve aquele encontro em Cajamar e eu encontrei com ele e o irmão dele. Ele inclusive foi preso lá em São Paulo em 70 também. E o Luis Eurico, esses irmãos me falaram que eles esconderam o Luis Eurico um pouco antes dele ser morto em Gravataí. Esse é o Emílio Huvesch que tá em São Paulo.

18- Aqui no Rio Grande do Sul, os contatos seriam então o Orlando e o Carlos Araújo?
O Luiz e a Izabel ficaram muito amigos do Carlos Araújo e da Dilma também, pois quando vinham a Porto Alegre sempre visitavam eles e tal. Então o Carlos tinha uma ligação com ele, tanto com ele como com o Orlando, só que o Carlos pode ter essas informações sobre a área no Paraná.

19- Porque aquela área pra onde eles foram diretamente era da família dele, os pais dele já estavam morando e trabalhando na agricultura enfim e é uma região de conflitos de terra, de posseiros. Isso me chamou bastante atenção, porque eles ficaram lá trabalhando legalmente, não estavam clandestinos, tanto que a Izabel conseguiu nomeação como professora com o nome dela. Isso é uma característica bem interessante:

O problema que o Fvero já era fichado no Dops, mas a repressão tava começando se organizar e ele deve ter caído pelo trabalho lá região, deve ter chamado a atenção e tal.

20- No relato da Izabel ela chega a dizer: 7000 soldados pra prender 07 pessoas, envolveu a cidade inteira. Eles ficaram alguns meses lá e conseguiram fazer o trabalho e em seguida eles foram pegos:

Decerto foram delatados por alguém da região. Porque este tipo de trabalho era um trabalho legal né, não era clandestino e tal. Eles baixaram lá e não tinham bem a informação e de repente acharam que era uma área de guerrilha já!

21- Mas mesmo que fosse treinamento eles chegariam dessa maneira. A Suzana falou que eles antes de irem pra lá, antes das definições de onde cada um iria, eles chegaram a convidar para ir pra lá também, que alguma coisa eles iam fazer no Paraná. Você não chegou a ser convidado?

Eu já tava no início de 69 eu fui deslocado e já estava numa estrutura clandestina, se preparando pra sair.

22-Você ficou depois até quando e como conseguiu sobreviver?

Eu fui primeiro pra Minas, passei pelo Rio. Eu tava trabalhando direto com a direção nacional na questão dos contatos com alguns Estados, inclusive estava organizando uma rede de contatos nacionais. Deu problema que a gente perdeu o contato aqui em Porto Alegre e provavelmente tinha ocorrido alguma coisa. Queda muito provavelmente! Aí eu vim pra cá investigar e caí na rabeira do desmantelamento da Var aqui e prenderam um monte de gente. Prenderam aqui, prenderam em Caxias, em algumas cidades do interior também e em Cachoeira tinha uma base lá. Aí fui preso em 1970, fiquei até 72 na ilha. Depois saí e me prenderam de novo 6 meses depois, era uma equipe nova que tinha assumido no Dops aqui e o cara queria mostrar serviço. Eu estava num aniversário de um companheiro no interior em Tapes, onde tinha uma base da Var e esse cara que tinha sido preso comigo na ilha, tava de aniversário e me convidou, eu tava em contato com o pessoal da universidade e tal e alguns amigos antigos, convidei mais pessoas. Nós descemos na estrada do ônibus e foi todo aquele grupo, mas não tinha nada. Não baixou o exército, mas baixou o Dops e a brigada de toda a região e prenderam todo mundo, e nós ficamos cinco dias "abaixo de pau". No quinto dia eles me tiraram e me levaram pra uma sala onde eu vi que tinha uns caras que eu não conhecia. estavam a paisana mas com um porte militar. Os cara estavam dando uma "mijada" neles e continuaram na minha frente: nós estávamos dando corda pra esse cara. Estávamos seguindo ele dando corda e agora vocês vão ter que soltar esse cara. Ele provavelmente iria nos levar a alguém. E realmente o Luiz Eurico tava aqui e por um desses irmãos "Huvisch", ele tinha

mandado um recado pra mim conversar com ele. Eu disse olha tchê, tô sendo seguido, não dá, nem chega perto. Eu não posso chegar perto e nem tu de mim. Eu sabia que tava sendo seguido, mas tava ali. Eles queriam mostrar serviço. Os outros queriam me dar corda, pra ver se eu chegava até alguém que interessava pra eles.

23-Provavelmente eles sabiam que você não tinha grandes informações:

Os militares sabiam! Esse cara do Dops era um delegado novo e era um período em que o "Pelissário" havia saído, que tinha dado uns rolos com ele...Quando eu fui preso era ele ainda o chefe do Dops e aí assumiu esse...

24- Com a dissolução da Var, qual foi a sua opção de militância?

Pois é, aí quando a gente saiu da cadeia, não tinha mais nada e aí a gente passou por todo um período de autocrítica, discussão e com a visão de que continuava a luta, mas não da mesma forma. A gente avaliava que, nós da Var pelo menos, não se preocupou em fazer um trabalho político, um trabalho popular, um trabalho de sustentação de todo o projeto de luta armada, ficamos completamente isolados e dessas discussões é que saiu que a gente tinha que organizar um partido popular com enraizamento no povo e tal, legal, um partido de esquerda, um partido popular, mas socialista. Só que quando a gente saiu da cadeia, ainda o que havia era o MDB. Aqui tinha algumas características interessantes, as organizações de esquerda tavam tudo dentro do MDB, que era um "frentão" mesmo, principalmente no setor jovem do MDB. Aí eu e o minhoca que saímos um pouco antes, que é o Carlos de Ré, nós entramos no setor jovem do MDB e também tinha um Instituto de estudos econômicos, políticos e sociais do MDB, que também entrou, que era IEPS o nome, que também agregava o pessoal da esquerda. Mas a gente sabia que aquela frente emedebista era uma frente passageira e que ia chegar o momento que tinha que organizar o partido mesmo e aí o nosso grupo daqui depois, eu o Carlos Araújo, a Dilma e o Orlando acabamos entrando no PDT, porque tinha muito exilado junto com o Brizola em Lisboa e o Brizola por um momento foi muito influenciado por aquele grupo, inclusive alguns meses antes da anistia, da volta do Brizola, teve um encontro em Lisboa com o pessoal que estava tentando organizar um partido tipo antigo PTB, só que mais avançado e o pessoal que estava exilado na França, Holanda, em vários locais. Tinha muitos exilados e tirou-se um programa, um esboço de programa de um partido de

esquerda. Só que o Brizola quando volta pro Brasil e se elege governador do Rio sozinho com todo aquele troço da fraude e tal, ele botou na cabeça que: eu não preciso de partido, organização política e tal. Se eu consegui aqui, eu consigo chegar à presidência da republica. É só fazer as alianças certas que eu chego lá. Aí depois desse período foi o nosso início de distanciamento. Depois acabamos saindo e indo pro PT.

25-Você não chegou a sair do Brasil?

Não saí! Cheguei a pensar em sair, depois da segunda queda e o delegado quando me soltou, disse: "To te soltando, mas por qualquer agitação, qualquer panfletagem, qualquer assalto a banco, eu vou te pegar de novo. Cheguei a entrar em contato com o Ubiratã que é de Cachoeira também e que tava exilado no Chile e disse, olha tchê, tô indo. E ele falou: olha, aqui a coisa tá enfeiando, tá começando o filme que a gente viu no Brasil, os milicos tão se preparando pra um golpe. E aqui também o delegado acabou prendendo um homem e levando pro Dops, um cara que devia pra ele alguma coisa assim, o cara saiu denunciou e ele caiu. Aí acalmou também e depois começou todo o período da tal abertura lenta, gradual e segura. No final de 73 e início de 74, não conseguimos emprego em lugar, na época era exigido uma atestado de bons antecedentes criminais que era fornecida pelo Dops. A gente viu uma forma de burlar isso que era pelo estágio, que não precisava disso. Aí estava sendo organizada a fundação de economia estatística, aí entrou eu, o minhoca, a Dilma e um monte de gente, entramos como estagiários e depois fomos contratados internamente. Mas em 1977, os milicos logo descobriram, pois a área técnica da fundação era toda de esquerda e os milicos foram em cima, primeiro tiraram o Minhoca e depois em 1977 com a lista do Frota, aí tava eu a Dilma na lista e aí fomos demitidos também. Depois fomos readmitidos em 1990.

26- Você saberia comentar alguma coisa sobre a opção que o Favero, depois que ele foi pra França, a opção política dele:

Não. Ele falou alguma coisa das ligações com um grupo, com uma organização de esquerda cristã lá Chile, pelo menos ele me adicionou alguma coisa sobre isso. Talvez o Orlando saiba mais, porque eu acho que foi através desse grupo que tiraram ele e a Izabel do Chile.

Entrevistas com pessoas de Nova Aurora que viveram o período

Entrevista com Josefa Constantino, cedida a Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro 2013.

01- O que você compreende por ditadura militar?

Como eu era criança, naquela época não tinha muito sentido. A gente escutava que não podia fazer isso, fazer aquilo... a gente morava no sítio e era uma coisa que pra nós não existia! A gente não tinha TV naquela época, ouvia muito rádio e aquela coisa toda que não podia cantar ou que não podia falar certas coisas por que senão ia preso, mas nós não tinha noção do que era a ditadura.

02- Você lembra dos fatos que ocorreram aqui em Nova Aurora, envolvendo prisões de moradores por causa da ditadura?

Ouvimos falar muito, só que ver mesmo era bastante policiais e carros, mas não sabíamos o que estava acontecendo. Ouvimos falar que prenderam seu Liberato, pegaram os professores, os dois eram os professores daquela época e foi aquele comentário, mas não se sabia o que estava acontecendo e já parou as aulas. Muitos policiais nas ruas. Pegaram a professora e bateram nela que até perdeu o neném. Os policiais foram lá no sítio perguntar o que eles estavam ensinando! O que eles cantavam e falavam? Eles não falavam nada de anormal, a gente cantava música em francês. Se fala muito da música do Geraldo VAndrea, eu nem lembro se ouvi aquela música. A gente ouvia falar: cuidado que a polícia pega, cuidado que eles prende! Então era aquele alerta sem saber porque. Depois do acontecido, falavam que não era pra sair na rua porque estava cheio de polícias e que eles eram dos "brabos"! Veio muitos caminhões cheios de soldados com metralhadoras. Foi um rebuliço aqueles dias e todo mundo se perguntava: Porque que prendeu os professores? Ninguém sabia de nada! Passou muitos helicópteros! A gente passou aquele ano meio retraído, tínhamos medo que prendesse a gente também.

Entrevista com Guilherme Constantino, morador do município desde 1962, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro de 2013.

Eles davam aulas pros meninos, tive quatro filhos que tiveram aulas com eles. Ninguém percebia nada, porque eles só ensinava coisas boas e nunca apresentou nada. (O comunismo o

senhor não sabia o que era?) Não nem sabia o que era! Vi falar nas torturas, a gente morava no sítio via aquele movimento na estrada, um movimento que nunca tinha se visto, era polícia pra todo lado!

01 - O senhor tinha noção do que era a ditadura?

Não sabia! Depois que a gente veio saber, naquele tempo a gente morava no sítio, só dava atenção pro serviço!

02 - O senhor conhecia o seu Liberato Favero?

Conhecia bem, eles frequentavam muito a nossa casa e eu também ia lá negociar com eles, mas nunca vi movimento de nada. Depois do acontecido ficou sem professor e corria o risco de perder o ano. Ai fizemos uma reunião mais ou menos uns cinquenta pais pra pedir autorização pro prefeito pra contratar uma professora para continuar as aulas e os pais pagaram o salário.

Entrevista com Mariana Maria Constantino, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos, em janeiro de 2013

Eles eram pessoas muito bacanas e gostavam muito da gente e nós também gostávamos muito deles. Na época eles (exército) queriam pegar o caderno de todo mundo, pra ver o que tinha, se eles ensinavam música, mas as músicas que eles ensinavam eram músicas que todo mundo cantava. Ai eles pegaram todo o material das crianças e vistoriaram toda a nossa casa e ninguém sabia o que estavam procurando, não fizeram nada com a gente, mas procuraram e fizeram umas perguntas que nós também não sabíamos responder, só sabia que era professor e que a família era dali e pronto. Ai depois que nós ficou sabendo do resto que tava acontecendo, mas na época ninguém sabia de nada! Ela era muito amiga das meninas, uma excelente professora! Nós se admiramos quando vimos falar que aconteceu aquilo com ela! Como é que pode? Ninguém acreditou.

01 - Como eram as aulas dos professores que foram presos?

Não tinha nada de anormal, só que de vez em quando eles davam explicações históricas ou de guerra, mas nada de mais. Eles eram pessoas normais e a gente gostava muito deles, eu particularmente não tenho do que reclamar.

02 - Você tomou conhecimento das torturas a que foram submetidos?

Não! Não! Só vi as pessoas falarem mesmo.

Entrevista com Orestes Brustolin, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013

Diz que a mulher do filho do Liberato era comunista, parece. Não sei se era. Depois do ocorrido eles vinha pedir informação deles, mas nunca teve nada.

Entrevista com Ivone Brustolin, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013:

Falaram que eles eram assim comunistas. Judiaram muito, amarraram ela numa árvore

Entrevista com Carmen Trevisolli, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013:

Fui aluna, eu gostava porque ela cantava a música do chapeuzinho vermelho e as músicas que eu gravei muito dela. Eu gostava porque era alegre e tinha muita música. Eram ótimos professores, eu adorava ela, era bonita. Quando eles foram presos, parou Nova Aurora né, o maior comentário. Os policiais iam no meio do mato procurar e foi o maior comentário, eu me lembro disso. Ela sofreu demais, jogava na água e coisava, jogava na água e coisava...choque elétrico, esses comentários todos eu lembro. Tem coisas que a gente é pequeno mas grava né. Eu sinto saudade dela. Era umas pessoas granfinas! Quais eram as intenções deles quando eles tavam lá dando aula? Ela dava aula de tudo, era muito sabida. Vieram de fora eram muito bons professores. Essa é uma história bonita pra contar, Jesus. Eu tenho muita saudade dela, será que ela lembra da gente? A gente sentava lá fora e ela contava história. Eu fiquei muito triste quando eu fiquei sabendo que jogava ela na água e batia pra ela contar. Nossa eu tinha muita vontade de ver ela.

Entrevista com Maria Lucia dos Santos Brandão, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013, na cidade de Boa Vista da Aparecida - PR.

Eu sou Maria Lucia dos Santos Brandão, vim de Nova Aurora pequena e vou contar uma parte do que eu me lembro. Quando nós viemos eu era pequena e o meu pai entrou trabalhar numa lavoura de hortelã e com o tempo eu também comecei a trabalhar com ele, não tive chances de estudar também. Quando meu pai foi preso em Nova Aurora, eu era pequena e morávamos num sítio de um homem lá. Quando meu pai foi preso ele mandou desocupar o terreno porque ele não queria saber de família de pessoa que tinha ido preso. Aí minha mãe foi pra cidade de Nova Aurora, trouxeram a mudança numa caminhonetinha, sem destino, soltou na estrada e apareceu uma senhora perguntando se ela tinha um lugar pra ficar com nós e ela falou que não. A mulher disse que tinha uma casinha que não era muito boa, mas se a senhora quiser se acomodar com as crianças e guardar suas coisinhas, pode se acomodar lá.

A minha mãe pegou a mudança, se é que deve chamar aquilo de mudança, porque era umas coisinhas de nada. Na época era eu e meu irmão, mas meu irmão eu não tenho notícias dele, faz mais de 20 anos que é desaparecido. Ela entrou trabalhar no hospital do Dr. Aurélio em Nova Aurora, mas como eu era pequena e muito chorona, a minha mãe não pode continuar no serviço. Aí a minha mãe saiu daquele serviço e nós ficamos passando necessidade, passamos fome, comendo frutas como mamão nas beiras das estradas, milho verde quando tinha e daí por diante. O meu pai eu não to bem lembrada do tempo que ele teve preso, mas quando ele saiu nós continuamos naquela vida. Aí meu pai resolveu se mudar de Nova Aurora pra Alto Alegre/Três Barras, foi aonde nós mudamos pra cá, onde ele foi trabalhar na lavoura da hortelã, mas sempre passando necessidade.

O meu pai quando tava trabalhando na beira da estrada que escutava o barulho de um carro diferente ele corria e ia pra quiçaça. Tinha medo, trauma porque ele foi preso político na época do regime militar, então ele ficou com trauma e sequelas. Com seis anos eu comecei a ajudar meu pai na roça e não tive chance de estudar por causa disso, pois era de sol a sol ajudando meu pai. Com o passar dos anos meu pai ficou doente e aí eu fiquei trabalhando pra sustentar a casa. Foi uma luta muito difícil, muito complicada. O meu pai ficou muito traumatizado, sendo que quando chegou o tempo da gente estudar, ele não deixou nós estudar de medo que nós ia comentar alguma coisa que fosse prejudicar ele, porque já tinha sofrido muito. Depois a minha irmã também que foi crescendo e ajudando também, mas foi muito sofrido. Ele decidiu se mudar de Nova Aurora por causa da perseguição, pois não arrumava mais lugar pra morar e nem emprego.

Minha mãe também ficou doente e quando completou um ano que ela estava aposentada, faleceu. Até agora a gente tá "pedalando", porque a prisão do meu pai na época destruiu a família. Hoje se eles repararem a barbaridade que foi feita, eu ficaria muito grata se eles repararem o erro que foi feito. A minha mãe tinha dois filhos do primeiro casamento dela e por causa da prisão do meu pai, os filhos dela já não quiseram nem ficar na casa e saíram e foram embora e não apareceram mais, nem notícias. O meu pai não comentava nada sobre a prisão porque tinha medo. Se a gente perguntasse alguma coisa, ele dizia: porque que vocês querem saber? Ele tinha muito medo de comentar as coisas assim, ficou uma pessoa muito revoltada com as coisas.

Eu consegui aprender a ler um pouco com uma ex-patroa minha que deu aula pra mim, com 25 anos eu tinha. Faz 10 anos que estou na correria pela indenização. Mando papel pra Brasília por sedex e sempre um gasto ou outro a gente tá tendo e o cansaço. A gente não vê a hora que libere isso aí pra gente descansar né. Muitas vezes passei fome na estrada correndo atrás de papel, porque as vezes só tinha aquele dinheirinho pra pagar o correio, pra despachar os papeis, os documentos. Eu gostaria que os políticos estendessem a mão e soltassem esse direito pra gente, porque é uma vida inteira de sofrimento, pois destruiu a vida de uma família toda. Logo depois que meu pai saiu da prisão, eu tinha uns três anos de idade, nós tivemos que se mudar de Nova Aurora porque ninguém queria dar emprego pra ele, por causa da prisão. Não era fácil porque a gente ficava morando em sítio dos outros né, era muito difícil. Quando meu pai faleceu, fazia uns 15 anos que já era pra ele estar aposentado, mas ele não ia atrás porque tinha medo, ficou muito traumatizado com a prisão.

Me lembro que eles deram um chute na porta e era uma porta meio fraca que despregou as dobradiças e quase caiu em cima de mim Eu não posso dizer que ele não construiu nada pra deixar pra nós. Só falta a boa vontade deles e soltar o que nós temos direito. Eles mandaram um documento de Brasília pedindo desculpa a ele, mas e o nosso direito, assim que eles liberarem os nossos direitos, aí tá desculpado.

Entrevista com Maria de Fátima dos Santos, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em Janeiro de 2013, na cidade de Boa Vista da Aparecida - PR.

Eu me lembro uma parte que a minha mãe contava e chorava muito porque o meu pai foi preso e ela passou muita fome. Ela sofreu muito e passou muita fome. As vezes pegava uma empreitada na roça e não tinha o que comer e dava tontura de fome na roça e as vezes

fazia um fogo na roça pra assar milho pra comer. Até agora a vida da gente é sofrida porque meu pai não pode construir nada pra deixar pra nós né! Minha mãe falava que quando eles foram prender o pai, eles tavam deitado, era uma época de inverno e eles chegaram em chamaram ele e derrubaram a porta e prenderam o pai que não deu tempo nem dele vestir uma blusa, aí a mãe pegou um paletó e jogou por cima do ombro, ele já tava algemado, aí ponharam no carro e levaram.

Na verdade ele falava que não queria casar com a minha mãe, mas acho que ele tinha vontade de casar, mas sem documento como que ele ia conseguir casar. Ele não queria fazer documento, não queria fazer nada, por medo. Talvez as coisas poderiam estar bem mais fácil agora com os registros com a assinatura dele. Faz uns 16 anos que estamos mexendo com isso aí. O meu pai faleceu em 1995 e nós não conseguíamos fazer a certidão de óbito porque meu pai não tinha registro. Procuramos um advogado que foi muito camarada, porque não tinha condições. Ele levou eu no fórum, aí nós conseguimos fazer. O tempo foi passando e não deu tempo de dar entrada logo em seguida da morte dele. Meu pai era um homem muito trabalhador e mesmo doente e velhinho ainda tava trabalhando e morreu trabalhando.

Entrevista com Raul Pezenti, cedida à Marcos Adriani Ferrari de Campos em dezembro de 2012.

Não sabia de nada! Depois que a gente veio saber, naquele tempo a gente morava no sítio, só dava atenção pro serviço! Eles davam aulas pros meninos, tive quatro filhos que tiveram aulas com eles. Ninguém percebia nada, porque eles só ensinava coisas boas e nunca apresentou nada.Vi falar nas torturas, a gente morava no sítio via aquele movimento na estrada, um movimento que nunca tinha se visto, era polícia pra todo lado.